

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

LINIKER HENRIQUE XAVIER

**TAPEÇARIAS DE FÉ E PODER: o 'Mensageiro da Paz' na entrelaçada jornada da
Assembleia de Deus entre fundamentalismo e política na década de 1980**

**Recife
2023**

LINIKER HENRIQUE XAVIER

TAPEÇARIAS DE FÉ E PODER: o 'Mensageiro da Paz' na entrelaçada jornada da Assembleia de Deus entre fundamentalismo e política na década de 1980

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP.

Linha de pesquisa: Campo Religioso brasileiro, cultura e sociedade
Orientador: Prof. Dr^a. Valdenice José Raimundo.

**Recife
2023**

Tapeçarias de fé e poder : O "Mensageiro da Paz" na entrelaçada jornada da Assembleia de Deus entre fundamentalismo e política na década de 1980. © 2023 by Liniker Henrique Xavier is licensed under CC BY-NC-ND 4.0

X3t Xavier, Liniker Henrique.

Tapeçarias de fé e poder : o “Mensageiro da Paz” na entrelaçada jornada da Assembleia de Deus entre fundamentalismo e política na década de 1980 / Liniker Henrique Xavier, 2023.
270 f. : il.

Orientador: Valdenice José Raimundo
Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Doutorado em Ciências da Religião, 2023.

1. Assembleia de Deus. 2. Igrejas pentecostais - Brasil.
3. Fundamentalismo. 4. Religião e política. I. Título.

CDU 284.57(81)

Pollyanna Alves - CRB-4/1002

LINIKER HENRIQUE XAVIER

TERMO DE APROVAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

TAPEÇARIAS DE FÉ E PODER: o “Mensageiro da Paz” na entrelaçada jornada da Assembleia de Deus entre fundamentalismo e política na década de 1980



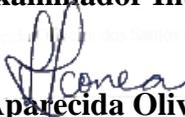
Prof. Dra. Valdenice José Raimundo
Presidente da Banca Examinadora



Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão
Examinador Interno



Prof. Dra. Zuleica Dantas Pereira Campos
Examinador Interno



Prof. Dra. Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa
Examinador Externo



Prof. Dr. Victor Breno Farias Barrozo
Examinador Externo

Recife, 6 de outubro de 2023

*À minha doce Vó Neves,
a quem espero encontrar outra vez tão logo chegue o momento certo.
Eu sempre vou te amar.*

Sol

*A culpa deve ser do sol que bate na moleira
O sol que estoura as veias
O suor que embaça os olhos e a razão*

*As Caravanas
Chico Buarque*

*Católicos de axé e neopentecostais
Nação grande demais para que alguém engula
Aviso aos navegantes: bandeira da paz
Ninguém mexa jamais, ninguém roce, nem bula*

*Meu Coco
Caetano Veloso*

AGRADECIMENTOS

Minha sincera gratidão àqueles que tornaram possível esta jornada. Agradeço à Universidade Católica de Pernambuco, instituição que proporcionou o ambiente ideal para minha formação e desenvolvimento acadêmico. Seus corredores, bibliotecas e salas de aula foram palco de descobertas e transformações que moldaram não apenas esta tese, mas a minha vida.

À minha orientadora, Professora Doutora Valdenice José Raimundo, cuja fortaleza, resiliência e sabedoria foram fundamentais durante os momentos mais desafiadores deste percurso. Sua paixão pelo trabalho acadêmico e sua inabalável determinação, mesmo sob os escrutínios mais duros, são uma inspiração constante. Mais do que orientação acadêmica, me ofereceu lições de vida, compartilhando histórias e experiências que enriqueceram meu entendimento do mundo. Ter sido orientado por ela é uma honra imensurável.

À Professora Doutora Marina Correa, que ocupa um espaço especial em minha trajetória acadêmica. Quando eu era apenas um novato nos corredores da Unicap, tentando encontrar meu lugar no vasto universo acadêmico, foi Marina quem, com generosidade inigualável, acalmou meus temores e guiou-me pelos labirintos da pesquisa. Ter a sua avaliação em minha banca é um desafio, pois não há como abordar o pentecostalismo no Brasil sem fazer referência à profundidade e relevância de sua obra. Marina não apenas pavimentou os caminhos da pesquisa sobre o pentecostalismo, mas tornou-se uma referência incontestável. Acredito piamente que todo pesquisador que se aventure no estudo do pentecostalismo brasileiro tem uma dívida de gratidão com ela. E, além de sua contribuição acadêmica, a vida de Marina é um testemunho de resiliência e superação, repleta de desafios que ela enfrentou com coragem e determinação. As páginas de sua história merecem ser contadas em um livro, e espero pelo dia em que poderei contar um pouco de sua inspiradora jornada.

Ao Professor Doutor Victor Breno. Seu rigor intelectual e sua habilidade em entrelaçar ideias e conceitos de maneira fluente e inteligente sempre me deixaram admirado. Sua generosidade em aceitar o convite para avaliar meu trabalho é apenas um dos inúmeros gestos de sua gentileza. A cada interação, aprendi com ele, ampliando meus horizontes e aprofundando meu entendimento sobre o campo de estudos. Não tenho dúvidas de que, ao ter meu trabalho sob o olhar crítico de Victor Breno, estou sendo avaliado por uma das mentes mais modernas e promissoras no cenário dos estudos pentecostais contemporâneos.

À Professora Doutora Zuleica Dantas. No primeiro encontro com ela, na aula inaugural do doutorado, antropologia da religião, tive a certeza de estar diante de um dos mais importantes nomes do universo acadêmico em sua área de pesquisa. Seu brilhantismo e rigor são perceptíveis e me serviram naquele momento como um alerta claro sobre o nível de comprometimento e seriedade que o doutorado exigiria. Ocupando a coordenação do programa, Zuleica não apenas demonstrou, mas efetivou seu desejo de levar o PPGCR da Unicap a novos patamares de excelência. Uma característica sempre me chamou à atenção nela: a habilidade de gerir múltiplas tarefas simultaneamente, sem jamais comprometer a qualidade em nenhuma delas. Obrigado, Zuleica.

Ao Professor Doutor Gilbraz Aragão. Em meus primeiros momentos na Unicap, a presença dele nos corredores incutia em mim uma sensação de respeito e, confesso, de temor. Sentimento fruto do reconhecimento da profundidade intelectual que Gilbraz carrega consigo. No entanto, ao participar de suas aulas, fui surpreendido por sua genuína humanidade e disposição para se conectar e aprender, mesmo com aqueles que, como eu, estavam apenas começando suas jornadas no mundo da pesquisa. Além de seu vasto conhecimento, vejo em Gilbraz um visionário; muitas de suas palavras e ensinamentos ressoam como previsões de um futuro que está por vir, marcando-o não só como um grande acadêmico, mas também como um profeta moderno de boas notícias.

Estendo meu agradecimento a todos os professores, colegas e profissionais que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada conversa, crítica e sugestão foram essenciais para o amadurecimento desta pesquisa. Agradeço à minha família e amigos, que, mesmo diante dos meus momentos de ausência, nunca deixaram de acreditar e me apoiar. Este trabalho é também um tributo ao amor, paciência e confiança que depositaram em mim.

Por fim, dedico esta tese a todos que buscam compreensão em um mundo em constante transformação. Que os fios desta pesquisa possam contribuir, de alguma forma, para a rica e complexa tapeçaria do conhecimento humano.

RESUMO

Esta pesquisa acadêmica objetiva compreender a articulação de um sistema fundamentalista com objetivos políticos construído pela Assembleia de Deus, a principal denominação pentecostal do Brasil, durante a década de 1980. A hipótese inicial sugere que, nesse período, a formação desse sistema foi uma resposta deliberada à modernidade emergente e à consequente crise de sentido. Entretanto, além de confrontar a crescente pluralidade cultural, identificamos que as aspirações políticas da denominação desempenharam um papel crucial na adoção do fundamentalismo como estratégia para penetrar a esfera política, particularmente em um momento em que o Brasil atravessava um processo de redemocratização e elaboração da constituição federal. Para elucidar este fenômeno, recorreremos à análise da comunicação oficial da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, exemplificada pelo Mensageiro da Paz. A trajetória investigativa parte da incursão midiática dos pentecostais rumo à política partidária, culminando na sua influência estratégica no panorama político nacional. A pesquisa subsequente enfoca o emprego da mídia impressa como instrumento de influência, explorando a evolução do Movimento Pentecostal brasileiro e o papel instrumental do Mensageiro da Paz na comunicação da Assembleia de Deus. Em seguida, contextualizamos a análise com base em teorias que discutem a construção social da realidade, desafios da modernidade, pluralidade cultural e crises de significado em sociedades contemporâneas. Finalmente, destacamos as manifestações do fundamentalismo identificadas através de estratégias comunicativas, fundamentadas em teorias jornalísticas consolidadas. No contexto da metodologia acadêmica empregada, realizou-se um levantamento em todas as edições do Mensageiro da Paz que circularam entre os anos de 1980 e 1989. Esta análise documental meticulosa foi essencial para a efetivação da pesquisa, permitindo uma compreensão abrangente e detalhada das estratégias de comunicação e do conteúdo disseminado pela Assembleia de Deus. Esta metodologia não apenas facilitou a identificação de padrões e temas recorrentes, mas também permitiu uma análise crítica da evolução do discurso da denominação ao longo da década. Dentro deste arcabouço teórico e metodológico, observamos como as nuances e imperativos do fundamentalismo são intercalados com os desafios da modernidade. Este entrelaçamento não só molda a retórica da Assembleia de Deus, mas também influencia sua abordagem política e estratégica. Adicionalmente, a efetivação do Mensageiro da Paz como ferramenta comunicativa revela os esforços da denominação em controlar a narrativa, solidificar sua base e estabelecer um posicionamento firme no cenário político-religioso brasileiro da época.

Palavras-chave: Assembleia de Deus; Mensageiro da Paz; modernidade; crise de sentido; fundamentalismo.

ABSTRACT

This academic research aims to understand the articulation of a fundamentalist system with political objectives constructed by the Assembly of God, the main Pentecostal denomination in Brazil, during the 1980s. The initial hypothesis suggests that, during this period, the formation of this system was a deliberate response to emerging modernity and the consequent crisis of meaning. However, in addition to confronting the growing cultural plurality, we identified that the political aspirations of the denomination played a crucial role in adopting fundamentalism as a strategy to penetrate the political sphere, particularly at a time when Brazil was undergoing a process of redemocratization and the drafting of the federal constitution. To elucidate this phenomenon, we resorted to the analysis of the official communication of the General Convention of the Assemblies of God in Brazil, exemplified by the Messenger of Peace. The investigative trajectory starts from the Pentecostals' media incursion into partisan politics, culminating in their strategic influence on the national political landscape. The subsequent research focuses on the use of print media as an instrument of influence, exploring the evolution of the Brazilian Pentecostal Movement and the instrumental role of the Messenger of Peace in the communication of the Assembly of God. Next, we contextualize the analysis based on theories that discuss the social construction of reality, challenges of modernity, cultural plurality, and crises of meaning in contemporary societies. Finally, we highlight the manifestations of fundamentalism identified through communicative strategies, grounded in consolidated journalistic theories. In the context of the employed academic methodology, a survey was conducted on all editions of the Messenger of Peace that circulated between the years 1980 and 1989. This meticulous documentary analysis was essential for the effectiveness of the research, allowing a comprehensive and detailed understanding of the communication strategies and content disseminated by the Assembly of God. This methodology not only facilitated the identification of patterns and recurring themes but also enabled a critical analysis of the denomination's discourse evolution over the decade. Within this theoretical and methodological framework, we observe how the nuances and imperatives of fundamentalism are interspersed with the challenges of modernity. This intertwining not only shapes the rhetoric of the Assembly of God but also influences its political and strategic approach. Additionally, the implementation of the Messenger of Peace as a communicative tool reveals the denomination's efforts to control the narrative, solidify its base, and establish a firm stance in the Brazilian political-religious scenario of the time.

Keywords: Assembly of God; Messenger of Peace; modernity; crisis of meaning; fundamentalism.

RESUMEN

Esta investigación académica tiene como objetivo comprender la articulación de un sistema fundamentalista con objetivos políticos construido por la Asamblea de Dios, la principal denominación pentecostal de Brasil, durante la década de 1980. La hipótesis inicial sugiere que, en ese período, la formación de este sistema fue una respuesta deliberada a la modernidad emergente y a la consiguiente crisis de sentido. Sin embargo, además de enfrentar la creciente pluralidad cultural, identificamos que las aspiraciones políticas de la denominación desempeñaron un papel crucial en la adopción del fundamentalismo como estrategia para penetrar en la esfera política, particularmente en un momento en que Brasil atravesaba un proceso de redemocratización y elaboración de la constitución federal. Para elucidar este fenómeno, recurrimos al análisis de la comunicación oficial de la Convención General de las Asambleas de Dios en Brasil, ejemplificada por el Mensajero de la Paz. La trayectoria investigativa parte de la incursión mediática de los pentecostales hacia la política partidaria, culminando en su influencia estratégica en el panorama político nacional. La investigación subsiguiente se enfoca en el empleo de los medios impresos como instrumento de influencia, explorando la evolución del Movimiento Pentecostal brasileño y el papel instrumental del Mensajero de la Paz en la comunicación de la Asamblea de Dios. A continuación, contextualizamos el análisis basándonos en teorías que discuten la construcción social de la realidad, los desafíos de la modernidad, la pluralidad cultural y las crisis de significado en las sociedades contemporáneas. Finalmente, destacamos las manifestaciones del fundamentalismo identificadas a través de estrategias comunicativas, fundamentadas en teorías periodísticas consolidadas. En el contexto de la metodología académica empleada, se realizó un levantamiento en todas las ediciones del Mensajero de la Paz que circularon entre los años 1980 y 1989. Este análisis documental meticuloso fue esencial para la efectividad de la investigación, permitiendo una comprensión amplia y detallada de las estrategias de comunicación y del contenido diseminado por la Asamblea de Dios. Esta metodología no solo facilitó la identificación de patrones y temas recurrentes, sino que también permitió un análisis crítico de la evolución del discurso de la denominación a lo largo de la década. Dentro de este marco teórico y metodológico, observamos cómo los matices e imperativos del fundamentalismo se entrelazan con los desafíos de la modernidad. Esta interrelación no solo da forma a la retórica de la Asamblea de Dios, sino que también influye en su enfoque político y estratégico. Adicionalmente, la efectividad del Mensajero de la Paz como herramienta comunicativa revela los esfuerzos de la denominación por controlar la narrativa, solidificar su base y establecer una posición firme en el escenario político-religioso brasileño de la época.

Palabras clave: Asamblea de Dios; Mensajero de la Paz; modernidad; crisis de sentido; fundamentalismo.

RÉSUMÉ

Cette recherche académique vise à comprendre l'articulation d'un système fondamentaliste avec des objectifs politiques construit par l'Assemblée de Dieu, la principale dénomination pentecôtiste du Brésil, pendant la décennie des années 1980. L'hypothèse initiale suggère que, pendant cette période, la formation de ce système a été une réponse délibérée à la modernité émergente et à la crise de sens consécutive. Cependant, outre le fait de confronter la pluralité culturelle croissante, nous avons identifié que les aspirations politiques de la dénomination ont joué un rôle crucial dans l'adoption du fondamentalisme comme stratégie pour pénétrer dans la sphère politique, particulièrement à un moment où le Brésil traversait un processus de redémocratisation et d'élaboration de la constitution fédérale. Pour élucider ce phénomène, nous avons recouru à l'analyse de la communication officielle de la Convention Générale des Assemblées de Dieu au Brésil, exemplifiée par le *Messenger de la Paix*. La trajectoire de recherche part de l'incursion médiatique des pentecôtistes vers la politique partisane, aboutissant à leur influence stratégique sur le panorama politique national. La recherche subséquente se concentre sur l'utilisation des médias imprimés comme instrument d'influence, explorant l'évolution du Mouvement Pentecôtiste brésilien et le rôle instrumental du *Messenger de la Paix* dans la communication de l'Assemblée de Dieu. Ensuite, nous contextualisons l'analyse en nous fondant sur des théories qui discutent de la construction sociale de la réalité, des défis de la modernité, de la pluralité culturelle et des crises de sens dans les sociétés contemporaines. Enfin, nous mettons en évidence les manifestations du fondamentalisme identifiées à travers des stratégies communicatives, fondées sur des théories journalistiques consolidées. Dans le contexte de la méthodologie académique employée, une étude a été réalisée sur toutes les éditions du *Messenger de la Paix* qui ont circulé entre les années 1980 et 1989. Cette analyse documentaire minutieuse a été essentielle pour la réalisation de la recherche, permettant une compréhension complète et détaillée des stratégies de communication et du contenu diffusé par l'Assemblée de Dieu. Cette méthodologie a non seulement facilité l'identification des modèles et des thèmes récurrents, mais a également permis une analyse critique de l'évolution du discours de la dénomination tout au long de la décennie. Au sein de ce cadre théorique et méthodologique, nous observons comment les nuances et les impératifs du fondamentalisme s'entremêlent avec les défis de la modernité. Cette entrelacement ne façonne pas seulement la rhétorique de l'Assemblée de Dieu, mais influence également son approche politique et stratégique. De plus, la mise en œuvre du *Messenger de la Paix* comme outil de communication révèle les efforts de la dénomination pour contrôler le récit, consolider sa base et établir une position ferme dans le paysage politico-religieux brésilien de l'époque.

Mots-clés: Assemblée de Dieu; *Messenger de la Paix*; modernité; crise de sens; fondamentalisme.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| AGRADECIMENTOS | 7 |
| RESUMO | 9 |
| ABSTRACT | 10 |
| RESUMEN | 11 |
| RÉSUMÉ | 12 |
| SUMÁRIO | 13 |
| APRESENTAÇÃO | 17 |
| INTRODUÇÃO | 21 |
| PARTE I – FIOS NO TEAR – PENTECOSTALISMO, ASSEMBLEIA DE DEUS, MENSAGEIRO DA PAZ, CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE, MODERNIDADE, PLURALISMO, CRISE DE SENTIDO, FUNDAMENTALISMO | 35 |
| 1. RETRATOS EM FIOS SAGRADOS: PENTECOSTAIS RUMO À POLÍTICA PARTIDÁRIA E SUA INCURSÃO MIDIÁTICA | 36 |
| 1.1 Das raízes reformistas ao bordado pentecostal: percorrendo a tapeçaria espiritual brasileira | 36 |
| 1.2 Mensageiro da Paz: a caneta pentecostal faz da comunicação impressa arma da Assembleia de Deus | 47 |
| 1.3 Ascensão Divina: o crescimento dos evangélicos no Brasil impulsionado pelo Pentecostalismo assembleiano | 53 |
| 1.4 Fios de influência: a ascensão dos pentecostais no xadrez político do Brasil | 61 |
| 1.5 Conclusão do capítulo: o pentecostalismo brasileiro e o uso da mídia impressa como arma de poder | 65 |
| 2. TECENDO REALIDADES: A TAPEÇARIA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO ASSEMBLEIANO BRASILEIRO POR MEIO DO COMPLEXO ENTRELAÇAMENTO DE MODERNIDADE, FUNDAMENTALISMO E COMUNICAÇÃO | 68 |
| 2.1 Entrelaçando os fios: uma tapeçaria da construção social da realidade | 68 |

| | |
|--|------------|
| 2.2 Tecendo o moderno: desafios da modernidade, pluralidade e a crise de sentido nas sociedades contemporâneas | 81 |
| 2.3 Fios de resistência: o fundamentalismo face à modernidade e pluralidade em defesa de um mundo inflexível | 90 |
| 2.4 Conclusão do capítulo: desvendando o Mensageiro da Paz à luz do quadro teórico | 99 |
| PARTE II – FIOS NO TEAR – MORALIDADE, FÉ, POLÍTICA, ELEIÇÕES, CONSTITUIÇÃO FEDERAL, CONFLITOS SOCIAIS | 101 |
| 3. PAUTA MORAL E RELIGIOSA NA CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA SISTEMÁTICO-FUNDAMENTALISTA DA ASSEMBLEIA DE DEUS NOS ANOS 1980 | 102 |
| 3.1 Debates Morais | 103 |
| 3.1.1 Festas e tabus: o carnaval e a erotização | 103 |
| 3.1.2 Preconceito e desinformação: o debate sobre o aborto | 106 |
| 3.1.3 Dimensões da sexualidade: a Homossexualidade | 111 |
| 3.1.4 Campanhas de pureza: cruzada pró-moralidade e cultura | 116 |
| 3.1.5 Conflitos Sociais: relação entre violência e decadência moral | 121 |
| 3.1.6 Visões do fim: a influência da escatologia nas pautas morais | 122 |
| 3.2 Trilhas da Fé | 125 |
| 3.2.1 Enfrentamento e separatismo: contra o ecumenismo | 125 |
| 3.2.2 Estabelecimento de inimigos: a Igreja Católica | 128 |
| 3.2.3 Novos oponentes: a Teologia da Libertação | 134 |
| 3.2.4 Sob o prisma do preconceito: o olhar sobre outras religiões | 138 |
| 3.3 Conclusão do capítulo: entre fé e moral na teia dos anos 1980 | 142 |
| 4. ENTRE O ALTAR E A ARENA POLÍTICA: AS ASSEMBLEIAS DE DEUS NAS ELEIÇÕES CONSTITUINTES E REDEMOCRATIZAÇÃO A PARTIR DO MENSAGEIRO DA PAZ | 144 |
| 4.1 Fios da trama política: a Assembleia de Deus com Tancredo Neves a José Sarney | 144 |
| 4.2 Teias Constitucionais: As ADs na jornada da Constituinte | 153 |
| 4.3 Entrelaçando Fé e Política: a mão evangélica na Carta Cidadã | 162 |

| | |
|---|-----|
| 4.4 Conclusão do capítulo: a sutil arte da tapeçaria político-religiosa | 176 |
| PARTE III – FIOS NO TEAR – COMUNICAÇÃO, JORNALISMO, FAKE NEWS, MANIPULAÇÃO, DISTORÇÕES, GATEKEEPING, AGENDA-SETTING, ESPIRAL DO SILÊNCIO, FRAMING | 178 |
| 5. FIOS DESCONSTRUÍDOS NA TAPEÇARIA DA INFORMAÇÃO: FAKE NEWS E NARRATIVAS CONTROLADAS CONTRA O PLURALISMO | 179 |
| 5.1 Fios de desinformação em tempos analógicos: <i>fake news</i> ? | 179 |
| 5.2 Jornalismo sob lente teórica: o moldar da informação no Mensageiro da Paz | 190 |
| 5.2.1 Artífice informacional: gatekeeping na tapeçaria assembleiana | 190 |
| 5.2.2 Desenho direcional: a influência de agenda-setting na trama do Mensageiro da Paz | 194 |
| 5.2.3 Silenciando o diferente: a influência da Espiral do Silêncio no tecido da comunicação pentecostal | 198 |
| 5.2.4 Padrões narrativos: como o Mensageiro da Paz utiliza o framing para tecer significados | 203 |
| 5.3 Conclusão do capítulo: nem fake, nem news | 207 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 209 |
| REFERÊNCIAS | 228 |
| ANEXO A – DIGA NÃO AO ECUMENISMO | 245 |
| ANEXO B – CARNAVAL, FRUTO DO PECADO | 246 |
| ANEXO C – A FARSA DO ECUMENISMO | 247 |
| ANEXO D – QUEM TEM MEDO DOS CRENTES? | 248 |
| ANEXO E – SAMBISTA ENCONTRA JESUS NA BOATE | 249 |
| ANEXO F – EXISTE SOLUÇÃO PARA O HOMOSSEXUALISMO? | 250 |
| ANEXO G – ABORTO, UM CRIME CONTRA A HUMANIDADE | 251 |
| ANEXO H – QUEM É O PAI DO ROCK? | 252 |
| ANEXO I – SATANÁS É O PAI DO ROCK | 253 |
| ANEXO J – PODE O CRENTE SER POLÍTICO? | 254 |

| | |
|---|-----|
| ANEXO K – COMBATENDO O ROCK COM A MÚSICA DIVINA | 255 |
| ANEXO L – EVANGÉLICOS REALIZAM MANIFESTAÇÃO CONTRA O ABORTO | 256 |
| ANEXO M – A NOSSA PARTICIPAÇÃO NA CONSTITUINTE | 257 |
| ANEXO N – NO PAÍS DO CRUZADO, SURGE UMA ESPERANÇA: “DEUS SEJA LOUVADO” | 258 |
| ANEXO O – A CRUZADA DE FÉ DO PRESIDENTE SARNEY | 259 |
| ANEXO P – QUEM PODE ACABAR COM OS PENTECOSTAIS? | 260 |
| ANEXO Q – CONSTITUINTE, A HORA DECISIVA | 261 |
| ANEXO R – O BRASIL ESTÁ MUDANDO: “DEUS SEJA LOUVADO” | 262 |
| ANEXO S – CONSTITUINTES EVANGÉLICOS: SOMOS CONTRA O ABORTO | 263 |
| ANEXO T – ASSEMBLEIA DE DEUS ELEGE 11 DEPUTADOS FEDERAIS | 264 |
| ANEXO U – QUEM PODE SALVAR O BRASIL? | 265 |
| ANEXO V – BRASIL, UMA NAÇÃO ENFERMA | 266 |
| ANEXO W – EVANGÉLICOS INVOCAM A PROTEÇÃO DE DEUS PARA A NOVA CONSTITUIÇÃO | 267 |
| ANEXO X – LÍDERES DECLARAM APOIO AOS PARLAMENTARES EVANGÉLICOS | 268 |
| ANEXO Y – A CARTA MAGNA DOS CRISTÃOS | 269 |
| APENDICE A - LISTA DE TEMAS ABORDADOS NAS ASSEMBLEIAS GERAIS DA CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO BRASIL E DA DIREÇÃO DO MENSAGEIRO DA PAZ NA DÉCADA DE 1980 | 270 |

APRESENTAÇÃO

O ano de 2019 trouxe consigo a esperança e a realização de um sonho que tinha sido cuidadosamente tecido: minha aprovação para o doutorado. O início desse percurso representou muito mais do que uma etapa acadêmica; ele simbolizou um marco em minha jornada pessoal e profissional, carregando consigo sentimentos de gratidão e alegria. Naquele momento, meu projeto era um mergulho nas construções fundamentalistas do ambiente pentecostal, com um olhar particular sobre o papel da música e da emoção.

Porém, como a vida nos ensina, nem sempre os fios que escolhemos são os que permanecem na nossa tapeçaria. Em 2020, o mundo foi atingido pela pandemia da Covid-19, alterando profundamente o curso de muitas vidas, inclusive a minha. Com a nova realidade das aulas à distância e, dolorosamente, com a perda de amigos e entes queridos, fui forçado a repensar e adaptar minha trajetória. A dor de 2022 foi ainda mais intensa, com a partida da minha querida avó devido ao vírus H3N2. Em meio à tempestade que tomou a minha vida pessoal, surgiu também um raio de esperança: minha esposa e eu descobrimos que seríamos pais, e para nossa surpresa, de gêmeos. Diante da complexidade e dos desafios de uma gravidez durante uma pandemia e em meio ao luto, cada dia se tornou uma batalha e um aprendizado.

Ainda dentro deste cenário, fui diagnosticado com TDAH. Senti como se as cortinas de um teatro se abrissem, revelando um cenário inteiramente novo. De repente, eventos, decisões e sentimentos que antes pareciam desconexos ou inexplicáveis em minha vida começaram a ganhar sentido. As inúmeras vezes em que me senti frustrado, as distrações recorrentes e a sensação contínua de estar "lutando contra a correnteza" – tudo isso passou a ser visto sob a luz do TDAH.

A descoberta, embora inicialmente impactante, trouxe consigo um alívio e um renascimento. Livrar-me dos julgamentos autoimpostos e da ideia errônea de que era simplesmente indisciplinado ou desorganizado abriu espaço para uma compreensão mais profunda de mim mesmo. A assistência médica juntamente com a medicação, tornaram-se ferramentas importantes na minha jornada de autodescoberta e autorrealização. E, talvez o mais importante, essa nova compreensão me permitiu avançar na pesquisa com uma determinação renovada, reconhecendo e honrando meus próprios processos, ritmos e necessidades. A academia, frequentemente rígida em suas expectativas, foi desafiada por

minha realidade, e adaptar-me a ela com a consciência de meu TDAH tornou minha caminhada acadêmica uma narrativa de resiliência e superação.

Foi neste cenário de turbulência que percebi que o projeto original de pesquisa sobre música não poderia continuar. Precisava de um novo caminho, mas não desejava abandonar a linha que havia proposto. Decidi, então, reorientar meu foco para o jornal oficial da Assembleia de Deus, o Mensageiro da Paz. Embora o objeto tenha mudado, a essência da minha investigação permaneceu: compreender a construção de um programa fundamentalista dentro do pentecostalismo assembleiano. Esta tese, portanto, é fruto de adaptações, lutos, renascimentos e, acima de tudo, da perseverança em retecer os fios da vida e da pesquisa em tempos incertos.

Ter a Dra. Valdenice José Raimundo como minha orientadora foi uma das maiores bênçãos que recebi durante minha trajetória acadêmica. Nos momentos mais difíceis, quando me vi à beira da incerteza, ao considerar interromper o curso do doutorado, foi sua sabedoria e empatia que me puxaram de volta, que me ancoraram à realidade e me lembraram do propósito maior por trás do desafio da academia. Ela não apenas dominava a excelência acadêmica, mas também exibía uma humanidade rara que transcende o universo acadêmico. Vi que era possível haver espaço para a empatia e compreensão neste mundo tão vasto que é o dos programas acadêmicos. A cada encontro, a cada orientação, ela mostrava que por trás da figura do acadêmico, havia, acima de tudo, um ser humano. Seus gestos de bondade e sua incansável dedicação, apesar dos desafios que enfrentava como mulher negra em uma sociedade ainda repleta de preconceitos, eram um testemunho de força e resistência. Ela me ensinou que, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, é possível escolher a bondade, a compreensão e a empatia. Sou eternamente grato por sua orientação, não apenas no âmbito acadêmico, mas também nas lições valiosas de vida que me ensinou. É com profundo respeito e admiração que dedico grande parte dessa minha trajetória a ela, uma verdadeira inspiração em todos os sentidos da palavra.

Ao refletir sobre essa jornada, percebo que cada desafio enfrentado não foi em vão, mas sim, parte integrante da tapeçaria que compõe minha formação como pesquisador e ser humano. Muitas vezes, na academia, somos ensinados a separar nossa vida pessoal da profissional, a objetividade do sentimento. No entanto, como poderia ignorar as marcas profundas que a vida inscreveu em mim durante esse período? Afinal, essas vivências moldaram, de maneira profunda, minha perspectiva e abordagem de pesquisa.

Em meio às noites insones, entre fraldas trocadas e leituras sob a luz da lanterna de um celular, percebi que o universo acadêmico não é um refúgio isolado da realidade, mas um espaço onde a vida e o conhecimento entrelaçam-se constantemente. Meu projeto transformou-se não apenas pela necessidade metodológica ou de objeto, mas porque eu mesmo mudei. E, ao finalizar este texto introdutório, vejo que as reviravoltas da vida, por mais dolorosas que tenham sido, também me concederam uma visão mais sensível e humana da pesquisa que escolhi abraçar. E é com essa visão que convido você, leitor, a se juntar a mim nesta jornada de descobertas sobre o fundamentalismo no pentecostalismo assembleiano.

Detesto as vítimas quando elas respeitam os seus carrascos.

Jean-Paul Sartre em “Os sequestrados de Altona”

Vou lhe dizer um grande segredo, meu caro.

Não espere o juízo final.

Ele realiza-se todos os dias.

Albert Camus em “A Queda”

INTRODUÇÃO

A enciclopédia de Arte e Cultura Brasileira do Itaú Cultural define a arte de tecer uma tapeçaria como uma técnica de confecção artesanal de um tecido, geralmente encorpado, formado pelo cruzamento de duas estruturas de fios obtidos de fibras como a lã ou o algodão, de modo que "o uso de fios coloridos e de técnicas diversas de entrelaçamento permite que figuras sejam compostas durante o processo de execução" (TAPEÇARIA..., 2017). Fazendo uso de informações de Amaral (1988), Andrade (1978) e Neraudau (1985), e enciclopédia destaca que a história da tapeçaria é rica e diversificada, com suas origens difíceis de rastrear, já que essa prática emergiu de forma semelhante em várias regiões do mundo, incluindo a Mesopotâmia, Egito, Grécia, Roma, Pérsia, Índia e China na Antiguidade. Países do Oriente Médio, como Irã e Turquia, mantêm uma tradição significativa na manufatura de tapetes, muitos dos quais apresentam desenhos geométricos complexos (TAPEÇARIA..., 2017). Na Europa medieval, a tapeçaria desempenhou um papel importante na decoração e função de castelos e igrejas. Ela adornava as paredes dessas construções e contribuía para o conforto térmico. Além disso, transmitia narrativas históricas e bíblicas. Exemplos notáveis incluem a Tapeçaria de Bayeux, que narra a Conquista da Inglaterra pelos Normandos, e o conjunto de tapeçaria Apocalipse, Segundo São João, com peças que apresentam 5 metros de altura por 24 metros de largura (TAPEÇARIA..., 2017).

No final do século XIV, a tapeçaria bordada foi substituída pela tecida, marcando uma transição significativa na técnica. Durante o Renascimento, a pintura exerceu uma grande influência sobre as tapeçarias, que passaram a reproduzir obras de artistas renomados como Leonardo da Vinci e Andrea del Sarto. Bruxelas se tornou um centro importante para a tecelagem, e a Tapeçaria dos Atos dos Apóstolos, baseada em desenhos de Rafael, foi um destaque nesse período. No século XVI, a França se destacou na produção de tapeçaria, especialmente com a criação da Manufatura Real de Móveis e Tapetes da Coroa em Fontainebleau (TAPEÇARIA..., 2017). Ao longo dos séculos seguintes, a técnica continuou a evoluir e acompanhar as mudanças sociais e estéticas. No século XX, artistas renomados como Georges Braque, Pablo Picasso e Henri Matisse contribuíram para a inovação e criatividade nesse campo. Na Alemanha, a influência da Bauhaus revitalizou a tecelagem na década de 1920. No Brasil, artistas como Regina Graz, Genaro, Norberto Nicola, Jacques Douchez, Sorensen, Burle Marx e Francisco Brennand exploraram a tapeçaria como uma

forma de expressão artística única, enriquecendo ainda mais a história dessa técnica (TAPEÇARIA..., 2017).

À medida que desenvolvia a tese que passo a apresentar, deparei-me com a sensação de atuar como um artesão que constrói pouco a pouco seu trabalho. Durante o processo de pesquisa, novos cenários, perspectivas e distintos pontos de vista emergiram a partir do objeto de estudo. Observei que uma parte considerável dessas perspectivas e cenários não se excluía mutuamente; em vez disso, coexistiam em diferentes graus. Nesse contexto, surgiu a imagem de um tecelão diante de um tear complexo, entrelaçando os fios de uma rica e multifacetada tapeçaria. A escrita deste trabalho equivaleu a essa habilidosa tecelagem, na qual alguns fios se mostraram resistentes, enquanto outros se revelaram mais flexíveis. Alguns eram vívidos e vibrantes, enquanto outros pareciam desprovidos de vitalidade.

Tecer é uma arte meticulosa. Tradicionalmente, envolve um tear vertical ou horizontal. Os artesãos inserem fios coloridos de lã, seda ou, em tempos mais modernos, fibras sintéticas, através ou entre os fios de urdidura, criando desenhos intrincados. Muitas vezes, o processo é tão detalhado que a produção de uma única tapeçaria pode levar meses ou até anos. Em sua essência, não é apenas decorativa. Ela conta uma história, retrata eventos históricos, mitologia, cenas religiosas, paisagens. A Igreja Assembleia de Deus, assim como uma tapeçaria, é um intrincado tecido de crenças, tradições e respostas aos desafios contemporâneos. Se observarmos de perto, cada fio tem seu propósito, sua origem e seu destino. Minha trajetória como pesquisador, jornalista, teólogo e cientista da religião me conferiu uma perspectiva única e informada sobre o fenômeno do pentecostalismo, em especial no contexto da Assembleia de Deus no Brasil. Como ex-membro dessa denominação, por muitos anos tive a oportunidade de vivenciar de perto suas práticas, crenças e dinâmicas internas. Essa vivência proporcionou percepções valiosas que enriquecem a capacidade de analisar as complexidades desse movimento religioso. Além disso, minha formação acadêmica e experiência profissional me permitiram desenvolver ferramentas analíticas que ajudam a investigar as interseções entre religião, sociedade e política, aspectos essenciais para a compreensão do papel do pentecostalismo no Brasil. Meu lugar de fala, portanto, é informado por uma profunda imersão nas nuances desse campo, combinada com a objetividade e a abordagem crítica necessárias para uma análise acadêmica robusta e equilibrada.

Esta tese tem como objetivo desvendar o intrincado processo de elaboração de um programa de cunho fundamentalista pelo movimento pentecostal assembleiano brasileiro,

durante a década de 1980, por meio do seu jornal oficial, o Mensageiro da Paz. A pergunta de nossa pesquisa é a seguinte: Como o movimento pentecostal assembleiano brasileiro elaborou um programa fundamentalista na década de 1980 em resposta às transformações socioeconômicas e culturais da modernidade, e como essa construção fundamentalista se relaciona com o projeto político-partidário da igreja assembleiana?

Para responder a esse questionamento, a argumentação que sustentamos reside na concepção de que a configuração de um sistema fundamentalista pelo movimento pentecostal assembleiano desempenha um papel dual e estratégico ao atender duas agendas fundamentais da referida denominação. Primeiramente, a abordagem da igreja se apresenta como uma resposta substantiva ao cenário de profundas transformações socioeconômicas e culturais característico da modernidade. Em segundo lugar, essa construção fundamentalista está intrinsecamente vinculada ao projeto político-partidário que a igreja assembleiana busca forjar e consolidar. Essa complexa interconexão de agendas revela uma dinâmica intrincada que merece uma análise aprofundada, pois transcende as fronteiras do religioso e adentra o âmbito político, destacando a relevância desse estudo para a compreensão abrangente das interações entre religião e sociedade no contexto brasileiro.

A escolha teórica que orientou esta pesquisa se baseou na teoria da construção social da realidade como prisma fundamental para a análise do nosso objeto de estudo. Conforme Berger e Luckman (1985) enfatizaram, "embora seja possível dizer que o homem tem uma natureza, é mais significativo dizer que o homem constrói sua própria natureza, ou, mais simplesmente, que o homem se produz a si mesmo" (p. 72). Esta perspectiva oferece uma lente através da qual podemos examinar como a realidade pode ser moldada, reinterpretada e compartilhada também pela religião e, conseqüentemente, pela mídia religiosa, caso do Mensageiro da Paz. Para enriquecer nossa análise, recorreremos a teóricos como Durkheim (1996), cujas ideias sobre a influência da religião na coesão social nos ajudarão a compreender o contexto mais amplo em que nossa pesquisa se insere. Além disso, Bourdieu (1983) oferece conceitos sobre o campo religioso e as dinâmicas que estudamos aqui. As contribuições de Geertz (1989) em relação à interpretação simbólica da cultura e as reflexões de Giddens (1984) sobre a estruturação social fornecerão um arcabouço teórico sólido para nossa investigação.

Essa investigação também nos pede um trabalho em torno do conceito de modernidade e seus desdobramentos na sociedade, proporcionando, assim, uma compreensão mais profunda do contexto em que nosso objeto de estudo, o Mensageiro da Paz, operava. Para

Berger (2017), a modernidade é definida como "um produto de mudanças provocadas pela ciência e pela tecnologia criadas nos últimos séculos" (p. 26). Berger ressalta que a modernidade não se manifesta em uma única versão, mas sim em múltiplas (BERGER, 2017, p. 138). Essa visão pluralista da modernidade se alinha perfeitamente com nossa abordagem, pois reconhecemos que a década de 1980 era um período de mudanças substanciais e diversas no Brasil, influenciadas por vários fatores. Nossas discussões sobre a modernidade dialogam com teóricos essenciais como Habermas (2002) e Libânio (1995). Além disso, as reflexões de Bauman (2001) sobre as mudanças nas estruturas sociais acrescentam nuances à nossa compreensão do período. O diálogo também passa por Weber (1982) e seu conceito de "desencantamento do mundo", uma vez que fornece uma estrutura conceitual para entendermos como a modernidade afeta a religião e a espiritualidade.

Nossa análise buscou também demonstrar que a modernidade, conforme conceituada por Berger, não acarretou necessariamente no declínio da religião, mas sim desenvolveu um cenário de pluralidade complexa. Como observa Berger (2017), a modernidade emerge como uma constelação de processos diversos que deságuam na pluralidade e, "o mundo contemporâneo, com poucas exceções, é tão intensamente religioso como qualquer outro na história" e "as principais tradições religiosas não somente sobrevivem, mas geraram poderosos movimentos de renovação" (BERGER, 2017, p. 55). Nesse contexto, o pluralismo se configura como uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades convivem pacificamente e interagem de maneira amigável. É fundamental notar que o pluralismo não se concretiza plenamente quando as pessoas não se envolvem em diálogo constante. Berger chama isso de "contaminação cognitiva" (BERGER, 2017, p. 20).

Para ampliar essa discussão, também recorreremos aos estudos de Berger e Zijderveld (2012). Eles apontam que a emergência da modernidade não resultou necessariamente em um decréscimo da relevância da religião na sociedade, ao passo que proporcionou novos ambientes plurais. No entanto, a modernidade, como descrita por Berger, deságua em uma crise de sentido a partir do momento em que os indivíduos se veem obrigados a fazer escolhas dentro de um vasto cardápio. Essa vertigem causada pela crise de sentido se torna fundamental para instituições conservadoras, como a Assembleia de Deus. Através da crise, a igreja consegue se estabelecer como uma produtora de sentido em um mundo cada vez mais fragmentado. Ao mesmo tempo, a modernidade cria um ambiente plural, fundamentado em processos de relativização, que ameaçam o monopólio da instituição religiosa. Berger (2017) coloca isso como "o grande desafio a todas as tradições e comunidades religiosas na era

moderna" (p. 44). A partir destas análises, identificamos a concepção de um paradoxo fundamental entre modernidade, crise de sentido e pluralismo, cenário que desempenha um papel central em nossa análise.

Para compreender como a Assembleia de Deus enfrentou o desafio de vender-se como opção em meio à crise de sentido ao mesmo tempo em que enfrentava o pluralismo, chegaremos, então, à discussão sobre fundamentalismo, novamente baseado nas ideias de Berger. O conceito é caracterizado como "um esforço para restaurar a certeza ameaçada" (BERGER, 2017, p. 34) ou, ainda, "um projeto de eliminação total da dúvida, uma tentativa de restaurar, nas condições modernas, a certeza do dado-como-certo de uma sociedade pré-moderna" (BERGER, 2017, p. 73). O fascínio do fundamentalismo provém de sua promessa de emancipar os convertidos das agonias da escolha. Como descreve Bauman,

Aí a pessoa encontra, finalmente, a autoridade indubitavelmente suprema, uma autoridade para acabar com todas as outras autoridades. A pessoa sabe para onde olhar quando as decisões da vida devem ser tomadas, nas questões grandes e pequenas, e sabe que, olhando para ali, ela faz a coisa certa, sendo evitado, desse modo, o pavor de correr risco (BAUMAN, 1998, p. 228).

O diálogo sobre o tema pode ser expandido com Dreher (2006). No contexto específico do mundo evangélico, consultaremos as contribuições de Mendonça e Velasques Filho (1990) para abordar o fundamentalismo no Brasil e a pesquisa de Baptista (2009) para ampliar nossa análise até a intersecção do fundamentalismo no âmbito do pentecostalismo com a política.

Dessa forma, nossa investigação busca desvelar como a Assembleia de Deus, através do Mensageiro da Paz, teceu sua tapeçaria de fé, poder e influência em meio a esse cenário complexo de desafios e oportunidades na década de 1980. Em última análise, essa abordagem teórica permitiu uma análise abrangente e multidimensional da pesquisa, lançando luz sobre a intersecção complexa de religião, política, comunicação e sociedade no contexto específico do pentecostalismo assembleiano brasileiro na década de 1980. Ela nos deu as ferramentas necessárias para compreender como uma denominação religiosa enfrentou os desafios da modernidade e respondeu a eles por meio da construção de um sistema fundamentalista, com implicações políticas e sociais duradouras no Brasil contemporâneo.

Uma extensa gama de pesquisadores tem se dedicado a explorar as e desenvolvimento do pentecostalismo ao longo do tempo. No decorrer do século XX, uma série de estudiosos e teóricos empenhou-se em explorar o fenômeno do pentecostalismo, particularmente no

contexto brasileiro, contribuindo significativamente para a compreensão desse movimento religioso multifacetado. Os esforços pioneiros de sociólogos como Christian Lalive D' Epinay (1970) e Emilio Willems (1967) lançaram as bases iniciais para investigações mais profundas. Suas pesquisas, focadas tanto no Chile quanto no Brasil, deixaram um legado influente que reverberou em estudos posteriores. Consequentemente, acadêmicos como Cândido Procópio Ferreira de Camargo (1973) e Beatriz Muniz de Souza (1969) foram influenciados por essas obras fundacionais. D' Epinay, por exemplo, salientou a relevância do pentecostalismo como uma resposta religiosa comunitária ao abandono de vastos segmentos da população, resultante da anomia provocada por uma sociedade em transição (D' EPINAY, 1970, p. 60). Seus estudos contextualizaram o pentecostalismo dentro do cenário urbano, relacionando-o a concepções tradicionais de modernidade e interpretando-o como um fenômeno transitório em um contexto histórico em constante evolução.

Outros estudiosos, como Mendonça (2002), reconheceram a ascensão do pentecostalismo como uma religião hegemônica que ultrapassou o catolicismo e desafiou o protestantismo clássico. Destacou-se a estratégia bem-sucedida do pentecostalismo de se aproximar dos trabalhadores rurais e das camadas populares, oferecendo uma visão com nuances milenaristas. Além disso, autores como Freston (1994a), Leonildo Silveira Campos (1997) e Ricardo Mariano (1999) desempenharam papéis fundamentais no desenvolvimento dos estudos pentecostais no Brasil, contribuindo para a construção de uma base teórica sólida. O trabalho de Bittencourt Filho (2003) também se destaca como uma contribuição relevante para essa compreensão. Suas pesquisas enfatizam a autonomia do pentecostalismo e propõem uma visão otimista desse movimento religioso, desafiando concepções que o consideram uma ruptura da cultura religiosa popular, conforme aponta Abumanssur (2011, p. 405). Dessa forma, as investigações acadêmicas sobre o pentecostalismo no Brasil são uma tapeçaria rica e complexa de perspectivas que enriquecem nossa compreensão desse fenômeno multifacetado.

Importante também destacar a contribuição notável da Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (RELEP) para o avanço dos estudos sobre o pentecostalismo, em particular na América Latina. A RELEP representa uma instância continental dedicada à produção e disseminação de pesquisas relacionadas aos pentecostalismos presentes na região. Composta por acadêmicos envolvidos em programas de mestrado e doutorado, a rede desempenha um papel fundamental na expansão do conhecimento sobre o fenômeno pentecostal na América Latina. É imprescindível reconhecer estes pesquisadores e

pesquisadoras cujas contribuições desempenham um papel fundamental na história dos estudos pentecostais. Entre esses acadêmicos, destacam-se figuras como Ângela Maringoli, David Mesquiati, Gedeon Freire de Alencar, Marina Correa, Maxwell Fajardo, Moab César Carvalho Costa, Valdinei Ramos Gandra e Victor Breno Farias Barrozo¹. Estudiosos que têm desempenhado um papel de destaque na pesquisa e análise dos pentecostalismos, oferecendo perspectivas críticas e conhecimentos essenciais para a compreensão das dinâmicas religiosas na região.

O caminho metodológico adotado nesta tese foi desenhado para garantir uma análise sólida e rigorosa dos fenômenos em questão. Ao desvendar a intricada trama do pentecostalismo assembleiano brasileiro na década de 1980, um enquadramento metodológico robusto torna-se fundamental para manter a integridade da investigação. Adotamos uma abordagem multidisciplinar que integrou técnicas qualitativas e análise documental. A primeira etapa, dada a natureza interpretativa e descritiva do objeto de estudo, envolveu a coleta extensiva de dados, com um foco particular nas edições do jornal Mensageiro da Paz que circularam durante a década de 1980. Essas edições foram identificadas e arquivadas sistematicamente. Buscamos capturar as nuances, significados e contextos que permeiam o Mensageiro da Paz e a atuação da Assembleia de Deus. Além disso, foram realizados levantamentos para identificar as figuras-chave que estiveram envolvidas no processo editorial do jornal na época. A análise documental permitiu a categorização dos textos e conteúdos presentes nas edições, identificando temas e padrões recorrentes. A análise qualitativa desempenhou um papel fundamental na interpretação dos dados coletados com vistas não apenas a identificação das narrativas e estratégias de comunicação empregadas pelo jornal, mas também no intuito de compreender as motivações subjacentes e o contexto mais amplo em que essas estratégias foram desenvolvidas. Além disso, a pesquisa envolveu a contextualização histórica da década de 1980 no Brasil, incluindo eventos políticos, sociais e culturais que influenciaram o cenário em que o jornal atuou. Esta perspectiva possibilitou uma compreensão mais aprofundada das motivações, desafios e respostas do pentecostalismo assembleiano no período.

Nesse contexto, a presente tese adota uma abordagem estruturada em três partes fundamentais para explorar a questão em foco. A primeira parte está contida nos dois primeiros capítulos. No capítulo 1, empreendemos uma jornada que parte das origens do

¹ Em nossas referências bibliográficas, cito a tese de doutorado de cada um destes importantes pesquisadores, que aqui na introdução aparecem por ordem alfabética.

protestantismo no Brasil até a sua evolução para o movimento pentecostal, delineando suas conexões intrínsecas com a política e sua influência no âmbito midiático. Inicialmente, este capítulo adentra nas raízes reformistas e traça o percurso que culmina no surgimento do movimento pentecostal, apresentando as intrincadas relações entre a reforma protestante e o pentecostalismo brasileiro. O estudo do pentecostalismo no Brasil é fundamental para contextualizar o cenário religioso e sociocultural do país. Em seguida, ainda em nosso primeiro capítulo, exploramos a evolução da comunicação da Assembleia de Deus ao longo do século XX, destacando o crescente papel da mídia impressa.

A mídia impressa desempenhou um papel de suma importância para o pentecostalismo, especialmente no século XX, devido à sua posição como o principal meio de comunicação da época. Em um período marcado por profundas transformações sociais, culturais e políticas, os veículos impressos, como jornais e revistas, eram a principal fonte de informação a sociedade. Como resultado, esses meios se tornaram canais fundamentais para a disseminação das crenças pentecostais e para a construção da identidade religiosa dentro desse movimento. Líderes religiosos e suas congregações viram na mídia impressa uma maneira eficaz de alcançar um público mais amplo, transmitir mensagens doutrinárias e comunicar eventos e realizações da denominação em um momento em que outros meios de comunicação ainda não eram populares. Portanto, a mídia impressa desempenhou um papel indispensável ao permitir que o pentecostalismo se estabelecesse e prosperasse no cenário religioso e social brasileiro, contribuindo significativamente para o sucesso desse movimento ao longo do século XX. Esse panorama nos conduz, por sua vez, ao complexo processo de criação do Mensageiro da Paz.

A análise subsequente se volta para o crescimento da denominação no Brasil, amparando-se nos dados censitários fornecidos pelo IBGE, a fim de ilustrar a notável ascensão do movimento evangélico no país. Esse vertiginoso crescimento, por sua vez, abre caminho para uma análise aprofundada da incursão dos evangélicos no cenário político brasileiro, particularmente na década de 1980, sublinhando a relevância da Assembleia de Deus nesse contexto, cuja incursão na mídia, notadamente através do Mensageiro da Paz, revela-se como um instrumento estratégico poderoso, destacando a profunda interconexão entre a fé e a comunicação na tessitura dessa rica tapeçaria.

Alicerçado pelo entendimento do objeto de pesquisa delineado no capítulo anterior, o capítulo dois desta tese se dedica à apresentação do arcabouço teórico que substancia as análises conduzidas ao longo deste estudo. Nesse contexto, lançamos mão do conceito de

construção social da realidade e sua aplicação específica no âmbito do pentecostalismo assembleiano e do jornal Mensageiro da Paz. Ao adentrar essas concepções, somos conduzidos a uma exploração aprofundada dos conceitos de modernidade, pluralismo e crise de sentido, todos essenciais para a compreensão do fenômeno do fundamentalismo, bem como para o exame de sua ascensão no seio da Assembleia de Deus na década de 1980. Este capítulo serve como uma base teórica sólida que lança luz sobre a compreensão dos processos sociais e culturais que moldaram o desenvolvimento do fundamentalismo religioso neste contexto específico.

A segunda parte desta pesquisa, composta pelos capítulos 3 e 4, mergulha na análise do periódico Mensageiro da Paz. Para isso, foi realizado um minucioso levantamento de todas as edições do jornal que circularam durante os anos 1980. Esse esforço de pesquisa permitiu identificar uma ampla gama de textos que corroboram a tese central desta investigação, que versa sobre a construção de um sistema fundamentalista no seio da denominação pentecostal com fins de enfrentar a modernidade e de construir um projeto político. Devido à abundância de material coletado, evidenciando os esforços da denominação em moldar a realidade por meio do Mensageiro da Paz, optou-se por organizar as análises em categorias temáticas distintas.

No capítulo 3, adentramos o âmbito do uso do fundamentalismo como uma resposta à modernidade e ao pluralismo. Nesse contexto, o jornal emerge como um veículo que promove pautas morais e religiosas de extrema relevância. Isso abrange, por exemplo, a abordagem do carnaval, questões relacionadas à sexualidade, discussões escatológicas e o conceito de pureza moral, todos fundamentais para o entendimento da construção dessa perspectiva fundamentalista. Além disso, o Mensageiro da Paz se posiciona contra o ecumenismo, outras religiões e teologias inclusivas, enxergando-os como ameaças iminentes à sua doutrina e crenças arraigadas. Já no capítulo 4, voltamos nossa atenção para o papel do fundamentalismo no contexto do projeto político da igreja. O jornal desempenha um papel destacável ao abordar temas relacionados à política, estabelecendo conexões e alianças com figuras políticas proeminentes, como Tancredo Neves e José Sarney. Além disso, observamos uma intensa campanha conduzida pelo jornal com o objetivo de eleger deputados na eleição constituinte. Esse capítulo lança luz sobre a intrincada relação entre o fundamentalismo religioso e o engajamento político, revelando como o Mensageiro da Paz atuou como um agente influente nesse cenário. A análise dessas categorias temáticas permite uma compreensão mais profunda

dos mecanismos pelos quais o fundamentalismo foi articulado e disseminado dentro da Assembleia de Deus na década de 1980.

A terceira e última parte desta tese culmina no capítulo cinco, onde abordamos questões fundamentais relacionadas ao texto jornalístico presente no jornal assembleiano. O leitor já estará familiarizado com os textos que o jornal utilizou nos anos 1980, momento em que propomos uma análise embasada em teorias do jornalismo que ajudam a lançar luz sobre como essas técnicas foram empregadas e os impactos que tinham no leitor. Inicialmente, exploramos o conceito de *gatekeeping*, que se refere ao processo de seleção e edição de notícias por parte dos veículos de comunicação. Em seguida, investigamos o fenômeno do agenda-setting, que descreve como a mídia pode influenciar a agenda de temas discutidos pela sociedade. Adentramos também na teoria da espiral do silêncio, que oferece percepções sobre como o jornalismo pode moldar a percepção pública e a disposição das pessoas em expressar suas opiniões. O quadro teórico se completa com a análise do *framing*, que se concentra na moldagem das narrativas jornalísticas e como isso afeta a interpretação do público. Além dessas teorias tradicionais, dedicamos espaço para uma reflexão contemporânea sobre o conceito de fake news e sua aplicabilidade (ou não) ao caso estudado. Essa análise se torna especialmente relevante em um contexto em que a disseminação de informações falsas e enganosas tem um impacto significativo na sociedade e na política.

A relevância deste estudo é multifacetada e se enraíza tanto na esfera religiosa quanto na política e social do Brasil, bem como no campo das Ciências da Religião. A intersecção entre Teologia e Ciências da Religião surge como um terreno fértil para uma compreensão mais profunda das manifestações religiosas na sociedade contemporânea. Teixeira (2013) sublinha a importância de reconhecer a teologia dentro das Ciências da Religião, especialmente ao considerar sua manifestação em um contexto público. Nesse sentido, não é apenas uma contemplação de conceitos teológicos em um âmbito estritamente dogmático ou confessional, mas sim uma análise do papel da teologia na esfera pública e de sua influência nas dinâmicas socioculturais. A relevância da mídia religiosa, conforme exposto por Carranza (2013), corrobora esse pensamento, indicando que a presença mediática das igrejas não apenas amplia os mecanismos de proselitismo, mas também reafirma a legitimidade e o reconhecimento social das instituições religiosas em um mundo plural.

A Ciência da Religião, como apontado por Passos (2013), tem o compromisso de fornecer uma compreensão renovada do fenômeno religioso, que está profundamente enraizado na experiência humana. Essa abordagem não se restringe a uma visão puramente

acadêmica ou teórica, mas engloba uma interpretação holística que leva em consideração múltiplas facetas da existência humana, sejam elas sociais, culturais, econômicas ou políticas. Dessa maneira, a Ciência da Religião se propõe não somente a conferir um significado histórico ao fenômeno religioso, mas também a observar e compreender sua significação histórica no tecido da vida humana, reafirmando sua relevância e pertinência em um mundo em constante evolução.

Ao longo das últimas décadas, nos anos 2010 e 2020, temos testemunhado uma ascensão significativa da influência evangélica no cenário político e cultural do país. A compreensão de como foi o início dessa trajetória é fundamental para decodificar a complexa tapeçaria das forças sociopolíticas brasileiras contemporâneas. O papel do pentecostalismo, e em particular da Assembleia de Deus, é inegavelmente central, como restará demonstrado ao longo da tese. Estudar essas dinâmicas é de suma importância para entender como se dá a construção de identidades religiosas em confronto com desafios externos, bem como para perceber de que modo narrativas específicas podem ser instrumentalizadas em prol de objetivos políticos e sociais. O tema adquire ainda maior relevância ao considerarmos o cenário político contemporâneo, onde as alianças entre políticos e líderes religiosos tornaram-se frequentes e influentes. Ao mergulhar nas estratégias de comunicação do pentecostalismo assembleiano na década de 1980, esta pesquisa fornece instrumentos sobre as raízes dessa influência e como ela se manifesta atualmente. O tema desta pesquisa, portanto, termina por ser relevante não apenas para os estudiosos da religião, comunicação ou política, mas para qualquer pessoa interessada em compreender as complexas interações que moldam a sociedade brasileira hoje.

A investigação da política dentro do âmbito das Ciências da Religião é de suma importância, especialmente quando se considera a profunda imbricação entre as dimensões religiosa e política na formação das sociedades ao longo da história. A religião, frequentemente, não apenas influencia, mas também é influenciada pelas esferas do poder político, servindo tanto como uma força legitimadora para regimes e sistemas quanto como um meio de resistência e transformação social. Ao realizar pesquisas acadêmicas que abordam essa interconexão, torna-se possível desvelar os mecanismos pelos quais as crenças e práticas religiosas se entrelaçam com as estruturas de poder, políticas públicas e movimentos sociais. A compreensão dessa dinâmica é crucial para uma análise completa das formas como as identidades coletivas são formadas, reforçadas ou contestadas e de como as narrativas religiosas podem ser mobilizadas em contextos políticos específicos. Portanto, essa área de

estudo não apenas enriquece o campo das Ciências da Religião, mas também oferece insights valiosos para a ciência política, a sociologia e outros campos interdisciplinares que buscam compreender a complexidade das interações humanas.

A década de 1980 pode parecer distante em termos cronológicos, mas os fenômenos que ali surgiram e se solidificaram têm ecos profundos e palpáveis no século 21, especialmente no que diz respeito ao entrelaçamento de religião, política e sociedade. O modo como o pentecostalismo assembleiano se mobilizou, utilizando veículos como o Mensageiro da Paz para construir narrativas e incentivar a ação política, lançou as bases para o que observamos atualmente, com lideranças evangélicas influenciando decisões legislativas, políticas públicas e mesmo a postura de grandes segmentos da população frente a temas sociais. Os discursos que buscavam reforçar uma moralidade baseada em princípios religiosos e que emergiram fortemente na década de 1980 ainda reverberam hoje. Vemos, no século 21, uma ressurgência de movimentos que apelam em oposição a avanços progressistas em áreas como direitos LGBTQ+, educação sexual, direitos das mulheres e outras minorias. A década de 1980 não foi apenas um período de transição política para o Brasil, mas também um momento de definição e consolidação de tendências que influenciaram profundamente o país nas décadas seguintes. A pesquisa sobre este período, portanto, é essencial não apenas como um estudo histórico, mas como uma ferramenta para compreender e navegar os complexos desafios do Brasil contemporâneo.

Por fim, ao falarmos de mídia impressa na década de 1980, precisamos, necessariamente, abordar a questão do analfabetismo. A definição de alfabetização conforme o Censo Demográfico de 1980 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística oferece uma perspectiva ilustrativa sobre os critérios utilizados na época para avaliar as habilidades de leitura e escrita da população brasileira. Segundo este censo, uma pessoa era considerada alfabetizada se fosse capaz de ler e escrever pelo menos um bilhete simples no idioma que conhecesse. Por outro lado, indivíduos que tinham aprendido a ler e escrever, mas haviam esquecido essas habilidades, ou que apenas soubessem assinar o nome, eram classificados como analfabetos. Este critério revela uma abordagem pragmática para medir a alfabetização, enfatizando a capacidade funcional de ler e escrever em situações cotidianas, em vez de exigir um domínio mais avançado ou acadêmico da língua. Esse alto índice de analfabetismo reflete as disparidades socioeconômicas e as limitações nos sistemas educacionais da época, que deixavam uma grande parcela da população sem acesso a habilidades básicas de leitura e escrita.

No contexto da análise da influência da Assembleia de Deus no Brasil, é imperativo reconhecer que o jornal Mensageiro da Paz desempenhou um papel significativo, embora não exclusivo, na formação do sistema político-fundamentalista associado à denominação. Este periódico, mais do que um simples veículo de comunicação, serviu como um instrumento na disseminação de ideologias e na moldagem de percepções, especialmente considerando o cenário educacional brasileiro na década de 1980. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística citados nesta tese revelam que na referida década, mais de 30% da população brasileira era analfabeta, um fator que indubitavelmente influenciou o alcance e impacto do jornal.

Ao direcionar nossa análise para o censo de 2010, o mais recente com dados consolidados disponíveis no momento da redação desta tese, observa-se que entre os grupos evangélicos – missão, pentecostal e não-determinados –, são os pentecostais que apresentam as maiores taxas de analfabetismo, com 8,6% de seus fiéis incapazes de ler ou escrever. Além disso, é notável que os pentecostais, em 2010, constituem o grupo com o maior número de adeptos com ensino fundamental incompleto, alcançando um expressivo 42,3%. Este dado é válido para compreender o contexto educacional no qual Mensageiro da Paz operava e sua potencial influência. Comparativamente, apenas 4% dos pentecostais concluíram o ensino superior, um contraste marcante quando cotejado com os 31,5% entre os espíritas e quase 13% entre os candomblecistas. Dentre os evangélicos, observa-se que 12% dos protestantes de missão possuem formação superior, assim como 8,4% daqueles sem filiação a uma igreja específica.

A circulação do jornal na década de 1980, embora confrontada por desafios substanciais devido à crise econômica e aos elevados índices de analfabetismo, desempenhou um papel destacável na estrutura da Assembleia de Deus no Brasil. Essa publicação, apesar de sua distribuição limitada, principalmente entre a população mais carente que constituía a base do crescimento evangélico, tinha um público-alvo bem definido: as lideranças da igreja. Estes líderes assembleianos não apenas recebiam o jornal, mas eram, de certa forma, "catequizados" por seu conteúdo. A influência do jornal se estendia muito além de sua leitura direta, permeando a comunidade religiosa por meio desses líderes que, munidos do conhecimento adquirido através de suas páginas, disseminavam esses ensinamentos entre os fiéis que, por várias razões, não tinham acesso direto à leitura.

O poder do Mensageiro da Paz residia não somente em seu conteúdo textual, mas também em seu valor simbólico e imagético. Mesmo para aqueles que não podiam ler, o

jornal representava uma fonte de autoridade e conhecimento. Ele se tornava um objeto central nos púlpitos, um símbolo tangível da mensagem e da doutrina da igreja. Esta dinâmica revela uma faceta importante da disseminação da ideologia religiosa, onde a autoridade e o ensino não se restringem apenas à palavra escrita, mas também são veiculados por meio da presença e do uso simbólico de objetos como o jornal. Assim, mesmo em meio a limitações de alfabetização e circulação, o Mensageiro da Paz mantinha sua influência e poder, sendo um vetor essencial na propagação de ideais e na formação da identidade religiosa e política da Assembleia de Deus no Brasil.

**PARTE I – FIOS NO TEAR – PENTECOSTALISMO, ASSEMBLEIA DE DEUS,
MENSAGEIRO DA PAZ, CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE,
MODERNIDADE, PLURALISMO, CRISE DE SENTIDO, FUNDAMENTALISMO**

1. RETRATOS EM FIOS SAGRADOS: PENTECOSTAIS RUMO À POLÍTICA PARTIDÁRIA E SUA INCURSÃO MIDIÁTICA

Neste primeiro capítulo, mergulhamos nas complexidades da diversidade religiosa brasileira com foco particular na comunidade evangélica. O Brasil, em sua vasta tapeçaria cultural e social, oferece um cenário intrigante no qual os evangélicos se destacam por sua influência e identidade multifacetada, como veremos a seguir. Este capítulo propõe explorar a história evangélica brasileira, traçando suas origens desde as raízes reformistas até a vibrante ascensão do pentecostalismo.

A narrativa começa examinando o protestantismo, elucidando as correntes iniciais que moldaram suas primeiras manifestações. A partir daí, o foco se desloca para o fervor e as experiências espirituais distintas que são emblemáticas do pentecostalismo, uma vertente que tem crescido em proeminência e impacto. Além de sua relevância religiosa, o capítulo também aborda a ascensão dos evangélicos no cenário político e midiático, indicando uma intersecção entre fé e esferas públicas que é vital para a compreensão das dinâmicas atuais do Brasil. A influência da mídia, particularmente através do Mensageiro da Paz, é analisada como um instrumento estratégico, demonstrando o entrelaçamento profundo entre a fé e a comunicação.

A abordagem distintamente emocional e participativa das igrejas pentecostais é discutida, destacando a ênfase na experiência pessoal com Deus, os dons espirituais e a cura divina. Essa perspectiva religiosa tem atraído um amplo segmento da população, evidenciando a capacidade das igrejas pentecostais de se adaptar e responder às realidades sociais e culturais do Brasil. Isso se manifesta não apenas em práticas religiosas, mas também em engajamentos comunitários significativos, programas de assistência e esforços de evangelização.

1.1 Das raízes reformistas ao bordado pentecostal: percorrendo a tapeçaria espiritual brasileira

No âmbito acadêmico, uma discussão prolongada tem se estabelecido sobre a relação de parentesco entre o pentecostalismo e a Reforma Protestante. Seriam os pentecostais uma expressão popular do protestantismo? Ou o pentecostalismo constitui uma forma de reforma da própria Reforma Protestante? Ademais, questiona-se se o pentecostalismo é inteiramente um movimento inovador. O movimento pentecostal apresenta maior afinidade com o

protestantismo do que com o catolicismo, que foi adotado como seu inimigo religioso (ALENCAR, 2018, p. 155). E, apesar de possuir sua própria teologia e uma hermenêutica distinta, adere e difunde os princípios basilares da Reforma Protestante de modo que, conforme afirmam Mendonça e Velasques Filho, tem fundamento a tese de que “o futuro do protestantismo brasileiro é sua assimilação pelo pentecostalismo” (1990, p. 233).

Retomemos, então, ao protestantismo. Nesse contexto, conforme apontam Mendonça e Filho, "o que chamamos de 'protestantismo brasileiro' na verdade são vários protestantismos" (1990, p. 11). Assim, não é apropriado considerar o protestantismo no Brasil como uma entidade uniforme, mas, sim, como um espectro diversificado de movimentos protestantes. O próprio protestantismo que emergiu a partir da Reforma no século XVI se ramificou em diversas tendências e instituições, como o luterano, calvinista, metodista, demonstrando uma tendência à fragmentação. De acordo com Mendonça (1997), a Reforma Protestante europeia do século XVI pode ser dividida em pelo menos três expressões distintas: o luteranismo, surgido em 1517 com base na doutrina da justificação pela fé; o calvinismo, difundido por João Calvino em Genebra, que enfatiza a predestinação e a graça irresistível; e o anglicanismo, estabelecido a partir de 1534 com a separação da Igreja da Inglaterra do papado romano por Henrique VIII (MENDONÇA, 1997). Apesar das rupturas, esses protestantismos compartilham a característica de uma religião em que a salvação é alcançada de forma individual, permitindo que a crença adote valores excludentes para alcançar seus objetivos, baseando-se em uma interpretação e hermenêutica bíblica feitas pelo próprio indivíduo. Sobre o fiel protestante, destacamos, ainda, que

Sua racionalidade procura manter a distância a interferência do extraordinário no cotidiano, assim como sua individualidade o situa nos limites mínimos do poder sacerdotal ou eclesiástico. É uma religião quase secularizada e se aproxima, mesmo quando institucionalizada, de uma religião civil. As igrejas são comunidades de fé e aprendizado religioso mútuo. A disciplina, que se prende mais a questões de ética, principalmente de moral, tende a se tornar elástica na medida em que, no gradiente seita-igreja, a comunidade se aproxima mais desta (MENDONÇA, 2005, p. 52).

O movimento do luteranismo foi inaugurado por Martinho Lutero, motivado pelo descontentamento com o que ele entendia como abusos da Igreja Católica, a exemplo da comercialização de indulgências, e culminou com a famosa afixação das 95 Teses, que apontavam críticas a esses abusos (MENDONÇA, 1997, p. 57). As motivações da reforma luterana identificadas nestas teses incluíam a convocação para um retorno às Escrituras como a autoridade suprema, enfatizando a doutrina da justificação pela fé, a importância da graça divina e a valorização da liberdade cristã. Lutero almejava uma transformação abrangente na

teologia e prática da igreja, e uma das suas contribuições notáveis foi a tradução da Bíblia para o alemão, permitindo que todos os fiéis tivessem acesso direto aos textos sagrados (BAQUERO, 2012, p. 175).

Já a reforma calvinista, disseminada pelo teólogo francês João Calvino, teve origem com Zwinglio, na Suíça, e enfatizou a soberania de Deus, a doutrina da predestinação e a graça irresistível como elementos centrais de sua teologia (MENDONÇA, 1997, p. 58). O calvinismo enfatizava a importância da disciplina eclesiástica e promovia a influência abrangente da fé cristã em todos os aspectos da vida, desde a esfera religiosa até a política, economia e cultura. O impacto do calvinismo foi especialmente sentido em regiões como França, Suíça, Holanda e Escócia, onde a teologia reformada encontrou adeptos e influenciou significativamente as estruturas eclesiásticas, as práticas religiosas e até mesmo as leis e instituições sociais.

Por fim, o anglicanismo emergiu como um movimento reformista na Inglaterra durante o reinado de Henrique VIII, e suas motivações são caracterizadas por uma combinação complexa de fatores políticos, religiosos e pessoais (MENDONÇA, 1997, p. 59). A ruptura de Henrique VIII com a autoridade papal pode ser atribuída, em parte, ao seu desejo de obter um divórcio que a Igreja Católica Romana não lhe concedeu (SILVA, 2017, p. 207). No entanto, a Reforma anglicana apresentou uma abordagem distinta em relação a outras correntes reformistas do período, mantendo certas tradições e estruturas da Igreja Católica Romana, como a preservação da hierarquia episcopal e da liturgia, elementos que se mantiveram próximos às práticas da igreja estabelecida (MENDONÇA, 1997, p. 59). Embora a ruptura com o papado tenha sido motivada pela busca de autonomia e soberania, a reforma anglicana adotou uma posição intermediária entre as doutrinas reformistas luteranas e a tradição católica romana.

Estas vertentes do protestantismo europeu chegaram ao Brasil por meio de migrantes e, conforme aponta Bittencourt Filho, “caracterizou-se como uma religião étnica que compunha o acervo cultural dos emigrados” (2003, p. 110). Para além dessas vertentes imigratórias, há o protestantismo de missão, movimento que se desenvolve a partir da atividade missionária empreendida por organizações religiosas, principalmente provenientes dos Estados Unidos, em diferentes partes do mundo (ALENCAR, 2018, p. 41). Essa forma de protestantismo é caracterizada pela disseminação do evangelho cristão em territórios estrangeiros, com o objetivo de converter pessoas a essa fé e estabelecer comunidades de crentes nessas regiões, um protestantismo de conversão (CAMARGO, 1973, p. 111). Por ser

conversionista, chega ao Brasil com uma proposta religiosa importada, como a Igreja Católica, mas, diferente do catolicismo, rejeita absorver as raízes da cultura brasileira (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 89). O protestantismo de missão traz a concepção de que o “o conceito de ‘reino de Deus’ foi encampado pelo ‘sonho americano’” (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 32).

O protestantismo de imigração e o protestantismo de missão possuem vínculos distintos com diferentes contextos culturais e religiosos. Como vimos, o protestantismo de imigração está associado às comunidades de imigrantes que levaram consigo sua fé e práticas religiosas da Europa para outros países. Por outro lado, o protestantismo de missão diz respeito à propagação do protestantismo por meio de atividades missionárias, geralmente lideradas por organizações missionárias norte-americanas em várias partes do mundo. O protestantismo de imigração mantém laços mais estreitos com a cultura religiosa europeia devido ao fato de que as comunidades de imigrantes frequentemente preservam suas tradições religiosas, liturgias e identidades étnicas nos novos contextos. Essas comunidades tendem a manter vínculos estreitos com suas igrejas de origem na Europa, mantendo práticas litúrgicas, idiomas e tradições culturais específicas. Assim, o protestantismo de imigração preserva as características distintas da religião no país de origem, criando uma continuidade com a cultura religiosa europeia:

O protestantismo de imigração é, por isso, um protestantismo étnico que tem na preservação da cultura e, especialmente, na preservação do idioma um de suas características fundamentais. No plano institucional, aparece inicialmente vinculado a igrejas do país de origem (WIRTH, 1998, p. 158).

O protestantismo de missão, por outro lado, tem uma natureza mais transnacional e globalizada, uma vez que é impulsionado pela intenção de difundir a fé protestante em diferentes partes do mundo para influenciar sua cultura (ALENCAR, 2018, p. 42). Essa forma de protestantismo envolve a mobilização de missionários e a fundação de igrejas em territórios estrangeiros. Os missionários procuram adaptar sua mensagem e práticas religiosas às culturas locais, buscando alcançar as populações não cristãs e estabelecer comunidades de crentes nesses lugares. Portanto, o protestantismo de missão está mais associado à interação e influência cultural entre as comunidades missionárias e as sociedades nas quais elas se inserem.

Em relação à sua origem em solo brasileiro, podemos identificar as duas vertentes distintas: o protestantismo imigratório e o missionário (MENDONÇA; VELASQUES FILHO,

1990). No Brasil, o protestantismo como um todo pode ser entendido como projeção do protestantismo norte-americano, como afirmado por Mendonça e Velasques Filho (1990, p. 13). As igrejas protestantes estabelecidas no Brasil, especialmente aquelas de origem missionária, estão fundamentadas na ideia de religião civil que permeia também a sociedade norte-americana. Diferentemente do protestantismo de imigração proveniente da Europa, o protestantismo missionário brasileiro tem suas raízes nos Estados Unidos, que, por sua vez, se inspira na Reforma Inglesa e propaga a transformação da sociedade por meio de uma abordagem pragmática que prioriza a mudança individual (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 17).

A entrada do protestantismo no Brasil se deu em dois momentos. No primeiro, conforme apontam Mendonça e Velasques Filho (1990, p. 12), protestantes franceses estabeleceram-se no Rio de Janeiro entre os anos de 1555 e 1560 e posteriormente, os protestantes holandeses colonizaram o Nordeste entre 1630 e 1654 (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 12). Contudo, apenas a partir da década de 1850 é que o Brasil começou a ser diretamente afetado pela chegada de missionários protestantes que tinham como objetivo explícito a difusão de sua fé. Esse segundo impulso marcou a entrada no Brasil do protestantismo missionário, trazendo consigo igrejas como a Congregacional, Presbiteriana, Metodista, Batista e Episcopal (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 12).

Em que pese a nossa proposta não ser a de realizar uma retrospectiva completa da história do pentecostalismo ou mesmo do Movimento Pentecostal no Brasil² é preciso, já de pronto, fornecer uma visão panorâmica que nos permita embasar o ponto central de nossa tese. Tendo em vista os movimentos do protestantismo histórico que abordamos até aqui, é possível inferir que o pentecostalismo se estabeleceu tardiamente no contexto religioso brasileiro se comparado com as tradições protestantes existentes, conforme lemos em Mendonça e Velasques Filho (1990). Sua chegada ocorreu somente no século XX e, de 1910 a 1950, crescia de forma discreta (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 46). No entanto, apesar do seu surgimento tardio, ganhou uma ampla aceitação e influência, alcançando uma capilaridade incomparável dentro do cenário evangélico, dado que será

² Diversos pesquisadores brasileiros têm se dedicado extensivamente ao estudo do movimento pentecostal e do pentecostalismo no contexto brasileiro. Embora seja impossível esgotar todos os nomes relevantes nesse campo, apresentaremos aqui alguns pesquisadores cujas contribuições podem ser consultadas para aprofundar o entendimento sobre o tema. Entre eles, destacam-se Freston (1994), Campos (2016), Mariano (1999), Correa (2018), Alencar (2019), Bittencourt Filho (2003), Mendonça e Filho (1990), Mendonça (1997), Siepierski (1997), Araújo (2016), Valério (2020), entre outros.

demonstrado mais à frente por meio dos números do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e afetando até mesmo o culto praticado por outras correntes religiosas.

O pentecostalismo encontrou terreno fértil em um Brasil que já possuía uma grande diversidade religiosa, com diferentes expressões de catolicismo, cultos afro-brasileiros e práticas indígenas, além do próprio protestantismo histórico. Alencar destaca que em um Brasil já marcado pelo sincretismo religioso, com a presença de indígenas, católicos e cultos africanos, o pentecostalismo floresceu com a sua proposta marcada pelo êxtase (2019, p. 55). Na década de 1970, César já considerava que:

O movimento pentecostal que parecia um parêntese sem muita importância no desenvolvimento do protestantismo, transformou-se num capítulo de interesse especial para as instituições eclesiais, para a teologia e para a sociologia da religião no Brasil (CÉSAR, 1973, p. 27).

O pentecostalismo do século 20 que chegou ao Brasil tem suas raízes associadas à comunidade negra. Esse movimento emergiu nos Estados Unidos com a figura de William Seymour e sua igreja, a Missão da Fé Apostólica, fundada em 1906. Entre os registros da época relacionados ao movimento liderado por Seymour, lemos:

As reuniões são realizadas num barracão caindo aos pedaços, na Rua Azusa, perto da Rua San Pedro. Ali, devotos das mais estranhas doutrinas praticam rituais próprios de fanáticos, pregam teorias extravagantes e tentam atingir, com o fervor que lhes é peculiar, um estado de excitação que beira a insanidade. Negros e uma pequena quantidade de brancos compõe a congregação, e à noite os uivos dos adoradores promovem um espetáculo medonho para a vizinhança. Eles passam horas balançando para a frente e para trás num enervante exercício de orações e súplicas. Eles alegam possuir o "dom de línguas" e se dizem capazes de entender aquela babel (Los Angeles Daily Times, 18 de abril de 1906, p. 1. Apud OWENS, 2009, p. 76)³.

Conforme a perspectiva apresentada por Mendonça e Velasques Filho (1990, p. 47), o movimento pentecostal moderno tem suas origens vinculadas ao movimento de "santidade", que, por sua vez, encontra suas raízes no conceito wesleyano de perfeição cristã como uma experiência separada da justificação. No centro desse movimento, destaca-se a Escola Bíblica de Topeka, onde Charles Pahrman defendia a crença de que o dom de línguas era um sinal evidente do batismo do Espírito Santo. Um dos discípulos de Pahrman, o pregador Seymour, ganhou notoriedade ao proclamar em Los Angeles, EUA, na igreja liderada pela evangelista Nelly Terry, que Deus concedia uma terceira bênção além da santificação, denominada

³ O pilar do pentecostalismo moderno advindo dos Estados Unidos é o que eles entendem por "dom de línguas" ou "línguas estranhas", o batismo com o Espírito Santo. Menzies (2020), no entanto, aponta que o pentecostes da Rua Azusa, com Seymour, é marcado, ainda, pelo compromisso com o evangelismo e as missões; a fé firme; a adoração entusiástica; a comunhão entre os fiéis; e a bíblia enquanto autoridade.

batismo no Espírito Santo. Contudo, Seymour enfrentou resistência e acabou sendo expulso da igreja. Diante disso, ele começou a conduzir reuniões em residências locais quando, durante uma dessas reuniões em abril de 1906, houve a manifestação do batismo do Espírito Santo, inicialmente experienciado por um menino de oito anos, seguido por outras pessoas (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 47).

No contexto brasileiro, a Comunidade Cristã do Brasil, fundada em 1910, teve um italiano como protagonista. Em seguida, em 1911, temos a fundação da Missão da Fé Apostólica, igreja que viria a tornar-se a Assembleia de Deus brasileira. Conforme apontado por Alencar (2018, p. 46), os missionários suecos Daniel Berger e Gunnar Vingren alcançam especialmente nordestinos que trabalhavam como seringueiros no Norte do Brasil. Ao revisar a história da chegada do pentecostalismo no Brasil. De acordo com Alencar, a igreja fundada em 1911 é fruto do ramo negro do pentecostalismo norte-americano (2018, p. 46). Samuel Valério (2020) identificou, ainda, uma terceira incursão do pentecostalismo no Brasil que ocorreu em 1912, com a fundação da Igreja Batista Sueca, no Rio Grande do Sul. Essa iniciativa foi liderada pelo missionário Erik Jansson. Em 1914, tanto a Assembleia de Deus quanto a IBS receberam apoio de colaboradores suecos, porém de diferentes líderes: a Assembleia de Deus contou com a ajuda do pastor Lewi Pethrus (1884-1974), pioneiro do pentecostalismo na Suécia e líder internacional do Movimento Pentecostal, enquanto a IBS recebeu auxílio do pastor Carl Svensson (VALÉRIO, 2020).

Do ponto de vista teológico, o pentecostalismo que chegou ao Brasil enfatizava a experiência direta e pessoal com o Espírito Santo, pessoa da Trindade Divina no Cristianismo. A experiência pentecostal é manifestada por meio do batismo no Espírito Santo, quando o fiel adquire o chamado dom de línguas que o permite falar um dialeto desconhecido em momento de êxtase (ARAÚJO, 2007, p. 118). Essa ênfase na experiência do Espírito Santo é central no movimento pentecostal e o difere da maioria das tradições protestantes, que podem enfatizar mais a teologia, a doutrina e a prática sacramental. No aspecto eclesial, o pentecostalismo geralmente adota uma estrutura congregacional, onde a autoridade é centralizada no pastor ou líder da igreja local (MARIANO, 2008, p.74). Essa estrutura dá ênfase à autonomia e à independência das igrejas locais, permitindo uma maior flexibilidade em termos de liderança e práticas de culto⁴.

⁴ Mariano destaca que é possível pensar que o governo congregacional da Assembleia de Deus concede autonomia às congregações locais por ser descentralizado, facultando autonomia religiosa e administrativa às lideranças e comunidades, mas "no caso da Assembleia de Deus, porém, suas lideranças ministeriais tendem a exercer o poder como bispos e pequenos papas" (MARIANO, 2008, p. 74).

As igrejas do pentecostalismo clássico carregam em sua teologia e práticas muitos elementos que são herança direta da Reforma Protestante. Isso ocorre porque a Reforma trouxe à tona princípios como a centralidade das Escrituras, a justificação pela fé e a ênfase na graça de Deus. Por isso, ao traçar uma tipologia do mundo protestante na matriz religiosa brasileira, Bittencourt Filho destaca as igrejas pentecostais pioneiras enquanto um terceiro grupo “eclesiástico evangélico no Brasil” (2003, p. 121), sendo considerado por ele como primeiro grupo as igrejas do protestantismo de missão, e, como segundo grupo, as igrejas do protestantismo migratório (2003, p. 122). Para colocar todas elas na mesma “família”, ele leva em consideração “a origem histórica dos grupamentos eclesiásticos” (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 121). Já Mendonça e Velasques Filho destacam que “o pentecostalismo nutre-se e cresce principalmente à custa do protestantismo” e que “sua *cellula mater* é o protestantismo” (1990, p. 235).

Assim, a Assembleia de Deus, embora não seja uma continuação direta dos movimentos reformistas europeus, é herdeira das convicções teológicas e da ênfase na relação pessoal com Deus que foram moldadas durante a Reforma. A centralidade da Bíblia como fonte de autoridade, a crença na salvação pela graça mediante a fé e a importância da vida piedosa são aspectos presentes na teologia e na prática das igrejas do pentecostalismo pioneiro no Brasil, o que pode ser verificado em documentos à exemplo da Declaração de Fé das Assembleias de Deus⁵ (SILVA, 2017). São os mesmos valores das Cinco Solas da Reforma Protestante, conjunto de frases em latim que, conforme aponta Ribeiro (2017, p. 76), sintetizam o espírito reformista:

Esta herança está assentada direta e indiretamente nas cinco frases em latim que sintetizam o sentido da Reforma Protestante: *Sola Gratia* (Somente a Graça), *Solus Christus* (Somente Cristo), *Sola Scriptura* (Somente a Escritura), *Sola Fide* (Somente a Fé) e *Soli Deo Gloria* (Glória somente a Deus). Todos estes princípios representam protesto e oposição aos ensinamentos da então dominante Igreja Romana, que, segundo os reformadores, teria monopolizado os atributos de Deus e os transferido para a Igreja e sua hierarquia, em especial para o Papa. (RIBEIRO, 2017, p. 76).

O pentecostalismo, com sua ênfase nos dons espirituais e nas línguas estranhas enquanto sinal do batismo com o Espírito Santo, adiciona a Reforma Protestante o seu *solus*

⁵ Mais de 100 anos após a sua fundação, em 2017 a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil lançou a Declaração de Fé das Assembleias de Deus. O texto, organizado por Esequias Soares da Silva, está dividido em 24 capítulos, um deles versando sobre a relação da igreja com o Estado. Um extrato do texto, chamado de “Cremos”, resume em 16 pontos as crenças tidas como fundamentais para a denominação, entre elas está a crença em Jesus como Deus, no batismo no Espírito Santo e no juízo final. Os 24 pontos da Declaração terminam por abraçar os cinco pontos fundamentais da Reforma Protestante.

spiritus sanctus, conforme cunham Oliveira e Terra (2018, p. 49)⁶. Portanto, ao analisarmos a origem e a natureza do pentecostalismo clássico, entendemos que ele não é diretamente fruto da Reforma Protestante, mas, ao mesmo tempo, é uma expressão do legado teológico e espiritual que essa reforma trouxe, o que inclui a Assembleia de Deus, igreja que se desenvolveu trazendo consigo elementos tanto do pentecostalismo quanto da tradição reformada.

No contexto brasileiro, a Assembleia de Deus é a igreja pentecostal com o maior número de fiéis em seus quadros de membros. Conforme aponta Alencar (2019), a identidade assembleiana pentecostal é definida em três períodos distintos no Brasil. O primeiro período, de 1911 a 1948, aborda o que ele chama de "iluminação do carisma" e inclui elementos como escolas bíblicas, a cidade de Belém do Pará, no Norte do País, como uma espécie de "Paris Tropical" e as influências do regime do Estado Novo. Nesse período inicial, os membros da Assembleia de Deus desempenhavam um papel fundamental na igreja. O ethos sueco dos fundadores promovia certa aversão à institucionalização, o que resultava em um caráter mais congregacional e descentralizado das igrejas, conferindo protagonismo aos fiéis. Além disso, havia um investimento significativo nos cultos domésticos, realizados nas residências devido à escassez de templos, e envolviam a participação de famílias inteiras. Outro aspecto marcante desse período era a pregação nas ruas e praças, com um caráter proselitista (ALENCAR, 2019).

O segundo período, que vai do final da década de 1940 até 1988, é marcado pelo avanço da tradição, com uma teologia de disciplina, uma ética americana com características brasileiras e uma mistura de modernização e conservadorismo. Nesse segundo período, observa-se um processo mais acentuado de institucionalização dentro da denominação. Surgem divisões internas e, nesse contexto, é estabelecida a Convenção Nacional das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB), que reúne ministérios assembleianos de todo o país (ALENCAR, 2019). É também nessa fase que emerge a figura do "pastor presidente" e da "igreja sede", evidenciando uma estrutura hierárquica mais centralizada. Além disso, ocorre uma diminuição da influência dos pastores suecos, ao passo que a influência norte-americana se intensifica.

⁶ Nos referimos aqui aos chamados "cinco solas", frases latinas, que teoricamente são uma síntese dos princípios da Reforma Protestante. São elas: Sola Scriptura (Somente a Escritura); Sola Fide (Somente a Fé); Sola Gratia (Somente a Graça); Solus Christus (Somente Cristo); e Soli Deo Gloria (Somente a Deus a Glória). Para Siqueira (2018), o único ponto em comum entre todas as denominações protestantes são, justamente, os "cinco solas", motivo pelo qual parte dos pesquisadores conclui que as igrejas pentecostais são herdeiras legítimas da Reforma, já que "o pentecostalismo está ligado intimamente" às ideias das cinco solas (SIQUEIRA, 2018, p. 128).

O terceiro período, a partir de 1988, abraça uma série de novos aspectos dessa identidade, com destaque para os templos-shoppings e a intensificação definitiva do envolvimento em disputas políticas. No terceiro período mencionado, evidenciam-se conflitos internos significativos. Segundo Alencar (2019), um exemplo é a expulsão do Ministério Madureira da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil. Nessa fase, observa-se uma transformação nas dinâmicas de transmissão de poder nos ministérios, onde há uma maior propensão ao favorecimento de membros da mesma família. Assim, ocorre a sucessão de liderança de pais para filhos ou genros. Sobre o tema, dispomos do importante trabalho realizado por Correa (2020), que investiga as chamadas dinastias assembleianas⁷. Sobre o pentecostalismo assembleiano brasileiro, Alencar destaca que

Apesar de vir dos Estados Unidos, não é trazido (nem sustentado e controlado por décadas, como são as demais igrejas evangélicas no Brasil) por americanos, mas por europeus marginalizados tanto em seus países de origem como nos Estados Unidos e Brasil. Portanto, ele se inicia como uma contracultura ao catolicismo dominante, e concorrente do protestantismo de missão, já nos Estados Unidos, além de uma série de disputas teológicas que nunca chegaram ao Brasil, vai se debater com algo mais grave, pois tem a pretensão de ser um grupo suprarracial, que desde o início se divide entre um white Pentecostalism e um black Pentecostalism, algo jamais acontecido no Brasil (ALENCAR, 2019, p. 49).

Desse modo, a história da Assembleia de Deus no Brasil vai sendo construída e marcada pela presença significativa de mitos. Conforme observado por Eliade, o ser humano religioso carrega consigo o desejo de “retornar periodicamente para trás, seu esforço para restabelecer uma situação mítica” (ELIADE, 2019, p. 82). Os mitos contam histórias sagradas e a sacralização de uma história passa necessariamente pela criação de um mito, no qual um personagem, seja ele uma divindade ou um herói com características divinas, desempenha um papel central. Assim, o mito se torna uma verdade absoluta, estabelecendo as bases de uma história, narrando sua fundação e como algo se tornou realidade, destacando a atividade e o movimento criativo, “o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta” (ELIADE, 2019, p. 84). A partir do mito, uma história é contada, descrevendo como algo surgiu devido a circunstâncias sobrenaturais, seja uma religião, uma instituição ou um comportamento.

⁷ Um extenso e valioso levantamento foi compilado e publicado por Correa (2020) investigando as dinastias assembleianas, termo que a pesquisadora cunha para explicar como a lógica empresarial tomou conta das Assembleias de Deus e abriu espaço para sucessões familiares de poder, tornando os ministérios da denominação em propriedade de famílias tradicionais. Ela investiga a criação da figura do “pastor presidente” e a forma como a política interna assembleiana foi sendo moldada ao longo das décadas até admitir o formato atual, permitindo que os ministérios sejam, também, negócios lucrativos dominados por pastores que são, quase que em sua totalidade, homens e brancos. “Dinastias Assembleianas: sucessões familiares nas igrejas das Assembleias de Deus no Brasil” foi publicado pela Editora Recriar.

Ao longo de sua trajetória, a Assembleia de Deus assumiu a responsabilidade de moldar sua própria narrativa e apresentar sua versão dos fatos e eventos, estabelecendo assim a sua história oficial, contada internamente dentro da instituição como que absolutamente verdadeira. A história oficial desempenha um papel importante na pacificação e organização harmoniosa dos elementos que a compõem. Ela é construída com o objetivo de conferir legitimidade ao seu objeto, oferecendo uma visão do passado que é recontada de forma cuidadosa, utilizando-se de mitos. Cada história oficial possui seus próprios mitos, envoltos em uma aura de imprecisão e mistério, de modo que esses mitos continuam exercendo influência no imaginário de seus seguidores, independentemente do tempo, lugar ou circunstâncias

A Assembleia de Deus possui sua própria história oficial, que não é necessariamente verdadeira ou real, mas é a forma como a instituição conta sua história e interpreta os fatos históricos a partir de suas crenças e julgamentos. A denominação possui seus próprios mitos especialmente porque eles eliminam o pensamento crítico. O mito não precisa fornecer explicações, ele se sustenta nos gloriosos momentos que supostamente ocorreram ou foram promovidos. Embora os missionários europeus Daniel Berg e Gunnar Vingren sejam pessoas reais, a história contada pela Assembleia de Deus sobre a vida de seus pioneiros estabelece-os como mitos. Toda essa atmosfera auroral que o controle da narrativa assembleiana faz de sua própria história leva Alencar (2019) a tratar dos mitos fundantes da Assembleia de Deus apontando para suas hagiografias, justificando que as histórias contadas sobre a vida desses líderes da denominação narram acontecimentos de modo épico, sem comprovações históricas e de forma excessivamente perfeitas.

O uso do termo "Assembleia de Deus" em terras brasileiras, por exemplo, é cercado de mitos. Conforme Correa (2018, p. 50), é equivocado acreditar que o nome "Assembleia de Deus" tenha sido criado no Brasil, como sugerem relatos sem apuração acadêmica resultantes de uma reinterpretação da história por membros da denominação. De acordo com a pesquisa de Correa, o termo foi estabelecido nos Estados Unidos em 1914, quando aproximadamente 300 pentecostais de diferentes denominações se uniram para formar uma única igreja. Nessa ocasião, optou-se pelo nome "Assembly of God", que já era utilizado por uma igreja liderada pelo pastor Thomas King Leonard desde 1912, em uma comunidade pentecostal de Ohio. No Brasil, Gunnar Vingren e Daniel Berg, considerados os fundadores da Assembleia de Deus e que estabeleceram a "Missão da Fé Apostólica", receberam em 1914 a visita de um casal de missionários suecos vindos dos Estados Unidos. Segundo a pesquisa de Correa, é plausível

que esse contato tenha influenciado na mudança de nome da igreja brasileira para "Assembleia de Deus".

A história da Assembleia de Deus no Brasil é fundamental quando se investiga o pentecostalismo no país. No entanto, e em que pese ser a Assembleia de Deus a maior denominação pentecostal do país, ela não é a única. É importante destacar essa questão porque já não falamos mais em pentecostalismo, no singular, mas em pentecostalismos, no plural⁸. Alencar (2019, p. 61) concorda com Campos (1995, p. 27) ao tratar o pentecostalismo no plural já que, conforme aponta Dreher, o movimento assume várias faces desde sua gênese (1999, p. 186). Ao abordarmos o pentecostalismo, devemos considerar sua diversidade de expressões. Conforme aponta Correa, “o pentecostalismo é um termo amplo que inclui uma vasta gama de diferentes perspectivas teológicas e organizacionais” (2018, p.41).

1.2 Mensageiro da Paz: a caneta pentecostal faz da comunicação impressa arma da Assembleia de Deus

A mídia impressa, no contexto do pentecostalismo no Brasil e no mundo, assume uma relevância significativa na disseminação e fortalecimento das práticas e valores evangélicos. Desde a chegada desse movimento religioso ao país, a mídia impressa tem sido utilizada como uma ferramenta estratégica para converter novos fiéis e instruir os adeptos já existentes. A mídia impressa enquanto meio para consolidar o ideal e a doutrina evangélica é uma estratégia antiga no Brasil, conforme aponta Farjado (2015, p. 131). Os folhetos e outros materiais impressos têm desempenhado um papel fundamental na construção da identidade pentecostal brasileira, contribuindo para a formação de uma consciência coletiva dentro da comunidade da Assembleia de Deus. Há que se ressaltar a importância da escrita quando da chegada das ADs ao Brasil:

Em um país continental, onde os meios de comunicação eram ainda muito precários, as vias de deslocamento rudimentares e a maioria das viagens eram realizadas pelo litoral, um jornal se constituía naquilo que havia de mais moderno em termos de comunicação, nas primeiras décadas do século XX (COSTA, 2019, p. 139).

⁸ Bittencourt (2003) aponta que há uma diversidade de pentecostalismos e que essa diversidade não se prende apenas ao leque de denominações das igrejas, mas também há diversidade social interna. Oliveira e Terra (2018) destacam que o movimento é plural e perpassado por idiosincrasias teológicas e litúrgicas. Correa (2018) também destaca que dentro do movimento pentecostal há uma gama de pentecostalismos, no plural, incluindo uma vasta gama de diferentes perspectivas teológicas e, ainda, organizacionais.

Já havia, antes do pentecostalismo, outros periódicos evangélicos no Brasil, como aponta Alencar (2019, p. 138)⁹. Conforme argumentado por Araújo (2007), durante o início do século XX, a maioria dos grupos pentecostais emergentes reconheceu a página impressa como o meio mais eficiente para alcançar um público mais amplo. Nesse período, as opções de comunicação em massa eram limitadas, pois a televisão ainda não estava disponível e o uso do rádio era restrito. Diante dessa realidade, os pentecostais encontraram na mídia impressa uma ferramenta valiosa para disseminar sua mensagem e alcançar novos seguidores. Naquele momento,

O foco da antiga mídia impressa pentecostal podia ser dividido em seis amplas categorias, com uso especializado suplementar quando necessário: evangelismo; doutrinação; divulgação dos distintivos (cura divina, santificação, batismo no Espírito Santo, dons do Espírito Santo, outras doutrinas e práticas); literatura inspiracional; promocional; e auxílios aos líderes (ARAÚJO 2007, p. 635).

A primeira evidência de um jornal impresso no contexto pentecostal brasileiro remonta a 1917, em Belém do Pará, com a publicação do periódico intitulado "Voz da Verdade" (ARAÚJO, 2007). No entanto, é importante ressaltar que essa publicação não era um órgão oficial da Assembleia de Deus e servia como um veículo de comunicação para diversas denominações pentecostais da região. A impressão e distribuição do jornal eram financiadas por meio de contribuições voluntárias dos fiéis. Segundo relata Araújo, o expediente do periódico continha uma nota explicativa que afirmava que as despesas relacionadas à sua publicação estavam “confiadas ao Senhor Jesus, que orientaria seus servos a contribuírem para esse propósito” (2007, p. 908). Apesar de sua curta duração, com apenas dois meses de circulação, o "Voz da Verdade" representa o marco inicial no uso da mídia impressa no meio pentecostal brasileiro.

O primeiro periódico oficial das Assembleias de Deus no Brasil, denominado "Boa Semente"¹⁰, foi estabelecido em dezembro de 1918 na cidade de Belém do Pará por Gunnar e Frida Vingren, missionários suecos (ARAÚJO, 2007, p. 133). O jornal viu sua primeira edição ser publicada em janeiro de 1919 e encerrou suas atividades em novembro de 1930. O

⁹ O jornal “Imprensa Evangélica”, presbiteriano, data de 1864 enquanto que “O Puritano”, também presbiteriano, começou a circular em 1889. O “Jornal Batista” teve início em 1901.

¹⁰ Importantíssimo, aqui, destacar o relevante trabalho da Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (RELEP). O grupo se apresenta como uma instância continental de produção e difusão de pesquisas sobre os pentecostalismos observados na América Latina e é formado por acadêmicos que realizam pesquisas em mestrados e doutorados. O grupo disponibilizou em uma biblioteca virtual on-line centenas de números dos jornais "Boa Semente" e Mensageiro da Paz, todos digitalizados dos originais, possibilitando uma série de pesquisas em todo o Brasil e no mundo. Esta pesquisa acadêmica só foi possível também graças à disponibilização e democratização deste acervo.

"Boa Semente" desempenhava um papel de circulação nacional e representava todas as Assembleias de Deus no território brasileiro. Inicialmente, Frida Vingren assumiu a responsabilidade de redigir os conteúdos do jornal. No entanto, em 1923, a direção editorial foi transferida para Samuel Nystrom, também missionário sueco, enquanto os Vingren partiram para pastorear uma igreja no Rio de Janeiro. Durante esse período de transição, Frida Vingren manteve sua contribuição ao "Boa Semente". Entretanto, ela começou a enfrentar obstáculos devido à postura patriarcal e sexista adotada por Nystrom¹¹. Como evidenciado em um artigo publicado na edição de outubro de 1929 do jornal "Boa Semente" (BOA SEMENTE, 1929, p. 7), a liderança de Nystrom no jornal se caracterizou por uma oposição à participação das mulheres em funções equiparadas às dos homens na igreja, sustentando que tal envolvimento contrariava preceitos bíblicos tidos como naturais. O artigo, "O serviço das irmãs na igreja", defende que as mulheres tenham uma "tarefa defefinida dentro das linhas traçadas na Escriptura" (BOA SEMENTE, 1929, p. 7). Essa postura de Nystrom criou um ambiente desafiador para Frida Vingren, que atuava ativamente na pregação e no ensino, tornando-a alvo de uma série de tentativas por parte de Nystrom de minar sua participação e influência.

Conforme observações registradas por Araújo (2017), Samuel Nystrom empreendeu uma jornada desde Belém do Pará, onde exercia seu papel pastoral, até o Rio de Janeiro, onde residiam Gunnar e Frida Vingren. O propósito dessa viagem era estabelecer um diálogo direto com Gunnar, com o intuito de persuadi-lo a não apoiar a posição de sua esposa Frida em relação às responsabilidades das mulheres na liderança da igreja. Contudo, essas negociações não culminaram em um acordo consensual, levando Nystrom a iniciar uma campanha de recrutamento entre os que compartilhavam de sua perspectiva contrária à participação das mulheres nas funções eclesíásticas.

Em uma segunda visita, ocorrida em 1929, Samuel Nystrom foi acompanhado por Daniel Berg, um dos pioneiros das Assembleias de Deus ao lado de Gunnar Vingren. Nesse

¹¹ A origem marginalizada sueca-nordestina das Assembleias de Deus é um dos principais - senão o principal - fatores que contribuíram para a postura conservadora da denominação. Freston (1994b) fala do "ethos sueco-nordestino" para elaborar esse pensamento. Ele diz que a "Assembléia de Deus tem um ethos sueco-nordestino. Começou com os nórdicos e passou para os nordestinos. Sem entender as marcas dessa trajetória, não se entende a Assembléia de Deus" (Freston, 1994b, p. 76). Alencar (2000) também retoma essa linha de pensamento. A fase de nacionalização da Assembleia de Deus coincidiu com um período em que a igreja possuía uma forte presença nas regiões Norte e Nordeste, o que desempenhou um papel significativo na consolidação de uma identidade que persiste até os dias atuais. Dessa forma, o *ethos* da denominação traz as características de duas origens distintas: por um lado, a influência da experiência sueca nas primeiras décadas do século, marcada pela marginalização cultural; por outro lado, a influência da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte e Nordeste entre as décadas de 1930 e 1960.

momento, ocorreu uma ruptura definitiva entre Gunnar Vingren e Samuel Nystrom. Segundo registros presentes nos diários de Gunnar Vingren, conforme citados por Araújo (2017, p. 104), Gunnar mencionou: "separamo-nos em paz, mas para não trabalhar mais juntos." A partir desse rompimento entre Gunnar Vingren e Samuel Nystrom, surgiu o segundo periódico oficial das Assembleias de Deus, intitulado "O Som Alegre", lançado no Rio de Janeiro pelo casal Vingren. É relevante notar que tanto o jornal "Boa Semente" quanto o "Som Alegre" circulavam concomitantemente. Entretanto, nas primeiras edições do "Som Alegre," é possível observar a ausência do endereço da igreja localizada em Belém do Pará, liderada por Nystrom, na lista de endereços das Assembleias de Deus brasileiras. Essa omissão pode ser interpretada como um reflexo do rompimento entre Vingren e Nystrom, evidenciando as tensões e desavenças existentes entre os líderes da Assembleia de Deus naquele período. A exclusão do endereço da igreja de Belém do Pará no "Som Alegre" pode ter sido uma forma de sinalizar a independência e autonomia dos Vingren em relação à liderança de Nystrom.

A circulação simultânea dos jornais "Boa Semente" e "Som Alegre" gerou um ambiente hostil e competitivo entre eles. Enquanto o "Boa Semente" alcançava maior relevância nas regiões Norte e Nordeste, o "Som Alegre" ganhava destaque entre os fiéis do Sudeste (ARAÚJO, 2007, p. 457). Samuel Nystrom passou a utilizar o "Boa Semente" como um instrumento doutrinário, enfatizando a disseminação de ensinamentos específicos da denominação. Por outro lado, o "Som Alegre" assumia um caráter mais evangelístico, buscando alcançar novos convertidos. Nesse contexto, em que ainda não havia uma convenção oficial, as Assembleias de Deus se viam com dois veículos de comunicação, e ambos reivindicavam ser o jornal oficial da denominação (ARAÚJO, 2007, p. 457).

Essa situação evidencia a fragmentação e a falta de unidade no seio das Assembleias de Deus no período em questão. A existência simultânea de dois jornais, cada um com sua proposta editorial e alcance geográfico específico, contribuiu para a polarização e o embate entre diferentes lideranças e grupos dentro da denominação. A ausência de uma convenção que definisse claramente qual jornal seria o oficial da Assembleia de Deus intensificou a disputa e a busca pelo reconhecimento como o veículo legítimo da denominação. Esse contexto de dualidade e rivalidade comunicacional reflete as complexidades e os desafios enfrentados pela igreja na consolidação de sua identidade e organização institucional.

Ao examinarmos os acontecimentos que permearam a relação entre os Vingren e os demais membros da denominação, podemos inferir que Frida Vingren, por meio de sua postura firme, desempenhou um papel fundamental na criação da Convenção Geral das

Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Em 1930, após o "Boa Semente" publicar sobre a urgente necessidade de uma convenção geral, os pastores, todos homens, se reuniram em assembleia na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte (ARAÚJO, 2007, p. 209). A pauta discutia a questão dos dois jornais oficiais em circulação e também o envolvimento das mulheres na igreja. Na prática, a postura de Frida gerou controvérsias entre os pastores, que buscaram limitar sua influência. No entanto, a existência do jornal nas mãos de Frida dificultava essa tarefa. A criação do jornal "O Mensageiro da Paz" resultou justamente da fusão entre o "Boa Semente" e "O Som Alegre", portanto, de maneira conflituosa, atendendo a necessidades políticas.

Inicialmente, Frida Vingren continuou publicando artigos e contribuindo para o novo jornal. No entanto, após uma série de novos percalços envolvendo várias tramas, especialmente por parte de pastores nordestinos¹² aliados a Samuel Nystrom, Gunnar Vingren recebeu um telegrama da Suécia em novembro de 1931, solicitando que ele entregasse a direção do jornal. Na edição da segunda quinzena de dezembro de 1931, Gunnar Vingren expôs o fato de que havia um acordo entre ele e Nystrom quanto ao funcionamento do jornal. Foi publicado o seguinte texto:

A fim de que todos fiquem sabendo a realidade concernente ao Mensageiro da Paz, quero fazer a seguinte declaração. Ficou resolvido na Convenção Geral dos Obreiros, realizada na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, em setembro de 1930, que o novo órgão das Assembleias de Deus no Brasil, o Mensageiro da Paz, seria dirigido pelos irmãos Samuel Nyström e o abaixo assinado. Também que o mesmo ficaria sendo redigido no Rio de Janeiro. E, particularmente, eu e o irmão Samuel Nyström combinamos duas coisas, as quais quero deixar escritas aqui. A primeira foi que a resolução tomada em Convenção a respeito de que o Mensageiro da Paz ficasse sendo redigido no Rio de Janeiro teria valor entre nós, diretores, durante o tempo em que eu ficasse trabalhando nesse campo, isto é, no Rio de Janeiro. A segunda combinação foi que a irmã Frida Vingren ficasse trabalhando na Redação do novo órgão da mesma maneira que trabalhava com o extinto O Som Alegre. Pela verdade do que escrevi aqui, eu me responsabilizo. Segundo estas combinações, temos trabalhado durante todo este ano que está para terminar. Agora, pedimos as orações de todos os irmãos que amam o trabalho do Senhor nesse sentido. Que Deus dirija para o próximo ano todas as coisas concernentes ao jornal. Queremos, em tudo, que a vontade e a direção do Senhor prevaleçam. Com a vontade de Deus, estamos prontos a nos conformar. Declaro também que o meu ardente desejo, pela graça de Deus, posso afirmar, sempre foi, é e será de trabalhar em harmonia com todos os meus amados irmãos no Brasil, em favor da obra gloriosa do Mestre. Vosso no Senhor, Gunnar Vingren (VINGREN, 1931, p. 11).

Sobre o fim da participação do casal Vingren no Mensageiro da Paz, lemos:

¹² Há registros de uma carta enviada por um grupo de pastores do Nordeste a Lewi Pethrus, que estava na Suécia, citando nominalmente Frida Vingren e afirmando que "todos os ministros do Senhor Jesus" protestavam contra a postura dela. Eles ameaçam dizendo que se a situação não fosse controlada, haveria um "levante" e defendem Samuel Nystrom ao destacar que, caso ele deixasse o Brasil por conta dos problemas com Frida, o ambiente poderia ficar ainda mais problemático. Os registros foram divulgados por meio do arquivo de pesquisa de Norell (2011). A carta data de abril de 1931.

Havia um desentendimento entre os missionários e os pastores nacionais envolvendo Frida, Vingren e a direção do jornal Mensageiro da Paz. Por conta disso, nessa época o relacionamento entre Vingren e Samuel Nystrom ficara estremeado, havendo troca de correspondências contendo acusações e ameaças. Em 2 de janeiro de 1932, Vingren mandou um telegrama para Nyström dizendo "Recebestes carta. Resolvi outra coisa. Entrega jornal. Mando pra aí" No dia seguinte, Vingren mandou um telegrama para o pastor Lewi Pethrus informando: "Jornal entregue". Na semana seguinte, dia 6 de janeiro, Vingren recebeu uma carta de Nyström o ameaçando. Vingren escreveu em sua agenda: "Recebi uma carta feia do irmão Samuel Nystrom... O Senhor tenha compaixão dele". Dois dias depois, Vingren escreveu carta para Pethrus a respeito das acusações de Nystrom contra ele (ARAÚJO, 2017, p. 144).

A vitória de Nystrom sobre Frida Vingren e seu companheiro "implantou uma cultura de exclusão da mulher no protagonismo das ADs no Brasil, reduzindo-as, até há pouco tempo, a simples esposas de pastores, invisibilizadas na história social" (COSTA, 2019, p. 118). Em que pese Gunnar Vingren ser, até aquele momento, o líder da Assembleia de Deus no Brasil, ele não teve força o suficiente contra Samuel Nystrom, burocrata e adepto de uma cultura patriarcal, enviado pela Igreja Filadélfia de Estocolmo. A diversidade e a alteridade pregada pelo movimento pentecostal, que toma por base o texto bíblico de Atos 2 ao falar sobre a descida do Espírito Santo sem distinguir raça, nacionalidade ou gênero, não ficou nem mesmo no papel, já que nem a escrita foi permitida a Frida¹³.

A criação do Mensageiro da Paz decorreu de uma disputa interna na denominação Assembleia de Deus, envolvendo questões políticas e de gênero. O missionário sueco Samuel Nystrom, responsável pela institucionalização da igreja fundada por Gunnar Vingren, buscou estabelecer uma identidade para a denominação. A escrita desempenhou um papel fundamental nesse processo de construção identitária, e sua relevância para a presente pesquisa reside na constatação de que essa mesma estratégia foi utilizada posteriormente, durante a década de 1980¹⁴.

¹³ A história de Gunnar e Frida Vingren é um capítulo à parte que merece ser estudado. Eles foram alvo de uma série de emboscadas armadas pelas lideranças assembleianas no intuito de enfraquecê-los. As investidas tiveram sucesso. Ambos terminaram tendo que deixar o Brasil. A Assembleia de Deus e a CGADB tentam controlar a narrativa histórica da denominação romantizando esses percalços ou mesmo os escondendo. Há, no entanto, uma série de pesquisas acadêmicas que ajudam a montar o quebra-cabeças dessa história. Entre literaturas oficiais da denominação e pesquisas, recomendamos alguns autores como Alencar (2019); Correa (2020); Costa (2019); Daniel (2004); Araújo (2017); Vilhena (2016).

¹⁴ Além do jornal Mensageiro da Paz, a Assembleia de Deus também faz uso de outros impressos com o intuito de construir e solidificar a sua identidade, a exemplo das Lições Bíblicas utilizadas na Escola Dominical e mesmo o hinário oficial da instituição, a Harpa Cristã, conforme aponta Costa (2019, p. 137).

1.3 Ascensão Divina: o crescimento dos evangélicos no Brasil impulsionado pelo Pentecostalismo assembleiano

De acordo com as crenças contadas pelos assembleianos, a disseminação da igreja no Brasil é atribuída ao "sopro divino" do Espírito Santo. No entanto, esse vento pode não ter sido apenas uma manifestação celestial, mas uma refrescante brisa proveniente das folhagens das árvores seringueiras do Norte do Brasil. Após o declínio do ciclo da borracha, muitos desses trabalhadores retornaram às suas regiões de origem:

Essa movimentação populacional permitiu que as crenças pentecostais se espalhassem rapidamente nas três décadas posteriores à fundação das ADs, primeiro para o Nordeste, depois para as regiões Sudeste e Sul do País. Nesse sentido, muitos migrantes que passaram pela conversão ao pentecostalismo na cidade de Belém do Pará levaram consigo um elemento que as políticas econômicas, sanitárias e racistas da belle époque não poderiam lhes expropriar: um novo estilo de vida e uma nova concepção de mundo, um novo *ethos*, pautado numa perspectiva resignada de que todo o sofrimento do presente momento se tornaria em recompensa em uma vida no Além e que essa concepção deveria ser propagada, primeiro para seus familiares e, de forma concomitante, para todos os homens. Tanto é, que as ADs foram criadas nos diversos estados a partir de um pequeno núcleo já existente - uma família ou duas no máximo - de pessoas que haviam recebido a mensagem através de parentes que passaram pela experiência pentecostal em Belém do Pará, no fluxo e refluxo das migrações (COSTA, 2019, p. 77).

Segundo Costa (2019, p. 77), a migração e a urbanização desempenharam um papel significativo no sucesso e crescimento acelerado do pentecostalismo no Brasil. Esse fenômeno pode ser observado, por exemplo, no contexto inicial da presença do movimento pentecostal no país, quando, no início do século XX, a cidade de Belém do Pará atraiu trabalhadores de diversas regiões do Brasil devido ao ciclo econômico da borracha.

Por muito tempo, a Igreja Católica deteve um virtual monopólio religioso, ao ponto de ser a única instituição religiosa oficialmente reconhecida até o início da República brasileira (FREESTON, 1994b, p. 18). O Brasil registrou seu primeiro censo demográfico em 1872. Na ocasião, os dados revelaram que aproximadamente 99,7% dos 9,9 milhões de habitantes eram seguidores da fé católica (IBGE, 1874). É notável observar, no entanto, que a maioria dos escravos e indígenas foi categorizada como católica neste censo (BISSIGO, 2014). Um pequeno percentual de cerca de 0,1%, equivalente a cerca de 10 mil pessoas, foi registrado como evangélico, especialmente os migrantes europeus provenientes de países protestantes que chegaram ao Brasil. Já os dados do censo de 1970, quando a população brasileira era de 93,1 milhões de habitantes, 85,5 milhões eram católicos (91,8%). Os evangélicos eram, então,

4,8 milhões (IBGE, 1970). Os demais professavam outras religiões ou não possuíam filiação religiosa.

Nas décadas subsequentes, observou-se uma acelerada redução no percentual de católicos no Brasil. Em 1991, o número de católicos era de 121,8 milhões, representando 83% da população. Esse percentual diminuiu para 73,6% em 2000, com 124,9 milhões de católicos, e continuou a declinar, atingindo 123,3 milhões em 2010, 64,6% da população. Assim, o número absoluto de católicos alcançou seu ponto máximo no censo de 2000, e em 2010, pela primeira vez, registrou-se uma diminuição desse índice. Concomitantemente, entre 1991 e 2010, os evangélicos apresentaram um crescimento anual médio de 0,63%. Todos estes cálculos foram realizados por meio dos Censos oficiais disponibilizados pelo IBGE. Eles podem ser acessados on-line, gratuitamente, e estão devidamente citados nas referências bibliográficas desta tese. Estes dados assumem uma relevância significativa para o desenvolvimento da presente tese, pois observa-se, como demonstraremos nos próximos capítulos, que o pentecostalismo assembleiano brasileiro adotou uma abordagem de discurso anti-católico como estratégia para promover seu crescimento no âmbito político, pensamento defendido também por Alencar (2019, p. 17) que chama à atenção para o fato de um grupo minoritário que visa tomar o lugar daquele majoritário.

Essa constatação sustenta a importância do estudo posterior e aprofundado sobre essa temática. Com base na análise do censo demográfico de 2010, Alves Fernandes (2013, p.120) observou que a taxa de crescimento da população católica no Brasil é constantemente inferior à taxa de crescimento populacional em cada região do país. Em contrapartida, o segmento evangélico apresenta um crescimento acima das taxas de crescimento populacional.

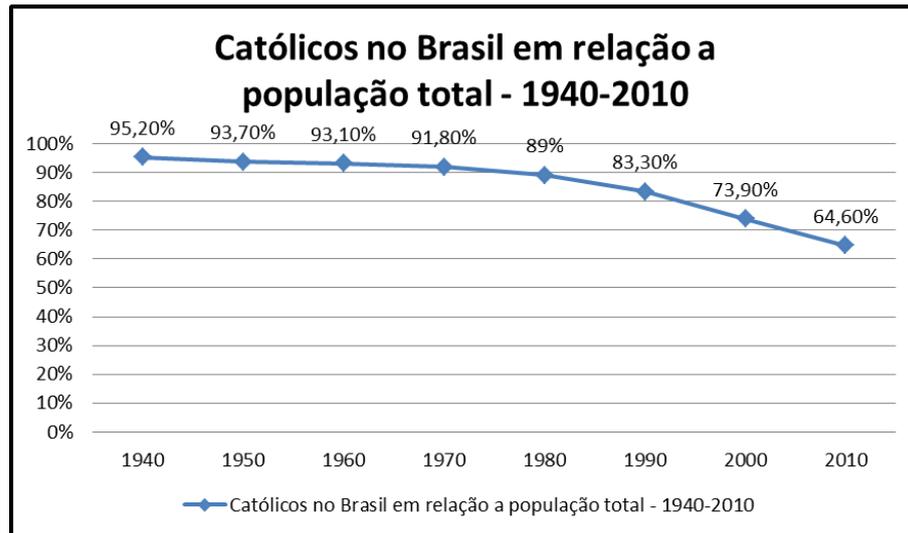


GRÁFICO 1 - DECLÍNIO DA POPULAÇÃO CATÓLICA NO BRASIL DE ACORDO COM DADOS DO IBGE

Neste ponto do texto, cabe-nos trazer um panorama sobre a presença do protestantismo e do pentecostalismo no Brasil. Os dados que traremos aqui são os oficiais do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. Para tanto, usaremos as terminologias adotadas pelo Censo. Neste caso, sempre que nos referirmos aqui ao termo “evangélico”, estaremos tratando do grande grupo que o IBGE trabalha para os fins de seus levantamentos. Esse grande grupo possui uma série de subdivisões, que, juntas, caracterizam a população evangélica brasileira¹⁵.

Na década de 1940, a presença dos evangélicos na sociedade brasileira era notavelmente limitada, compreendendo uma parcela inferior a 3% da população total. No entanto, ao longo das décadas subsequentes, esse número experimentou um crescimento gradual e contínuo, conforme ilustrado no gráfico abaixo. Esse aumento progressivo pode ser confirmado pela análise dos dados do IBGE. Já nos primeiros anos do século XXI, o censo

¹⁵ O Censo 2010 do IBGE adotou o guarda-chuva "Evangélicos" para os seguintes grupos: 1) não determinado; 2) Missionários, que se dividem em 2.1 adventistas, 2.2 batistas, 2.3 congregacionais, 2.4 luteranos, 2.5 metodistas, 2.6 presbiterianos, 2.7 outros; 3) pentecostais, que se dividem em 3.1 comunidade evangélica, 3.2, evangélica renovada não determinada, 3.3 Assembléia de Deus, 3.4 Casa da bênção, 3.5 Congregação cristã do Brasil, 3.6 Deus é amor, 3.7 Igreja do Evangelho Quadrangular, 3.8 Maranata, 3.9 Nova vida, 3.10 O Brasil para Cristo, 3.11 Igreja universal do reino de deus, 3.12 outras. Quando às outras religiões, o Censo 2010 ainda pesquisou seguidores dos seguintes grupos: 1) budismo; 2) candomblé; 3) católicos apostólicos brasileiros; 4) católicos apostólicos romanos; 5) católicos ortodoxos; 6) espíritas; 7) espiritualistas; 8) hinduístas; 9) Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; 10) Islamismo; 11) Judaísmo; 12) Testemunhas de Jeová; 13) tradições esotéricas; 14) tradições indígenas; 15) Umbanda; 16) Umbanda e candomblé (citam professar as duas tradições ao mesmo tempo); 17) outras declarações de religiosidades afrobrasileira; 18) novas religiões orientais, que se dividem em 18.1 Igreja Messiana Mundial, 18.2 outras; 19) outras religiões orientais; 20) outras religiosidades; 21) outras religiosidades cristãs; 22) não sabe; 23) não determinada e múltiplo pertencimento, que se divide em 23.1 declaração de múltipla religiosidade, 23.2 religiosidade não determinada ou mal definida. Por fim, há, ainda, o grupo sem religião, que se divide entre os agnósticos, ateus e sem religião.

indicava que pouco mais de 15,4% dos brasileiros declaravam-se seguidores de alguma denominação evangélica, o que equivalia a mais de 26 milhões de indivíduos. A tendência de crescimento do segmento evangélico persistiu nas décadas seguintes, culminando em um número de fiéis superior a 42 milhões de indivíduos em 2010, representando uma proporção de mais de 22% da população total. Esses dados, que apresentam um crescimento significativo no número de fiéis, nos leva a destacar o notável avanço do segmento evangélico ao longo do tempo, evidenciando, por conseguinte, seu crescimento substancial tanto em termos de adeptos quanto em sua crescente representatividade no contexto religioso brasileiro.

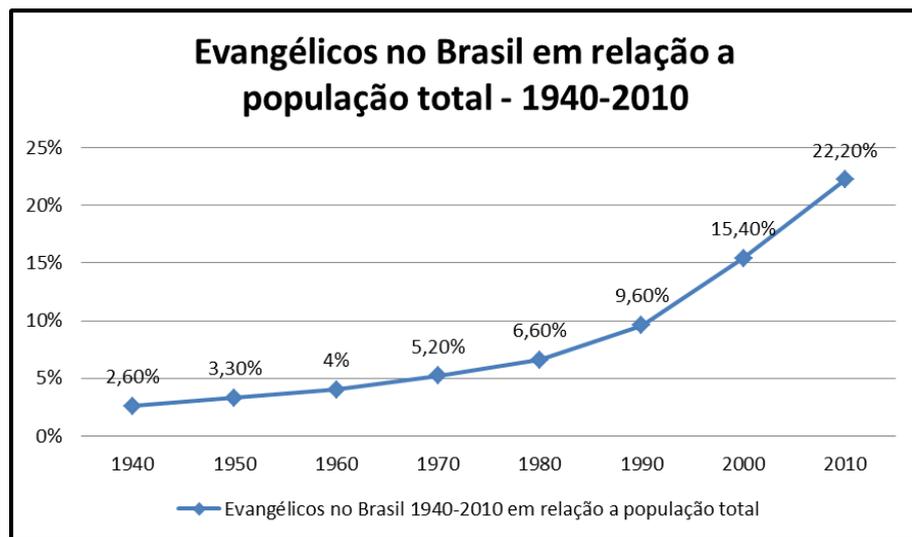


GRÁFICO 2 - CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO EVANGÉLICA NO BRASIL DE ACORDO COM DADOS DO IBGE, INCLUINDO PROTESTANTES DE IMIGRAÇÃO, MISSÃO E PENTECOSTAIS

Outro aspecto de suma importância ao analisar os dados do IBGE é a constatação de que o fenômeno do crescimento evangélico no Brasil não ocorre de maneira homogênea em todas as regiões do país. Há variações significativas entre as diferentes regiões, o que merece destaque. Para fundamentar estas informações, fizemos um levantamento do número de evangélicos no Brasil região por região ao longo de décadas. Chegamos aos resultados apresentados na tabela abaixo:

| | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 | 2000 | 2010 |
|---------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| BRASIL | 2,6 | 3,3 | 4,0 | 5,16 | 6,6 | 9,57 | 15,4 | 22,2 |
| NORTE | 1,2 | 1,9 | 3,01 | 4,8 | 8,43 | 12,16 | 19,8 | 28,5 |
| NORDESTE | 0,73 | 1,3 | 1,79 | 2,55 | 3,4 | 5,54 | 10,3 | 16,4 |
| SUDESTE | 2,3 | 3,24 | 4,24 | 5,47 | 7,11 | 10,71 | 17,5 | 24,6 |
| SUL | 8,92 | 8,92 | 8,09 | 8,88 | 10,17 | 12,17 | 15,5 | 20,2 |
| CENTRO-OESTE | 1,3 | 2,1 | 3,43 | 5,45 | 7,8 | 11,43 | 18,9 | 26,9 |

TABELA 1 - LEVANTAMENTO DO CRESCIMENTO PERCENTUAL DE EVANGÉLICOS NO BRASIL DE 1940 A 2010, POR REGIÃO, COM BASE NOS DADOS DO IBGE

Com base nestes dados, observa-se que a região Sul tem consistentemente apresentado índices superiores à média nacional em relação ao número de adeptos do segmento evangélico. Enquanto a média nacional registrava 2,6% dos brasileiros declarando-se evangélicos na década de 1940, na região Sul esse número era mais de três vezes maior, atingindo quase 9% da população. Em contrapartida, no Nordeste do país, os evangélicos contavam com apenas 0,7% de seguidores durante o mesmo período. Já durante a década de 1960, tanto o Sul quanto o Sudeste começaram a registrar proporções de evangélicos superiores à média nacional, que era de 4%. Nesse período, enquanto o Sul apresentava uma taxa de 8% e o Sudeste de 4,2%, o Nordeste mostrava-se significativamente abaixo da média nacional, com apenas 1,79% da população declarando-se evangélica.

Na década de 1980, a região Norte juntou-se ao Sul e Sudeste ao apresentar números superiores à média nacional. No censo de 1991, pela primeira vez, o Nordeste foi a única região do país em que a porcentagem de evangélicos era inferior à média nacional. Naquela época, 9,57% dos brasileiros eram fiéis de alguma igreja evangélica. O Norte registrava um índice de 12% da população, o Sudeste 10,7%, o Sul 12%, o Centro-Oeste 11,4% e o Nordeste apenas 5,5%. No censo demográfico de 2010, o Nordeste se destacou como a única região do Brasil que contava com uma proporção de fiéis evangélicos inferior a 20%. Essa constatação sugere que o crescimento contínuo observado na média nacional é resultado, principalmente, do expressivo número absoluto de evangélicos presentes em outras regiões, como o Norte, onde aproximadamente 30% da população já se declarava adepta de alguma igreja evangélica em 2010.

Dessa forma, a análise dos dados evidencia a persistente discrepância regional em relação ao crescimento evangélico no país, destacando o desafio específico que a região Nordeste representa para as lideranças evangélicas brasileiras. Essa assimetria regional no panorama religioso do Brasil reforça a necessidade de se compreender os fatores históricos, sociais e culturais que influenciam essa dinâmica, a fim de uma compreensão mais abrangente

do fenômeno religioso no contexto nacional. Os números revelam a heterogeneidade do crescimento evangélico no país, com diferentes regiões apresentando variações expressivas nas proporções de fiéis. Essa análise regionalizada é de fundamental importância para compreender as dinâmicas sociais, culturais e religiosas que influenciam o desenvolvimento e a disseminação do segmento evangélico no Brasil.

Outro fator importante e que merece registro é o fato de que o crescimento evangélico no Brasil é impulsionado pelas igrejas pentecostais. E, dentro do grupo pentecostal, destaca-se a Assembleia de Deus. Em 2010, dos mais de 42 milhões de evangélicos identificados pelo Censo, mais de 25 milhões eram pentecostais e, destes, 12 milhões eram da Assembleia de Deus, conforme verificamos no quadro abaixo:

| EVANGÉLICOS NO BRASIL - 2010 | 42.275.440 |
|-------------------------------------|-------------------|
| Não determinada | 9.218.129 |
| Missionária | 7.686.827 |
| Adventista | 1.561.071 |
| Batista | 3.723.853 |
| Congregacional | 109.591 |
| Luterana | 999.498 |
| Metodista | 340.938 |
| Presbiteriana | 921.209 |
| Outras | 30.666 |
| Pentecostal | 25.370.484 |
| Comunidade evangélica | 180.130 |
| Evangélica renovada não determinada | 23.461 |
| Assembléia de Deus | 12.314.410 |
| Casa da bênção | 125.550 |
| Congregação cristã do Brasil | 2.289.634 |
| Deus é amor | 845.383 |
| Igreja do Evangelho Quadrangular | 1.808.389 |
| Maranata | 356.021 |
| Nova vida | 90.568 |
| O Brasil para cristo | 196.665 |
| Igreja universal do reino de deus | 1.873.243 |
| Outras | 5.267.029 |

TABELA 2 - LEVANTAMENTO DO NÚMERO DE PESSOAS QUE SE AUTO-DECLARAM EVANGÉLICAS NO BRASIL COM BASE NOS DADOS DO IBGE EM 2010

Existem diversas razões que contribuem para esse fenômeno. Berger aponta que “o pentecostalismo moderno deve ser o movimento que mais rapidamente cresce na história” (2017, p. 59). Para ele, o movimento deve ser entendido sociologicamente como um

movimento de modernização¹⁶ (2017, p. 125) e alcançou sucesso especialmente pelo que chama de “comunidade solidária baseada na associação voluntária”, que apoia pessoas cujas fontes tradicionais de apoio se desintegraram (2017, p. 126). As igrejas pentecostais possuem uma abordagem religiosa e uma prática litúrgica que atraem um amplo segmento da população¹⁷. Elas enfatizam a experiência pessoal de encontro com Deus, a manifestação dos dons espirituais, a ênfase na cura divina e a importância da fé ativa. Essa abordagem mais emocional e participativa atrai fiéis em busca de uma experiência religiosa. Ainda:

A religião, apesar de suas características de dominação, sempre apresenta válvulas de retomada de poder que, embora num outro plano, podem compensar o que não está ao alcance dos fiéis no plano político e econômico. É por isso que os movimentos pentecostais explodem mais no terceiro mundo e em setores das sociedades desenvolvidas, que apresentam áreas excessivamente diferenciadas de nível social (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 243).

As igrejas pentecostais têm se destacado por sua capacidade de se adaptar às realidades sociais e culturais brasileiras. Elas são conhecidas por seu engajamento comunitário, oferecendo apoio social, assistência material e serviços para as necessidades da população. Isso inclui a criação de programas de assistência social e apoio a comunidades marginalizadas. Outro fator que impulsiona o crescimento pentecostal é o intenso investimento na evangelização e no proselitismo. As igrejas pentecostais têm uma estrutura organizacional bem desenvolvida, com ênfase na formação de líderes e missionários dedicados à expansão das suas congregações. Eles utilizam uma variedade de estratégias, como cultos ao ar livre, cruzadas evangélicas, programas de rádio e televisão, para alcançar e atrair novos adeptos. Sobre estes temas, Alencar (2018, p. 154) apresenta um quadro comparativo de expressões religiosas e suas principais características.

Ademais, a rápida urbanização e a mobilidade social no Brasil, conforme apontado por Passos (2001), tem proporcionado um terreno fértil para o crescimento pentecostal. À medida que as pessoas migram das áreas rurais para as cidades em busca de melhores oportunidades

¹⁶ Para aprofundar a questão, Berger trata o conceito de “modernidades”, no plural, ao concluir que o fenômeno não aparece em apenas uma, mas em várias versões. Desse modo, mesmo que estejamos estudando e falando de uma instituição que, à primeira vista, pode não parecer nada moderna, é possível que ela seja, em alguma medida, em alguma versão. A Assembleia de Deus é um importante exemplo da existência de instituições modernas adeptas do fundamentalismo. As várias camadas da modernidade a partir de Berger podem ser lidas em seu texto “Os múltiplos altares da modernidade” (2017).

¹⁷ Esta tese não vai aprofundar o debate sobre o perfil do pentecostal brasileiro. Importa, neste momento, saber que eles são, numericamente, muitos. No entanto, o leitor pode aprofundar o tema ao analisar os detalhes dos Censos disponibilizados pelo IBGE e citados nas referências deste texto. Com o passar do tempo, o pentecostalismo brasileiro passou a fazer sucesso especialmente entre mulheres negras. Há também um índice considerável de pessoas não escolarizadas e também de indivíduos com a escolaridade estagnada no ensino fundamental. Outro fator que deve ser levado em consideração é a presença massiva nas periferias.

de trabalho e educação, elas muitas vezes se encontram em situações de deslocamento e *vulnerabilidade*. As igrejas pentecostais, com sua oferta de apoio social e espiritual, têm se tornado um refúgio e um ponto de referência nessas novas realidades urbanas. Esses fatores combinados têm contribuído para o crescimento das igrejas pentecostais no Brasil e para o seu papel significativo no cenário religioso do país. Uma análise relevante realizada por Passos (2001) revela que a expansão do pentecostalismo no Brasil está intrinsecamente relacionada ao fenômeno do crescimento urbano. Nesse contexto, o crescimento do pentecostalismo ocorre em paralelo com o aumento das áreas urbanizadas. Esse crescimento é impulsionado pela necessidade de adaptação de novas abordagens pentecostais que se harmonizem com as transformações inerentes à vida urbana. Essa dinâmica resulta na formação de um novo *ethos* pentecostal, que co-evolui com o *ethos* urbano emergente. Essa teoria é sustentada por Passos em sua tese de doutorado na PUC-SP. Em outro texto, ele destaca também que:

A subjetividade metropolitana está também incorporada no discurso e na prática pentecostais, respondendo e confirmando, em chave simbólica, esse modo de viver moderno, instituído pela sociedade capitalista. O indivíduo é, nessas práticas, o centro de consumo religioso, o receptor dos discursos, dos rituais e da prosperidade. As prédicas dos pastores dirigem-se, exclusivamente, ao indivíduo, como pudemos observar nos cultos ou nos textos escritos. A regra é sempre a mesma: - falar ao sujeito ouvinte (meu amigo, meu irmão, você que me ouve, você que está aqui, caro leitor, Jesus pode salvar você, você pode conseguir); - referir-se a situações particulares (você que está com dor na coluna, você que tem problemas com a família, você que está desempregado, você que quer ir bem nos negócios, você que está triste); - provocar uma experiência pessoal (feche os olhos, entregue seu problema a Jesus, peça a Jesus que resolva seu problema, sinta Jesus tocando seu coração, sinta Jesus libertando, fale com Jesus, você pode ficar à vontade, chorar, sorrir, gritar); - estimular a auto-estima (você pode, Jesus te ama, Jesus vai realizar o que prometeu, você é herdeiro de uma promessa, basta você acreditar, basta entregar-se a Jesus, basta crer que conseguirá); - solicitar um gesto pessoal (levante a mão quem quer..., venha até a frente, cante, entregue-se concretamente, dê seu voto pessoal, receba a unção, pegue o envelope, faça uma oferta). (PASSOS, 2000, p. 126).

Por fim, no período de 2000 a 2010, destaca-se o significativo crescimento da Assembleia de Deus no Brasil, tornando-se a igreja com o maior aumento em número de membros, de acordo com dados do IBGE. Durante esse intervalo de tempo, a Assembleia de Deus experimentou um aumento notável, passando de 8,4 milhões para 12,3 milhões de fiéis. A Assembleia de Deus exerce um papel de destaque no fomento do crescimento do segmento evangélico no país, enquanto as igrejas de tradição missionária experimentaram um crescimento estagnado ao longo do período analisado.

A abordagem comunicativa adotada pela Assembleia de Deus junto a seu público, o qual apresenta particularidades sociais e regionais, é um fator determinante para compreender

o sucesso do movimento evangélico. A mensagem religiosa que se adapta às realidades específicas, alcançando uma considerável parcela da população, tende a atrair novos adeptos e sustentar o crescimento expressivo da denominação. Embora o crescimento dos fiéis da Assembleia de Deus tenha impulsionado a ascensão pentecostal e contribuído para o aumento do número de evangélicos no Brasil, Mattos (2012, p.30) ressalta que houve uma desaceleração no crescimento em relação ao período anterior. Entre 1991 e 2000, o crescimento foi de 120%, enquanto de 2000 a 2010, o crescimento foi de 62%. Embora o número absoluto de evangélicos tenha aumentado, é evidente uma redução na taxa de crescimento durante o período mencionado.

1.4 Fios de influência: a ascensão dos pentecostais no xadrez político do Brasil

A presença dos evangélicos na esfera política brasileira ao longo dos anos tem sido notória e abrangente, manifestando-se de maneiras diversas, por vezes sutis e outras vezes mais evidentes. Bittencourt Filho aponta que um dos aspectos que mais causa perplexidade entre os pesquisadores do campo religioso do Brasil é o fato de o pentecostalismo ter passado “do absentismo político para uma conduta política explícita” (2003, p. 35). Já Freston destaca que desde a década de 1930 é possível identificar a participação de representantes do protestantismo histórico na política brasileira (1994b, p. 10), enquanto que os pentecostais, nesse período, optaram por se manter afastados do debate político, motivados por uma concepção de pureza espiritual que os distanciava das questões seculares, uma “quase total autoexclusão da política” (FRESTON, 1994b, p. 10).

A relação entre a religião e a política no Brasil é antiga. Durante o período do Brasil Império, a Constituição de 1824 impunha a exigência de que ocupantes de cargos públicos fizessem juramento de serem católicos (BRASIL, [1824]). Quem seguisse outra religião poderia votar, mas não poderia ser eleito. O artigo 5º da Constituição de 1824 declarava que "a Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo" (BRASIL, [1824]). Somente em 1881 com a promulgação da Lei Saraiva, a legislação eleitoral foi reformada permitindo a candidatura sem a obrigatoriedade da fidelidade ao catolicismo romano (BRASIL, [1881]). Esse marco legislativo representou a abertura para a participação política de grupos religiosos não católicos, incluindo os evangélicos, ao mesmo tempo em que restringia o direito

particularmente a elite de comerciantes e pequenos industriais, já que estabelecia uma renda mínima para participar do processo (BRASIL, [1881]).

Somente com o estabelecimento da República, a Constituição de 1891 passou separar Igreja e Estado, de modo que direitos como o casamento civil e o enterro de mortos em cemitérios seculares foi garantido (BRASIL, [1891])¹⁸. Levantamentos realizados por Freston mostram que nos períodos seguintes da história do Brasil, a participação de protestantes na política foi sempre pontual. O primeiro nome que alcançou destaque relevante foi o de Guaracy Silveira, pastor metodista e único evangélico a participar da elaboração da Constituição de 1946 (FRESTON, 1994b, p. 22). Já durante a ditadura militar, três governadores protestantes foram nomeados e alcançaram o poder em seus respectivos estados de forma indireta: Jeremias Fontes, um presbiteriano, no Rio de Janeiro (FRESTON, 1994b, p. 36); Eraldo Gueiros Leite, também presbiteriano, em Pernambuco (FRESTON, 1994b, p. 37); e Enoc Reis, batista, no Amazonas (FRESTON, 1994b, p. 38).

O momento que consolidou a entrada definitiva dos evangélicos na esfera política, no entanto, ocorreu apenas durante os trabalhos de elaboração da Constituição do Brasil na década de 1980. Freston aponta que “a eleição de 1986 para a Constituinte iniciou uma nova presença evangélica em termos quantitativos (número de deputados) e qualitativos (novas igrejas representadas, novos tipos políticos e novas estratégias de ação)” (FRESTON, 1994b, p. 10). Baptista diz que “o quadro de omissão política pentecostal muda, radicalmente, a partir de 1986” (2009, p. 159) e, o motivo, seria a “construção de projetos corporativos com vistas a exercerem influência na elaboração da nova Carta Constitucional” (BAPTISTA, 2009, p. 159). Conforme abordado por Lacerda (2017) em sua tese de doutorado intitulada “Pentecostalismo, Eleições e Representação Política no Brasil Contemporâneo”, a ascensão do pentecostalismo na política brasileira pode ser atribuída a fatores históricos significativos, destacando-se o marco inicial representado pela realização da Assembleia Constituinte. Foi quando pentecostalismo mergulhou na política:

Passando, portanto, ao largo dos movimentos políticos de esquerda, o movimento pentecostal encontrou melhor afinidade com a tradição autoritária, componente da cultura latino-americana e brasileira. É importante destacar que, para isto, contribuiu a ideologia fundamentalista, autoritária e intolerante em sua essência, trazida dos

¹⁸ O texto da Constituição de 1891 afirmava que os cemitérios deveriam ter caráter secular e ser administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a prática dos respectivos ritos em relação aos seus crenes, desde que não ofendam a moral pública e as leis. Episódios relacionados ao enterro de evangélicos sempre renderam registros de perseguição. Sylvestre (2014) publicou em formato de livro uma série de episódios envolvendo casos onde evangélicos eram impedidos de serem enterrados em cemitérios administrados pela Igreja Católica.

Estados Unidos da América no bojo da proposta pentecostal. Esse amálgama criou um tipo de ator político-religioso, o povo pentecostal, disciplinado e controlado pelas oligarquias estabelecidas dentro do próprio movimento (BAPTISTA, 2009, p. 19).

Isso se deu, especialmente, por conta da mudança de postura da maior denominação evangélica do país, a pentecostal Assembleia de Deus, que estabeleceu como meta a eleição de pelo menos um parlamentar por estado durante as eleições constituintes (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1177, p. 1). Baptista destaca que

A mobilização de segmentos organizados da população para se fazerem representar no Congresso Nacional eleito em 1986, neste caso um parlamento investido de poderes para elaborar a nova Constituição da República do Brasil, contagiou, também, a maior igreja pentecostal do país, a Assembléia de Deus, que decidiu fazer sua entrada oficial e estratégica naquele espaço do poder legislativo. Conseguiu eleger 13 deputados. Na legislatura anterior, essa igreja elegera um representante, apenas (BAPTISTA, 2009, p. 21).

Para Baptista, partidos e grupos ansiosos por chegar ao poder perceberam “a facilidade com que lideranças pentecostais eram seduzidas a cooptação, através de acordos fisiológicos e clientelistas” (2009, p. 19). Ainda, identificaram “o potencial eleitoral que resultava dessas adesões, em termos de quantidade de votos, porque as congregações pentecostais, em geral, se comportavam como currais eleitorais” (BAPTISTA, 2009, p. 19). Dentro desse cenário, a Assembleia de Deus consegue se distinguir de outras denominações especialmente por sua capacidade de controlar o comportamento político de seus membros, habilidade que se mostrou maior, inclusive, do que a de alguns partidos políticos (BAPTISTA, 2009, p. 20).

Antes, o pentecostalismo já ensaiava uma entrada na política, mas a partir dos dados coletados, podemos inferir que essa participação era mínima e sem um projeto político que partisse das instituições religiosas. Para Baptista, os episódios de lideranças pentecostais na política antes da década de 1980 são pontuais e servem para reforçar a “regra do absenteísmo político” (2009, p. 158). Destaca-se, dentro destes episódios, a liderança política de Antônio Torres Galvão. Membro da Assembleia de Deus, foi ele o primeiro pastor pentecostal a governar um Estado no Brasil, Pernambuco, por alguns meses, em 1952, como presidente da Assembleia Constituinte (ARAÚJO, 2007, p. 326). Com a morte do governador Agamenon Magalhães, em agosto de 1952, Galvão assumiu o cargo de chefe de Estado até a realização de novas eleições. Progressista, chegou a liderar o Sindicato de Fiação e Tecelagem em Paulista, município da Região Metropolitana do Recife (ARAÚJO, 2007, p. 327). Há, ainda, a eleição de Levy Tavares. Ex-metodista, ele foi eleito deputado federal na década de 60 com o

apoio da igreja O Brasil para Cristo, liderada pelo pastor Manoel de Melo (BAPTISTA, 2009, p. 21).

Conforme aponta Baptista, a mobilização da população brasileira em diversos setores da sociedade com vistas às eleições do congresso que iria elaborar a nova Constituição Federal contagiou a Assembleia de Deus (2009, p. 21). A denominação conseguiu eleger 13 deputados federais quando, na legislatura anterior, tinha elegido apenas um (BAPTISTA, 2009, p. 21). Com o sucesso assembleiano na política, outras denominações também intensificaram sua participação na esfera. Como analisaremos ao longo deste estudo, o discurso adotado pela Assembleia de Deus obteve uma adesão significativa dos fiéis durante o período eleitoral ao enfatizar a suposta ameaça de uma tomada comunista do país e a disseminação de uma falsa narrativa de que a Igreja Católica seria estabelecida como religião oficial, resultando na proibição das demais denominações religiosas (BAPTISTA, 2009, p. 161). Além disso, o discurso apocalíptico pregava que o fim do mundo estava próximo e que sem o apoio dos evangélicos na política, a nova Constituição permitira o casamento homossexual, o aborto, a liberação das drogas (FREESTON, 1994b, p. 67).

A demonização da política pelos pentecostais, fundamentada na crença bíblica de que "o reino de Deus não é deste mundo", caracterizou-se por uma concepção que atribuía ao mundo secular e à esfera política um caráter diabólico. Sobre este processo de demonização da política, Tadvald destaca que ele

ecoa uma semântica nacional que ao seu modo também demoniza este campo. No momento em que tal discurso é proferido pelos bispos, pastores e outros sujeitos (então) políticos dentro de seus templos, este deve representar, para uma população de fiéis brasileiros e mesmo latino-americanos, aquilo que de alguma forma já se encontra internalizado em sua percepção sobre o campo político. Se por um lado existe esta demonização da política por todos nós, no caso dos evangélicos, sua cosmologia e teologia próprias fornecem um sentido razoável e encontram ressonância quase que imediata no comportamento político desses adeptos. Em realidade, tal forma discursiva, à sua maneira particular, foi (e deverá ser por muito tempo) utilizada por outros tantos postulantes aos cargos políticos nas eleições (TADVALD, 2006, p. 80).

Sob essa perspectiva, partidos políticos, sindicatos e associações foram alvo de estigmatização, uma vez que os pentecostais acreditavam que tais entidades engajavam-se em uma luta contra as autoridades constituídas, as quais eram percebidas como estabelecidas por Deus. Como resultado desse processo, os pentecostais passaram a atribuir ao Estado e aos

governos uma origem divina, concebendo-os como instituições instituídas por Deus (FONSECA; SEREJO; ROIZ, 2009)¹⁹.

Simultaneamente, com o crescimento exponencial do número de evangélicos no Brasil, a Assembleia de Deus, denominação evangélica com ampla abrangência nacional, identificou uma oportunidade para impulsionar e promover seus projetos corporativos por meio da elaboração da nova Constituição Federal. Dessa forma, a década de 80 emerge como o período-chave no contexto do surto político evangélico no país. No entanto, para alcançar esse objetivo, especialmente para a Assembleia de Deus, era necessário desconstruir a postura anti-política previamente estabelecida. O desafio consistia em conciliar a teologia que pregava a iminente volta de Cristo e a busca pela pureza espiritual, ao mesmo tempo em que se engajava no processo eleitoral e participava do ambiente político. A Assembleia de Deus optou por adotar estratégias baseadas no medo e no terror, com o intuito de transformar a percepção de seus fiéis, sem abrir mão de sua teologia conservadora. Essa abordagem será explorada em detalhes ao longo desta tese.

1.5 Conclusão do capítulo: o pentecostalismo brasileiro e o uso da mídia impressa como arma de poder

A jornada multifacetada dos pentecostais no Brasil, delineada neste capítulo, revela uma dinâmica de evolução, influência e adaptação que transcende o simples crescimento numérico. Fomos levados por trilhas que cruzam o mosaico espiritual brasileiro, desde as suas raízes reformistas até o vibrante bordado pentecostal, uma trama complexa de crenças, práticas e tradições que se adaptaram ao contexto do país. Observamos a ascensão meteórica do pentecostalismo, não apenas em termos de número de seguidores, que crescem de maneira impressionante em várias regiões do país, mas também em sua presença marcante na arena política, demonstrando sua resiliente capacidade de influenciar e moldar o cenário sociopolítico. Neste cenário, destaca-se a Assembleia de Deus, uma das maiores e mais

¹⁹ Fonseca, Serejo e Roiz (2009) escreveram sobre o jeito assembleiano de ser cidadão com base em representações sobre prática cidadã na Revista Lições Bíblicas entre os anos 1980 e 1990. As Lições Bíblicas são a literatura oficial utilizada nas Escolas Dominicais da Assembleia de Deus e são publicadas pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus, a mesma que publica o Mensageiro da Paz. Essas lições instruem o fiel assembleiano sobre as normas e perfil da igreja. Durante décadas elas versaram sobre a necessidade desse fiel se submeter às autoridades governamentais pois, de acordo com a denominação, elas são instituídas por Deus. Como aponta o artigo, várias dessas lições discorrem sobre as origens bíblicas do comportamento de obediência do cristão ante o Estado e apontam princípios de comportamento ético-cristão. Esse discurso terminou por marginalizar movimentos sociais.

influentes denominações pentecostais, cujas raízes históricas e desenvolvimento no Brasil fornecem informações sobre a natureza do pentecostalismo nacional.

A incursão midiática da denominação, em especial através do Mensageiro da Paz, revelou-se como um poderoso instrumento estratégico, não apenas para a difusão de suas crenças e práticas, mas também como um meio de estabelecer um diálogo com a sociedade. O jornal tornou-se uma voz influente, evidenciando o quão profundamente entrelaçadas estão a fé e a comunicação na construção dessa tapeçaria de crenças e práticas.

À medida que desenhamos o perfil desta trama, é evidente que muitas de suas características e decisões foram moldadas pelas circunstâncias sociais, políticas e midiáticas que a circundam, refletindo uma interação complexa e dinâmica entre a religião e o contexto social mais amplo. No entanto, este é apenas o início de nossa exploração. O próximo capítulo mergulhará nas bases teóricas que sustentam essa complexa interação, aprofundando nossa compreensão e proporcionando uma base sólida para as análises subsequentes. O tecido que começamos a desvendar aqui será contextualizado, explicado e examinado à luz dos fundamentos teóricos no capítulo que se segue, enriquecendo nossa compreensão da tapeçaria pentecostal brasileira.

A tapeçaria que representa o pentecostalismo brasileiro, entrelaçada com destreza e determinação ao longo de décadas, serve como um reflexo tangível da rica e diversificada espiritualidade do país. Cada fio, meticulosamente tecido, simboliza os inúmeros eventos, decisões e reviravoltas que formaram a identidade evangélica brasileira. Ao observar esta obra de arte, vemos mais do que simples padrões e cores; testemunhamos a representação de lutas, triunfos, desafios e adaptações, um retrato da jornada espiritual e social do pentecostalismo no Brasil.

Como qualquer tapeçaria magistralmente confeccionada, a complexidade e a beleza estão nos detalhes - nos entrelaçamentos de tradição e modernidade, de fé e política, de espiritualidade e mídia. A interação entre estes elementos reflete a dinâmica única do pentecostalismo brasileiro, uma fé que é ao mesmo tempo enraizada em tradições profundas e adaptável às mudanças contínuas do mundo moderno. E, assim como uma tapeçaria requer uma moldura teórica para ser totalmente apreciada e entendida, nossa jornada nos levará, no próximo capítulo, ao universo teórico que dá sustentação a esse fascinante retrato pentecostal. Este aprofundamento teórico promete lançar nova luz sobre os padrões complexos e as cores

vibrantes desta tradição religiosa, proporcionando uma compreensão mais rica e matizada do seu lugar na sociedade brasileira.

2. TECENDO REALIDADES: A TAPEÇARIA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO ASSEMBLEIANO BRASILEIRO POR MEIO DO COMPLEXO ENTRELACAMENTO DE MODERNIDADE, FUNDAMENTALISMO E COMUNICAÇÃO

Este capítulo aborda o percurso teórico fundamental para a compreensão aprofundada das dinâmicas e abordagens que permeiam o estudo do Mensageiro da Paz e suas representações. Por meio da exploração dos conceitos de construção social da realidade, modernidade, pluralidade, crise de sentido, relativismo e fundamentalismo, buscamos estabelecer um arcabouço teórico sólido que permitirá analisar as nuances presentes nas narrativas do jornal.

Iniciaremos nossa jornada explorando o conceito de construção social da realidade, que nos leva a questionar como as informações são moldadas, interpretadas e compartilhadas em nossa sociedade contemporânea. Em seguida, adentraremos o universo da modernidade, um período de profundas transformações culturais, sociais e tecnológicas que influenciam diretamente a postura do Mensageiro da Paz. A pluralidade, enquanto característica marcante da sociedade contemporânea, será examinada, destacando como diferentes perspectivas e visões de mundo coexistem e se confrontam nas páginas deste jornal.

A crise de sentido, por sua vez, revela-se como um fenômeno complexo que afeta a compreensão das mensagens comunicadas, levando-nos a explorar a relação entre incertezas e crenças no contexto do Mensageiro da Paz. Prosseguiremos nossa jornada investigando o fundamentalismo, dois extremos ideológicos que, de maneiras distintas, influenciam o discurso e a construção da realidade nesse veículo midiático.

Ao longo deste capítulo, faremos incursões em teorias que auxiliarão na análise crítica do Mensageiro da Paz, proporcionando uma compreensão mais profunda das dinâmicas comunicacionais e ideológicas que permeiam suas páginas. As abordagens teóricas aqui apresentadas servirão como alicerce sólido para a análise subsequente das temáticas abordadas por este veículo de comunicação, permitindo-nos desvelar os múltiplos significados presentes em suas mensagens e narrativas.

2.1 Entrelaçando os fios: uma tapeçaria da construção social da realidade

Dentro do vasto espectro de estudos sobre realidade e percepção, a construção social da realidade emerge como uma tapeçaria intrincada e multifacetada, na qual cada fio

representa as nuances e complexidades das interações humanas. Por meio da construção social da realidade vamos compreender como o contexto religioso e, especificamente, o pentecostalismo clássico praticado pela Assembleia de Deus, se insere e influencia esse entrelaçamento. Os conceitos que utilizamos aqui foram elaborados por Berger e Luckman (1985), que trabalham a intrincada teia da construção social da realidade. E, a partir deles, exploraremos os fundamentos teóricos e práticos dessa construção e como ela se manifesta e ressoa dentro e fora das páginas do Mensageiro da Paz, proposta de estudo desta tese.

A compreensão de como as realidades sociais são construídas, estabelecidas e perpetuadas é fundamental para a análise de qualquer fenômeno sociocultural. A ideia de que a realidade não é uma entidade fixa, mas sim moldada e reconstruída continuamente pelas práticas e interações humanas, remonta a vários pensadores clássicos da sociologia. No entanto, Peter Berger e Thomas Luckmann (1985) articulam esse pensamento de forma ainda mais sistemática ao argumentar uma realidade socialmente construída. Para eles, “embora seja possível dizer que o homem tem uma natureza, é mais significativo dizer que o homem constrói sua própria natureza, ou, mais simplesmente, que o homem se produz a si mesmo” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 72). Há um processo tríplice, conforme apontam os dois teóricos, que delinea a maneira pela qual a realidade é socialmente construída: a exteriorização, objetivação e interiorização. A partir desse processo, “torna-se compreensível a proposição de que o mundo socialmente construído é, acima de tudo, uma ordenação da experiência” (BERGER 2004, p. 32).

Durante a primeira parte deste processo, a exteriorização, surge a produção contínua de padrões culturais e sociais pelos seres humanos. A exteriorização, portanto, “é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens” (BERGER, 2004, p.16). Este conceito é de fundamental importância na sociologia do conhecimento, pois ele aborda como os padrões subjetivos de sentido são projetados para o mundo e, através dessa projeção, dão origem à construção de estruturas objetivas na sociedade. Berger e Luckmann apontam que “os homens em conjunto produzem um ambiente humano, com a totalidade de suas formações sócio-culturais e psicológicas” (1985, p. 75). Isso aponta para o fato de que

É impossível que o homem se desenvolva como homem no isolamento, igualmente é impossível que o homem isolado produza um ambiente humano. O ser humano solitário é um ser no nível animal. A humanidade específica do homem e sua socialidade estão inextricavelmente entrelaçadas. O homo sapiens é sempre, e na mesma medida, *homo socius* (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.75).

A exteriorização é inerentemente um processo humano. Isso porque “a ordem social não é dada biologicamente nem derivada de quaisquer elementos biológicos. A ordem social existe unicamente como produto da atividade humana” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.76). É através dela que os seres humanos projetam seus pensamentos, ideias, desejos, medos e aspirações no mundo. Em sua essência, a exteriorização é a capacidade do ser humano de criar um mundo fora de si mesmo. Isto é, em grande medida, o que distingue os seres humanos de outras espécies: a capacidade de criar mundos simbólicos que, embora originados internamente, são manifestados no mundo exterior. Desta forma, “a exteriorização é uma necessidade antropológica” (BERGER, 2004, p. 17).

É neste processo que humanos criam símbolos, instituições e tecnologias que tornam a vida social possível. Cada sociedade, fenômeno dialético, produto humano e nada mais que um produto humano (BERGER, 2004, p. 15), possui suas particularidades, suas histórias, seus conflitos, resoluções e instituições. As sociedades não são apenas resultado de uma cultura, “mas uma condição necessária dela” (BERGER, 2004, p. 21), sendo a cultura entendida enquanto a totalidade dos produtos do ser humano, alguns materiais, outros não (BERGER, 2004, p. 19). Uma instituição é “um programa de comportamento que faz o indivíduo agir espontaneamente e sem muita ou nenhuma reflexão no setor relevante da vida social” (BERGER, 2017, p. 76). Ainda, “as instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.80).

Para Berger, as instituições religiosas preenchem duas funções: lembrar e domesticar as experiências religiosas dos fundadores (2017, p. 79). Neste cenário, Durkheim (1996) já apontava como as sociedades criam e são moldadas por suas instituições. A religião é uma destas instituições, definida como “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles a que ela aderem” (DURKHEIM, 1996, p.32). Para Berger, a religião é um “empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado” (2004, p. 38). Estas instituições são essenciais para a construção da realidade, pois oferecem um quadro através do qual os indivíduos interpretam o mundo ao seu redor. O campo religioso é especialmente fértil para a construção social da realidade:

Portanto, há na religião algo de eterno destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares nos quais o pensamento religioso se envolveu sucessivamente. Não pode

haver sociedade que não sinta a necessidade de confirmar e reafirmar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as idéias coletivas que constituem a sua unidade e a sua personalidade. Ora, essa restauração moral só pode ser obtida por meio de reuniões, assembléias, congregações, onde os indivíduos muito próximos uns dos outros, reafirmam em comum seus sentimentos comuns (DURKHEIM, 1996, p. 504-505).

Produto do processo de exteriorização, as instituições funcionam como guardiãs das normas, valores e realidades coletivamente aceitas. Elas existem para compensar a pobreza dos instintos humanos (BERGER, 2017, p. 28). Elas não apenas refletem a ordem social vigente, mas também desempenham um papel vital em sua perpetuação e, quando necessário, em sua transformação. Através de rituais, práticas cotidianas e discursos, as instituições reafirmam e solidificam a construção social da realidade, tornando-a tangível e normativa. No cerne deste processo está a repetição. Como Durkheim (1996) destacou, os rituais recorrentes – sejam eles religiosos, cívicos ou até mesmo familiares – têm o poder de unificar os indivíduos, gerando uma coesão social. Eles fornecem um senso de continuidade, ligando o presente ao passado e, ao mesmo tempo, projetando uma visão desejada para o futuro. Ao repetir certos atos, comportamentos e palavras, solidificam-se crenças e normas, tornando-as parte da realidade coletiva:

De fato, quem quer que tenha praticado uma religião sabe bem que é o culto que suscita aquelas impressões de alegria, de paz interior, de serenidade, de entusiasmo, que são para o fiel, como que a prova experimental de suas crenças. O culto não é simplesmente um sistema de signos pelos quais a fé se traduz exteriormente, é a coleção de meios pelos quais ela se cria e se recria periodicamente. Que ele consista em manobras materiais ou em operações mentais é sempre ele que é eficaz (DURKHEIM, 1996, p. 460).

Inferimos então que os rituais, as crenças e as práticas religiosas não são apenas mecanismos de manutenção da ordem social, mas também poderosas ferramentas de significado e propósito por oferecerem uma visão de mundo que, quando internalizada, guia e dá forma às percepções dos fiéis. No contexto religioso, essa dinâmica é particularmente potente. O culto religioso não é apenas uma demonstração de fé, mas um ato reiterado de reafirmação da realidade espiritual. A liturgia, os cânticos, as orações e os sermões não são meras formalidades; eles são práticas que moldam e refletem a percepção do divino e do lugar do homem em relação a ele, de modo que "a força religiosa não é senão o sentimento que a coletividade inspira a seus membros, mas projetado fora das consciências que o experimentam e objetivado. Para se objetivar, ele se fixa num objeto que, assim, se torna sagrado" (DURKHEIM, 1996, p.238).

As instituições fornecem estruturas para a vida social e ajudam a organizar a interação humana. Quando os humanos criam tecnologias, como ferramentas, máquinas e veículos, eles estão também exteriorizando suas ideias e significados para o mundo material. As tecnologias permitem aos humanos fazerem coisas que não seriam possíveis sem elas. O processo de exteriorização é um processo contínuo. À medida que os humanos interagem uns com os outros, eles criam continuamente novas ideias e significados:

A experiência humana é uma exteriorização contínua. O homem, ao se exteriorizar, constrói o mundo no qual se exterioriza a si mesmo. No processo de exteriorização projeta na realidade seus próprios significados. Os universos simbólicos, que proclamam ser toda realidade humanamente dotada de sentido e apelam para o cosmo inteiro a fim de significar a validade da existência humana, constituem as extensões máximas desta projeção (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 142).

É, desta forma, o processo de exteriorização o que cria a realidade social. É através dele que os humanos constroem o mundo em que vivem. Quando as sociedades querem, por exemplo, adotar um discurso de justiça, elas podem mudar o processo de exteriorização criando novos símbolos, instituições e tecnologias que promovam a justiça. Desse modo, a exteriorização não é apenas uma atividade aleatória ou esporádica, mas uma necessidade ontológica. Para que o ser humano possa ser consciente e autorreflexivo, ele deve continuamente se projetar no mundo. Isso ocorre por meio da linguagem, da arte, das práticas religiosas, das interações cotidianas e de uma série de outras atividades humanas. Portanto, “o ser humano solitário é um ser no nível animal” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 75). A exteriorização, nesse sentido, não é apenas uma característica do ser humano, mas uma condição essencial para sua existência. O processo tem profundas implicações para a formação da sociedade. Como as realidades subjetivas são projetadas no mundo externo, elas começam a formar a base para estruturas sociais compartilhadas. Por exemplo, uma ideia ou valor, quando exteriorizado por suficientes indivíduos dentro de uma comunidade, pode formar a base para normas sociais, leis ou instituições.

Embora a exteriorização seja uma necessidade ontológica, ela não é isenta de desafios. Dada a diversidade de experiências, histórias e perspectivas individuais, o que é exteriorizado por um indivíduo pode não necessariamente ressoar com outro. Além disso, com o passar do tempo, as estruturas sociais que surgem da exteriorização podem tornar-se tão enraizadas que os indivíduos podem esquecer sua origem subjetiva, vendo-as, em vez disso, como dadas e imutáveis. Portanto, é um processo dinâmico pelo qual a realidade é moldada e remoldada. É através desse processo que os seres humanos dão forma ao mundo ao seu redor, criando

estruturas objetivas que, por sua vez, influenciam e moldam suas futuras ações e pensamentos.

Já o processo de objetivação aparece na transformação das projeções subjetivas em estruturas objetivas reconhecíveis e compartilhadas no âmbito social, “o mundo humanamente produzido se torna alguma coisa” (BERGER, 2004, p. 22). É, fundamentalmente, o processo pelo qual os padrões culturalmente produzidos adquirem uma realidade própria, independentemente dos indivíduos que os produziram inicialmente. Em sua essência, a transformação daquilo que é subjetivo em algo que é objetivo. Uma vez que determinados padrões de comportamento, crenças ou valores são exteriorizados no mundo social, eles começam a ser percebidos não apenas como produtos do pensamento ou da ação humana, mas como entidades independentes que existem por si mesmas, os produtos passam não apenas a derivar do ser humano, mas também se confrontam com as pessoas com uma facticidade que é exterior:

O processo pelo qual os produtos exteriorizados da atividade humana adquirem o caráter de objetividade é a objetivação. O mundo institucional é a atividade humana objetivada, e isso em cada instituição particular. Noutras palavras, apesar da objetividade que marca o mundo social na experiência humana, ele não adquire por isso um status ontológico à parte da atividade humana que o introduziu (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 87).

A objetivação é menos uma abstração teórica e mais uma realidade vivida. As estruturas objetivadas se tornam tão fundamentais para a vida cotidiana que são vistas como dadas, naturais e, muitas vezes, imutáveis. As normas sociais, por exemplo, são entendidas não como criações humanas, mas como realidades objetivas que governam a conduta humana. A objetivação oferece um grau de estabilidade e previsibilidade à sociedade de modo que a sociedade passa a dirigir, sancionar e controlar, além de punir, condutas individuais (BERGER, 2004, p. 24). Por isso, Berger conclui que o teste final de uma realidade objetivada é a capacidade de sua imposição a relutância de posturas isoladas, e, assim, a sociedade pode até destruir um indivíduo (2004, p. 24). A objetividade, a realidade objetiva é coercitiva. Seu poder se estende a todos os entes e elementos de uma sociedade: pessoas, instituições, papéis sociais. É o “papel do pai”, “papel da mãe”, “igreja”, “família”. As sociedades transmitem as suas realidades objetivadas por gerações.

Ao transformar padrões subjetivos em estruturas objetivas, os indivíduos têm um quadro de referência compartilhado, o que facilita a comunicação, a cooperação e a coordenação. No entanto, essa objetivação também pode ter implicações problemáticas. As

estruturas que se tornam objetivadas podem, em alguns casos, ser rígidas e resistir a mudanças, mesmo quando tais mudanças são necessárias ou desejáveis:

O desenvolvimento de mecanismos específicos de controles sociais torna-se também necessário com a historicização e objetivação das instituições. É provável que haja desvios dos cursos de ação institucionalmente 'programados', uma vez que as instituições passam a ser realidades divorciadas de sua importância original nos processos sociais concretos dos quais surgiram (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 89).

Esse processo, chamado de reificação, ocorre quando as estruturas sociais objetivadas são percebidas não apenas como realidades objetivas, mas como realidades que existem independentemente da ação ou vontade humana, é “a apreensão dos fenômenos humanos como se fossem coisas, isto é, em termos não humanos ou possivelmente super-humanos (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 122)”. Este fenômeno pode levar os indivíduos a sentir que são impotentes diante de forças sociais avassaladoras, quando, na realidade, essas forças são produtos da própria atividade humana e podem, pelo menos em teoria, ser alteradas por ela. Sobre a questão, é importante ressaltar que:

a reificação é a apreensão dos produtos da atividade humana como se fossem algo diferente de produtos humanos, como se fossem fatos da natureza, resultados de leis cósmicas ou manifestações da vontade divina. A reificação implica que o homem é capaz de esquecer sua própria autoria do mundo humano, e mais, que a dialética entre o homem, o produtor, e seus produtos é perdida de vista pela consciência. O mundo reificado é por definição um mundo desumanizado. É sentido pelo homem como uma facticidade estranha, um *opus alienum* sobre o qual não tem controle, em vez de ser sentido como o *opus proprium* de sua mesma atividade produtora (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 123).

Por fim, avançando no conceito de construção social da realidade delineado por Berger e Luckmann, a interiorização é outro processo, o terceiro, que ocupa lugar de destaque, servindo como mecanismo através do qual a realidade objetivada é reintroduzida na consciência dos indivíduos, “o mundo social objetivado é reintroduzido na consciência no curso da socialização” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 87). Este processo é central para entender como os seres humanos se tornam membros competentes e habituados das sociedades em que vivem. A interiorização pode ser compreendida como o processo inverso da exteriorização. Enquanto a exteriorização envolve projetar padrões subjetivos de sentido no mundo exterior, a interiorização envolve a absorção ou a incorporação dessas estruturas objetivadas de volta à consciência individual.

A interiorização está intrinsecamente ligada ao processo de socialização, de modo que Berger e Luckmann destacam que, "somente depois de ter realizado este grau de

interiorização é que o indivíduo se torna membro da sociedade" (1985, p. 175). Desde o nascimento, os indivíduos são submetidos a uma série contínua de experiências que lhes ensinam os modos de ser e pensar que são valorizados em sua sociedade. Através da interação com cuidadores, pares e instituições educacionais, os indivíduos internalizam uma vasta gama de normas, valores, crenças e comportamentos. Vários mecanismos facilitam a interiorização. A linguagem é um desses mecanismos e, entendo, um dos mais poderosos. Através da linguagem, os indivíduos não só aprendem sobre o mundo à sua volta, mas também são socializados em modos específicos de compreender e interpretar a realidade. Além disso, rituais, práticas culturais e interações cotidianas desempenham papéis fundamentais na promoção da internalização.

A interiorização não é um processo passivo. É através dela que os indivíduos formulam e reformulam suas identidades. Ao internalizar aspectos da realidade social, os indivíduos não apenas aprendem sobre o mundo, mas também moldam seu lugar dentro dele. O mundo social não é absorvido, mas “apropriado ativamente” pelos indivíduos, que passam a ser, agora, co-produtores do seu mundo (BERGER, 2004, p. 31). Eles formam autoconceitos, aspirações e visões de mundo que são profundamente influenciados pelas realidades objetivadas que internalizaram. Embora a interiorização facilite a integração dos indivíduos na sociedade, ela também apresenta desafios. A realidade que é internalizada não é monolítica, e pode haver tensões entre diferentes aspectos da realidade objetivada. Além disso, os processos de interiorização podem, por vezes, levar a formas de conformidade ou complacência, limitando a capacidade dos indivíduos de questionar ou desafiar as estruturas existentes.

Ainda, no quadro teórico da construção social da realidade, o conceito de legitimação nos ajuda a entender como e por que certas realidades objetivadas são aceitas e mantidas dentro de uma comunidade. Enquanto a exteriorização, objetivação e interiorização tratam, respectivamente, da projeção, solidificação e reabsorção da realidade social, a legitimação aborda o aspecto da validação e justificação dessa realidade. A legitimação enquanto processo é mais bem definida dizendo-se que "se trata de uma objetivação de sentido de segunda ordem" (BERGER, LUCKMANN, 1985, p. 126) já que ela "produz novos significados" (BERGER, LUCKMANN, 1985, p. 127) e "explica a ordem institucional outorgando validade cognoscitiva a seus significados objetivados" (BERGER, LUCKMANN, 1985, p. 128), ser “para escorar o oscilante edifício da ordem social” (BERGER, 2004, p. 42). A legitimação pode ser conceituada como o processo pelo qual os padrões objetivados de comportamento e

significados são justificados e sustentados dentro do contexto social. Em essência, é o meio pelo qual as realidades construídas recebem sua validade oficial, tornando-se não apenas existentes, mas também lidas como corretas ou apropriadas, "o edifício das legitimações é construído sobre a linguagem e usa-a como o seu principal instrumento" (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 92).

Diversos mecanismos atuam na legitimação da realidade social. Estes incluem tradições, leis, normas, rituais e narrativas que, coletivamente, fornecem uma justificação para a forma como as coisas são e o modo como as pessoas devem se comportar. A religião é eficaz enquanto legitimadora porque "relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas" (BERGER, 2004, p. 45). Estes mecanismos atuam como pontos de referência que reforçam a validade da realidade construída, frequentemente conferindo-lhe um caráter de inevitabilidade ou naturalidade. Assim,

A legitimação enquanto processo é melhor definida dizendo-se que se trata de uma objetivação de sentido de segunda ordem. A legitimação produz novos significados, que servem para integrar os significados já ligados a processos institucionais díspares. A função da legitimação consiste em tornar objetivamente acessível e subjetivamente plausível as objetivações de primeira ordem que foram institucionalizadas (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 127).

Deste modo, podemos inferir que a legitimação está intrinsecamente ligada à dinâmica do poder social. Aqueles em posições de autoridade ou influência frequentemente desempenham papéis centrais nos processos de legitimação, moldando quais realidades são validadas. Por sua vez, a legitimação pode reforçar e perpetuar estruturas de poder existentes, uma vez que legitima as hierarquias, normas e valores que sustentam tais estruturas. Diferentes grupos ou indivíduos dentro de uma sociedade podem ter visões concorrentes ou contraditórias da realidade, levando a disputas sobre qual versão da realidade é legítima. Exemplo disso são os grupos religiosos que legitimam instituições ao conceder-lhes status ontológico, validade suprema, colocando-as como referência do sagrado e do cósmico (BERGER, 2004, p. 46):

A parte historicamente decisiva da religião no processo da legitimação é explicável em termos da capacidade única da religião de "situar" os fenômenos humanos em um quadro cósmico de referência. Toda legitimação serve para manter a realidade — isto é, a realidade, definida numa coletividade humana particular. A legitimação religiosa pretende relacionar a realidade humanamente definida com a realidade última, universal e sagrada. As construções da atividade humana, intrinsecamente precárias e recebem, assim, a aparência de definitiva segurança e permanência. Dito

de outra maneira, os *nomoi* humanamente construídos ganham um status cósmico (BERGER, 2004, p. 49).

Finalmente, exposto o conceito de construção social da realidade por meio dos processos da exteriorização, objetivação e interiorização, e entendendo os processos de reificação e legitimação, além de entender o conceito de instituição dentro deste sistema, passamos a inferir que através da construção social da realidade, os seres humanos criam produtos culturais, sejam eles artefatos, rituais ou conceitos, que posteriormente se objetivam ou tomam forma no mundo exterior. Com o tempo, esses produtos objetivados são internalizados pelas gerações subsequentes, que os aceitam como parte inerente e natural de sua realidade social. Dessa forma, a realidade é um processo contínuo de criação e recriação:

A existência humana é essencial e inevitavelmente uma atividade exteriorizante. No decorrer da exteriorização os homens conferem significado à realidade. Toda sociedade humana é um edifício de significados exteriorizados e objetivados, que tendem sempre a uma totalidade inteligível. Toda sociedade está empenhada na empresa nunca completada de construir um mundo de significado humano. A cosmificação importa na significação desse mundo humanamente incompreensível com o mundo como tal, fundando-se agora o primeiro neste último, refletindo-o ou derivando dele nas suas estruturas fundamentais. Esse cosmos, fundamento último e convalidação dos *nomoi* humanos, não precisa necessariamente ser sagrado. Em tempos mais recentes, de modo particular tem havido tentativas inteiramente seculares de cosmificação, entre as quais a ciência moderna é de longe a mais importante. Pode-se afirmar com segurança, no entanto, que originariamente toda cosmificação teve um caráter sagrado. Foi assim durante a maior parte da história humana, e não só durante os milênios da existência humana anteriores ao que agora chamamos de civilização. Historicamente considerados, os mundos do homem têm sido, na sua maioria, mundos sagrados. Na verdade, parece provável que só através do sagrado foi possível ao homem conceber um cosmos em primeiro lugar. Pode-se dizer, portanto, que a religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo. A religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo (BERGER, 2004, p. 41)

O que é considerado real para uma pessoa ou sociedade é fortemente influenciado pelo contexto sociocultural em que estão inseridos. Bourdieu (1983) reforça essa ideia com o conceito de *habitus* ao descrever como estruturas sociais e práticas individuais estão intrinsecamente ligadas, reforçando-se mutuamente. Esse *habitus* fornece um quadro que guia as ações e percepções dos indivíduos,

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (BOURDIEU, 1983, p. 65).

O *habitus* refere-se a sistemas duradouros e transponíveis de percepções, posturas e ações que são moldadas por experiências passadas e que, por sua vez, estruturam práticas presentes. Essas práticas cotidianas, mediadas pelo *habitus*, refletem e reforçam as estruturas sociais e as realidades percebidas. Em outras palavras, é a forma como as pessoas vivem sua realidade diariamente que solidifica e perpetua a lógica dessa realidade. Por exemplo, a maneira como os membros da Assembleia de Deus oravam, socializavam, interpretavam a Bíblia, e até mesmo como se vestiam, falavam e se comportavam, era um reflexo de um *habitus* específico moldado pelas doutrinas, discursos e práticas institucionais da denominação. Essas ações cotidianas não eram meros reflexos passivos da realidade, mas agentes ativos em sua construção e manutenção, "princípio gerador de nossas práticas, de nossas ações no mundo, fundamento da regularidade de nossas condutas" (ARAÚJO; ALVES; DA CRUZ, 2009, p. 38).

No campo religioso, essa construção social da realidade se torna ainda mais evidente. As práticas, crenças e rituais, como observado por Geertz (1989) em sua definição de religião, servem não apenas como sistemas de símbolos, mas também como mecanismos poderosos para a construção e manutenção da realidade percebida por seus adeptos. Para Geertz, a religião apresenta "um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por conhecimento e suas atividades em relação à vida" (1989, p. 103). Geertz oferece uma lente através da qual podemos examinar a construção e reforço da realidade no contexto religioso. Ele chama de cultura um sistema de símbolos significativos que nos permite comunicar, perpetuar e desenvolver conhecimento sobre a realidade e atitudes para com ela. Ao inserir a Assembleia de Deus dentro da perspectiva geertziana, podemos discernir que a realidade religiosa construída e perpetuada por ela não era apenas uma série de dogmas ou práticas, mas um sistema simbólico completo. Este sistema oferecia aos seus membros a compreensão da natureza da existência e do propósito humano dentro dela. O Mensageiro da Paz, por exemplo, pode ser visto não apenas como um veículo de comunicação, mas como um meio de transmitir, reinterpretar e reforçar este sistema simbólico.

As instituições e práticas cotidianas da Assembleia de Deus, sejam elas sermões dominicais, estudos bíblicos ou eventos comunitários, serviram como mecanismos através dos quais uma teia de significados era constantemente tecida e retocada. Eles não apenas representavam a realidade; eles a construíram, fio a fio, para seus fiéis. Geertz nos ajuda a entender que, para os membros da Assembleia de Deus, o mundo não era apenas um palco de

acontecimentos históricos e políticos. Era, mais profundamente, um teatro de significados simbólicos, onde a luta não era apenas pelo poder ou influência, mas pela definição da realidade em si. Através do prisma geertziano, vemos que a construção social da realidade pela Assembleia de Deus foi, acima de tudo, um ato simbólico - um empreendimento contínuo para moldar o mundo em conformidade com sua teia de significados divinamente inspirados. A profundidade com que Geertz aborda a religião nos leva a reconhecer a complexidade das instituições religiosas como a Assembleia de Deus. Estas não são apenas entidades estáticas que impõem um conjunto de normas aos seus membros; elas são espaços dinâmicos onde os significados são constantemente negociados, reinterpretados e reafirmados. Dentro do Mensageiro da Paz, cada ritual, testemunho e proclamação não apenas refletia a realidade social e teológica da igreja, mas também a moldava ativamente, reforçando a visão de mundo que a denominação desejava consolidar.

A Assembleia de Deus, inserida na complexidade do tecido social brasileiro da década de 1980, fez uso intenso de suas práticas rituais e institucionais. Através de sua publicação oficial, o Mensageiro da Paz, a denominação não apenas comunicou sua visão de mundo, mas também estabeleceu uma ordem, uma estrutura na qual seus membros podiam localizar-se, fazendo da religião aquilo que Berger defendeu como “a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo” (1985, p. 41). Cada edição, cada artigo ou testemunho, servia como um tijolo na construção dessa realidade particular, onde o fundamentalismo religioso não era uma aberração, mas a norma.

No vasto espectro da construção social da realidade, o papel da mídia religiosa, particularmente publicações como o Mensageiro da Paz, não pode ser subestimado. Se considerarmos que cada edição é uma tentativa de articulação entre a realidade divina e a realidade terrena, torna-se evidente que esse jornal não é apenas um transmissor de informações, mas também um mediador cultural. Giddens (1984) em sua teoria da estruturação discute como as práticas sociais diárias se tornam rotinizadas, dando forma e substância às instituições:

A rotina (tudo que é feito habitualmente) constitui um elemento básico da atividade social cotidiana [...]. A natureza repetitiva de atividades empreendidas de maneira idêntica dia após dia é a base material do que eu chamo de “caráter recursivo” da vida social. [...] A rotinização é vital para os mecanismos psicológicos por meio dos quais um senso de confiança ou segurança ontológica é sustentado nas atividades cotidianas da vida social. Contida primordialmente na consciência prática, a rotina introduz uma cunha entre o conteúdo potencialmente explosivo do inconsciente e a monitoração reflexiva da ação que os agentes exigem (GIDDENS, 1984, p. 25).

O Mensageiro da Paz não foi apenas uma publicação, mas uma prática social repetida e esperada, que servia como constante lembrete e reforço das crenças da Assembleia de Deus. Cada edição, com seus ensinamentos, sermões e notícias, tornava-se uma parte integrante da rotina religiosa de seus leitores, e isso, por sua vez, dava mais substância e legitimidade à própria igreja. É preciso lembrar que a realidade, mesmo quando construída e reforçada por instituições e práticas cotidianas, não é monolítica. Mesmo dentro de uma denominação tão grande e influente quanto a Assembleia de Deus, haveria variações, nuances e, por vezes, resistências. Reconhecer essa complexidade é importante para a compreensão holística e matizada da construção social da realidade no contexto religioso brasileiro da década de 1980. A religião, "longe de ignorar a sociedade real e de não levá-la em conta, é a imagem dela, reflete todos os seus aspectos, mesmo os mais vulgares e repulsivos" (DURKHEIM, 1996, p.464).

O potencial do jornal como ferramenta de reforço da realidade não pode ser subestimado. Em um país vasto e diversificado como o Brasil, onde os fiéis poderiam estar geograficamente distantes e culturalmente variados, o Mensageiro da Paz atuava como um elo unificador. Ele servia como um lembrete constante das crenças, valores e missão da Assembleia de Deus, garantindo que, apesar das diferenças locais, existisse uma realidade compartilhada. Todas as Assembleias de Deus que estavam sob o comando da CGADB tinham o jornal como fonte oficial. Isso garantia que ao menos as questões macros estivessem padronizadas. Em última análise, as instituições e as práticas cotidianas não apenas refletem a realidade, elas a constroem. Ressalta-se, ainda, que, "paradoxalmente o homem é capaz de produzir uma realidade que o nega" (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 124). No contexto da Assembleia de Deus na década de 1980, essa construção não foi um processo passivo, mas um empreendimento ativo, deliberado e estratégico, ponto de vista que será defendido nos próximos capítulos. Ao entender como essa realidade foi moldada e reforçada, ganhamos uma visão mais clara do papel da religião no cenário sociopolítico brasileiro da época e de sua influência duradoura no tecido da nação.

Podemos inferir, portanto, que o Mensageiro da Paz não foi somente um veículo de comunicação, mas uma ferramenta potente na construção e reforço de uma realidade específica. Ao moldar as narrativas, promover determinados valores e ideais e, simultaneamente, repelir ou desafiar outros, o jornal desempenhou um papel ativo na construção da realidade para seus leitores, o que restará demonstrado após a leitura dos capítulos 3 e 4 desta tese, onde elencamos uma série de textos extraídos da publicação que

exemplificam estes pontos. O conceito da construção social da realidade propõe que a realidade é flexível e moldada pelas interações humanas e práticas culturais. Conforme apontam Berger e Luckmann (1985), isso acontece por meio do conhecimento situado no coração da dialética fundamental da sociedade. Esse conhecimento

programa os canais pelos quais a exteriorização produz um mundo objetivo. Objetiva este mundo por meio da linguagem e do aparelho cognoscitivo baseado na linguagem, isto é, ordena-o em objetos que serão apreendidos como realidade. É em seguida interiorizado como verdade objetivamente válida no curso da socialização. Desta maneira, o conhecimento relativo à sociedade é uma realização no duplo sentido da palavra. No sentido de apreender a realidade social objetivada e no sentido de produzir continuamente esta realidade (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.94).

Neste contexto, o Mensageiro da Paz emerge como um elo vívido entre a mídia, a religião e a sociedade, demonstrando a complexidade das interações que moldam nossa compreensão do mundo. Como um veículo de comunicação com grande influência sobre seus leitores e um compromisso com a divulgação da mensagem pentecostal assembleiana, o jornal desempenhou um papel central na construção da realidade para sua audiência. Ao moldar narrativas, transmitir valores e questionar ideais, ele não apenas informou, mas também co-construiu a realidade social. Através das lentes da construção social da realidade, observamos como o conhecimento é produzido e disseminado, como as percepções são moldadas e como a sociedade é influenciada. Os capítulos subsequentes vão revelar, de maneira mais detalhada, as estratégias e técnicas empregadas pelo Mensageiro da Paz para cumprir esse papel vital na formação da realidade, lançando luz sobre as intrincadas relações entre mídia, religião e sociedade na década de 1980 no Brasil.

2.2 Tecendo o moderno: desafios da modernidade, pluralidade e a crise de sentido nas sociedades contemporâneas

A modernidade²⁰, em suas múltiplas facetas, prometeu liberdade, progresso e a autonomia dos indivíduos como senhores de seu próprio destino. Berger define a modernidade como “um produto de mudanças provocadas pela ciência e pela tecnologia criadas nos últimos

²⁰ Para Goergen, os principais traços do que se convencionou a chamar de modernidade são a) O desencantamento da visão metafísica/transcendentalista/teológica e a adoção de uma visão secular de liberdade, felicidade e salvação; b) A substituição da fé como meio de conhecimento e salvação pela razão como forma de conhecimento científico e vida melhor; c) A instauração da concepção mecânica do mundo regido por leis matemáticas acessíveis racional/cientificamente; d) A possibilidade de domínio da natureza mediante o conhecimento das leis a ela inerentes; e) A adoção da ideia de progresso com base no conhecimento científico e seu aproveitamento tecnológico; f) A formulação de princípios éticos, racionalmente fundamentados; g) O enfoque do conhecimento depositado na subjetividade e no indivíduo (GOERGEN, 2012, p. 154).

séculos” (2017, p. 26). Ele resume em uma frase uma série de aspectos que outros teóricos trabalham de forma um tanto mais rebuscada, mas com igual sentido. Em "Ensaio de sociologia", Max Weber (1982) empreende uma análise da modernidade, pautada pela noção de desencantamento do mundo e pelo declínio das estruturas tradicionais de poder e conhecimento. De acordo com sua perspectiva, a modernidade é caracterizada por uma crescente predominância da racionalidade, a qual, progressivamente, nos confina em estruturas burocráticas regimentadas. Weber (1982) aponta que um dos traços mais distintivos da modernidade é a expansão generalizada da razão prática. A estruturação da vida cotidiana passou a se orientar por diretrizes e instituições voltadas para a modulação das interações humanas. Ferramentas e métodos eram selecionados baseando-se em parâmetros de eficiência, eficácia e efetividade. A aspiração era maximizar os resultados através do emprego otimizado de recursos, atendendo a tempos e qualidades conforme padrões estabelecidos previamente. Para Weber, a modernidade trouxe consigo um crescente desencantamento do mundo, onde a racionalidade substituiu o místico e o sagrado:

A crescente intelectualização e racionalização não indicam, portanto, um conhecimento maior e geral das condições sob as quais vivemos. Significa mais alguma coisa, ou seja, o conhecimento ou crença em que, se quiséssemos, poderíamos ter esse conhecimento a qualquer momento. Significa principalmente, portanto, que não há forças misteriosas incalculáveis, mas que podemos, em princípio, dominar todas as coisas pelo cálculo. Isto significa que o mundo foi desencantado (WEBER, 1982, p. 165).

Desta forma, ainda de acordo com Weber,

Racionalizações têm existido em diferentes esferas da vida, em uma grande diversidade de formas, em todas as culturas. Característico para sua diferença histórico-cultural é, em primeiro lugar: em quais esferas e em que direções elas foram racionalizadas. Portanto, trata-se novamente de identificar a peculiaridade específica e explicar a gênese do racionalismo ocidental e, no interior deste, do racionalismo moderno (WEBER, 2001, p. 21).

Já Habermas (2002) considera a modernidade enquanto um processo que ainda não se finalizou. Para ele, a aplicação crescente da racionalidade provoca o desencantamento do mundo e, a partir de então, suplanta parcialmente representações religiosas. Para ele,

O conceito de modernização refere-se a um conjunto de processos cumulativos e de reforço mútuo: à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder político centralizado e à formação de identidades nacionais; à expansão dos direitos de participação política, das formas urbanas de vida e da formação escolar formal e, à secularização de valores e normas (2002, p. 5).

E, Libânio, arremata que

A modernidade é, antes de tudo, o triunfo da razão. Não se trata, porém, de um avançar linear e avassalador da razão de modo inevitável, inelutável e uniforme. Varia conforme nações, grupos sociais, setores, interesses, indivíduos. Não produz efeitos iguais em todas as partes. Como toda realidade histórica, joga com elementos previsíveis, dentro de certa lógica, mas também com outros aleatórios, ocasionais (LIBÂNIO, 1995, p 117).

Com o advento da Revolução Industrial, os avanços tecnológicos e a ascensão da ciência como a principal metodologia para compreender o mundo, esperava-se que as antigas superstições, dogmas e dependências fossem lentamente erodidas. O processo de construção de uma cultura moderna foi lento e constante e

Veio formando lentamente a partir do fim da Idade Média e se definiu e afirmou sempre mais pelas revoluções científicas, industrial, tecnológica e informática; pelo Renascimento, Iluminismo, Liberalismo e Marxismo; pelas Revoluções Francesa, Americana e Soviética; pela filosofia a partir de Descartes e pelas ciências naturais e sociais; pela ideologia econômica, a partir da revolução monetária, comercial-mercantil, da Idade Média até mais da metade do século XVIII, e de sua tematização teórica, de Mandeville a Marx, de Adam Smith a Milton Friedman; pelos sistemas sociopolíticos e econômicos de cunho capitalista ou socialista, em todas as suas versões e modelos de concretização histórica, nos últimos dois séculos especialmente; pela expansão colonialista e pela pressão neocolonialista, de cunho econômico, político ou ideológico (AZEVEDO, 1991, p. 72).

Neste cenário, Berger apostou, inicialmente, na secularização, que pressupunha que a modernidade causaria um declínio da religião. No entanto, ao longo dos anos, reavaliou sua posição com base em evidências empíricas globais. Em obras posteriores, ele reconheceu a complexidade e variabilidade dos processos de secularização em diferentes sociedades. Observando a robustez e o renascimento da religiosidade em diversas partes do mundo. Berger chegou à conclusão de que a secularização não era um produto necessário ou universal da modernização. Em vez disso, ele passou a ver a secularização e a ressurgência religiosa como fenômenos contextuais que variam de acordo com as especificidades regionais e históricas. Assim, “o nosso mundo não é nada secular, mas tão religioso como outrora, e em alguns lugares mais ainda” (BERGER, 2017, p. 11). O panorama levou Berger e Luckmann (2012) a considerar que, nas configurações das sociedades contemporâneas, observa-se a emergência de um pluralismo religioso, proporcionando um vasto espectro de opções confessionais aos indivíduos.

Para Berger, a modernidade não aparece em apenas uma versão, mas sim, em múltiplas (BERGER, 2017, p. 138). Eisenstadt (2001) apresenta uma análise multifacetada do

cenário contemporâneo, enfatizando a multiplicidade de programas culturais existentes. Sua proposta se articula em torno de duas perspectivas centrais. Primeiramente, ele faz uma distinção entre os conceitos de modernidade e ocidentalização. Para Eisenstadt, é imperativo não perceber o Ocidente como a única referência de desenvolvimento para outras regiões. Com isso, ele introduz a noção de "modernidades" no plural, ressaltando a pluralidade de trajetórias modernas que coexistem globalmente. Em uma segunda perspectiva, Eisenstadt (2001) ressalta o caráter dinâmico das várias modernidades. Elas não são entidades imutáveis; ao contrário, estão em um processo contínuo de transformação e adaptação. Esta abordagem ressalta a fluidez e o caráter evolutivo dos processos de modernização em diferentes contextos culturais:

A ideia de modernidades múltiplas pressupõe que a melhor forma de compreender o mundo contemporâneo — e de explicar a história da modernidade — é concebê-lo como história de constituição e reconstituição contínua de uma multiplicidade de programas culturais. O termo “modernidades múltiplas” tem duas implicações. A primeira é que modernidade e ocidentalização não são idênticas; o padrão, ou padrões, ocidentais de modernidade não constituem as únicas modernidades “autênticas”, mesmo se foram historicamente precedentes e se continuaram a ser uma referência central para outras visões da modernidade. A segunda é que o termo modernidades implica finalmente o reconhecimento de que essas modernidades não são “estáticas”, que se encontram antes em constante mutação (EISENSTADT, 2001, p. 139).

Contudo, essa mesma estrutura também tem sido catalisadora de crises tanto de natureza subjetiva quanto intersubjetiva no que concerne à busca de significado, influenciando assim a conexão dos indivíduos com o divino. Com a modernidade, observou-se uma espécie de vertigem da liberdade.

A vertigem da libertação abre caminho para uma inquietação crescente. É como se não houvesse chão para se manter; nada é certo, e não há mais guias confiáveis para dizer como se deveria viver. Agora se busca uma nova libertação, uma libertação da antiga libertação que abolira as velhas coações institucionais. O que se segue tipicamente é a reconstrução de instituições, sejam elas antigas ou novas (BERGER, 2017, p. 33).

Bauman, em sua análise da modernidade líquida, ilustra este cenário como um constante estado de fluidez, onde nada é permanente e tudo é efêmero, onde “os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas” (BAUMAN, 2001, p. 12). Esta fluidez, ao mesmo tempo em que proporciona uma liberdade sem precedentes, também cria uma crise de sentido. Sentido este que, “nada mais é do que uma forma complexa de consciência, é a consciência de que existe uma relação entre

as experiências” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 15)²¹. Quando as antigas tradições e estruturas são desmanteladas, o que resta é um vasto oceano de possibilidades, mas sem uma bússola clara para navegação.

A modernidade, portanto, ao questionar e desconstruir certezas há muito estabelecidas, também criou um vácuo. A ausência de um sentido transcendental ou de estruturas sólidas conduziu a uma busca incessante por significado, “vivências puramente subjetivas são o fundamento da constituição do sentido: estratos mais simples de sentido podem surgir na experiência subjetiva de uma pessoa” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 17). A transição para a Modernidade marcou uma revolução cultural que elevou a importância da subjetividade, da autonomia individual, da liberdade e do reconhecimento dos direitos inalienáveis, aspectos cruciais para uma genuína promoção do ser humano. Movimentos libertários em defesa da emancipação de minorias e de diversos grupos sociais, como proletários, judeus, negros, e a população LGBTQIA+. No entanto, e nesse mesmo cenário, observa-se uma evolução da perspectiva para uma visão antropocêntrica da realidade, onde a ótica do ser humano é protagonista, epicentro da existência e, aí, “a modernidade nos apresenta um discurso da autonomia da razão contra a tutela que a instância religiosa exercia sobre todos os campos da vida humana” (CORREA DE ARAÚJO, 2007, p. 56).

A vertigem da modernidade refere-se a este sentimento de desorientação que se instala quando confrontados com uma multiplicidade de escolhas e a relativa ausência de estruturas orientadoras. Antes, as instituições determinavam o que fazia sentido, atuando como reguladoras deste entendimento na sociedade. Com a modernidade, passou a existir uma variedade de interpretações disponíveis, levando as pessoas a selecionarem entre diversas opções de compreensão. A modernidade aparece reivindicando “a autonomia das diferentes esferas da existência em face do sagrado. A razão moderna afirma sua autonomia através da liberdade. Com isso, a modernidade pensou ter chegado à afirmação do ser humano autônomo, sujeito de si e da história” (CORREA DE ARAÚJO, 2007, p. 56). Conforme apontam Berger e Luckmann, este processo pode ser configurado como “fornecedores de sentido para obter o favor de um público que se vê confrontado com a dificuldade de escolher, entre uma infinidade de ofertas, a mais adequada” (2012, p. 22). Instituições a exemplo da religião, produtoras de sentido, se veem confrontadas diante da oferta da modernidade.

²¹ Berger e Luckmann (2012) apontam que a experiência em si, isoladamente, é desprovida de sentido. O sentido passa a existir a partir da relação entre as experiências.

Peter Berger e Thomas Luckmann abordam os ecos da crise de sentido que permeia a modernidade ao vislumbrar a realidade enquanto um produto social, moldado e formado por processos contínuos de externalização, objetivação e internalização, como vimos no início deste capítulo. A descontinuidade das narrativas, a multiplicidade de perspectivas e a relativa ausência de certezas universais criaram uma paisagem complexa onde a busca por significado tornou-se central. A modernidade, com sua ênfase na individualidade, racionalidade e progresso, trouxe consigo uma ruptura deste senso compartilhado de realidade. Neste cenário, as zonas de significado, que eram anteriormente estáveis e amplamente aceitas, começaram a se fragmentar. Ao invés de uma única narrativa dominante que dava sentido ao mundo, a modernidade apresentou múltiplas narrativas concorrentes. Cada indivíduo, agora armado com o poder da razão e da escolha, teve que construir e negociar seu próprio senso de realidade. E é nesse espaço de busca que instituições à exemplo da Assembleia de Deus, encontram ressonância ao proporcionar um sentido de pertencimento, propósito e direção para o fiel.

Aqui reside a crise de sentido. O que era anteriormente tomado como garantido, agora está sujeito a escrutínio, revisão e, muitas vezes, rejeição. A busca por significado tornou-se menos uma jornada compartilhada e mais uma peregrinação solitária. Nesse espaço de ambiguidade, organizações como a Assembleia de Deus oferecem uma promessa de sentido ao dispor de uma narrativa coesa e estruturada, ancorada em verdades transcendentais, que prometem aliviar a vertigem da modernidade e responder à crise de sentido. Por meio de suas doutrinas e práticas reivindicam a existência de uma realidade estável e imutável em meio ao caos da modernidade. Os meios de comunicação de massa, à exemplo do Mensageiro da Paz da Assembleia de Deus, “difundem conhecimentos especializados de forma popular e as pessoas se apropriam dessas informações e as integram em seus tesouros de experiências” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 21). Por isso, no cenário de crise moderna, as instituições mais importantes são aquelas que controlam não apenas a transmissão, mas a produção de sentido (BERGER, LUCKMANN, 2012, p. 22). Elas têm a função, como apontam Berger e Luckmann, de conservar e disponibilizar sentido.

Mas, para além da crise de sentido, Berger também aponta outro fruto da modernidade. Ao invés da secularização, ao considerar a modernidade não simplesmente uma época de progresso tecnológico e científico, Berger identifica que é ela também um período de pluralismo sem precedentes, caracterizada pela coexistência de diversas visões de mundo em um mesmo espaço social. A modernidade surge como uma complexa constelação de

processos e deságua na pluralidade. O cenário coloca a fé diante de um grande desafio, mas, agora, Berger entende que esse desafio não é necessariamente a secularização (2017, p. 53).

De acordo com Berger,

o pluralismo é uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente. Faz pouco sentido falar de pluralismo quando as pessoas não falam umas com as outras. Para que o pluralismo desencadeie a sua plena dinâmica, deve haver conversação constante. O que acontece, então, é o que chamei de contaminação cognitiva (BERGER, 2017, p. 20).

Berger e Zijderveld (2012) elucidam que a emergência da modernidade não resultou necessariamente em um decréscimo da relevância da religião na sociedade. Ao invés disso, o que ocorreu foi uma diversificação das expressões religiosas. Eles argumentam que a característica distintiva da modernidade é sua capacidade de pluralizar. Esta concepção é fundamentada na premissa de que a modernidade, em combinação com fenômenos globais, tem facilitado a mobilidade e o vigor das cidades, aspectos estes que, quando somados à revolução da informação, proporcionaram um acesso sem precedentes à informação. Estes fatores, em conjunto, resultaram em uma diversidade religiosa sem paralelo na narrativa histórica.

Com o advento do capitalismo global, da migração e da comunicação de massa, diferentes culturas, tradições e visões de mundo agora coexistem muitas vezes em proximidade imediata. Esta convivência de múltiplas realidades leva a uma série de construções concorrentes que os indivíduos devem negociar e navegar. Essa coexistência de diferentes ordens, mundos, valores, ao formar comunidades de sentido diferentes, é o que Berger e Luckmann vão atender por pluralismo e, “quando ele mesmo se desenvolve como um valor supraordenado para a sociedade, podemos falar em pluralismo moderno” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 37). Essa coexistência de diferentes mundos, para configurar um ambiente pluralista, pressupõe que “as pessoas continuem a falar umas com as outras e influenciando umas às outras” (BERGER, 2017, p. 21). Surge, então, a relativização das certezas, subproduto do pluralismo por meio da modernidade. As verdades que antes eram consideradas absolutas e universais agora são vistas como contingentes e locais, “a relativização é a compreensão de que a realidade pode ser percebida e vivida de uma maneira diferente daquela que alguém pensava ser a única possível” (BERGER, 2017, p. 24). No ambiente pluralista, a relativização torna-se uma experiência permanente.

Em face da modernidade e das suas incessantes mudanças, a década de 1980 viu a Assembleia de Deus buscar um alicerce mais firme para suas crenças e práticas, momento em que o Mensageiro da Paz atuou com mais força contra as correntes do relativismo. Em suas páginas, os desafios da modernidade eram comentados em termos religiosos, oferecendo aos fiéis uma interpretação do mundo que estava alinhada com a teologia pentecostal. Habermas (1981), em sua Teoria da Ação Comunicativa, destaca a capacidade de criar mundos da vida compartilhados. No contexto da teoria do agir comunicativo, o conceito do mundo da vida posiciona-se como um elemento central ao enfatizar a importância de se valorizar tanto as ciências que se manifestam em um plano teórico e formal quanto o mundo da vida, que é apreendido no âmbito do senso comum:

os atores, ao mesmo tempo que se entendem sobre algo no mundo, tomam parte em interações que lhes permitem formar, confirmar ou renovar sua própria identidade e sua pertença a grupos sociais. As ações comunicativas não constituem apenas processos de interpretação em que um saber cultural é submetido a um “teste no mundo”; elas significam também processos de socialização e de integração social. E neste caso o mundo da vida é “testado” de um modo inteiramente diferente: pois os testes não se medem imediatamente por pretensões de validade criticáveis, ou seja, segundo critérios de racionalidade, mas segundo critérios de solidariedade entre os membros e segundo o critério da identidade do indivíduo socializado. Quando os participantes da interação, voltados “ao mundo”, reproduzem, mediante suas realizações de entendimento, o saber cultural do qual se nutrem, eles reproduzem ao mesmo tempo sua identidade e sua pertença a coletividades (HABERMAS, 1981, p. 211; t. 255, v. II).

No caso do Mensageiro da Paz, este mundo da vida é profundamente religioso, onde a realidade é vista através de uma lente teológica. As notícias, testemunhos e ensinamentos veiculados no jornal não são apenas relatos factuais ou doutrinários, mas pedaços interconectados de uma tapeçaria maior que compõem a realidade da Assembleia de Deus. Além disso, é essencial reconhecer o modo pelo qual o jornal não apenas relata, mas também influencia a dinâmica da Assembleia de Deus. Como um guia moral e espiritual, o jornal não só reflete as posturas da igreja, mas também ajuda a moldá-las. Cada edição contribui para o contínuo processo de exteriorização, objetivação, interiorização e legitimação de ideias e práticas que definem a identidade da Assembleia de Deus no contexto brasileiro. Longe de ser somente um instrumento de comunicação, o jornal se torna uma entidade ativa na criação da realidade para a Assembleia de Deus. Ao analisar sua influência e conteúdo, ganhamos elementos sobre como a religião e as mídias colaboram na formação de mundos da vida específicos, e como esses mundos, por sua vez, influenciam e moldam a sociedade mais ampla.

A relação simbiótica entre a Assembleia de Deus e o Mensageiro da Paz serve como um lembrete da complexidade das instituições religiosas e de sua mídia associada. Eles não existem no vácuo, mas em um constante estado de negociação com seu entorno e com seus próprios membros. Através do seu jornal, a Assembleia de Deus não apenas projetou sua realidade desejada, mas também se moldou em resposta às realidades emergentes do Brasil da década de 1980. Num contexto cultural em que a percepção da realidade é multifacetada e frequentemente moldada pelas instituições dominantes, o papel da religião – em particular, o pentecostalismo da Assembleia de Deus – emerge como um potente construtor de sentido, tendo em vista que “a religião serve para manter a realidade daquele mundo socialmente construído, no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas” (BERGER, 2004, p. 55).. O Mensageiro da Paz torna-se uma ferramenta de construção e reforço da realidade religiosa para a vasta congregação que a ele se conecta. O jornal assembleiano não só informa, mas também forma a consciência de seus leitores. Cada edição, cada artigo, opera numa dualidade: por um lado, ressoa as convicções da denominação e, por outro, responde aos anseios, preocupações e questionamentos dos fiéis. Esse diálogo contínuo entre o periódico e seus leitores estabelece um terreno comum de entendimento, onde os limites entre o dogma e a interpretação individual se fundem.

No entanto, na medida em que a crise de sentido e pluralismo oferecem uma oportunidade ímpar, também pedem uma resposta rápida aos fenômenos. A relativização requer um posicionamento rápido por parte de igrejas já que as “igrejas são inerentemente conservadoras, logo que conseguem estabelecer seu monopólio em uma dada sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 165). O ambiente plural é fundamental para que instituições conservadoras ganhem relevância ao mesmo tempo em que requer que elas combatam “a compreensão de que a realidade pode ser percebida e vivida de uma maneira diferente daquela que alguém pensava ser a única forma possível” (BERGER, 2017, p. 24). Ou é isso, ou essas instituições verão a relativização tornar-se uma experiência permanente dentro de seus espaços, o que arrisca o monopólio dessas denominações. Temos um paradoxo. A modernidade deságua em uma crise de sentido que é fundamental para as instituições conservadoras como a Assembleia de Deus. Por meio dessa crise, ela consegue se firmar como uma produtora de sentido. Ao mesmo tempo, a modernidade oferece um ambiente plural que tem por base processos de relativização que ameaçam o monopólio da instituição. A cena apresenta o pluralismo como “o grande desafio a todas as tradições e comunidades

religiosas na era moderna” (BERGER, 2017, p. 44). Como resposta e enfrentamento ao cenário, surge o fundamentalismo, tema no nosso próximo ponto.

2.3 Fios de resistência: o fundamentalismo face à modernidade e pluralidade em defesa de um mundo inflexível

A tapeçaria da modernidade, com seus múltiplos desenhos e tonalidades, também contém fios densos e firmes, representados pelo fundamentalismo. Estes fios, ao passo que proporcionam estrutura e estabilidade para alguns, também podem representar rigidez e intransigência. Berger traduz o fenômeno do fundamentalismo como “um esforço para restaurar a certeza ameaçada” (2017, p. 34) ou, ainda, “um projeto de eliminação total da dúvida, uma tentativa de restaurar, nas condições modernas, a certeza do dado-como-certo de uma sociedade pré-moderna” (2017, p. 73). Compreender a relação entre modernidade, pluralidade e fundamentalismo é essencial para decifrar as complexas dinâmicas da sociedade contemporânea e, em particular, o papel e a estratégia da Assembleia de Deus na década de 1980. Para avançar em nosso entendimento sobre o fundamentalismo, é imperativo desembaraçar este conceito, entrelaçado com tantas conotações e interpretações variadas. Mendonça e Velasques Filho (1990) define fundamentalismo por “corrente que defende pontos que considera fundamentais na doutrina e na moral, sendo extremamente conservadora” (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 141). A essência do fundamentalismo reside em sua resposta a uma ameaça percebida aos princípios fundamentais de uma tradição, conduzindo a uma tentativa de restauração.

O termo "fundamentalismo" frequentemente evoca associações imediatas com o fervor religioso e com o rechaço veemente às modernidades culturais e sociopolíticas. No entanto, a raiz deste fenômeno é mais ampla e complexa, expandindo-se para além das fronteiras religiosas. As características distintivas do fundamentalismo incluem o reacionarismo, entendido como uma reação intensa e muitas vezes antagonística às forças da modernidade, seja ela cultural, tecnológica ou política. Também é possível identificar uma tendência para aderir a uma interpretação literal de textos ou princípios considerados fundamentais, um literalismo. Há, ainda, a crença na exclusividade da própria posição ou perspectiva, muitas vezes acompanhada de uma rejeição total de alternativas. O fundamentalismo aposta na convicção de que a fonte da própria crença é infalível e definitiva, seja ela um texto sagrado, um princípio ideológico ou um conjunto de normas tradicionais e, ainda, em uma distinção

clara e inegociável entre o bem e o mal, acompanhada de uma insistência na conformidade estrita com normas morais percebidas:

O fascínio do fundamentalismo provém de sua promessa de emancipar os convertidos das agonias da escolha. Aí a pessoa encontra, finalmente, a autoridade indubitavelmente suprema, uma autoridade para acabar com todas as outras autoridades. A pessoa sabe para onde olhar quando as decisões da vida devem ser tomadas, nas questões grandes e pequenas, e sabe que, olhando para ali, ela faz a coisa certa, sendo evitado, desse modo, o pavor de correr risco (BAUMAN, 1998, p. 228).

Desta forma,

Não são apenas fanáticos religiosos que precisam de argumentos para justificar seus atos, que a maioria chama de loucura. Muitas vezes (na maioria das vezes?), quando procuramos argumentos para definir nossos fundamentos, procuramos por inimigos. Os proprietários e os acionistas da indústria de armamentos precisam de argumentos para dizer que são fundamentais. Então o bom passa a ser mau, e o mau passa a ser bom (DREHER, 2006, p. 8).

Conforme apontado por Martin Dreher (2006, p. 8), existe uma notável similaridade entre fundamentalismos de diferentes matizes, sejam eles religiosos ou mercadológicos. No caso dos fundamentalistas religiosos, suas ações e crenças são guiadas por dogmas incontestáveis de fé. Os fundamentalistas do mercado, por outro lado, atribuem primazia às leis que governam as transações comerciais, frequentemente em detrimento de considerações humanas. Ambos os grupos operam sob a égide de uma verdade singular e absoluta. Nos discursos fundamentalistas, particularmente nos de teor religioso, os valores cristãos são frequentemente apresentados como os pilares fundamentais para qualquer forma de ação política. A perfeição social, argumentam, somente pode ser alcançada através da adesão rigorosa às verdades contidas nos textos sagrados cristãos. Nestes textos residiria a fórmula para uma sociedade em que prosperidade e felicidade estariam acessíveis a todos. A utopia social, portanto, seria alcançada através da transposição das leis divinas para o âmbito político e legislativo.

Segundo Baptista (2009), o termo "fundamentalismo", em sua acepção mais restrita, refere-se a um movimento originado nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, emergindo no contexto de congregações evangélicas de orientação conservadora. Entre as denominações envolvidas, destacavam-se batistas, presbiterianos e metodistas. Estas comunidades estavam em oposição às investigações teológicas contemporâneas que buscavam desmistificar a proveniência e interpretação das Escrituras Sagradas, valendo-se de abordagens das ciências humanas. Para tais grupos conservadores, essas investigações

representavam uma ameaça potencial à integridade doutrinal de suas igrejas (BAPTISTA, 2003, p. 161). O termo "fundamentalista" foi cunhado em 1920 pelo Reverendo Curtis Lee Laws, editor do jornal batista *Watchman Examiner* (PIERUCCI, 1992, p. 144). Na época, o termo foi prontamente adotado e celebrado por batistas e presbiterianos como um símbolo de seu compromisso de defender aquilo que entendiam como os pontos fundamentais da fé (PIERUCCI, 1992, p. 144). Pierucci destaca que estes princípios foram articulados e publicados em uma série de panfletos redigidos entre 1910 e 1915 e tratavam de itens como a inerrância da Bíblia, o nascimento virginal de Jesus Cristo, sua ressurreição física, a expiação de pecados através de Jesus e a veracidade dos milagres atribuídos a ele. Entre estes, o conceito de inerrância bíblica tornou-se particularmente proeminente dentro do ativismo fundamentalista, culminando em uma obsessão contínua com a narrativa bíblica da criação humana (PIERUCCI, 1992).

Castro (2019) explica que durante a era da Guerra Fria, os grupos fundamentalistas nos Estados Unidos se alinharam fortemente com a postura anticomunista do país, vendo nesta aliança uma oportunidade não apenas para salvaguardar a nação, mas também para inculcar e disseminar valores cristãos. Neste combate ao que percebiam como o ateísmo inerente ao comunismo, os fundamentalistas desempenharam um papel significativo na criação de um "espírito americano". Este conceito encapsula uma forma de nacionalismo que continua a ser relevante no discurso público americano contemporâneo. Decorrente desse contexto histórico específico, este nacionalismo é caracterizado por uma intensa veneração da pátria, da bandeira nacional e do denominado "sonho americano" (CASTRO, 2019, p. 52). Este conjunto de valores e crenças foi significativamente moldado pela influência do fundamentalismo religioso durante o período da Guerra Fria. Ainda nos Estados Unidos do século XX, nos anos 1970, o fundamentalismo ganhou corpo com a chegada dos televangelistas. Nomes como o de Pat Robertson ganharam notoriedade entre os evangélicos norte-americanos. Robertson chegou a pleitear uma candidatura à presidência dos Estados Unidos em 1988 pelo Partido Republicano²² (BAPTISTA, 2003). Sobre o fundamentalismo religioso nos Estados Unidos, lemos que:

Os religiosos fundamentalistas ajudaram a financiar os governos conservadores contra o avanço dos partidos de esquerda. Faziam um forte ativismo atacando as minorias homossexuais, as iniciativas de legalização do aborto, e as teorias darwinistas. Com a pretensão de frear as políticas públicas baseadas nestas questões, adentraram na política (CASTRO, 2019, p. 52).

²² Ele terminou sendo derrotado por George Bush, que, no pleito, terminou sendo eleito presidente dos Estados Unidos.

O fundamentalismo pode ser entendido, seguindo os passos de Marty e Appleby (1991), como uma estratégia que busca restaurar uma ordem percebida como ameaçada por forças externas. Essa estratégia não é exclusiva de um contexto religioso, mas pode ser identificada em diferentes esferas sociais e políticas. O fundamentalista está “com suas palavras e muitas vezes com suas atividades, em guerra com o mundo” (ELLER, 2018, p. 434). Em sua essência, o procura por certezas absolutas, por dogmas incontestáveis, e por uma visão singular do mundo, ancorando-se em textos, tradições ou líderes inquestionáveis:

Não é nenhum insulto ao fundamentalismo considerá-lo militante, seja no uso de palavras e ideias, ou votações ou, em casos extremos, balas. Os fundamentalistas se consideram militantes. Isto significa que a primeira palavra para referir-se a eles é dizer que eles são reativos (MARTY; APPLEBY, 1991, p. 9).

Eller aponta que o fenômeno não se manifesta de forma monolítica, mas em diversos graus de complexidade (2018, p. 436-438). Os fundamentalistas categorizados como puristas, tanto em termos morais quanto ideológicos, tendem a permitir que sua religião dite a maioria dos aspectos de suas vidas, sem adotar posturas extremas. Os denominados separatistas pacíficos optam por um distanciamento ideológico e físico da sociedade mais ampla. Já os fundamentalistas ativistas se engajam ativamente na sociedade, buscando moldá-la de acordo com seus valores e crenças intrínsecas. Os reconstrucionistas, por sua vez, visam uma reconfiguração social baseada em seus preceitos religiosos. Em contrapartida, os militantes estão dispostos a empregar a força para impor suas perspectivas. Portanto, o embate entre o fundamentalismo e a sociedade não se restringe a um único formato, mas se manifesta em múltiplas formas de conflito. Berger (2017, p. 34) oferece uma perspectiva complementar ao distinguir os fundamentalismos em reacionários e progressistas. Ele postula que "pessoas firmemente enraizadas numa tradição podem permitir-se certa margem de tolerância em relação àqueles que não compartilham a tradição" (2017, p.35).

Quando falamos em fundamentalismo religioso, Mendonça e Velasques Filho apontam que o fenômeno assume posições radicais em relação à Bíblia de modo que “está fora de cogitação qualquer forma de contextualização” das escrituras, provocando “forte hostilidade à moderna teologia e seus métodos” (1990, p. 140). Uma série de crenças e atitudes caracteriza esse fiel:

a) gosto exagerado pelas profecias, com o abandono relativo dos demais quadros básicos da fé cristã; b) expectativa permanente da volta de Jesus Cristo; c) insistência em sinais; d) insistência em quadros referenciais de doutrinas que possam transmitir segurança, ou melhor, respeito pela reta doutrina (dogmatismo); e) desconfiança

para com a ciência e toda forma de saber que não tenha referencial bíblico; f) certeza de que os que não compartilham com seus pontos de vista religiosos não são absolutamente cristãos (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 141).

Conforme apontam Marty e Appleby (1991), entre as características recorrentes dentro desse fenômeno está o idealismo religioso, o uso de escatologias dramáticas, uma mitologização dos inimigos, apelo às massas, lideranças autoritárias, zelo missionário e uma mentalidade de crise. Desse modo, o fenômeno fundamentalista pode existir na política, onde os seguidores de uma ideologia particular rejeitam qualquer compromisso ou nuance; na cultura, ao resistir à globalização ou a influências externas percebidas como ameaçadoras para uma cultura ou tradição específica; e em outros muitos setores. Em seu núcleo, a tentativa de retornar a uma ordem anterior, percebida como pura ou autêntica, em face de um mundo em rápida mudança, em reação contra as incertezas, as ambiguidades e as complexidades da vida moderna. Fenômeno ambíguo, embora possa oferecer clareza e certeza para seus adeptos, também pode levar ao extremismo, à intolerância e, em alguns casos, à violência. De acordo com Mendonça e Velasques Filho, o fenômeno assume características autoritárias e ultraconservadoras:

Antes de mais nada é uma forma de fé cristã inteiramente voltada para o sobrenatural e para o a-histórico. Não há nenhuma abertura para o social, para a Igreja no mundo. É uma fé passiva em busca de sinais. Não favorece nenhuma reflexão teológica. A fé já está cristalizada na reta doutrina. Não favorece projetos nem gera utopias porque a leitura da Bíblia já está feita. É um dogmatismo escolástico, autoritário e ultraconservador. A auto-suficiência dos fundamentalistas em matéria de fé constitui-se numa espécie de racismo confessional. A ausência de amor é uma das primeiras consequências. O fundamentalismo não se difunde eclesialmente, isto é, pelas confissões de fé das Igrejas constituídas, mas ideologicamente, através de instituições paraeclesiais preponderantemente estrangeiras (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 142).

Armstrong (2001) vê o fundamentalismo como uma revolta contra a modernidade. Ela destaca que o fenômeno não é uma tentativa de regressar ao passado, mas sim uma resposta contemporânea aos desafios da modernidade. Conforme Armstrong postula, existe uma intrínseca conexão entre o fundamentalismo religioso e o fundamentalismo político. Dentro da perspectiva dos fundamentalistas religiosos, qualquer iniciativa política deve ser norteadas por preceitos religiosos considerados verdadeiros. Para esses indivíduos, a sociedade ideal é aquela que se alinha e se submete integralmente à sua interpretação da verdade religiosa. Sob essa premissa, ações violentas em Estados soberanos são justificadas, assim como a promoção de guerras santas contra supostos hereges. Tais posturas podem levar a atos extremos, como o homicídio em nome de convicções divinas e outras intervenções violentas de caráter religioso.

Os fundamentalistas, em sua visão, não rejeitam a modernidade per se, mas a sua percepção da moralidade e dos valores modernos:

Em todos os tempos e em todas as tradições, sempre houve gente que combateu a modernidade de sua época. Entretanto, o fundamentalismo que vamos analisar é um movimento do século XX por excelência. É uma reação contra a cultura científica e secular que nasceu no Ocidente e depois se arraigou com outras partes do mundo. O Ocidente criou um tipo distinto de civilizado, totalmente inédito, que desencadeou uma reação religiosa sem precedentes. Os movimentos fundamentalistas contemporâneos têm uma relação simbiótica com a modernidade. Podem rejeitar o racionalismo científico do Ocidente, mas não têm como fugir dele. A civilização ocidental mudou o mundo. Nada – nem a religião – serão como antes. Em todo o planeta, há pessoas lutando contra essas novas condições e vendo-se obrigadas a reafirmar suas tradições religiosas, que foram concebidas para um tipo de sociedade inteiramente diverso (ARMSTRONG, 2001, p. 50).

A modernidade, com seu constante desafio à autoridade tradicional e seu reconhecimento da pluralidade de perspectivas, introduziu uma ameaça latente à solidez dos pilares teológicos de denominações religiosas. Em um mundo onde tudo estava sendo questionado e onde o absoluto estava se tornando relativo, parte das igrejas sentiu a necessidade premente de reafirmar e consolidar sua posição. Não é surpresa que, em face dessa crise de sentido provocada pela modernidade, a Assembleia de Deus tenha optado pelo fundamentalismo como uma estratégia de resistência. O fundamentalismo religioso, em sua essência, busca retornar às fundamentações ou princípios básicos de uma religião, rejeitando interpretações modernas ou liberais em favor de uma leitura literal e rigorosa dos textos sagrados. Arens explica que os fundamentalistas tomam ao pé da letra a linguagem, ao invés da mensagem (2007, p. 60). Ele explica que, ao acessar o texto bíblico que apresenta Deus moldando um bocado de argila, o manipulando e, a partir daí, formar o ser humano, a mensagem do texto é a de Deus enquanto ponto de partida, criador, e não necessariamente que do barro se fez o homem ou que da costela de Adão se formou a mulher (ARENS, 2007, p. 60). Os fundamentalistas ignoram uma série de incongruências que existem na Bíblia, fruto das tradições orais, como a duplicação de narrativas para falar do mesmo evento com pontos de vista divergentes, falta de uma ordem cronológica lógica e uma série de anacronismos (ARENS, 2007, p. 65):

Tudo isto implica que nem tudo o que se encontra na Bíblia deve ser absolutizado e considerado indefectivelmente correto e válido para todos os tempos. A interpretação é relativa à medida que depende do nível cultural e cognitivo, tanto do emissor como do receptor (ARENS, 2007, p. 89).

Sobre o fundamentalismo religioso, Bauman destaca seu caráter totalitário e a sua abertura para outras formas de fundamentalismo:

O fundamentalismo religioso pertence a uma família mais ampla de soluções totalitárias ou protototalitárias, oferecidas a todos os que deparam a carga da liberdade individual excessiva e insuportável. Além do fundamentalismo religioso, a família inclui muitas formas de fundamentalismo étnico, de orientação racial ou tribal, todas constituindo oposição tanto ao estado secular como à cidadania indiscriminada e não-discriminadora (denegrida como 'abstrata'), que vêm agora tomar o lugar dos geralmente desacreditados movimentos políticos totalitários (como o comunismo ou o fascismo)" (BAUMAN, 1998, p. 229).

A dinâmica entre modernidade, pluralidade e fundamentalismo tece uma intrigante parte de nossa tapeçaria social contemporânea. Em um mundo cada vez mais marcado pela diversidade de ideias e práticas, é paradoxal que o fundamentalismo continue a ressoar para muitos, agindo como um polo magnético, atraindo seguidores desejosos de se apegar a uma verdade singular, firme e imutável. É paradoxal que justamente a acelerada modernização e a consequente pluralização da sociedade alimentam o apelo do fundamentalismo. As rápidas mudanças sociais, culturais e tecnológicas têm desestabilizado tradições e estruturas sociais que anteriormente ofereciam um senso de pertencimento e identidade. Em meio a essa fluidez, muitos indivíduos sentem-se desorientados, ansiando por algo sólido ao qual se apegar. O pluralismo obriga, aponta Berger, que indivíduos façam escolhas entre diferentes possibilidades religiosas e não religiosas (BERGER, 2017, p. 83). Enquanto que essa pode ser uma experiência libertadora para uns, é também dolorosa para outros. E, diante de um indivíduo que se vê obrigado a fazer suas escolhas, instituições religiosas podem, para afastar o relativismo, apostar no fundamentalismo.

Há também aí um processo de alienação, quando “a relação dialética entre o indivíduo e seu mundo é perdida para a consciência” (BERGER, 2004, p. 97). O ser humano alienado deixa de perceber que o mundo em que vive foi e continua sendo produzido por ele mesmo e passa a viver “num conjunto fechado de reificações divorciadas da atividade presente e futura” (BERGER, 2004, p. 98).

Em que pese Berger ter admitido seu equívoco em pensar que a modernidade acarretaria em um secularismo caracterizado pelo declínio da religião, ele vai apontar que, ainda que o produto da modernidade seja o pluralismo, há, também, a produção de um discurso secular (BERGER, 2017, p. 107). Esse conceito é importante para entendermos a dinâmica do fundamentalismo. Para Berger, há áreas da consciência do indivíduo que permitem que a abordagem seja determinada pelo discurso secular e, outras, pelo discurso

religioso, na medida em que defende a existência de um pluralismo também de discursos (2017, p. 111). A negociação, também chamada de manipulação, dos discursos seculares e religiosos é o que caracteriza uma pessoa moderna (2017, p. 112). Um exemplo dessa abordagem pode ser o caso de um fiel que sofre um acidente e fratura a perna. Ele pode chamar por Deus e pedir socorro aos céus, mas certamente irá ao hospital para procedimentos médicos urgentes. Há uma negociação de discurso. Ao ficar bem, ele pode, inclusive, usar a máxima de que “Deus usou a mão dos médicos para me curar”. Isso aponta para o fato de que mesmo o fundamentalista pode ser moderno. As igrejas pentecostais que adotam uma série de costumes como a proibição de alguns tipos de roupas para mulheres também podem ser modernas. Os islâmicos e toda a sua tradição milenar podem fazer leituras modernas. O fato está ligado à negociação dos discursos.

A negociação de discursos aparece quando há católicos que usam preservativos em suas relações sexuais e façam uso de outros métodos contraceptivos. A leitura é que essa área da sua vida deve ser guiada pelo discurso secular e não pelo religioso. Essa negociação permite ao fundamentalista deixar que o secularismo fale mais alto em algumas questões e permitir que o religioso se sobreponha em outras, já que “o fundamentalismo procura provocar uma mentalidade arcaica sob condições modernas” (BERGER, 2017, p. 132). O fiel pentecostal consegue pregar que há salvação para todos os perdidos ao mesmo tempo em que vota em candidatos que defendem a máxima de que “bandido bom é bandido morto”. A aparente hipocrisia pode ser lida também de forma fenomenológica ao lermos a questão por meio do prisma que defende:

O indivíduo moderno pode desenvolver, e em muitos casos realmente desenvolveu, a capacidade de administrar tanto as definições religiosas quanto as definições seculares da realidade, dependendo de qual é diretamente relevante para o assunto em questão (BERGER, 2017, p. 118).

Não há constrangimento para o fiel praticante do fundamentalismo religioso. Ele consegue, ao fim de um dia onde ocasionalmente pode ter ferido vários direitos humanos com opiniões diversas, estar em uma igreja, de joelhos, orando. Ele não se considera fundamentalista. Mendonça e Velasques Filho destacam ser “muito difícil que o fundamentalista se auto-identifique por esse termo, regra-geral ele se diz simplesmente evangélico-conservador” (1990, p. 139)²³. Conforme Berger explica em suas perspectivas sociológicas (2014), as biografias são gêneros literários que colecionam uma série de

²³ O texto defende que o termo “evangélico-conservador” pode, inclusive, causar confusão, já que é possível ser conservador sem ser fundamentalista.

episódios da vida de uma pessoa. Essa sequência de acontecimentos na vida de uma pessoa forma sua biografia, mas esses acontecimentos podem estar sujeitos a interpretações alternativas (BERGER, 2014, p. 67). Nesse jogo, o passado é flexível, maleável, e o indivíduo pode ler uma série de acontecimentos onde ele agiu de forma fundamentalista sob outro prisma em um processo de reinterpretação do passado “tão antigo quanto o homo sapiens” (BERGER, 2014, p. 69).

O fundamentalismo oferece uma solução sedutora. Ele promete certezas em um mundo de ambiguidades, oferece uma narrativa clara e inalterada em um mundo repleto de relatos concorrentes e, talvez mais criticamente, oferece um senso de pertencimento e comunidade em um mundo onde muitos se sentem deslocados. Além disso, o fundamentalismo não apenas rejeita as multifacetadas realidades da modernidade, mas também se apropria habilmente de suas ferramentas. Em um mundo interconectado, grupos fundamentalistas se utilizam das redes sociais, da mídia e de outras plataformas de comunicação modernas para disseminar sua mensagem, atrair novos seguidores e consolidar sua presença. Assim, de maneira irônica, a própria modernidade fornece ao fundamentalismo os meios para resistir e contrariar suas tendências pluralizadoras.

Com os rápidos processos de urbanização, avanços tecnológicos e mudanças sociais, as religiões tiveram que navegar por águas turbulentas para manter seus fiéis engajados. Em um cenário de pluralidade crescente, onde múltiplos sistemas de crença convergiam, muitas igrejas se viram diante de uma decisão: adaptar-se ou resistir. No Brasil, a Assembleia de Deus, enfrentando a maré da modernidade e o crescente pluralismo religioso da década de 1980, começou a tecer seus próprios fios de resistência. Em vez de se adaptar às transformações, a denominação buscou se reafirmar e o fez através de seu periódico, Mensageiro da Paz. Havia a necessidade de oferecer uma alternativa clara e inequívoca à relativização de crenças e práticas religiosas trazidas pela modernidade. Através de discursos, sermões e publicações, a Assembleia de Deus procurou estabelecer e reforçar seus fundamentos teológicos e doutrinários, apresentando-os como imutáveis e eternos em meio à efemeridade do mundo moderno, como veremos já no próximo capítulo desta tese.

A postura fundamentalista adotada pela Assembleia de Deus na década de 1980 pode ser entendida como uma resposta direta e multifacetada à crise de sentido provocada pela modernidade e pela pluralidade. No entanto, o fundamentalismo não foi meramente uma resposta teológica à crise, mas também uma estratégia pragmática. A análise das edições do Mensageiro da Paz na década de 1980 revela uma inclinação deliberadamente fundamentalista

de forma evidente, como vamos apresentar nos dois próximos capítulos. Através de sua retórica, escolha de temas e enquadramento de questões, fica nítida uma tentativa deliberada de estabelecer e reforçar dogmas, negar qualquer forma de relativização da fé e posicionar a igreja como guardiã da verdade divina. Esta postura, além de servir como uma resposta teológica e cultural à modernidade, também tinha implicações políticas. Ao se estabelecer firmemente contra a maré da relativização, a Assembleia de Deus não apenas consolidou seu rebanho, mas também buscou influenciar o discurso público e político, assegurando que seus dogmas e valores permanecessem protegidos e promovidos.

2.4 Conclusão do capítulo: desvendando o Mensageiro da Paz à luz do quadro teórico

A imersão no capítulo 2 nos proporcionou uma visão detalhada de conceitos e teorias fundamentais para a compreensão da interação entre a Assembleia de Deus, o Mensageiro da Paz e a sociedade brasileira em meio a uma época de rápidas transformações. Teorias como a construção social da realidade, junto com noções de modernidade, crise de sentido, pluralismo e fundamentalismo, desvendam a complexa tapeçaria que fundamenta a relação do periódico com seu público e contexto sociopolítico. Este arcabouço teórico não apenas destaca a profundidade da interação entre mídia e religião, mas também sinaliza a intrincada relação da Assembleia de Deus com o mundo ao seu redor, numa dança constante entre manter sua identidade religiosa e responder aos desafios da contemporaneidade.

Com as ferramentas teóricas agora em mãos, o Capítulo 3 promete uma viagem ao coração do Mensageiro da Paz, onde decifraremos como o periódico respondeu a temas sensíveis e centrais da década de 1980. Este próximo passo não apenas esclarecerá o posicionamento da Assembleia de Deus frente a questões morais e religiosas, mas também revelará a habilidade do periódico em navegar e moldar a narrativa em um cenário tão diverso e plural quanto o brasileiro. A habilidade do Mensageiro da Paz em responder e até mesmo moldar a dinâmica da sociedade é uma testemunha eloquente da influência e poder que uma instituição religiosa pode exercer.

Por fim, o Capítulo 4 nos conduzirá ao palco da redemocratização brasileira, momento crítico da história nacional, e permitirá observar a habilidade da Assembleia de Deus em utilizar o repertório retórico e ideológico discutido neste capítulo para influenciar a política brasileira. A análise das interações da Assembleia de Deus com figuras políticas chave e sua atuação na elaboração da Constituição de 1988 servirá não apenas como uma janela para entender a ascensão evangélica, mas também para apreciar o delicado equilíbrio entre religião,

mídia e política no Brasil. Ao avançarmos, o alicerce estabelecido aqui nos guiará, permitindo uma compreensão mais profunda e enriquecedora dos capítulos vindouros.

**PARTE II – FIOS NO TEAR – MORALIDADE, FÉ, POLÍTICA, ELEIÇÕES,
CONSTITUIÇÃO FEDERAL, CONFLITOS SOCIAIS**

3. PAUTA MORAL E RELIGIOSA NA CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA SISTEMÁTICO-FUNDAMENTALISTA DA ASSEMBLEIA DE DEUS NOS ANOS 1980

Nos propomos a examinar a relevância da comunicação e do Mensageiro da Paz para a Assembleia de Deus traçando uma retrospectiva de sua trajetória e sua conexão com a denominação religiosa. Já delineamos uma análise dos dados mais recentes disponíveis sobre o pentecostalismo assembleiano, enfocando os aspectos sociais e demográficos, especialmente durante a década de 80, período abordado nesta tese. Também abordamos o arcabouço teórico que fundamenta este estudo, explorando os conceitos de modernidade e fundamentalismo, e como esses temas estão interligados ao pentecostalismo assembleiano.

Neste capítulo específico, dedicamo-nos a examinar o surgimento do programa fundamentalista da Assembleia de Deus no Brasil, durante a década de 80, como uma resposta à modernidade e ao pluralismo. Para tanto, nos concentramos em duas temáticas amplamente abordadas nas edições do Mensageiro da Paz naquela época: a pauta moralista e a religiosa. Por meio de uma análise baseada em uma hermenêutica teológica própria, a denominação, ao utilizar o periódico Mensageiro da Paz, delineia um programa de enfrentamento das mudanças sociais e culturais contemporâneas, construindo um imaginário para os fiéis pentecostais assembleianos que os capacita a lidar com os desafios da modernidade e, ao mesmo tempo, a garantir sua legitimidade ao buscar o apoio do voto evangélico. Vale ressaltar a importância singular dessa década, marcada pelas eleições constituintes de 1986 e pelo processo de formulação e promulgação da Constituição Cidadã.

No âmbito da pauta moralista, investigamos temas como carnaval e pornografia, aborto, homossexualidade, a cruzada pró-moralidade, violência e imoralidade, bem como a escatologia. Já no contexto da pauta religiosa, analisamos informações relacionadas ao ecumenismo, à Igreja Católica, à teologia da libertação e a outras religiões, incluindo as de matriz africana. Por meio dessa análise abrangente, buscamos lançar luz sobre o programa fundamentalista adotado pela Assembleia de Deus nos anos 1980, permitindo uma compreensão mais profunda de suas motivações e estratégias na luta contra os desafios trazidos pela modernidade e diversidade religiosa naquela época.

3.1 Debates Morais

Na década de 80, o Brasil vivenciou uma efervescência de transformações sociopolíticas que se entrelaçavam com questões morais profundas. A Assembleia de Deus, com sua crescente influência, não se manteve à margem desses debates. De fato, ela emergiu como uma voz poderosa, moldando e direcionando discussões morais com base em suas convicções teológicas. A seção "Debates Morais" busca desvelar como essa denominação evangélica se posicionou frente a temas controversos da época, delineando sua narrativa moral e inserindo-a no contexto mais amplo do país.

Começando com a celebração nacional do Carnaval e suas implicações de erotização, a igreja estendeu sua influência para temas mais polêmicos e sensíveis, como o aborto e a homossexualidade. Enquanto buscava reforçar padrões morais através de campanhas de pureza, a denominação também se posicionava diante das crescentes preocupações sobre violência e decadência moral na sociedade. Ao mesmo tempo, a lente escatológica influenciava e proporcionava uma visão apocalíptica a esses debates, adicionando uma dimensão de urgência e imperatividade às suas posturas e discursos. Esta seção visa explorar a profundidade e amplitude das posturas da Assembleia de Deus em relação a esses temas, desentrelaçando os complexos fios da tapeçaria moral que foi tecida ao longo da década.

3.1.1 Festas e tabus: o carnaval e a erotização

Ao longo da década de 80, os editoriais publicados no Mensageiro da Paz assumiram uma relevância substancial como instrumento na construção do ethos assembleiano, com a apresentação de temáticas carregadas de teor moralista. Nessa linha de abordagem, o carnaval emergiu como um alvo recorrente de ataques veementes. No mês de fevereiro de 1980, o editorial "A origem e os males do carnaval" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1114, p. 4) apresentou uma série de críticas morais. No centro do argumento, destacava-se o elevado montante financeiro destinado a fantasias, especialmente nos estados da Bahia e do Rio de Janeiro, suscitando preocupações quanto ao comprometimento de recursos públicos, vez que "vários municípios destinam vultosas verbas aos blocos carnavalescos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1114, p. 4). O carnaval era categorizado como um evento de caráter "profano, idólatra e orgíaco" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1114, p. 4), sendo associado a "assassinatos, pessoas desaparecidas, estupros, mocinhas desencaminhadas e grande número de adolescentes iniciados no terrível vício das drogas" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1114, p. 4).

O carnaval é apresentado enquanto fruto do pecado, uma festa de "trajetória obscura" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1127, p. 6), conforme aponta o jornal em 1981 ao tentar estabelecer uma conexão histórica com os imperadores romanos, notadamente Nero, que, segundo o jornal, apreciava o evento e notabilizava-se por se vestir como mulher, adquirindo a alcunha de "primeiro travesti histórico do carnaval" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1127, p. 6). O texto não poupa esforços em apresentar o carnaval sob uma ótica negativa, denunciando que muitos sacrifícios familiares eram realizados para proporcionar "um espetáculo a contento dos turistas" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1127, p. 6). O caráter político permeia as matérias dotadas de forte conteúdo moralista, aproximando-se, de forma significativa, do discurso propagado pelo então presidente ditador João Figueiredo e seus ministros. O texto em questão aponta o carnaval como responsável pela desonra das famílias e pelo desgaste da juventude. Destaca-se a intenção de ultrapassar a mera demonização da festividade, voltando-se, na verdade, para sua criminalização. De acordo com o enfoque apresentado pelo jornal, o carnaval é apontado como uma possível contravenção penal, em virtude de sua suposta transgressão à Constituição e aos valores socialmente aceitos.

Anualmente o jornal lançava ataques contundentes à celebração. Em fevereiro de 1982, a manchete de capa da edição foi destinada a um texto de censura intitulado "Carnaval: luxúria, idolatria, homossexualismo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1138, p. 1). A matéria considera o período de momo uma afronta a Deus por estar intrinsecamente associado a anseios e desejos carnavais. Era um período em que os participantes da festa "mergulham nos mais baixos padrões morais a que se pode chegar" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1138, p. 12). De acordo com o relato do jornal, os foliões desviam sua atenção dos graves problemas sociais do Brasil e, inadvertidamente, se envolvem em um problema ainda maior, o "drama da alma da pessoa sem Cristo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1138, p. 12) de modo que, se Deus aplicasse um julgamento sobre as pessoas que participam do carnaval e os locais onde a festa ocorre, "o resultado seria idêntico ao de Sodoma e Gomorra" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1138, p. 12). Ainda, "outro problema social que cresce a cada dia é o homossexualismo" que, durante o carnaval, "chega a um estado insuportável" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1138, p. 12).

A estratégia do "quanto pior melhor" impulsionava o discurso apocalíptico presente no jornal, conferindo-lhe uma atitude de censura incisiva em relação ao carnaval ao mesmo tempo em que desempenhava um papel relevante na construção do imaginário coletivo da comunidade assembleiana. Uma das máximas defendidas pela publicação era a de que durante

o carnaval, os índices de mortalidade no Brasil eram alarmantes. "Crimes contra o pudor e a promiscuidade" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1163, p. 6) eram alegadamente perpetuados pelos participantes da festa carnavalesca. Descritos como alcoolizados, os foliões protagonizavam cenas consideradas "indescritíveis" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1163, p. 6) em praças públicas e no transporte coletivo. Nesse contexto, a exortação do jornal era que os evangélicos assumissem a posição de alertar os desprevenidos acerca dessa "festa demoníaca" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1163, p. 6).

Um dos editoriais do jornal expressou a visão de que os governantes brasileiros negligenciavam as lições da Babilônia bíblica e da degradação moral de Roma já que, diz o periódico, os políticos estavam focados apenas nos resultados imediatos do carnaval. Nota-se no texto um tom saudosista que permeia as abordagens da Assembleia de Deus sempre que tratava do tema da censura. O jornal lamentou a extinção de medidas proibitivas com a Constituição de 1988 já que "antes, os atentados contra a moral e os bons costumes ficavam circunscritos aos salões de baile" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1989, n. 1226, p. 2) e agora "as mais ousadas e desavergonhadas cenas são mostradas nas avenidas e veiculam livremente através dos meios de comunicação" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1989, n. 1226, p. 2). Ao relativizar a censura sob uma ótica ditatorial, a denominação legitimava a prática desde que direcionada aos inimigos da igreja.

Ao apresentar um panorama do carnaval, o Mensageiro da Paz diz que o período era um atentado contra a moral, o pudor, a civilização e a família, com elementos "ridículos e grotescos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1989, n. 1226, p. 5), convertendo os foliões em "verdadeiros palhaços" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1989, n. 1226, p. 5). A música frenética, o barulho, a confusão, pessoas subindo e descendo ladeiras, enfeites, fantasias e lantejoulas eram todos apontados como elementos que profanavam o nome de Deus. Palavrões, pornografia e a reunião de "juventude masculina e feminina, prostitutas, homossexuais e travestis" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1989, n. 1226, p. 5) eram denunciados como parte do cenário, de modo que "o diabo deve estar dando muitas e gostosas gargalhadas" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1989, n. 1226, p. 5).

O jornal também adotava interpretações muito particulares quanto ao conceito de pornografia, lançando críticas especialmente contra o cinema, a televisão, as revistas e os jornais. A utilização do termo "pornografia" possuía conotações políticas abrangentes, estendendo-se, por exemplo, à casais homossexuais, de acordo com a perspectiva do jornal. Em um contexto em que o país era retratado pelo Mensageiro da Paz como mergulhado na

indecência e na pornografia, a denominação assembleiana via como fundamental a tomada do poder político por autoridades religiosas evangélicas. O programa anti-moderno adotado pela Assembleia de Deus exigia a configuração de um cenário escatológico de modo que era pregado um estado de pornografia geral no país.

Um dos editoriais foi intitulado de "A trágica reescalada da pornografia" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1128, p. 3), reiterando a importância da luta contra os meios de comunicação, que eram considerados pornográficos. O jornal subiu o tom e defendeu a censura contra o que enxergava como uma "arma diabólica destinada a subverter e desmoralizar toda a sociedade" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1128, p. 3). O Mensageiro da Paz posicionou-se no sentido de que era imperativo despertar a consciência do Brasil para a necessidade de coibir a circulação de periódicos que atentassem com aquilo que eles entendiam por moral e os bons costumes. Um "irremediável caos social" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1128, p. 3) seria o futuro do país caso a censura não acontecesse rapidamente. Até mesmo o beijo em uma cena de novela era retratado como algo perigoso. Há, também, citações a "enredos chocantes" de filmes, novelas e livros que seriam de leitura obrigatória nas escolas (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1128, p. 3).

Em tom de revolta, o jornal demonstra indignação em relação aos denominados "profissionais e industriais da pornografia no Brasil" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1163, p. 3). Segundo o texto, esses indivíduos estavam sendo excessivamente audaciosos ao "enlamear um dos poucos bons programas da decadente TV brasileira" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1163, p. 3), o Sítio do Pica Pau Amarelo. A controvérsia surgiu devido à decisão da atriz Reny de Oliveira, intérprete da personagem Emília, de posar nua para a revista Playboy, cuja manchete alardeava "Escândalo no Sítio do Pica-Pau: Emília tira a roupa". Para o Mensageiro da Paz, o aspecto mais preocupante era a omissão das autoridades em relação a esse episódio, sendo essa falta de ação atribuída ao comunismo, conforme a perspectiva do jornal, que questionava a ausência de representantes do povo para conter o que considerava uma "subversão comunista" que visava a "destruição da moral familiar" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1163, p. 3).

3.1.2 Preconceito e desinformação: o debate sobre o aborto

Durante a nossa pesquisa, identificamos que um dos temas mais recorrentes no Mensageiro da Paz foi o aborto. Especialmente na década de 80, esse assunto foi explorado pelo jornal como uma ferramenta para contribuir na construção do imaginário apocalíptico da

comunidade assembleiana. Além disso, o aborto foi utilizado para ressaltar a relevância da participação política da denominação nos rumos do país. No Mensageiro da Paz, a abordagem do tema foi caracterizada por uma notável ambiguidade e confusão. Em essência, o debate central não era simplesmente se as pessoas eram "a favor" ou "contra" o aborto, mas focava na questão mais complexa e específica da descriminalização do aborto. O jornal frequentemente simplificava esta discussão complexa em termos binários, utilizando expressões estratégicas e reducionistas como "a favor do aborto" ou "contra o aborto". Esta simplificação muitas vezes mascarava as nuances e detalhes importantes do debate, que incluíam aspectos legais, éticos e sociais relacionados à prática e à legislação do aborto. Ao fazer isso, o jornal contribuía para uma visão mais polarizada e menos informada sobre um assunto já intrinsecamente complexo e delicado.

No editorial publicado em março de 1980, o jornal fala de um médico chamado Elsimar Coutinho. Sob o título "Aborto: médico quer leis liberais" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1115, p. 4), o texto relata que, durante a realização da 24ª Jornada Brasileira de Ginecologia em Salvador, Bahia, Coutinho defendeu a descriminalização do aborto. Contudo, o texto editorial estabeleceu uma conexão peculiar, insinuando que os defensores da descriminalização do aborto eram os mesmos que haviam apoiado a aprovação da Lei do divórcio no país. Nesse contexto, o editorial enfatizou que aqueles que se opuseram à legalização do divórcio estavam corretos ao advertir que tal medida abriria caminho para um relaxamento nas leis que abordavam o tema do aborto. A publicação sustentou de forma enfática que, segundo a convicção dos cristãos, qualquer tentativa de interromper o desenvolvimento do feto após a união do óvulo e espermatozóide era categorizada como um "homicídio indesculpável" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1115, p. 4).

Uma significativa resolução da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, tomada pelas lideranças da denominação na 25ª Convenção Geral das Assembleias de Deus, foi comemorada pelo jornal. O Mensageiro da Paz atribuiu um caráter histórico ao fato de que as Assembleias de Deus se posicionavam oficial e politicamente contra o aborto, se erguendo "de seu peculiar mutismo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1127, p. 7) e emergindo "de um retraimento quase centenário para discordar firme e frontalmente de uma autoridade" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1127, p. 7). A denominação mobilizou-se para incentivar seus membros a enviarem correspondências aos deputados federais e senadores, instando-os a votar contra o projeto de lei do deputado João Menezes, que já havia apresentado uma proposta em 1975 a favor da descriminalização do aborto. Nessa nova tentativa, o parlamentar

buscava ampliar os permissivos legais, incluindo casos de anomalia fetal. O jornal registrou que, diferentemente da tentativa anterior em 1975, a posição contrária à legalização do aborto por parte da Igreja Católica já não exercia o mesmo impacto no governo porque “o clero e o Planalto experimentam uma das mais agudas crises em seu relacionamento” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1127, p. 7). Assim, observou o jornal, “é a hora e a vez das igrejas evangélicas se pronunciarem” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1127, p. 7).

Em outra investida, o editorial do Mensageiro da Paz contundentemente denunciou o aborto como um "homicídio legalizado" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1132, p. 3). O texto caracteriza as cidades bíblicas de Sodoma e Gomorra como meras santidades diante do mundo contemporâneo, defensor do que o jornal chama de "feticídio" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1132, p. 3). O editorial alerta que a emenda pró-divórcio representava apenas o primeiro passo de uma luta mais ambiciosa pela degradação da instituição familiar, respaldada pelo "raciocínio mesquinho e incoerente" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1132, p. 3) das feministas. Interpelando o papel da mulher em sua busca pela liberdade, questiona: "Se a mulher valoriza tanto sua liberdade, por que não a utiliza para prevenir o ato físico de amor que poderia resultar em gravidez?" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1132, p. 3).

Menções ao tema do aborto também foram identificadas em fevereiro de 1983, quando o editorial do jornal fez referência a uma "nova escalada do aborto" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1150, p. 3). Para o Mensageiro da Paz, enquanto o mundo se voltava para o horror das mortes em guerras e genocídios, o Brasil, em contrapartida, caminhava na direção oposta, "defendendo um dos mais repugnantes crimes" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1150, p. 3). Os defensores do aborto eram retratados como indivíduos de comportamento animal, “movidos pelos mais baixos instintos” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1150, p. 3). "A eliminação de um desses serezinhos inocentes não constitui apenas um crime contra a humanidade, mas um inominável pecado contra o próprio Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1150, p. 3), conclui.

A campanha do jornal contra o aborto a partir da pauta moralista dialogava com o imaginário assembleiano ao fazer uso de expressões como "filhos consagrados a Moloque" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1154, p. 2), e explicando que o antigo povo amonita era cultuador de uma divindade pagã, Moloque, que demandava sacrifícios humanos, especialmente de crianças. Nesse contexto, o jornal afirma que muitos pais continuavam a sacrificar seus filhos, porém, em tempos contemporâneos, a novas formas de Maloques, como a "educação carente" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1154, p. 2), e a televisão, "um dos

maiores inconvenientes para o crescimento espiritual do indivíduo” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1154, p. 2). O texto usa o termo "vidiotas" para descrever aqueles que assistam a televisão e passavam a consumir conteúdos com "adultério, prostituição, homossexualismo e outros vícios" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1154, p. 2). Dentre os chamados novos maloques abordados no jornal, o tema do aborto emerge como um tópico de máxima preocupação. A publicação expressa sua inquietação ao falar de mulheres que abortavam “o fruto que ajudaram a plantar, mas não tem coragem de colher” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1154, p. 2).

A análise do jornal conclui que, em sua perspectiva, as mães da década de 80 seriam ainda mais repreensíveis que as amonitas mencionadas na Bíblia. Isso porque, enquanto as amonitas esperavam o nascimento dos filhos para ofertá-los a Moloque, as mães contemporâneas, segundo o jornal, demonstrariam menos paciência e cuidado, optando por "lançar seus filhos à mão da morte, antes mesmo de serem dados à luz, numa verdadeira oferenda aos demônios" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1154, p. 2). A publicação chama a atenção para as consequências espirituais alertando que os "anjicidas" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1154, p. 2) seriam chamados a prestar contas no dia do julgamento final. Mais à frente, o jornal reforça a gravidade do aborto, comparando-o à peste negra (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1168, p. 8). Uma analogia que ressalta a severidade e a dimensão catastrófica que o Mensageiro da Paz atribui ao tema.

O Mensageiro da Paz sempre trabalhava a pauta garantindo a dramaticidade e o uso de expressões fortes. Em março de 1985 veiculou um texto intitulado "Aborto: uma violação ao direito de nascer" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1175, p. 9), caracterizado pela abordagem editorial típica do veículo. Nesta publicação, o uso de expressões emocionais são habilmente empregadas. No texto, o ventre materno é apresentado como o palco de uma tragédia já que “nem todas as mães conservam virgens as fibras de seu coração e deixam de sentir o inextinguível toque do Deus da vida” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1175, p. 9). Como resultado, “milhares de inocentes eram implacavelmente assassinados” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1175, p. 9). O artigo não se aprofunda em referências etimológicas, mas atribui ao termo "aborto", uma suposta origem do latim e a significação simbólica de "pôr-se o sol, desaparecer no horizonte e, daí, morrer, perecer" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1175, p. 9). Essa abordagem linguística parece enfatizar o aspecto fatalista e prematuro do término de uma vida em desenvolvimento, corroborando com a perspectiva trágica adotada pela publicação.

O jornal apresenta uma postura crítica ao falar de grupos feministas apoiados por liberais, as quais são comparadas a bruxas medievais. A assertiva jornalística adverte sobre as pressões exercidas por esses grupos sobre o Congresso Nacional, visando à legalização da prática do aborto, considerada pela publicação como um ato hediondo e inaceitável:

Conscientizem-se, os membros do Poder Legislativo de que foram eleitos para representar a nação como um todo, e que não apenas um bando de histéricas, frustradas e tresloucadas que tão somente querem a desvalorização da vida, a conspiração do gênio feminino, o vilipêndio da inocência e a coroação da permissividade. [...] Graças a Deus, porém, que ainda há governantes do naipe do presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan. Antes de ser reeleito, afirmou, em um debate político, não saber exatamente em que momento pode o embrião ser considerado um ser-humano. Ressaltou, entretanto, que o feto deve ser beneficiado pela dúvida. [...] É dever do homem público preservar a vida desde a nascente até à foz (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1175, p. 9).

Ainda, o jornal considera o aborto uma “rendosa indústria”, de “lucro fácil e certo”, e manda um recado Congresso Nacional:

Sabemos que sois pressionados pelos que estão sobrecarregados de concupiscências e outros anjicidas, para que legalizeis o aborto. Não vos impressioneis com os que vos ameaçam, porque tentes o apoio de milhões de brasileiros que temem a Deus, amam a vida, respeitam a pátria e, conscientemente, escolhem seus representantes. Temos certeza de que, se rejeitardes essa vil e sanguinolenta iniciativa, o Juiz de toda a Terra vos acumulará de bênçãos. Conserveis putas as vossas mãos e incorruptíveis vossos mandatos e sem manchas carmesins vossas consciências. Passareis à história como bravos justiceiros! (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1175, p. 9).

A temática do aborto, revestida de um caráter moralista e explorada com fins políticos, assumiu posição de destaque nas cruzadas evangélicas na década de 80. Entre esses eventos, vale mencionar a realização da "Cruzada Pró-Moralidade", divulgada pelo jornal em janeiro de 1986. Centenas de fiéis evangélicos, representantes de diversas denominações, se congregaram em frente ao Teatro Municipal de São Paulo, em novembro do ano anterior, para protestar contra o aborto. Alinhados na causa, parlamentares evangélicos estiveram presentes na programação. Os manifestantes protagonizaram a distribuição de folhetos contendo expressões como "mamãe não me mate, eu quero viver" e "faça do ventre um lugar seguro" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1185, p. 7). Destaca-se no jornal que, por meio do aborto, o Brail matava mais que o regime de Adolf Hitler, agregando assim um elemento histórico de forte impacto à discussão em curso.

Em junho de 1986, o jornal reportou a realização da uma segunda "Cruzada Pró-Moralidade", congregando cinco mil evangélicos de diversas denominações na praça da

Cinelandia, Rio de Janeiro, numa incisiva campanha contra o aborto, rotulado como "holocausto à brasileira" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1190, p. 24). Os organizadores buscaram mobilizar os fiéis promovendo resistência contra aquilo que consideravam uma afronta aos valores éticos e morais. No evento, o pastor Silas Malafaia despontou como um dos pregadores, enfatizando que "democracia não é sinônimo de imoralidade" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1190, p. 24), e alertando para o perigo de exaltar criminosos, segundo a visão dele, e permitir que homossexuais influenciassem as normas sociais. O jornal aponta que o líder religioso também apontou uma cumplicidade dos meios de comunicação ao endossar temáticas como adultério e "outras formas de perversão" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1190, p. 24).

O tom do Mensageiro da Paz evidencia o engajamento político da Assembleia de Deus ao posicionar-se como catalisador das demandas evangélicas e disseminador do que entende por valores morais. O periódico emergiu como difusor de uma cosmovisão que rejeitava o aborto, desempenhando relevante papel na construção do imaginário apocalíptico assembleiano e na mobilização política da comunidade evangélica brasileira.

3.1.3 Dimensões da sexualidade: a Homossexualidade

A presente pesquisa identificou um conjunto significativo de referências à homossexualidade no periódico Mensageiro da Paz durante a década de 1980, o qual assume conotações políticas relevantes. Esse período histórico no Brasil se caracteriza pelo desfecho da ditadura e a realização das eleições constituintes. Nesse contexto, a homossexualidade emergiu como uma das pautas centrais da igreja, servindo para justificar a urgência de ter representantes da denominação no Congresso Federal. Conforme retratado nas páginas do Mensageiro da Paz, a homossexualidade foi constantemente abordada de forma pejorativa, sendo associada à doença ou como se possuísse aspecto demoníaco, em um discurso que advogava a disseminação do terror. Essa postura revela-se como mais um elemento do programa anti-modernidade adotado pela Assembleia de Deus durante os anos 1980.

"A Bíblia condena o homossexualismo", texto publicado pelo jornal em 1982, aborda a homossexualidade, cunhada como "homossexualismo" no jornal, como um "sintoma da degradação moral que infecciona cada vez mais a sociedade" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1138, p. 12). O jornal enfatiza que homossexuais não apenas pecam, como também querem que a homossexualidade seja "como um comportamento aceitável e normal" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1138, p. 12). Destaca, ainda, existir movimentações nos

parlamentos visando alterar leis com o propósito de não condenar o comportamento homossexual e argumenta que, na ausência dessas leis, os homossexuais teriam liberdade para viver segundo suas inclinações carnis, caracterizando tal liberdade “viver como quisessem, na sujeira da carnalidade horripilante” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1138, p. 12).

Por esse motivo, o jornal afirma que a homossexualidade era um problema social que afetava o Brasil. Para fundamentar sua posição, apresenta uma seleção de trechos bíblicos descontextualizados ou hermeneuticamente forçados e conclui que homossexuais contrariam os princípios da sexualidade supostamente estabelecidos por Deus, já que o problema da solidão de Adão “não foi resolvido com a criação de mais um homem” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1138, p. 12). Interessante também os subtítulos da matéria. Um deles, "Os homossexuais podem ser salvos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1138, p. 12), é uma construção que merece a publicação de um artigo à parte (nota de rodapé).

A associação frequente da homossexualidade com a AIDS foi uma característica observada no levantamento desta pesquisa. Em setembro de 1983, o Mensageiro da Paz afirmou que a AIDS era considerada o salário do pecado, e que “a doença mortal era predominante entre homossexuais”, gerando "pânico no submundo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1157, p. 15). O jornal fazia questionamentos provocativos aos fiéis. Em um deles, perguntava quem seria mais popular, Michael Jackson ou Jesus? (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1169, p. 13). A indagação emergia como consequência de uma crônica escrita pelo jornalista Pepe Escobar, veiculada em 18 de julho de 1984, na Folha de São Paulo. Na crônica, Escobar alegava que o ícone do pop, Michael Jackson, era mais popular que Jesus Cristo. O Mensageiro da Paz classifica Escobar como inescrupuloso e blasfemo, argumentando que Jesus sempre seria um referencial eterno, enquanto Michael Jackson, um ídolo passageiro destinado a ser esquecido em alguns anos. Em decorrência dessa crônica controversa, o Mensageiro da Paz asseverou que a Folha de São Paulo estava potencialmente promovendo uma "homossexualização em massa" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1169, p. 13) da sociedade.

O periódico assembleiano apontou os meios de comunicação como responsáveis por glorificar figuras vis e afeminadas, elegendo-as como ídolos dos jovens brasileiros. Diante desse cenário, indagou-se sobre o futuro dessa geração que trocava "o Salvador do mundo por ídolos afeminados" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1169, p. 13). O jornal expressou preocupação com políticos que não eram capazes de distinguir abertura política de “lassidão moral e libertinagem” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1169, p. 13) e advertiu que “as

portas de Sodoma e Gomorra estão sendo escancaradas por aqueles que não demonstram amor pela pátria” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1169, p. 13):

Basta de tanta sujeira! Basta de tanta podridão! Chega! Os servos de Deus não podem mais suportar tamanha permissividade e tamanha abjeção. Não podemos mais aturar os ídolos cinzelados pela televisão, martelados pelas propagandas massivas e talhados pelos que tão somente visam a destruição dos eternos valores que compõem o arcabouço da alma humana. Não podemos mais permitir que desprezíveis sodomitas cusпам seus escárnios no rosto virginal da igreja (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1169, p. 13).

Outro ataque aparece no texto "Existe solução para o homossexualismo?" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 9), onde Mensageiro da Paz adota uma abordagem severa e alarmista ao caracterizar a homossexualidade como uma praga que se propagava amplamente por todas as camadas sociais e compara um relacionamento gay a bestialidade, destacando que, enquanto a psicologia buscava minimizar as “funestas consequências do homossexualismo” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 9), a Bíblia condenava de forma enfática os homossexuais. Em um trecho especialmente incisivo, o texto associou a sífilis e a AIDS como consequências inerentes à homossexualidade, descrevendo-as como “um tormento aos libertinos, aos que desrespeitam as normas naturais e divinas do sexo” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 9). A AIDS, em particular, era referida como o "câncer gay", já que “o homossexualismo é uma prática totalmente contrária à natureza, uma aberração” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 9). De acordo com o texto, os homossexuais fingiam alegria enquanto enfrentavam uma vida triste e infernal.

Na edição de novembro de 1985, outra vez o Mensageiro da Paz apresentou um discurso alarmista relacionando a AIDS a pessoas homossexuais, abordando o tema na capa do jornal sob o título "A maldição chamada AIDS" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1183, p. 1). O texto enfatizava que o vírus era percebido como um castigo de Deus que semeava desespero entre os indivíduos. A matéria atribuía a disseminação da AIDS à "toxicomania e homossexualismo", a "distorção do sexo", "produto da desobediência humana" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1183, p. 10).

O jornal afirmava que a AIDS estava causando medo na população brasileira, resultando em receio para doadores de sangue e greves de fome entre os presidiários para reivindicar exames de detecção do vírus, já que muitos deles eram acusados de "praticar libidinagem" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1183, p. 10). Ainda, os portuários da cidade de Santos também estavam em alerta após um trabalhador ser "abatido pela AIDS"

(MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1183, p. 10). Era hora de buscar o auxílio “do médico dos médicos, Jesus, que possuía o remédio para todos os males da vida” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1183, p. 10).

Uma publicação de agosto de 1986, intitulada "A última representação de Rock Hudson" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1192, p. 12), traz um dos ataques mais ferozes do jornal contra homossexuais, com foco no ator norte-americano, que faleceu em decorrência das complicações causadas pelo HIV. O texto retrata os últimos meses de vida de Hudson como um período marcado pela repulsa ao sexo e fala sobre as suas emoções e sentimentos. Tudo é especulativo.

O jornal diz que a aversão de Hudson "à libidinagem veio tardiamente, pouco lhe valeu esse arrependimento serôdio" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1192, p. 12). Expressões como “homossexual assumido” e habituado às “mais desenfreadas orgias” são utilizadas para concluir que Hudson estava tendo “a justa recompensa” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1192, p. 12). O artigo retrata o ator em um estado debilitado e em sofrimento, enfatizando a decadência física e artística como consequência de suas escolhas. Outras expressões alarmantes utilizadas no texto afirmam que Hudson, “no inflacionado mercado da paz interior não podia comprar tranquilidade”, que “mendigava um pouco de serenidade” e que possuía “erupções estourando sem parar em seu corpo, laureando-lhe de nojo a carreira artística” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1192, p. 12). Diz ainda o Mensageiro da Paz que o ator mostrou o que é ser portador do HIV com uma “performance inimitável, digna de um Oscar”, sendo ele um “monumento à ruína humana” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1192, p. 12). “Apolo decadente, desfazia-se a maquiagem do grande Rock Hudson” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1192, p. 12), destaca.

O cenário publicado pelo periódico assembleiano era de causar verdadeiro terror ao afirmar que, no fim da vida, Hudson estava ulcerado, exalando desagradável odor, enquanto “encenava o último ato de uma peça trágica e, ao mesmo tempo, cômica” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1192, p. 12). Ao morrer, seguiria para a eternidade sozinho, sem nenhum de seus fãs, acompanhado somente de suas “pérfidas obras” e “não lhe pedirão autógrafos, dir-lhe-ão contas de seus atos” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1192, p. 12), julgava. Para a publicação, a morte do astro do cinema deveria levar todos a reflexão sobre as “funestas consequências provenientes do homossexualismo”, prática que estava sendo imposta, diz, pelos meios de comunicação, afrontando famílias e imponto comportamentos “contrários à natureza humana” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1192, p. 12). “Preservar a família é

salvaguardar a democracia”, afirma o texto, que encerra destacando que libertinagem não significa desenvolvimento e progresso, ou então “o Brasil já teria pagado a sua dívida externa e resolvido o problema da seca no Nordeste” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1192, p. 12). Aos jovens, o jornal pede que não sigam o exemplo do ator, que “não teve um final feliz”. “Deixe o Senhor Jesus Cristo ser o protagonista de sua vida! Ele é o nosso happy end!” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1192, p. 12). Ao lado da matéria, um segundo texto tinha por título “Vamos votar nos candidatos evangélicos”?

A matéria intitulada “AIDS, a legião dos condenados”, publicada após as eleições de 1986 e durante os trabalhos da nova Constituição Federal, apresenta um novo ataque associando homossexualidade e AIDS. O texto emprega expressões como “câncer gay” e descreve a AIDS como uma “incontrolável moléstia típica dos homossexuais masculinos”, sugerindo que a doença é uma “clara advertência do todo-poderoso contra a lassidão moral” ao estabelecer uma relação direta entre homossexualidade e comportamento promíscuo (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1198, p. 13). O texto afirma que homens gays e bissexuais possuem um grande número de parceiros sexuais, o que os coloca no chamado “grupo de risco”, responsáveis pela “peste negra do pecado” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1198, p. 13). A abordagem apresenta uma visão negativa discriminatória em relação aos homossexuais e estigmatiza as pessoas infectadas com o vírus HIV, associando-as à ideia de condenação divina. A matéria perpetua estereótipos e preconceitos, além de atribuir juízos morais negativos à homossexualidade e àqueles que vivem com o HIV. Um dos trechos afirma:

Antes de seu aparecimento, os homossexuais erguiam bem alto seus pendões, afrontando a humanidade e o próprio Deus. No entanto, após a constatação dos primeiros casos do câncer gay, os modernos sodomitas ficaram mais receosos. Começaram a sentir que estavam a contrariar as leis naturais estabelecidas pelo Criador. [...] A AIDS representa apenas uma faceta dessa merecida punição, pois o lago de fogo será um castigo infinitamente maior. [...] A síndrome está dizimando atualmente um número de seres humanos superior ao das populações de Sodoma e Gomorra. A AIDS é, de fato, uma consequência, aliás, uma calamitosa consequência do homossexualismo (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1198, p. 13).

Meses depois, o tema reaparece no editorial de abril, quando o Mensageiro da Paz condena uma campanha do Governo Federal acusada pelos assembleianos de usar “linguagem pouco ortodoxa” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1200, p. 2). O jornal expressou repúdio pela forma como o governo apresentou esclarecimentos sobre o vírus da AIDS, considerando que tal abordagem institucionalizava a imoralidade e dava apoio velado “a prática do homossexualismo” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1200, p. 2). O Mensageiro da Paz

afirmou que não desejava que os homossexuais se contaminassem, mas argumentou que, caso isso ocorresse, seria resultado de "prática pecaminosa" e aponta a solução: "mudassem de vida e estariam livres desse estigma (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1200, p. 2).

O periódico explica que os anúncios de prevenção distribuídos pelo governo, eram mal elaborados e implicavam a aceitação de um padrão de comportamento homossexual. O editorial aproveitou para sugerir ao governo a forma correta de realizar campanhas publicitárias para combater a AIDS, enfatizando a necessidade de uma campanha de moralização dos costumes para cortar o mal pela raiz. O governo do então presidente José Sarney estava realizando, na verdade, uma campanha sobre o uso de preservativos. Àquela época, o Governo Federal tinha filmetes com o jogador e médico Sócrates, da Seleção Brasileira, falando sobre prevenção. Foi o governo Sarney o responsável pela criação do Programa Nacional de DST e AIDS.

O Mensageiro da Paz defendeu que o governo deveria induzir as pessoas a mudarem de comportamento, abandonando estilos de vida considerados desregrados e retornando a um padrão que agradasse a Deus. Nesse sentido, o jornal considerava que a campanha de combate à AIDS deveria ser direcionada para promover valores morais e sociais em consonância com as crenças religiosas e os princípios éticos defendidos pela publicação.

3.1.4 Campanhas de pureza: cruzada pró-moralidade e cultura

No contexto investigado, percebe-se uma intensificação dos embates na medida em que vai se aproximando o período das eleições de 1986. Surge então a Cruzada Pró-Moralidade, iniciativa veiculada pelo Mensageiro da Paz em preparação para as eleições Constituintes. Embora associada às Assembleias de Deus, a Cruzada buscava reunir fiéis de diferentes denominações religiosas em torno de uma causa comum: a defesa do que entendiam por valores morais e a rejeição àquilo que consideravam abominável, pautando-se por valores conservadores e religiosos. O texto divulgado em setembro de 1985 enfatiza que a solução para os dilemas nacionais não estava nas esferas políticas ou em instituições, não estava na "OAB, partidos políticos, Federação da Indústria e Comércio, CNBB ou outro segmento estrutural eclesiástico", mas "no Corpo de Cristo, sua Igreja" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 10). Nesse sentido, a Cruzada visava mobilizar uma significativa parcela da população que compartilhasse dos mesmos ideais, almejando estabelecer uma coletividade de ação capaz de confrontar decisões políticas percebidas como contrárias aos valores religiosos.

A matéria publicada no jornal revelava a intenção de congregar esforços em prol do combate ao que era considerado prejudicial para a sociedade, incluindo programas televisivos e outras manifestações culturais que não estivessem alinhadas aos preceitos cristãos. Um exemplo citado foi o show da banda de rock Kiss em Belo Horizonte, no ano de 1983, no qual igrejas de diversas denominações uniram-se para se manifestar contra a apresentação, argumentando que o grupo estaria associado ao satanismo. O Mensageiro da Paz atribuiu o cancelamento do evento à pressão exercida pelas igrejas. O que o Mensageiro da Paz escondeu, no entanto, é que o show da banda aconteceu. A apresentação foi realizada no estádio do Mineirão. Em cima da hora, a classificação indicativa da apresentação foi alterada. As vendas, anteriormente liberadas para maiores de 12 anos, só foram permitidas para maiores de 16 horas antes do show. Mais de 20 mil ingressos foram devolvidos. O governo do estado, no entanto, após pressão dos religiosos, divulgou uma nota à imprensa eximindo-se de qualquer envolvimento com o evento, que era de natureza privada.

Logo após o texto que informava da criação da Cruzada Pró-Moralidade, o Mensageiro de Paz trouxe uma reportagem em tom de terror sobre o rock. Na década de 1980, um dos pilares da construção de uma abordagem antimoderna e do fortalecimento do discurso fundamentalista estava intrinsecamente ligado à crítica sistemática a artistas e movimentos culturais. Nesse contexto, o Mensageiro da Paz empreendeu uma cruzada contra o gênero musical do rock, colaborando na demonização da cultura e alimentando percepções negativas acerca da expressão artística. A edição de setembro de 1985 trouxe uma reportagem intitulada "A mensagem oculta do Rock", material foi cuidadosamente organizado em quatro partes, com a primeira delas intitulada "O que está por trás do rock" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 11), evidenciando a vigilância constante do Mensageiro da Paz frente às "astutas ciladas do diabo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 11). A comunidade evangélica foi convocada a manter-se em estado de alerta, pois, segundo a perspectiva veiculada, o rock havia sido corrompido por influências malignas. Essa percepção foi reforçada pela vinda da banda Kiss ao Brasil, bem como pelo evento do Rock in Rio, festival de música realizado no Rio de Janeiro. Nesse sentido, o periódico assembleiano apontava o rock como um território permeado por supostas mensagens ocultas de teor diabólico, exacerbando o antagonismo entre valores conservadores religiosos e manifestações culturais que desafiavam as tradições estabelecidas.

Segundo o texto em análise, as músicas das bandas de rock continham simbolismos e mensagens ocultas. De acordo com a matéria, quando um jovem colocava um disco de rock

para tocar, uma mensagem satânica era supostamente pregada de forma subliminar, sendo necessário girar o disco em sentido contrário para ouvi-la. Essa técnica era denominada "backward masking" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 11) e teria tido sua origem, de acordo com o jornal, na Índia, sendo disseminada pelo ex-Beatle George Harrison após sua visita ao país no final da década de 1960. O Mensageiro da Paz enfatizava que Harrison e o movimento Hare Krishna foram os responsáveis por disseminar essa técnica para o mundo ocidental, gravando supostas mensagens satânicas nos discos. A publicação alertava os fiéis assembleianos para esse suposto fato, ressaltando que o Hare Krishna era uma invocação demoníaca, cujas práticas assemelhavam-se a rituais de macumba e candomblé. Além disso, atribuía à yoga, considerada um dos meios de aprisionamento mental criados por satanás, um papel de destaque nesse contexto.

A segunda parte da reportagem, intitulada "Desgraças de uma geração bitoulada" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 12), criticava os Beatles, denominados como os "gatões de Liverpool" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 12). A princípio, parecendo inofensivos e tímidos, a banda era apontada como a responsável por inverter valores, conceitos, comportamentos e costumes, conforme destacado no texto. Alegava-se que os Beatles foram arquitetados pelo misticismo hindu, com o objetivo de tomar o ocidente e disseminar supostas "nefastas e infernais mensagens" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 12). O rock, segundo o Mensageiro da Paz, incitava as pessoas a se envolverem em práticas perversas e ações inomináveis. Além dos Beatles, outras bandas também foram citadas na reportagem, como AC/DC e Black Sabbath, que eram consideradas instrumentos utilizados pelo diabo para roubar a alma dos jovens.

Na terceira parte da reportagem, um questionamento é levantado: "E a música nacional, como fica?" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 13). O texto destaca que artistas brasileiros também aderiram à técnica da mensagem oculta na música invertida, estando alinhados com crenças como a umbanda, candomblé, xangô e catimbó, o que teria infestado a música nacional com mensagens satânicas. O presbítero Wagner Gonçalves, da Igreja Presbiteriana de Campinas, foi citado na matéria como um estudioso desses supostos fenômenos diabólicos presentes na música nacional. Segundo ele, no Brasil a situação era tão grave que não era necessário ouvir os discos de trás para frente para perceber as mensagens ocultas. Gonçalves alega que, em muitas músicas brasileiras, o termo "cavalo" era utilizado com conotação espírita, referindo-se a pessoas que recebiam espíritos demoníacos. Além disso, ele destaca que a cantiga popular "Escravos de Jó jogavam caxangá" era considerada

maligna, pois associava o termo "escravo" a pessoas escravizadas por satanás, e o personagem Jó da música representava Omolu (também conhecido como Obaluaê), o deus da varíola e das pragas, de acordo com o Mensageiro da Paz.

A matéria também faz menção à cantora Clara Nunes, atribuindo-lhe uma morte sem Deus, paz ou salvação, supostamente sendo "tragada pelo inimigo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 13). Além disso, menciona a música "Anunciação" de Alceu Valença, afirmando que, na verdade, ela pregava a vinda do anticristo e dos demônios para possuir o corpo dos homens, sendo tocada em ritmo de macumba. Outras canções populares também são analisadas, como "Jesus Cristo" de Roberto Carlos, que supostamente continha referências a uma multidão caminhando para o abismo. Alega-se ainda que frases como "satanás vive", "sujo Jeová", "se ajoelhe a exu" e "membro do diabo" estavam gravadas nas músicas dos artistas brasileiros, e poderiam ser ouvidas caso os discos fossem tocados de trás para frente (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 13).

A última parte da reportagem intitulada "Combatendo o rock com a música divina" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 14) aborda a atuação de um pastor que percorria o país proferindo palestras em igrejas, alertando os fiéis sobre o perigo de possuir um disco da Xuxa em casa. Nessa perspectiva, tornava-se essencial que as igrejas tivessem especial cuidado para evitar que crianças fossem expostas às influências negativas de artistas e músicas que supostamente estariam associados a mensagens satânicas, pois o poder da música poderia mexer com as emoções humanas, sendo o diabo considerado conhecedor dessa vulnerabilidade.

Neste mesmo ano, Xuxa Meneghel, que alcançou grande sucesso especialmente entre o público infantil na TV Manchete, lançou o álbum "Xuxa e seus Amigos", seu primeiro disco de estúdio. No ano seguinte, seu segundo álbum intitulado "Xou da Xuxa" vendeu quase três milhões de cópias. Impulsionados pela lenda da "música invertida", evangélicos de todo o Brasil passaram a repercutir a narrativa de que Xuxa tinha um pacto com o demônio, e que suas músicas continham mensagens infernais quando ouvidas de trás para frente. Hits populares, como "Ilariê" e "Marquei um X", foram relacionados ao número da besta do Apocalipse de João (666) já que, alegavam, a palavra "xis" era "six" ao contrário, "seis" em inglês. Como Xuxa iniciava a música repetindo "Marquem um X, um X, um X no seu coração", o discurso dava conta de que Xuxa marcava um 6, um 6, um 6 no coração de quem cantava a canção. Essa narrativa ganhou força a partir dos movimentos que condenavam o rock entre os evangélicos pentecostais assembleianos durante a década de 1980.

Em outubro de 1985, uma nova matéria intitulada "Satanás é o pai do rock" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1182, p. 12) trouxe ataques a artistas nacionais. As reportagens demonizando o rock vinham acompanhadas de um convite para que os fiéis se associassem à Cruzada Pró-Moralidade. O texto criticava o apelo de Raul Seixas ao "absurdo, à loucura, à anarquia individual e social" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1182, p. 12), acusando-o de causar danos irreversíveis e fatais a sociedade. Os cantores brasileiros eram considerados instrumentos do demônio, sendo chamados de "cavalos" de Satanás. Caetano Veloso, por ser um dos "introdutores do rock no Brasil através do tropicalismo", também foi alvo de ataques, assim como Os Paralamas do Sucesso e o Ultraje a Rigor. Maria Bethânia, irmã de Caetano Veloso, também era citada na matéria, sendo acusada de envolvimento com o diabo por cantar músicas de compositores como Caetano, Gilberto Gil, Chico Buarque, Gonzaguinha e Caymmi. A música brasileira era "demonólatra de modo geral" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1182, p. 12).

O periódico estabeleceu uma conexão entre o rock e a criminalidade, além de apontar que a pornografia estava sendo incentivada pela suposta aliança entre o estilo musical e o satanismo. O Mensageiro da Paz advertiu as igrejas sobre a presença do rock em músicas evangélicas, considerando-o inadequado para o louvor a Deus. Em vez disso, instou os fiéis a entoarem "os cânticos de Sião e não do mundo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1182, p. 14). A reportagem relatou o caso de uma menina que, supostamente, teria sido possuída pelo diabo devido à sua admiração pelos Menudos. Entretanto, a matéria não apresentou fundamentos sólidos nem fontes confiáveis para corroborar os relatos e argumentos expostos, mesmo que afirmasse ter "bases reais" para suas alegações.

O editorial da edição de novembro de 1985 reforçou o posicionamento da igreja em defesa da preservação do que entendia por família. O texto condenou os festivais de rock, afirmando que suas músicas incentivavam a rebelião contra os valores morais, enaltecendo o culto à destruição, "o louvor ao homossexualismo, ao sexo livre e a adoração consciente de satanás" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1183, p. 2). Além disso, o editorial renovou a batalha contra a imprensa, enfatizando que os meios de comunicação "não podem ser monopolizados por uma programação que enaltece a imoralidade, exalta a violência e estimula a traição entre os casais" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1183, p. 2). O texto denunciou que as emissoras de TV exibiam cenas de adoração ao diabo "sob a capa de folclore". O caminho para a paz no Brasil e o mundo estava fundamentado na máxima "feliz é a nação cujo Deus é o Senhor", aponta (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1183, p. 2).

A Cruzada Pró-Moralidade permaneceu ativa mesmo após as eleições. O Mensageiro da Paz denunciou em 1988 a conjuntura política, social e econômica do Brasil como uma "anomalia sem paralelo na sua história" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1219, p. 3). O jornal alertou sobre o que chamava de preocupante situação espiritual do país, afirmando que Satanás buscava fazer dos brasileiros "filhos do inferno" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1219, p. 3), explorando a falta de preparo e conhecimento do povo em relação à verdade. O jornal apontou que os cidadãos estavam sendo manipulados por Satanás, envolvidos em práticas de idolatria, macumba, fetiches e outras religiões consideradas mantidas pelo diabo. Apesar desse cenário sombrio, o jornal enalteceu a Assembleia de Deus como uma "brilhante réstia de luz" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1219, p. 3) no Brasil, ressaltando os esforços dos fiéis para manter a mente do povo brasileiro iluminada. A expansão dos evangélicos era apresentada como uma derrota para o mal, o que traria uma "transformação radical na vida espiritual" do país, "para desespero de Satanás e seus agentes" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1219, p. 3).

3.1.5 Conflitos Sociais: relação entre violência e decadência moral

Durante toda a década de 1980, o Mensageiro da Paz empenhou-se em enfatizar aos fiéis a relevância da conversão ao pentecostalismo assembleiano, uma vez que, sem essa conversão, o Brasil enfrentaria a condenação divina, de acordo com o argumento apresentado pelo jornal. Deste modo, seria imperativo que os fiéis se engajassem na política, conquistassem espaços de poder, influenciassem os rumos da nação e combatessem tudo aquilo que a igreja considerava imoral, conforme publicou em julho de 1981, em um dos textos que apostava em um discurso alarmista denunciando a violência. Era preocupante a situação dos "milhões de adolescentes crescendo em um ambiente moralmente desmoronando" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1131, p. 12).

Nesse sentido, o Mensageiro da Paz citou um estudo que analisou 400 filmes, revelando 310 cenas de assassinatos, 140 assaltos, 47 chantagens, 624 casos de malandragem, 54 mudanças de sexo, 192 casos de adultério feminino e 213 casos de adultério masculino. Ao citar o estudo, o Mensageiro não traz nenhum tipo de referência. O jornal apontou que a televisão era "a principal escola de violência e a verdadeira universidade do crime" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1131, p. 12), acentuando a influência negativa da mídia na formação moral da juventude brasileira.

Por esse motivo, o Mensageiro da Paz convocava seus leitores para o Dia Nacional de Jejum e Oração, buscando que os assembleianos se unissem em lamento perante Deus "por esta pátria querida e por este povo brasileiro, para que abandonem a macumba, a idolatria e o pecado" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1135, p. 2). A matéria trouxe à tona números que classificou como pertencentes ao "submundo da cidade de São Paulo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1135, p. 2), dados que, segundo o jornal, são estarrecedores e que espelham a realidade de todo o Brasil. A cidade era apontada como tendo 150 mil prostitutas e outras 150 mil jovens entre 14 e 21 anos que estavam "arruinadas", além de mães solteiras e cerca de mil hotéis clandestinos, que, de acordo com o jornal, eram cenários de crimes. Não há nenhum tipo de material ou relatório apresentado pelo jornal que justifique os números.

O texto também mencionou que a cidade de São Paulo enfrentava o problema de contar com "80 mil ladrões, além do homossexualismo e lesbianismo desafiando os padrões morais e a própria polícia" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1135, p. 2). O texto ressaltou que senhoras casadas, com muitos filhos, estavam abandonando suas famílias para "se entregarem à prática lésbica", e que "os travestis constituem um capítulo alarmante na história moral da cidade", transformando-se em "mulheres lindas e atraentes que andam armados" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1135, p. 2). A matéria enfatizou a necessidade de oração para evitar que o Brasil adotasse práticas que supostamente ocorriam em muitos países da Europa, onde existiam praias nudistas e "o coito é cometido na rua e nos ônibus, na frente de todo mundo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1135, p. 2).

3.1.6 Visões do fim: a influência da escatologia nas pautas morais

Nesta investigação, foram identificados diversos textos veiculados pelo Mensageiro da Paz, nos quais o uso da escatologia e do terror escatológico foi empregado como instrumento contra o progressismo, constituindo-se em uma estratégia sistemática para alimentar práticas fundamentalistas. O primeiro texto que merece menção, "O milênio", datado de abril de 1980, apresenta a concepção idealizada de um mundo futuro, no qual os problemas políticos e sociais atuais seriam erradicados. O artigo aborda a perspectiva de um período tratado como histórico no qual Jesus governará a terra. Nessa narrativa, o enfoque recai sobre as características positivas deste reino milenar, conforme interpretado pelo periódico. Expressões como "será um período de extrema felicidade" e "haverá condições favoráveis à abolição do álcool, dos entorpecentes e do fumo, que causam danos à saúde", são utilizadas ao longo do texto (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1116, p. 8).

O jornal justifica que, durante esse período, as pessoas viverão por longos séculos, beneficiando-se de notáveis avanços tecnológicos e econômicos. Essas conquistas serão viabilizadas pela ausência de administradores desonestos no governo de Jesus. O texto também afirma que nesse governo, haverá a aquisição de casas próprias e o estabelecimento do bem-estar social, que se valerá da ciência. O Mensageiro da Paz argumenta que, até então, a ciência tem servido ao aperfeiçoamento bélico para fins de guerra, mas que, no milênio de Jesus, esse propósito será alterado. Ademais, a publicação se ampara em um verso bíblico, presente em Isaías 35:8, para projetar a construção de uma grande rodovia durante o milênio e especula sobre outras modernas rodovias direcionadas a Jerusalém. O texto também aponta para a bênção à flora e fauna e o fim dos insetos, como parte do cenário idealizado.

No mês de maio de 1982, a publicação abordou novamente a temática do fim dos tempos, apresentando a "Visão profética dos últimos dias" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1141, p. 12), assinada pelo pastor norte-americano David Wilkerson, conhecido por sua obra "A Cruz e o Punhal", que o tornou amplamente conhecido no Brasil. Nesse contexto, Wilkerson descreveu uma visão que supostamente recebeu de Deus, relatando eventos de caráter espantoso que o deixou perplexo. O pastor prognosticou cinco calamidades que recairiam sobre o mundo. Em primeiro lugar, apontou para uma crise econômica, um colapso que teria seu epicentro na Alemanha, disseminando-se pelo Japão e Estados Unidos. A segunda calamidade referia-se a terremotos e fome, cujos impactos atingiriam especialmente os Estados Unidos, China, Índia e Rússia, levando as pessoas a reconhecerem a existência de uma força sobrenatural a cercar o globo terrestre.

A terceira calamidade, denominada "batismo de imundícia sobre a América" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1141, p. 12), previa uma escalada de depravação nos programas televisivos exibidos após a meia-noite, bem como a disseminação da educação sexual nas escolas, "animada com filmes que dramatizarão o ato" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1141, p. 12). Consoante a visão, quando o senado norte-americano estivesse prestes a combater a pornografia, Satanás "vomitaria toda a podridão do inferno" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1141, p. 12). O pastor prosseguiu sua descrição, enfocando a quarta calamidade caracterizada por anarquia e rebelião a permear os lares, resultando em desavenças entre pais e filhos, além do aumento do consumo de álcool e drogas. Por fim, a última calamidade profetizada por Wilkerson anunciava uma intensa perseguição à igreja, sem precedentes na história, emergindo como uma onda a ascender "como um monstro surgindo do mar" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1141, p. 12). Essas figuras apocalípticas, já familiares ao

público pentecostal, visavam legitimizar sua visão por meio de elementos frequentemente pregados nos púlpitos das assembleias, baseados no Apocalipse de João.

Além das calamidades, Wilkerson destacou outros eventos que marcariam os tempos vindouros. Mencionou a criação de uma super igreja mundial, resultante da união de protestantes ecumênicos, liberais e católicos romanos, com características políticas e espiritualidade aparente, mas essencialmente anticristã na prática. Relatou, ainda, ter ouvido, em sua visão, uma acolhida dirigida aos homossexuais, ordenando-os como ministros e designando-os a postos de responsabilidade na igreja. Tais homossexuais seriam, segundo a visão, evangelistas do ecumenismo, e a igreja criaria uma Escola Dominical Gay, com o propósito de apresentar a homossexualidade como algo "normal e aceitável na prática cristã" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1141, p. 12). Algumas das igrejas associadas à super igreja mundial iriam aderir ao nudismo. Wilkinson aduziu que práticas ocultistas seriam comuns nessa denominação. A pregação através de rádio e televisão seria proibida, e pastores e evangelistas seriam vistos pelo público como charlatães e palhaços. Escolas, universidades e colégios estariam prestes a abandonar o ensino de valores cristãos. Essas projeções e perspectivas delineadas pelo Mensageiro da Paz denotavam uma visão apocalíptica, incitando à necessidade de vigilância e preparação espiritual face aos eventos futuros.

Em outubro de 1983, um artigo abordando uma concepção relativa a um potencial governo de Jesus durante eventos apocalípticos foi outra vez publicado. Segundo o texto, neste cenário, Jesus supostamente emergiria como vitorioso contra o anticristo e assumiria uma posição monárquica em um governo terreno, no qual Satanás estaria subjogado. A política proposta para esse hipotético reinado de Cristo seria pautada em princípios de absoluta justiça, com a extinção de inúmeras problemáticas sociais. "Não haverá mais luta entre o capital e o trabalho, não haverá mais monopólios, desemprego, revoluções, greves, nem colonialismo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1158, p. 2), aponta. A igualdade de direitos seria estendida a todos os cidadãos, com a erradicação das distinções de classes sociais e a transformação dos pobres em proprietários de terras.

Em relação à saúde, a narrativa aborda a supressão de doenças e o consequente aumento da expectativa de vida. Ademais, portar a Bíblia ou frequentar igrejas para entoar hinos não seria mais um motivo de constrangimento, pois, no contexto do governo de Jesus, todas as igrejas seriam evangélicas, e outras religiões seriam abolidas mediante um processo denominado "expurgo radical" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1158, p. 2). A capital do reino não será em "Roma, nem Meca, Moscou, Londres, Tóquio nem Nova York", mas

Jerusalém, em Israel (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1158, p. 2). As editoras somente estarão autorizadas a imprimir a Bíblia em todo o planeta ao invés da “literatura imoral” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1158, p. 2). As emissoras de rádio e televisão estariam direcionadas ao conteúdo evangélico. Dessa forma, os leitores eram incentivados a se converter ao evangelho, visando a alcançar esse reino idealizado sob a governança divina durante o cenário apocalíptico.

3.2 Trilhas da Fé

A Assembleia de Deus dos anos 1980 não só se embrenhou nas veredas dos debates morais, mas também delineou suas posições frente a questões estritamente religiosas. Neste cenário, confrontos teológicos e a definição de aliados e adversários espirituais tornaram-se fundamentais. Desde a resistência ao movimento ecumênico até o discernimento crítico frente à Teologia da Libertação, a igreja buscou não apenas consolidar sua identidade, mas também delinear claramente suas fronteiras doutrinárias. O olhar sobre a Igreja Católica e outras religiões, mediado por uma mistura de preconceito e proteção doutrinária, revela a complexidade das interações religiosas na época. Esta seção explora a trajetória da Assembleia de Deus em meio às trilhas da fé, elucidando os desafios e escolhas que moldaram sua presença no cenário religioso brasileiro dos anos 1980.

O enfrentamento e o distanciamento do ecumenismo demonstraram uma postura de reafirmação da identidade pentecostal, enquanto a postura crítica em relação à Igreja Católica sinalizou não só um embate religioso, mas também histórico e cultural. A Teologia da Libertação, emergente e provocadora, apresentava-se como um desafio teológico que exigia posicionamento. E, ao observar outras religiões, o olhar da Assembleia de Deus, por vezes filtrado pelo preconceito, ilustra os desafios de coexistir em um cenário religioso diversificado e em transformação. Neste contexto, cada trilha tomada pela igreja moldou sua teologia, sua prática e sua interação com a tapeçaria religiosa brasileira.

3.2.1 Enfrentamento e separatismo: contra o ecumenismo

Em maio de 1980, o Mensageiro da Paz veiculou um ensaio intitulado "Ecumenismo: uma solução religiosa?" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1117, p. 2), apresentando uma perspectiva crítica e desfavorável em relação ao movimento ecumênico. O periódico enfatizou que, do ponto de vista espiritual e bíblico, o ecumenismo era percebido como um fenômeno não genuinamente cristão, considerando-o uma manifestação dos desejos humanos com fins

suspeitos. Para os editores do jornal, a adesão de cristãos evangélicos ao ecumenismo implicava em duas possibilidades: ou estariam negligenciando os princípios tidos como fundamentais das escrituras sagradas ou eram condescendentes com abordagens teológicas liberais. O texto enfatizava a inconciliabilidade entre o ecumenismo e a realidade espiritual, ressaltando ser impossível estabelecer comunhão entre luz e trevas ou entre os fiéis e os não fiéis. Nessa linha de pensamento, as relações fraternais deveriam ser cultivadas exclusivamente entre indivíduos que compartilhassem da mesma fé, excluindo-se aqueles que rejeitassem os princípios defendidos pelos cristãos evangélicos.

O artigo também abordava outras crenças religiosas, como o Islamismo e o Budismo, qualificando-as como religiões pagãs. No que se refere à Igreja Católica, o periódico adotava uma posição incisiva, caracterizando-a como heterodoxa e apóstata, e questiona “como pode haver comunhão entre uma igreja cristã evangélica ortodoxa e outra igreja que de cristã só tem o nome, porque, em doutrina, é completamente heterodoxa e apóstata, um misto de idolatria, e feitiçaria” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1117, p. 2). Uma dimensão política foi destacada no texto, estabelecendo uma analogia entre o ecumenismo e o socialismo, categorizando ambos como uma aliança diabólica, quer seja no âmbito religioso ou político. Os defensores do ecumenismo foram objeto de severas críticas, sendo-lhes atribuída a responsabilidade de conduzir pessoas à perdição, indo de encontro à vontade divina. “Você está cooperando para levar seus irmãos à perdição. Você não está cooperando com Deus, antes está decididamente de braços dados com o inimigo de Deus” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1117, p. 2), diz sobre evangélicos que aderiram ao ecumenismo. A abordagem adotada pelo Mensageiro da Paz refletiu uma postura doutrinária inflexível e uma rejeição veemente ao movimento ecumênico, o qual foi visto como uma potencial ameaça espiritual e política.

Uma abordagem crítica sobre o ecumenismo aparece também enfocando a liderança da Igreja Católica no movimento. O jornal adverte sobre os perigos associados ao ecumenismo, destacando a perspectiva de que a “hoste papalina” de “engenho ardil” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1120, p. 11) emprega uma engenhosidade astuta para atrair seus seguidores e envolvê-los na “areia movediça das promessas de Roma” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1120, p. 11). Além disso, o texto relata uma notícia específica que menciona um evento ocorrido em Pernambuco, onde padres e pastores reuniram-se para comemorar o primeiro ano da Casa de Conciliação em Olinda. No local, frades beneditinos e pastores protestantes estariam compartilhando uma vivência comunitária.

No entanto, o Mensageiro da Paz critica a iniciativa, alegando que os referidos pastores estariam envolvidos em práticas consideradas questionáveis e incompatíveis com as crenças evangélicas. Entre as acusações apresentadas, destaca-se a referência à adoração a ídolos, a participação em missas e o ato de ajoelhar-se diante de imagens religiosas, o que é interpretado como uma violação da passagem bíblica que proíbe a confecção de imagens de escultura.

Isso [o ecumenismo] é um logro em que estão caindo os descuidados. É uma das finalidades desse pretense ecumenismo é minar a força atuante do Evangelho, impingindo que tudo é igual; que o Deus é o mesmo; que tanto faz lá, como cá! Não! Não! Não é a mesma coisa, repetimos. Jamais! Lá continua a idolatria. Não podemos partilhar com os desejos de Roma. Cuidado com o laço! (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1120, p. 11).

Em fevereiro de 1981, o Mensageiro da Paz compartilhou um texto originalmente publicado no periódico "Brasil Presbiteriano", escrito por Olympio Adorno Vassão, intitulado "Diga não ao ecumenismo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1126, p. 5). A matéria inicia com uma contextualização mencionando as lutas ocorridas no Coliseu de Roma, a família Bórgia e o imperador Constantino. Essa revisão histórica visa destacar que, ao longo dos séculos, a Igreja Católica teria sido dominada pelo mundanismo e corrupção, inclusive perseguindo heróis protestantes. Em contrapartida, o autor enfatiza a existência do "verdadeiro cristianismo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1126, p. 5), que sempre resistiu a essas influências negativas e se manifestava nos cultos protestantes, os quais rejeitavam elementos como missa, purgatório, confissão de pecados a homens e culto a santos ou Maria.

O texto aponta para uma suposta disparidade entre as denominações evangélicas e a Igreja Católica, mencionando que os templos protestantes estavam cheios, enquanto as igrejas católicas estariam gradativamente esvaziando-se, tornando-se meras sociedades sem expressão espiritual. Nesse contexto, argumenta que a resposta da hierarquia católica ao declínio foi o ecumenismo, que descreve como uma tentativa de promover cerimônias conjuntas, cursilhos de cristandade e encontros de casais com a participação de evangélicos. O texto expressa pesar ao constatar que alguns protestantes, inclusive pastores, estariam se deixando "enredar pela nova onda" que, alerta, "é mais perigosa e avassaladora que o Coliseu de Roma e as câmaras de tortura da Santa Inquisição" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1126, p. 5). A publicação do texto no Mensageiro da Paz é seguida por uma nota de alerta, onde o periódico afirma que o ecumenismo é abominável e aderir ao movimento é considerado pecado de idolatria aos olhos de Deus.

Retomando a abordagem, o jornal traz o texto "A farsa do ecumenismo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1139, p. 8), apresentando o movimento como possuindo propósitos ocultos e dissimulados, com a aparente intenção de estabelecer uma única e abrangente organização eclesiástica mundial, que se desviaria dos princípios doutrinários fundamentais estabelecidos por Deus. O jornal expressa preocupações sobre a possível diluição da lealdade aos ensinamentos da Bíblia em virtude do ecumenismo. Para o Mensageiro da Paz, o ecumenismo parece conduzir a um centralismo eclesiástico e uma hierarquia dominante, que ele relaciona especificamente com a Igreja Católica Romana, insinuando que a Igreja Católica pode ter percebido as vantagens potenciais que o movimento ecumênico poderia lhe oferecer, e, portanto, buscou se aproximar dos protestantes em um aparente ato de conciliação, ainda que tenha admitido apenas parcialmente seus próprios erros nessa suposta aproximação. Ao longo do texto, o jornal sugere que o movimento ecumênico é uma construção ideológica, utilizada como meio para alcançar objetivos específicos de centralização do poder eclesiástico sob o domínio da Igreja Católica, em detrimento da integridade doutrinária das denominações protestantes. A sua visão crítica destaca que as mudanças promovidas pelo Concílio Vaticano II, apesar de mencionadas, ainda não foram suficientemente convincentes para dissipar suas reservas sobre as verdadeiras motivações por trás do movimento ecumênico.

3.2.2 Estabelecimento de inimigos: a Igreja Católica

Em setembro de 1980, o Mensageiro da Paz apresentou um texto emblemático que abordava o embate entre a Assembleia de Deus e a Igreja Católica, destacando a manchete "Liberdade religiosa ameaçada no Brasil" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1121, p. 6). A matéria abordava a aprovação do Dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, em um projeto de lei na Câmara Federal, de autoria do deputado Jorge Arbage (Arena), ex-prefeito de Capanema, no Pará. O projeto de lei buscava que o dia 12 de outubro fosse declarado feriado nacional e propunha a promoção de festas nas escolas de todo o Brasil, com a presença de autoridades eclesiásticas, civis e militares, em homenagem à santa católica. O jornal questionava o tratamento dado ao projeto, alegando que se uma proposta semelhante fosse apresentada em países como a Itália, sede da Igreja Romana, ou a Espanha, com grande influência católica, ela seria rejeitada como um atentado ao sistema democrático e ofensiva aos direitos humanos defendidos pela Organização das Nações Unidas.

O jornal criticou o deputado Jorge Arbage, eleito com votos de “evangélicos, espíritas, umbandistas, judeus, maometanos”, por querer “escravizar a consciência de muitos dos seus eleitores” a pretexto de uma “pretensa grande maioria católica” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1121, p. 6). O questionamento se baseia nos números do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O jornal contestava os dados do instituto argumentando que tal maioria não justificaria a imposição de uma celebração específica que poderia restringir a liberdade religiosa dos demais grupos religiosos presentes no país. De acordo com o jornal, quanto ao censo demográfico do Brasil, a realidade era a seguinte:

30 milhões de espíritas e umbandistas: é o que afirmam os políticos desses credos; 13 milhões de evangélicos (como a maioria dos evangélicos não contam as crianças entre seus membros, acrescenta-se ao seu total mais 13 milhões); 500 mil judeus e maometanos; 2 milhões de religiosos orientais, incluindo os budistas entre os imigrantes japoneses; 20 milhões de católicos praticantes (os verdadeiros católicos-romanos) – número que parece alto, pois os seus templos nas grandes cidades vivem vazios. Isso tudo soma 79 milhões e 500 mil. O restante (40 milhões) é composto dos sem-religião (com grande número nas classes cultas), dos desiludidos de qualquer religião, dos confessadamente ateus, e dos católicos nominais (não praticantes), que vão à igreja somente: ou no dia do casamento ou quando se batiza um filho, ou na missa de um falecido para não desagradar a família do morto (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1121, p. 6).

A matéria enfatizou que nenhuma voz se opôs de maneira enfática a esse suposto atentado à liberdade de pensamento, uma vez que o país mantém a separação entre Igreja e Estado. O jornal manifestou apreensão com a possibilidade de que, em uma eventual discussão para uma nova Constituição, o "legado papal" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1121, p. 6) pudesse pressionar um parlamento passivo para oficializar a Igreja Católica como a igreja oficial do país. No entanto, a publicação assegurou que, caso essa ameaça se aproximasse, empenhar-se-iam em mobilizar o povo brasileiro em defesa da liberdade de consciência. O Mensageiro da Paz adiantou que repudiava o ecumenismo promovido e dirigido pela Igreja Católica, afirmando que esta última correspondia à igreja descrita em Apocalipse 16:6, embriagada com o sangue dos santos e testemunhas de Jesus. A matéria reforçou uma postura crítica em relação ao catolicismo, mencionando a visita do papa João Paulo II ao Brasil em 1980. A recepção calorosa que o pontífice recebeu foi analisada como um fenômeno psicológico das massas, resultado de sua simpatia e abordagem de questões sociais que conquistaram admiradores. O jornal atribuiu o êxito da visita à insistência da mídia a serviço do papa durante meses e à hospitalidade brasileira.

O jornal utilizou o texto "Labirinto Conjugal", publicado em março de 1981, para abordar uma suposta controvérsia causada pelas palavras do papa João Paulo II entre os

católicos. Segundo o jornal, o pontífice teria afirmado que os maridos não podem olhar para suas esposas sem incorrer na lascívia e no adultério. No entanto, o texto interpretou de forma distorcida trechos da audiência geral de João Paulo II, ocorrida em 29 de outubro de 1980, intitulada "A força original da criação torna-se para o homem força de redenção". Na realidade, o papa João Paulo II não condenou o corpo e a sexualidade, mas fez um apelo para superar a concupiscência da carne, conforme registrado no evangelho de Mateus 5:28. Ele destacou a importância de não tratar o sexo como critério fundamental e definitivo, mas sim vencer os desejos carnis. O Mensageiro da Paz apresentou a fala do papa de forma distorcida, sugerindo que ele promovia a abstinência sexual entre os maridos e suas esposas, o que não corresponde à realidade. O jornal expressou sua opinião de que a vida conjugal dos católicos se transformaria em um "santo labirinto" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1127, p. 10) como resultado dessa interpretação equivocada. A publicação parece ter adotado uma abordagem crítica em relação ao catolicismo, destacando uma suposta ambiguidade nas palavras do papa e suas possíveis consequências nas relações matrimoniais dos fiéis.

Outra investida contra a Igreja Católica aparece no texto "Cristianismo sem Cristo". Com base em profecias apocalípticas, o jornal concluiu que a prostituta mencionada em Apocalipse 17:3-6 representa uma "grande e poderosa igreja apóstata" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1152, p. 12), que supostamente desonra a si mesma e a Cristo ao promover doutrinas como o purgatório, missas e o uso de imagens, visando lucro e poderio. O jornal manifestou surpresa e desaprovação diante do tratamento dado por "teólogos modernistas" à figura da "grande meretriz", os quais a enalteceraam como uma "linda donzela" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1152, p. 12). Em contrapartida, o jornal exaltou a figura de Lutero, considerado um homem destemido e corajoso que não pôde mais tolerar os abusos e a corrupção da Igreja Católica. O texto ressalta que os "papistas" perseguiram os reformadores, chamados de "verdadeiros cristãos", (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1152, p. 12) durante a Reforma Protestante.

Na edição de fevereiro de 1984, o Mensageiro da Paz apresentou a matéria intitulada "Quem tem medo dos crentes" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1162, p. 8), na qual destacou que o crescimento evangélico no país estava causando desconforto à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) devido à postura anticatólica desses novos grupos. O periódico assembleiano alegou que a Igreja Católica era acusada de tentar modificar o evangelho de Cristo por meio do marxismo, com a presença de marxistas instrumentalizados nas Comunidades Eclesiais de Base. A matéria criticou a opção pelos pobres da Teologia da

Libertação, considerando-a um "slogan político-partidário" e um "álibi que não funciona" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1162, p. 8). Nesse contexto, o Mensageiro da Paz enfatizou que o crescimento dos evangélicos no Brasil contribuiu para "o estabelecimento da tolerância, do pluralismo das ideias e da democracia", uma vez que as pessoas convertidas, diz a publicação, exerciam influência positiva na sociedade por meio de um "verdadeiro testemunho cristão" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1162, p. 8).

Destacando as diferenças e discordâncias com o catolicismo e as supostas consequências espirituais negativas causadas pela Igreja Católica na vida dos brasileiros, o jornal chegou a dizer que a vida espiritual das pessoas era "pior que a seca do Nordeste e as enchentes do Sul" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1162, p. 20), usando esses eventos naturais como uma metáfora para descrever a difícil situação espiritual do país.

A matéria "A água que salvará o Nordeste" abordou a seca, a fome, o desemprego e a miséria presentes no Brasil, especialmente no Nordeste. O Mensageiro da Paz atribuiu essas calamidades à mão de Deus que estaria pesando sobre os povos, como um chamado ao arrependimento. A publicação alegou que a nação não seguia o princípio de que "feliz é a nação cujo Deus é o Senhor", apontando a devoção a Nossa Senhora Aparecida como uma das razões para tal afirmação. Além disso, a matéria critica e cita o número de terreiros de religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul e uma suposta prevalência da idolatria no Nordeste. O povo brasileiro foi descrito como supersticioso, envolto em baixas crenças e afastado dos ensinamentos da Bíblia. Sugeriu o jornal que se a população seguisse os preceitos bíblicos, as enchentes no Sul e a seca no Nordeste poderiam ser evitadas, e a nação não estaria endividada e "não seria necessário recorrermos ao FMI, atolados em tanta dívida" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1162, p. 20).

Em agosto de 1985, a publicação assembleiana dedicou seu editorial para abordar o que chamava de "incoerências do catolicismo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1180, p. 2). Segundo o texto, os católicos buscavam exercer influência no mundo com o objetivo de predominar, o que, de acordo com o ponto de vista do jornal, revelava contradições dentro dessa igreja. Uma dessas contradições era a Teologia da Libertação na América Latina, que era aceita por parte da igreja e rejeitada por outra, sendo caracterizada como uma "teologia marxista-leninista" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1180, p. 2).

O editorial enfatizou que essas discordâncias internas dos eram uma forma de dissimulação para influenciar os trabalhos da nova constituição brasileira. O Mensageiro da

Paz alertou os crentes pentecostais para não caírem no "conto do vigário" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1180, p. 2), referindo-se ao ecumenismo católico. Era necessário estar atento à Igreja Católica para garantir que, com a nova Constituição, ela perdesse os supostos poderes que possuía. Para o jornal, afirmar que a Igreja Católica não era a igreja oficial do Brasil era uma falácia, considerando sua influência e os privilégios que supostamente desfrutava. O Mensageiro da Paz exortou os evangélicos a não se submeterem e não ficarem à mercê das ações da Igreja Católica.

O jornal assembleiano não tinha pudores ao utilizar pressupostos notadamente falsos para a construção do imaginário que trabalha em seus fiéis. Uma das edições trouxe um texto intitulado "Quem pode acabar com os pentecostais?" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1189, p. 6), que surgiu em resposta a uma publicação por parte do jornal Folha de São Paulo. O jornal paulista destaca a crescente apreensão da Igreja Católica diante da expansão do pentecostalismo no cenário brasileiro. O Mensageiro da Paz, por sua vez, questionou o interesse que a imprensa manifestou em relação a essa temática e, sobretudo, a atenção que a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) dedicou ao fenômeno pentecostal. Interesse que, de acordo com o Mensageiro da Paz, pode ser atribuído ao fato de que a Igreja Católica presenciava a redução significativa de fiéis frequentando seus templos, enquanto, em contrapartida, as igrejas pentecostais, notadamente as Assembleias de Deus, experimentaram um notório crescimento. Nesse contexto, o jornal buscou embasar a importância da participação dos membros assembleianos na eleição de constituintes que deveriam ser da Assembleia de Deus, como uma estratégia para garantir representação.

Por sua vez, a matéria publicada pela Folha de São Paulo relatava que a CNBB havia encomendado estudos ao Vaticano, com o objetivo de identificar os fatores subjacentes ao crescimento do pentecostalismo no Brasil. O Mensageiro da Paz, então, apresentou uma análise das principais conclusões decorrentes desses estudos promovidos pela CNBB, que indicavam que as pessoas pertencentes a estratos sociais mais humildes enfrentavam dificuldades em encontrar respostas para suas inquietações nas práticas litúrgicas da Igreja Católica, principalmente em virtude do desprezo demonstrado em relação à religiosidade popular e da abordagem excessivamente intelectualizada dos sermões. A Folha de São Paulo também destacou que nos cultos pentecostais, as pessoas eram valorizadas em maior medida, enquanto o Mensageiro da Paz ressaltou o caráter mais solidário e participativo das atividades promovidas pelas Assembleias de Deus. Por fim, foram elencados fatores sociais e políticos

que impulsionavam os estratos mais vulneráveis a buscar refúgio no pentecostalismo, tendo em vista a sua condição de miséria e desesperança.

Sob a ótica do Mensageiro da Paz, a Igreja Católica desencadeou uma verdadeira cruzada para reverter o quadro, acusando os pentecostais de adotarem uma postura fundamentalista e a serviço dos interesses políticos dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que, deliberadamente, impediam as transformações sociais consideradas prementes na América Latina. Diante desse cenário, o jornal assembleiano afirma que a CNBB teria decidido empreender esforços para recuperar os fiéis que migraram para as igrejas pentecostais, recorrendo, se necessário, a medidas repressivas. Nesse contexto, o Mensageiro da Paz engendra uma simulação ao imaginar uma fictícia declaração do presidente da CNBB, como se este fosse questionado sobre a postura da Igreja Católica frente ao fenômeno pentecostal, sendo sua hipotética resposta a seguinte:

Estamos prontos para interferir de maneira decisiva no sistema educacional do país, começando por dar melhor orientação religiosa aos professores de todos os níveis escolares, buscando deles o compromisso de ajudar a igreja a despentecostalizar os alunos e seus colegas de magistério que, por ventura, pertençam a essa seita. Tudo faremos junto às autoridades municipais ou convencendo particulares, no sentido de embargar a aquisição de terrenos para a construção de novos templos pentecostais. [...] O clero irá arregaçar as mangas no sentido de ajudar a eleger gente nossa nas próximas eleições. Uma vez que o Congresso eleito em novembro próximo terá poderes constituintes, vamos oferecer o nosso apoio a qualquer candidato, seja ele da extrema-direita ou da extrema-esquerda, marxista, satanista ou espiritualista, desde que faça o nosso jogo. [...] O Brasil é um país católico e, para assim continuar, é fundamental amordaçar o pentecostalismo (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1189, p. 6).

Convém salientar que a matéria da Folha de São Paulo, conforme devidamente verificado, não continha as supostas declarações atribuídas ao presidente da CNBB na simulação apresentada pelo Mensageiro da Paz. As asserções fictícias foram inseridas pelo próprio periódico com o intuito de veicular uma perspectiva política que atendesse às aspirações eleitorais da Assembleia de Deus, conferindo ao texto uma natureza especulativa. O que nos chama à atenção, no entanto, é que a manchete da capa do jornal afirma que a CNBB de fato teria dito "interferir na Constituinte, no sistema educacional do país e na construção de novos templos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1189, p. 1). Não passava, no entanto, de uma mentira inventada pelo Mensageiro da Paz que deu ares de factual a uma assertiva especulativa criada pela denominação.

Em contrapartida, o relato da CNBB à publicação paulista enfatizou o reconhecimento de que não se sentiam em condições de atender pessoalmente todos os fiéis católicos

batizados, ressaltando, desse modo, a valorização da criação de Comunidades Eclesiais de Base como uma alternativa para promover uma maior interação comunitária, envolvendo líderes diocesanos e paroquiais com as pessoas das comunidades. De forma notável, a matéria do Mensageiro da Paz reiterou a percepção de que a Igreja Católica alinhava-se com os estratos burgueses, mas adotava agora uma posição hipócrita, aparentemente voltada para os mais pobres, ao considerar as suas necessidades materiais em detrimento das questões espirituais. Contudo, o próprio periódico atribuiu a verdadeira ameaça à Igreja Católica não aos pentecostais, mas ao próprio clero, caracterizado como um conjunto comprometido com valores medievais, politiquismo e marxismo. Para o periódico assembleiano, a Igreja Católica era responsável por tornar figuras como Carlitos, o personagem icônico de Charles Chaplin, mais populares que Jesus no contexto brasileiro.

3.2.3 Novos oponentes: a Teologia da Libertação

Uma análise nas publicações do Mensageiro da Paz na década de 80 revelam também um substrato de menções e matérias que convergem para uma instrumentalização da Teologia da Libertação, insculpindo-a como um elemento interventor no processo de formação do imaginário assembleiano. A Teologia da Libertação assume um estatuto de iminente ameaça, demandando a suposta necessidade de um embate em defesa da preservação dos valores da instituição familiar, segundo prega o jornal. Um exemplo dessa postura editorial aparece em junho de 1980, quando o jornal sintetiza a sua perspectiva ao pontuar que a identificação, por meio da Teologia da Libertação, das problemáticas sociais que permeiam o cenário latino-americano seria mero subterfúgio, “uma vez que a alternativa que os teólogos propõem para a situação de pecado é justamente o sistema econômico que, em todas as partes do mundo onde foi aplicado, conseguiu apenas nivelar as populações por baixo, generalizando a miséria” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1118, p. 1).

A pesquisa em análise delineou um conjunto substancial de referências e abordagens concernentes à Teologia da Libertação no âmbito do Mensageiro da Paz. A seguir, apresento uma síntese das incursões pertinentes, registradas ao longo de sua trajetória editorial. No mês de agosto de 1980 sobressaíram-se duas matérias de teor ostensivamente adverso à Teologia da Libertação. A primeira destas incursões, intitulada "Cristianismo alienante" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1120, p. 6), difundiu uma assertiva de que um contingente expressivo de pregadores, com medo do estigma de alienação, engajou-se à Teologia da Libertação. Tal perspectiva teológica é interpretada como porta-voz de promessas

indulgentes, caracterizada essencialmente por “melífluas promessas de que devemos encher a panela do pobre” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1120, p. 6). No intuito de desacreditar a Teologia da Libertação, o texto alude ao Documento da Terra, elaborado pelos bispos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) durante a 18ª Assembleia Geral Extraordinária, realizada em fevereiro daquele ano, em Itaipava, São Paulo. É instigado um trecho desse documento, pelo qual os prelados se comprometem a denunciar situações flagrantemente injustas, ao mesmo tempo que endossam a mobilização para a concretização ou reelaboração de legislações pertinentes.

Nesse quadro, o Mensageiro da Paz alega que a denúncia da injustiça excede a esfera do paradigma cristão, insinuando a conversão das entidades religiosas em uma espécie de instituição assistencial, “tratando mais do ventre que da alma” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1120, p. 6). A cooptação do evangelho como veículo de formulação de diretrizes e sugestões direcionadas ao poder governamental é percebida como uma deturpação da essência cristã. Do ponto de vista do Mensageiro da Paz, as entidades eclesiais estavam se enredando em considerações políticas, ao “ditar normas ao Governo, apresentando sugestões que não lhe dizem respeito e nem lhe foram pedidas” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1120, p. 6).

A segunda incursão na mencionada edição fala de "uma nova leitura da problemática humana, em função da qual políticos religiosos ou religiosos políticos pretendem engrossar a 'caminhada dos oprimidos'" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1120, p. 10). Nesse sentido, projeta a Teologia da Libertação como um paradigma inovador do pensamento católico latino-americano e desenha uma análise crítica, sustentada na matriz especulativa e sócio-analítica que caracteriza essa corrente teológica. Os trabalhos de Leonardo Boff e Gustavo Gutiérrez emergem como ilustrações da Teologia da Libertação, sublinhando sua ligação com o clero católico. No âmbito da apreciação orquestrada pelo jornal, destaca-se uma atitude de cautela por parte do pensamento evangélico diante do avanço da Teologia da Libertação. O enfoque escatológico é proclamado como a única mensagem libertadora, personificada em Jesus Cristo. A abordagem da matéria reforça a submissão às autoridades como depositárias das credenciais para abordar as complexidades sociais. Uma sociedade ajustada, diz, é fruto de pessoas conscientes de que Jesus os purifica de todo o pecado.

Em outra oportunidade, o texto "Teologia da Libertação: ponta-de-lança do Anticristo!" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1122, p. 6), incide em uma veemente reprovação da Teologia da Libertação, caracterizando-a como um construto teológico

dissociado de fundamentos bíblicos, que engendra uma ligação entre a figura de Cristo e a matriz de pensamento advogada por Karl Marx. A investida argumentativa denota que esta teologia instiga uma diretriz sociopolítica e ideológica, impondo à fé cristã uma ênfase de natureza tangencial.

O enfoque textual se direciona, primordialmente, aos líderes eclesiásticos que, “com ar de intelectuais” aderem à da Teologia da Libertação, “pregando por aí justiça social, direitos humanos e a libertação dos oprimidos dos sistemas políticos e sociais” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1122, p. 6). A essência da pregação evangélica, para o jornal, deveria residir na libertação dos indivíduos das garras do diabo, em contraposição às necessidades sociais. Apontando que o movimento tinha cunho sócio-político global em consonância com o ideário marxista e socialista, o jornal afirma não ter dúvidas de que “a Teologia da Libertação é uma ponta de lança do Anticristo, que se levantará contra tudo que é de Deus, unindo os homens socialmente” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1122, p. 6).

O texto delinea uma alternativa de abordagem dos dilemas sociais enfrentados pelos segmentos tidos como desprovidos e vitimados, pautada na perspectiva de redenção espiritual e na inculcação da fé e confiança em Deus. Assim deve ser pregada “a salvação e os ensinamos a terem fé e confiança em Deus, depois de a pessoa ser salva, a própria situação financeira melhora, porque Deus cuida dos seus” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1980, n. 1122, p. 6). Ao aludir ao trecho bíblico de Efésios 6:12, há uma manipulação textual sutil, ao acrescentar o termo “injustiças sociais” em itálico, a fim de ressaltar a prioridade da dimensão espiritual sobre a esfera sociopolítica: Nossa luta não é contra a carne, nem contra as injustiças sociais, mas contra as potestades, contra os príncipes das trevas e contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais (Efésios 6:12).

Na sua edição de julho de 1982, o Mensageiro da Paz avançou a afirmação de que até mesmo o Papa manifestava veemente condenação à Teologia da Libertação. Esta corrente teológica, na visão do jornal, congregava indivíduos que contestavam as estruturas políticas vigentes e se associavam aos princípios marxistas como meio de alcançar o poder. Esses adeptos eram categorizados como progressistas e, em certos casos, identificados como “cristãos pelo socialismo” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1143, p. 8). A publicação atribuiu à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a designação de “entidade de fachada”, insinuando uma suposta conexão com essa ideologia, e denunciou a propagação do que denominou “evangelho de subversão” por parte de sacerdotes e religiosas vinculadas a entidades com orientação religiosa (MENSAGEIRO DA PAZ, 1982, n. 1143, p. 8).

Não obstante, o Mensageiro da Paz reportou que diversas personalidades eclesiais, intelectuais e autoridades já haviam se posicionado em oposição à Teologia da Libertação, inclusive os pontífices João Paulo I e João Paulo II. No contexto das denominações protestantes, o jornal lamentou a presença significativa de membros e líderes que aderiam a essa teologia, descrita de forma pejorativa como tendo matizes marxistas e comunistas. A perspectiva exposta na matéria reiterou a crença de que a missão primordial da igreja é a proclamação do evangelho, ao invés de promover ideologias políticas. A transformação individual proporcionada pela conversão e salvação, asseverou o artigo, reverbera positivamente na sociedade, na medida em que o indivíduo, enquanto nova criatura, influencia o ambiente ao seu redor. A raiz das injustiças sociais, segundo essa linha de pensamento, repousa no pecado, e a Teologia da Libertação foi criticada por supostamente negligenciar os princípios bíblicos que conduzem à genuína liberdade.

Ainda, em "A Verdadeira Teologia da Libertação", o jornal enfatizou que os defensores da Teologia da Libertação, ao invés de fundamentar seus estudos sobre a libertação nos ensinamentos bíblicos, optaram por abordagens políticas, econômicas e sociológicas para interpretar os evangelhos. O artigo sustentava a necessidade de conhecer "o verdadeiro sentido da libertação segundo a Palavra de Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1158, p. 6) a fim de discernir que a abordagem da chamada Teologia da Libertação não estava em consonância com a verdadeira ênfase da ação libertadora promulgada por Cristo. De acordo com o discurso da matéria, o cristianismo professa a libertação dos indivíduos escravizados pelo pecado, enquanto a Teologia da Libertação pautava sua argumentação na emancipação econômica, na denúncia das injustiças sociais e na erradicação da miséria e pobreza.

À juventude, dá-se a impressão de que o único pecado existente é a opressão, a injustiça, ou o capitalismo. Enquanto isso, deixa-se de pregar contra a mentira, a hipocrisia, a pornografia, o homossexualismo, o secularismo, a incredulidade e muitas outras coisas. [...] Se o assunto é Teologia da Libertação, é necessário que a abordagem seja escriturística e a abordagem escriturística há de nos levar à libertação primariamente de nossos próprios pecados (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1158, p. 6).

O texto enfatizava que qualquer empreendimento voltado à emancipação deveria primeiramente encontrar raízes no indivíduo. Defendia-se a premissa de que a busca pela justiça em uma sociedade só poderia ser plenamente efetivada mediante um processo prévio de transformação pessoal e conversão individual. O texto atribuía ao evangelho, uma vez internalizado, a capacidade de liberar "ímpuros, adúlteros, efeminados, sodomitas, ladrões,

avarentos, bêbados, maldizentes, roubadores” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1158, p. 6). O artigo prosseguia argumentando que a Teologia da Libertação adotava uma abordagem que exacerbou o antagonismo entre os estratos sociais, colocando os desfavorecidos em posição de confronto com os mais abastados. O periódico considerava tal enfoque como uma tragédia. Nesse sentido, a conclusão era estabelecida de que uma genuína conversão espiritual transcende o valor de uma revolução “pois significa um ladrão a menos e um benfeitor a mais” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1158, p. 6).

3.2.4 Sob o prisma do preconceito: o olhar sobre outras religiões

A hostilidade demonstrada pelo Mensageiro da Paz em relação a diversas expressões religiosas é patente. No contexto da filosofia pentecostal assembleiana, a centralidade na conversão era intransigente, obstando a possibilidade de qualquer forma de comunhão com adeptos de outras confissões religiosas. Manifestações religiosas de origem africana emergem como objeto de particular desdém, sendo demonizadas. O jornal emprega a pejorativa designação de "cinzeiros de Satanás" para se referir aos locais de culto, lamentando a existência desse "sistema de culto folcloricamente chamado de afro-brasileiro e comumente denominado macumba" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1133, p. 8).

A publicação alega que os rituais não contribuem para o enriquecimento cultural ou progresso societário do Brasil, insinuando uma suposta degradação social ocasionada pelos seguidores dessas religiões. Os terreiros de culto eram pintados como cenários de atrocidades, associados a "crimes de morte, crimes sexuais, esbulho e sevícia de crianças e mocinhas" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1133, p. 8). Além disso, denunciava alegada conivência de autoridades, embora sem explicitar nomes, na promoção dos cultos afro.

O Mensageiro da Paz chegou a lançar uma "cruzada de oração em favor da Pátria" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1134, p. 5). Sob o mote "Crente! Em suas mãos está o futuro do Brasil" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1134, p. 5), a campanha instou os membros da Assembleia de Deus a dirigirem suas preces para questões consideradas urgentes. O alerta subjacente era que, enquanto a comunidade religiosa estava passiva, forças negativas estavam agindo. Quatro supostos focos problemáticos foram delineados, que deveriam ser confrontados por meio da oração. Primeiro, havia preocupações com as religiões afro, que "crescem espantosamente" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1134, p. 5), influenciando a vida de milhões de brasileiros. Em seguida, os vícios, “milhões de litros de bebidas alcoólicas” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1134, p. 5), drogas e jogos de azar, foram

apontados como prejudiciais aos valores morais da sociedade. O terceiro ponto dizia respeito à violência, vista como um agente de desunião e instabilidade. Por fim, a campanha se voltou para o um alegado aumento de motéis “e outros lugares de meretrício” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1981, n. 1134, p. 5), a disseminação de pornografia na mídia e a deturpação de valores morais na programação televisiva, especialmente para crianças. Além disso, a campanha abordou a esfera política, encorajando preces pelos poderes executivo, legislativo e judiciário, em níveis federal, estadual e municipal.

Em junho de 1983, o Mensageiro da Paz ilustra a dinâmica da conversão ao pentecostalismo assembleiano por meio do relato de um caso ocorrido em Castanhal, no Pará. O jornal traz a história de Raimundo Sarmiento, previamente conhecido como proprietário de um terreiro de macumba, cujas atividades eram percebidas como perturbadoras pelos vizinhos, de acordo com a publicação. O periódico relata a transformação de Sarmiento, que passou a se considerar "liberto por Cristo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1154, p. 8) após sua conversão ao pentecostalismo. A narrativa detalha que a mudança de fé foi impulsionada pela situação de saúde de seu filho, que mesmo após recorrer às práticas dos "espíritos malignos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1154, p. 8) não encontrou cura. No entanto, ao ouvir um programa de rádio da Assembleia de Deus, o menino experimentou uma recuperação milagrosa. Esta cura extraordinária se converteu em um catalisador para a conversão de Raimundo Sarmiento.

A virada espiritual levou a uma série de eventos significativos. Um membro da Assembleia de Deus, com o consentimento de Sarmiento, destruiu as imagens e artefatos associados ao culto afro antes seguido pelo dono do terreiro. O ato foi conduzido por Carlos Natalino, um evangelista da Assembleia de Deus e também um Policial Rodoviário Federal, realçando sua posição como um agente de influência na jornada de conversão. Conseqüentemente, Raimundo Sarmiento assumiu uma nova identidade como "auxiliar de trabalho" na igreja e se engajou ativamente em atividades de proselitismo. Este relato reflete o foco na conversão como um elemento central na doutrina assembleiana, destacando a narrativa da transformação espiritual e a subsequente disseminação da crença.

Em dezembro de 1983, o Mensageiro da Paz abordou o movimento "Jovens com Uma Missão", uma organização de caráter evangélico e interdenominacional. O foco da organização estava nas praias do Rio de Janeiro, onde buscava direcionar sua pregação a uma multidão que, conforme descrito, "romperia o ano cultuando os espíritos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1160, p. 7). A publicação destaca que esse mesmo esforço já havia sido

realizado durante a virada de ano anterior, quando um grupo de cerca de 15 jovens, munidos de Bíblias e materiais informativos, empreendeu uma maratona evangélica ao longo da madrugada, visando a conversão de praticantes também de religiões afro-brasileiras.

O artigo enfatiza a percepção de uma significativa influência negativa no Brasil, mencionando dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que indicavam que aproximadamente "30 milhões de brasileiros estavam ligados ao espiritismo e à umbanda" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1983, n. 1160, p. 7). De acordo com as estimativas apresentadas pelo Mensageiro da Paz, essas crenças envolviam, de forma direta ou indireta, pelo menos 60 milhões de brasileiros. O texto argumenta que muitos enfrentavam desafios emocionais e físicos, seguindo trilhas que não conduziam a Deus e, em vez disso, os mantinham cativos nas garras de forças malignas.

Ao longo da década, outros ataques foram aparecendo nas páginas do jornal. Em abril de 1984, uma matéria intitulada "Centro de macumba transformado em igreja" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1164, p. 6) relata um incidente ocorrido em Vitória, Espírito Santo. O caso envolveu pastores assembleianos que foram convidados por membros de um Centro Espírita local para realizar um culto. O centro, considerado pelo Mensageiro da Paz como um "território de satanás" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1164, p. 6), passou a abrigar um templo da Assembleia de Deus após a conversão de sete pessoas durante o culto. Os pastores destruíram o altar de imagens presente no local e os utensílios utilizados nas práticas espíritas foram queimados. Os ex-praticantes do centro agora eram membros ativos da denominação evangélica.

Já em julho de 1984, o jornal destacou a conversão de Júlio Alves, um ex-sambista que, segundo o Mensageiro da Paz, estava envolvido em cultos afro-brasileiros devido à ligação de sua mãe com a religião de matriz africana. A vida de Júlio mudou após ser evangelizado durante um show de samba. A mãe de Alves era também mãe de santo, motivo pelo qual, de acordo com o jornal, o sambista passou a violar cemitérios e a "preparar despachos ao demônio" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1167, p. 13). Após ferir e infeccionar o pé, ele foi evangelizado por uma lavadeira que o pediu para deixar de lado "esse tal de Alan Kardec, porque você é um vaso escolhido para pregar o evangelho" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1167, p. 13).

A abordagem do Mensageiro da Paz destaca a ênfase da Assembleia de Deus na conversão e salvação por meio do pentecostalismo assembleiano, apresentando casos de

indivíduos que deixaram crenças e práticas consideradas adversas em favor da fé evangélica. A publicação reforça a ideia de que a salvação só é alcançada no meio evangélico, especialmente no contexto pentecostal. No entanto, essa abordagem frequentemente resulta em visões críticas em relação a outras religiões, como o catolicismo, religiões afro-brasileiras e espiritismo.

Na matéria "Fanatismo: religião ou alucinação" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1170, p. 8), o jornal explora movimentos sociopolíticos no Brasil, descrevendo-os como fruto de um delírio das massas. O texto aponta para uma suposta vocação do povo brasileiro para o fanatismo religioso, destacando exemplos como os "beatos de Antônio Conselheiro" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1170, p. 8) e fazendo uma conexão com o candomblé e a umbanda. A matéria sugere que o fanatismo religioso no Brasil é resultado da convergência entre crenças trazidas por brancos portugueses, negros africanos e povos indígenas, sendo um resultado da interação de elementos culturais diversos. De acordo com o jornal, os colonizadores brancos portugueses trouxeram para o Brasil uma fase marcada pela influência mística e pelas crenças da Igreja Católica. Por sua vez, os africanos trouxeram rituais, mandingas e práticas, "estabelecendo no Brasil um culto aberto ao demônio" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1170, p. 8). Já os nativos indígenas possuíam um profundo temor pelos fenômenos naturais. Assim, a interação desses elementos resultou em um cenário de fanatismo religioso.

O Mensageiro da Paz destaca a urgência de pregar a verdadeira palavra de Deus, sem recorrer aos subterfúgios que a Igreja Católica teria utilizado ao longo dos séculos. O jornal enfatiza a necessidade de os evangélicos compartilharem os mandamentos de Deus publicamente, como forma de combater a idolatria e os cultos que, em sua visão, eram direcionados ao demônio, incluindo práticas de sacrifício de crianças. A visão retratada pelo Mensageiro da Paz sugere que o Brasil, conforme interpretado por eles, estava mergulhado em idolatria e fanatismo religioso devido à falta de conhecimento da verdadeira palavra de Deus.

Somos contrários ao fanatismo e reafirmamos aqui a nossa fé em Jesus Cristo, que está no céu e reina sobre as nossas vidas. O nosso Jesus não foi transformado em imagens nem está sendo venerado em altares. Nós não o conduzimos em crucifixos pendurados no pescoço, nem o afixamos em paredes. [...] Reafirmamos, também, nosso repúdio total ao espiritismo, à macumba, ao candomblé e à todo e qualquer ritual de feitiçaria e culto à satanás. Também reafirmamos nosso repúdio à prostituição, ao suborno e às outras práticas religiosas de seitas que visam acorrentar o homem no labirinto das trevas, do sobrenatural, do engano e da loucura. Porém, queremos deixar bem claro que amamos a todos os que estão presos pela garra do

engano, pois nosso labor diário visa levar o evangelho libertador aos que ainda não receberam Cristo como salvador e senhor, mas sempre estaremos contra os propagadores e continuadores da superstição e do fanatismo religioso (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1170, p. 8).

Sempre demonizando o diferente, o Mensageiro da Paz seguiu com um discurso baseado no terror, com relatos chocantes. Na edição de maio de 1986, Paz publicou uma matéria intitulada "Guias de luz ou assassino de crianças?" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1189, p. 12), no qual condena as religiões de matriz africana. O texto traz à tona um crime estarrecedor cometido por um pai de santo na cidade de Sorocaba, São Paulo. O indivíduo em questão, Josué Rodrigues de Souza, foi responsável pelo estupro, assassinato e enterro de uma criança de nove anos. Em uma entrevista ao jornal O Globo, o assassino alegou que estava realizando um sacrifício a Satanás. O Mensageiro da Paz aproveitou esse incidente para generalizar e condenar todos os cultos afro, relacionando o candomblé e a umbanda ao espiritismo de Allan Kardec. O jornal argumenta que o assassinato de crianças era o preço que o Brasil estava pagando por permitir a prática de tais cultos tidos como demoníacos. A matéria sugere que o povo brasileiro enxergava erroneamente essas religiões como pacíficas, uma ilusão criada por Satanás. Embora afirme não questionar a liberdade de culto, o artigo ressalta que essa liberdade tem suas consequências, referindo-se à proliferação de movimentos religiosos que o jornal considerava demoníacos.

Para o Mensageiro da Paz, cultos afro pervertiam a ordem pública, os bons costumes e a moral, aprisionando as pessoas em práticas impuras. O artigo destaca a posição de que Jesus amava o pecador, mas repudiava o pecado, e, por isso, a igreja deveria combater o espiritismo e os cultos afro como uma forma de combater as hostes de Satanás. O texto conclama os fiéis pentecostais, considerando o Brasil o país da maior igreja pentecostal do mundo, a evangelizar os adeptos dessas religiões para que se arrependessem e se convertessem à sua perspectiva religiosa.

3.3 Conclusão do capítulo: entre fé e moral na teia dos anos 1980

No decorrer da década de 80, a Assembleia de Deus não apenas reforçou sua presença no espectro religioso brasileiro, mas também se consolidou como uma força decisiva nos debates morais e culturais do país. Durante esse período, a igreja demonstrou sua influência em várias esferas sociais, aprofundando seu impacto na sociedade brasileira. O capítulo em questão revelou como, por meio de sua pauta moral, a igreja teceu críticas à festas populares como o carnaval, um evento profundamente enraizado na cultura brasileira. Essas críticas não

se limitaram a observações superficiais, mas refletiam uma preocupação mais profunda com os aspectos morais e éticos associados a essas celebrações.

Além disso, a Assembleia de Deus posicionou-se firmemente contra questões polêmicas como o aborto e a homossexualidade, temas que geravam e ainda geram intensos debates na sociedade. A igreja não apenas expressou sua oposição a essas práticas, mas também buscou ativamente influenciar a opinião pública e as políticas relacionadas a esses temas. Através de campanhas específicas, a igreja tentou moldar a cultura e a moralidade popular, buscando alinhar a sociedade com sua interpretação dos ensinamentos bíblicos. Essas posturas, contudo, não eram meros reflexos de um conservadorismo religioso. Elas representavam uma estratégia deliberada da Assembleia de Deus para moldar a sociedade de acordo com sua visão de mundo, fundamentada em sua interpretação da Bíblia. Essa estratégia estava intrinsecamente ligada ao desejo da igreja de exercer uma influência mais ampla no cenário nacional, estendendo-se para além dos limites de suas congregações.

Paralelamente, ao explorar as "Trilhas da Fé", observamos a Assembleia de Deus em sua busca incessante de definição teológica e identitária. Este aspecto da igreja era especialmente relevante frente aos desafios apresentados pelo ecumenismo, pela Igreja Católica, pela emergente Teologia da Libertação e por outras expressões religiosas. As interações, muitas vezes tensas e críticas, demonstram o compromisso da igreja em estabelecer e defender sua doutrina em meio a um cenário religioso diversificado e, por vezes, conflituoso. A Assembleia de Deus não apenas reagia às tendências religiosas e sociais, mas também procurava ativamente definir sua posição e influência dentro desse espectro.

Ao final desta análise, fica evidente que a Assembleia de Deus dos anos 1980 não foi uma mera espectadora da tapeçaria sociorreligiosa brasileira. Pelo contrário, foi uma artífice ativa, tecendo e moldando os fios da fé e da moral de uma nação em constante transformação. A igreja não apenas participou do diálogo social e religioso, mas também desempenhou um papel ímpar em moldar a percepção pública sobre vários temas morais e éticos.

A influência da Assembleia de Deus nesse período pode ser vista como um reflexo do dinamismo religioso brasileiro. A igreja soube navegar pelas complexidades de um país marcado por uma diversidade cultural e religiosa profunda. Portanto, não apenas marcou presença como uma instituição religiosa de peso, mas também como uma voz influente em debates mais.

4. ENTRE O ALTAR E A ARENA POLÍTICA: AS ASSEMBLEIAS DE DEUS NAS ELEIÇÕES CONSTITUINTES E REDEMOCRATIZAÇÃO A PARTIR DO MENSAGEIRO DA PAZ

No capítulo anterior, delineamos a primeira parte da estratégia adotada pela Assembleia de Deus na década de 80 para confrontar o avanço da modernidade e do pluralismo, por meio de um programa de combate ao progressismo. O Mensageiro da Paz, periódico oficial da denominação, desempenhou um papel fundamental nesse empreendimento, empregando uma hermenêutica teológica singular para transmitir pautas morais e religiosas aos fiéis. Simultaneamente, a igreja também engajou-se ativamente na esfera política, evidenciando uma dualidade de atuação. Em nossa pesquisa, identificamos uma série de textos que revelam a práxis das Assembleias de Deus durante a década de 80, um período marcado pela crescente participação do grupo pentecostal na política.

Neste capítulo, apresentaremos as interações entre as Assembleias de Deus e o presidente eleito Tancredo Neves, bem como com José Sarney, elucidando como as demandas da denominação foram levadas ao Palácio do Planalto. Em seguida, concentramos nossa análise nos textos publicados no Mensageiro da Paz durante o período pré-eleitoral e eleitoral das eleições de 1986, que resultaram na composição do Congresso responsável pela elaboração da Constituição Federal. Além disso, exploraremos a participação dos parlamentares evangélicos durante esse processo constituinte até a promulgação da Constituição.

4.1 Fios da trama política: a Assembleia de Deus com Tancredo Neves e José Sarney

No período que antecedeu a eleição de Tancredo Neves como presidente do Brasil, a Assembleia de Deus estabeleceu diálogo com importantes líderes políticos. Um encontro marcante ocorreu em dezembro de 1984, conforme relatado no Mensageiro da Paz de janeiro de 1985. O presidente da CGADB, pastor Manoel Ferreira, acompanhado de Custódio Rangel, diretor nacional da Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno (ADHONEP) e executivo da CPAD, juntamente com Nemuel Kessler, diretor de publicações e editor do Mensageiro da Paz, reuniram-se com Tancredo Neves em Brasília.

Durante o encontro, Rangel entregou a Tancredo Neves um documento contendo três demandas da Assembleia de Deus, apresentadas em nome da ADHONEP. Essas demandas incluíam o fortalecimento das relações entre o Brasil e Israel, a instituição oficial do Dia

Nacional de Jejum e Oração e a remoção de símbolos relacionados aos cultos afro das moedas brasileiras. Nas moedas do cruzeiro, havia o desenho de um pequeno búzio, o que gerava descontentamento por parte da denominação. Durante a reunião, Manoel Ferreira também aproveitou a oportunidade para discutir com Tancredo Neves a questão do envio de missionários para o exterior. A igreja enfrentava dificuldades financeiras para sustentar os enviados devido à proibição do Banco Central do Brasil de enviar dólares para o exterior.

No decorrer da audiência, Ferreira presenteou Tancredo Neves com a primeira versão do Mensageiro da Paz de janeiro de 1985, que continha uma matéria crítica ao festival de música "Rock in Rio". Em relação ao evento, Tancredo expressou sua opinião, afirmando que o festival era uma degradação dos costumes. "Esse é um país alucinado. Gastar milhões e milhões de dólares num espetáculo da maior degradação dos costumes..." (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1173/A, p. 8). Durante o encontro, houve também "um momento de reflexão com Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1173/A, p. 8), em que o pastor Elizeu Rodrigues leu passagens da Bíblia e ofereceu uma comovente oração, pedindo a orientação divina nas atividades políticas de Tancredo. Grato pelo encontro, Tancredo Neves citou Isaías 40.29: "Ele fortalece ao cansado e dá grande vigor ao que está sem forças".

"Tancredo Neves e as Assembleias de Deus" foi o título do editorial de fevereiro de 1985. O texto repercutiu a audiência divulgada na edição especial de janeiro, destacando que o encontro representou "uma porta que se abre para o diálogo entre os evangélicos e o próximo governo brasileiro" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 2). Apesar da aproximação, o texto afirmava que isso não implicava um alinhamento político-partidário, pois não se poderia comprometer "a pureza do evangelho com nuances efêmeras decorrentes dos interesses de grupos que buscam o poder" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 2). A AD, de acordo com o texto, não buscava alinhar-se politicamente, ao mesmo tempo em que estava "alienada da realidade cotidiana" e tinha como objetivo "ampliar os horizontes e alcançar, inclusive, os altos escalões do governo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 2).

"A maioria dos males que afligem nossa nação decorre não tanto de circunstâncias naturais, mas, em maior escala, da falta de uma aproximação sincera com Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 2), afirma o jornal ao defender a instituição do Dia Nacional do Jejum e Oração, um dos pontos da pauta entre a igreja e Tancredo Neves. O Mensageiro da Paz também ressaltou que um dos votos do Brasil nas Nações Unidas era o motivo dos problemas com a inflação que desestabilizava a moeda. Isso se deve ao fato de

que o militar Ernesto Geisel, quando esteve à frente do governo, votou a favor da resolução 3.379 da Assembleia Geral da ONU, que considerava o sionismo como uma forma de racismo. Para a Assembleia de Deus, o Brasil não poderia votar contra Israel devido à promessa bíblica feita por Deus a Abraão no livro de Gênesis. As bênçãos divinas haviam “deixado de produzir resultados na vida brasileira” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 2). Em relação às moedas brasileiras, o jornal denunciava que, enquanto nos Estados Unidos as cédulas traziam a frase "In God We Trust", no Brasil elas vinham com um símbolo afro "sob o disfarce do folclore", "cuja prática se distancia dos princípios cristãos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 2). Assim, conclui o editorial:

Portanto, o diálogo iniciado entre os evangélicos e o próximo governo está longe de um envolvimento político, que não interessa à Igreja como instituição, ainda que, individualmente, os crentes possam ter o direito de fazer suas opções. Pretendemos, com isto, exercer nossa missão de sal da terra e luz do mundo (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 2).

A celebração de Tancredo Neves pela Assembleia de Deus antes de sua ascensão ao poder foi rapidamente substituída por um notável silêncio do jornal enquanto o mesmo esteve hospitalizado. José Sarney assumiu a presidência da República, e uma breve matéria de meia página foi dedicada pelo Mensageiro da Paz à notícia do falecimento de Tancredo, na edição de junho de 1985. O periódico afirmou que a morte do presidente eleito "consternou a todos os brasileiros" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1178, p. 10). A matéria mencionava as numerosas preces pelo presidente, que, segundo o jornal, demonstravam o quanto o Brasil era um reflexo marcante do sincretismo religioso, um "absurdo que impregna a grande maioria do povo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1178, p. 10). Tais preces eram dirigidas tanto aos santos católicos quanto aos orixás africanos, "na milenar ilusão de que todas as religiões conduzem o homem a Deus"(MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1178, p. 10).

O texto prossegue argumentando que, embora o Mensageiro da Paz desejasse a recuperação de Tancredo Neves, um milagre se tornou impossível devido à idolatria presente nas orações do povo brasileiro, que interrompeu a intervenção divina. Segundo o periódico, uma melhora no estado de saúde de Tancredo Neves não teria a sua glória atribuída a Deus. A matéria também questiona se, caso Tancredo sobrevivesse, ele teria condições de não se submeter às influências do clero romano, uma vez que ele era um católico praticante e devoto seguidor de São Francisco de Assis, como apontado pelo Mensageiro da Paz. Em apenas quatro parágrafos, a figura de Tancredo Neves, anteriormente celebrada em outras edições do

periódico, foi sepultada com uma despedida melancólica que colocava em dúvida a religiosidade do presidente.

No mesmo texto, o Mensageiro da Paz delineava as expectativas dos evangélicos em relação a José Sarney, vice-presidente de Tancredo Neves que assumiu a presidência do Brasil "sem qualquer trauma institucional"(MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1178, p. 10). De acordo com o periódico, Sarney deveria ser um instrumento nas mãos de Deus para promover a justiça social e resistir à influência da Igreja Católica. O jornal ressaltou que as reivindicações anteriormente direcionadas a Tancredo Neves permaneciam atuais, e que José Sarney deveria considerá-las a fim de assegurar que os brasileiros "esqueçam os ídolos e os demônios e reconheçam que só o Senhor é Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1178, p. 10). Também enfatizado que a Assembleia de Deus estava comprometida em fornecer subsídios para a elaboração da nova Constituição Federal. Durante um encontro realizado em Brasília, quando lideranças da igreja decidiram "adotar uma conduta firme e responsável no sentido de oferecer subsídios à douta Comissão Constitucional" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1178, p. 10) que seria formada pelo governo Sarney para trabalhar em um anteprojeto constitucional²⁴.

Sarney recebeu expressiva adulação por parte do Mensageiro da Paz, conforme era costumeiro por parte das Assembleias de Deus ao se aproximarem do poder político. Um dos registros do periódico afirmava que "o presidente José Sarney estabeleceu como uma das prioridades de seu governo a solução dos angustiantes problemas nordestinos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1179, p. 10), ao mesmo tempo em que aconselhava o líder político sugerindo que o Brasil se inspirasse em Israel para enfrentar a questão do Nordeste, permitindo assim que o povo sertanejo pudesse cultivar a terra. Segundo o MP, para solucionar a questão da seca através da agricultura, o Brasil deveria se apoiar não apenas em tecnologia, mas principalmente na proteção divina. O jornal também já enalteceu Sarney descrevendo-o como um "católico professo, mas não um fanático e cego capaz de se pôr a serviço dos interesses daqueles que propugnam pelo totalitarismo religioso em nosso País" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1180, p. 3).

²⁴ Onze pastores foram designados para compor uma comissão encarregada de receber propostas e elaborar sugestões que seriam encaminhadas ao governo. Os membros dessa comissão incluíam: o presidente Luiz Ferreira da Costa, o relator Elizeu Feitosa de Alencar e os membros Joanyr de Oliveira, Estêvam Ângelo, Alcebíades Vasconcelos, Luiz Fontes, Timóteo Ramos de Oliveira, Isaac Martins Rodrigues, Satyro Loureiro, Manoel Ferreira e Alfredo Reikdal.

Ao longo das edições subsequentes, o Mensageiro da Paz continuou a dedicar atenção e destaque ao presidente José Sarney. Este fato pode ser observado por meio da cobertura frequente destinada ao mandatário. Na edição de fevereiro de 1986 do periódico assembleiano, é destacada a presença de líderes evangélicos de diversas denominações após solicitarem uma audiência com o presidente. Dentre eles, estava o presidente da CGADB, José Pimentel de Carvalho, que integrou a comitiva em audiência com o chefe de Estado. A solicitação partiu de parlamentares evangélicos, com destaque para Francisco Dias e Daso Coimbra. Durante a audiência, Sarney recebeu um documento contendo as demandas das lideranças religiosas relacionadas à "fase que antecede a eleição da Constituinte" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1186, p. 12), além de sugestões para estabelecer "um canal de comunicação entre a Igreja Evangélica e o Governo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1186, p. 12).

Precedendo o encontro com Sarney, os pastores evangélicos realizaram uma visita ao Congresso Nacional, participaram de um almoço com parlamentares e estabeleceram as diretrizes do documento que seria entregue. Dentre os assuntos discutidos, destacava-se a participação dos crentes na Assembleia Nacional Constituinte. O periódico relata que ficou acordado entre as lideranças presentes que um apoio irrestrito seria dado às candidaturas evangélicas a fim de obter uma representação significativa durante a elaboração da Constituição. Pimentel de Carvalho enfatizou aos colegas que as Assembleias de Deus já haviam se posicionado nesse sentido, encorajando o lançamento de candidaturas em todo o território nacional. Durante o encontro com Sarney, coube a Pimentel a responsabilidade de proferir uma oração pelo presidente.

O documento entregue a Sarney ressalta que mais de 20 milhões de evangélicos, pertencentes a diferentes denominações, estavam intercedendo em oração por ele e por seu governo, alegando que o presidente recebia de Deus o poder necessário para governar em benefício do bem comum do Brasil. Portanto, para obter sucesso em sua gestão, era imperativo que Sarney se submetesse à soberania divina. O documento expressava o compromisso do povo evangélico em disponibilizar suas lideranças e comunidades em apoio ao presidente. Além disso, aborda questões como liberdade religiosa, preservação da autonomia entre igreja e Estado, autoridade moral e ética em todos os níveis da vida nacional. O texto também enfatizava a importância de uma liberdade que não fosse licenciosa, equilíbrio econômico-social, combate à corrupção e observância do "uso indevido dos meios de comunicação" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1186, p. 12), que, segundo o

documento, estavam adotando uma postura abusiva em relação à lei e aos valores morais. "Sem uma transformação espiritual e moral na vida das pessoas e da sociedade, não haverá uma autêntica transformação das estruturas de nossa vida nacional" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1186, p. 13), afirma o documento entregue ao presidente José Sarney²⁵.

As medidas econômicas adotadas por Sarney, mesmo aquelas consideradas impopulares, receberam atenção e tratamento cauteloso no periódico. O editorial publicado em abril de 1986 abordou especificamente essas medidas, com uma nota de esclarecimento na capa do jornal reforçando o apoio da editora das Assembleias de Deus, a CPAD, às ações tomadas pelo Governo Federal para enfrentar a inflação. A nota destacou a necessidade do congelamento de preços e ressaltou a importância da oração pelo país como um caminho seguro. "Devemos, acima de tudo, continuar orando pelo país, pois este é o caminho seguro para aqueles que reconhecem a soberania de Deus sobre todas as coisas" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1188, p. 1).

O editorial da edição destaca a decisão do presidente Sarney em congelar os preços como sendo "corajosa". Segundo o texto, "se tudo der certo, novos ventos estarão soprando sobre o Brasil" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1188, p. 2). O plano cruzado é apontado como um agente de transformação comportamental capaz de instaurar uma nova postura na sociedade. O editorial enfatiza a importância do engajamento de todos na defesa do projeto governamental, alertando para a possibilidade de uma iminente hecatombe caso esse apoio não seja alcançado. Nesse sentido, é atribuída aos evangélicos a responsabilidade de compreender as propostas da reforma monetária e contribuir para a plena implementação das medidas. O jornal insta os empresários evangélicos a demonstrarem fidelidade ao não aumentarem os preços de seus produtos, enquanto exorta os empregados crentes não deveriam aderir a movimentos sociais, pois, conforme o texto, "o atendimento de suas reivindicações não está no confronto, mas no exercício do diálogo e na busca de maior produtividade" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1188, p. 2). Adicionalmente, o editorial ressalta o apoio do povo evangélico ao presidente José Sarney por meio de suas orações, e o encoraja a permanecer fiel aos princípios do temor a Deus.

Dentro deste contexto, verificou-se que na edição de julho de 1986, a publicação intitulada "No país do cruzado, surge uma esperança: Deus seja louvado" se destaca

²⁵ O texto foi assinado conjuntamente por diversas denominações, bem como pelos deputados federais Daso Coimbra, Enoc Vieira, Gióia Junior, José Fernandes, Mário de Oliveira, João Batista Fagundes e Francisco Dias. Além disso, os senadores Hélio Gueiros e Eunice Michiles também foram signatários do documento.

(MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1191, p. 1). Nesta matéria, celebra-se a determinação do presidente José Sarney em incluir a expressão nas cédulas do recém-lançado cruzado, sendo considerada uma cruzada de fé do presidente Sarney. Ele, agora atendendo às demandas da agenda pentecostal e evangélica, é reconhecido como "responsável pela maior reforma econômico-financeira já realizada no Brasil"(MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1191, p. 8). A decisão de cristianizar a nota monetária atendia plenamente a uma das reivindicações apresentadas ao então candidato Tancredo Neves. Enfatizando o esforço do presidente, o periódico considera que a alteração da moeda era uma demanda muito difícil de ser atendida. O jornal questiona: "Como tirar milhões de moedas de circulação e substituí-las sem os incômodos búzios?"(MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1191, p. 8). A reforma econômica veio ao encontro da realização desse pedido.

A publicação enfatiza que "os grotescos e diabólicos totens das religiões afro-brasileiras serão substituídos por uma declaração de fé no Todo-poderoso" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1191, p. 8). Segundo o Mensageiro da Paz, Sarney reconheceu que Deus possui domínio sobre os seres humanos. Com o fim dos governos militares, o jornal, que antes apoiava as medidas do antigo regime, passou a criticar aspectos do militarismo, assim como também o fez com Tancredo Neves. A parceria do Mensageiro da Paz e da CGADB com os líderes políticos nacionais perdurava apenas durante o período em que estes detinham o poder. Conforme a matéria menciona, "os vários governos do regime militar demonstravam confiar mais na força humana do que em Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1191, p. 8), entretanto, tais ações militares revelaram-se impotentes para resolver problemas como a fome, o abandono de crianças, a "vergonha de nossa dívida externa e as audaciosas afrontas de uma inflação galopante" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1191, p. 8).

De acordo com o jornal, o governo anterior cunhou moedas com símbolos umbandistas para agradar os seguidores das religiões de matriz africana e buscar auxílio dos guias e orixás na busca por soluções para os graves problemas enfrentados pelo país. "Milhões de imagens demoníacas foram espalhadas por todo o país" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1191, p. 8), entretanto, com a decisão do presidente, transmitia-se ao povo brasileiro a confiança que Sarney tinha no presente e o otimismo para o futuro. Sarney demonstrou "coragem suficiente para declarar sua fé em Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1191, p. 8) em um Brasil que, segundo a publicação, era considerado a pátria do espiritismo e dos cultos afro. Todavia, Sarney não se intimidou, pois estava consciente de que "feliz é a nação cujo Deus é o Senhor", por isso, afirma a matéria, "o Senhor irá abençoar a administração de

Sarney", desde que ele permaneça fiel como "mordomo do Altíssimo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1191, p. 8).

O MP conclui que com a circulação do cruzado, os brasileiros passaram a reconhecer a existência de um Deus nos céus. Do antigo cruzeiro restaram apenas cinzas em "vestígios de despachos em uma encruzilhada de frustração e perplexidade" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1191, p. 8). O jornal destaca que "o presidente Sarney precisa muito do nosso apoio", instando os fiéis a enviar telegramas demonstrando-lhe apoio e a orar pelo governo. "Cabe-nos o dever de fortalecê-lo. Que Deus abençoe o presidente Sarney nessa cruzada de fé" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1191, p. 8).

No contexto abordado, no mês de outubro de 1986, o MP apresentou a comitiva evangélica nas instalações da Casa da Moeda. Conforme relatado no texto, os pastores foram cordialmente convidados pelo presidente da instituição, Carlos Alberto Direito. Ao ser questionado sobre a remoção dos símbolos afro das novas cédulas do Brasil, o presidente da Casa da Moeda esclareceu ao periódico que tal decisão partiu do presidente Sarney, mencionando que foi "um pedido que Sua Excelência me fez em um dos nossos primeiros encontros" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1194, p. 8). Ele também salientou que os símbolos presentes nas antigas notas de cruzeiro foram escolhidos pelo Banco Central em 1977, e afirmou que a inscrição nas novas cédulas representava uma maneira de resgatar a religiosidade do povo brasileiro, "nesta hora em que os valores morais da sociedade estão sendo destruídos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1194, p. 8). Para o presidente, a inclusão da inscrição "Deus seja louvado" nas cédulas servia como um antídoto ao materialismo e contribuía para que os brasileiros reconhecessem a soberania divina. Essas cédulas seriam manuseadas por inúmeras pessoas, levando consigo "uma mensagem de adoração ao Senhor" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1194, p. 8), enfatiza o texto.

Alfredo Pinheiro, diretor de matrizes da Casa da Moeda, também foi entrevistado pela reportagem e explicou que, quando a determinação de Sarney foi recebida, as novas cédulas já se encontravam em estágio avançado de produção. No entanto, a equipe responsável pelo setor empreendeu esforços para atender à solicitação e encontrou uma maneira de incluir a frase nas chapas já gravadas, posicionando-a no lado esquerdo, na parte frontal da cédula, que é considerada a área de maior destaque.

Contudo, o panorama econômico do Brasil não apresentava indícios de melhora, uma vez que o país enfrentava uma crise econômica severa. O Plano Cruzado havia fracassado e o

presidente Sarney adiou o aumento de tarifas públicas e impostos até as eleições, a fim de não prejudicar os candidatos de seu partido, o PMDB. Após as eleições, a inflação disparou e o governo se preparava para declarar uma moratória devido às dívidas externas. Nesse contexto, a Assembleia de Deus, por meio do Mensageiro da Paz, persistia na defesa do Cruzado. Em janeiro de 1987, foi publicado o texto intitulado "O Cruzado vai dar certo?" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1197, p. 19), afirmando que José Sarney foi colocado por Deus na presidência da República. O artigo ressalta o desejo de permitir que Deus governasse o país, e para isso era necessário que um homem que temesse a Deus ocupasse a presidência. Apesar do fracasso da moeda, o texto sustenta que "o Senhor abençoará a nação brasileira" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1197, p. 19), e uma das evidências desse suposto milagre econômico residia no fato de que as cédulas foram impressas com a inscrição "Deus seja louvado".

Era uma questão desafiadora para a igreja admitir o insucesso de uma moeda tão exaltada, especialmente devido à presença de uma inscrição cristã nas cédulas. Somente na edição de junho de 1987, o periódico enfim confessou o fracasso do plano cruzado. A manchete estampada na capa proclamava: "Quem poderá salvar o Brasil?" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1202, p. 1). A matéria recebeu o título de "Brasil: uma nação enferma" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1202, p. 7). A ressurgência do "monstro da inflação" estava adquirindo proporções alarmantes, trazendo consigo "fome, miséria e desespero" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1202, p. 7). Diante desses problemas, as agitações sociais poderiam transformar-se em convulsões cruéis, alertava o periódico. A nova República, proclamava enfaticamente, já evidenciava um envelhecimento prematuro, de modo que, aponta, apenas as orações poderiam trazer cura à nação. Por esse motivo, exortava a igreja a promover reuniões de intercessão em prol da pátria, considerando que uma "nuvem negra" pairava sobre os brasileiros (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1202, p. 7).

A publicação incentivava a criação de ministérios proféticos de oração, se necessário mantendo os templos abertos durante todo o dia, para que aqueles que desejassem orar pelo Brasil encontrassem suas portas abertas. Os líderes das igrejas locais eram orientados a colocar placas com a inscrição "entre e ore pelo Brasil" nas entradas dos templos. Enquanto as nossas igrejas permanecem com as portas fechadas, apontava o texto, os cinemas, casas de prostituição e terreiros de umbanda e candomblé funcionavam incessantemente, ressaltando que, enquanto as igrejas escolhiam horários para abrir, "escarnecedores prestavam culto a belial" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1202, p. 7). Não bastava apenas a atuação das

igrejas, o autor do texto demandava também a realização de reuniões dos fiéis em praças e estádios, estabelecendo como limite de atuação "os quatro pontos cardeais". Por meio de passeatas e manifestações públicas, conclamava o governo e o povo a "temerem ao Senhor" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1202, p. 7)

O jornal diz que caberia aos evangélicos utilizar suas reservas morais para exercer influência sobre as decisões nacionais, valendo-se dos representantes eclesiásticos que, segundo pregava, foram colocados por Deus nas esferas executiva, legislativa e judiciária. Dessa forma, a voz da igreja seria "ouvida e até acatada" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1202, p. 7). Em meio a um país "política e economicamente enfermo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1202, p. 7), restava aos evangélicos conduzir a nação em uma direção definida. O MP ainda explica que a enfermidade adentrou o Brasil por meio dos cultos afro e seus milhões de seguidores, convertendo o país na capital mundial do ocultismo com suas "práticas demoníacas" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1202, p. 7), as quais debilitaram a justiça brasileira e enfraqueceram a cultura nacional. Além disso, o Brasil estava acometido pela "podridão moral", com autoridades impotentes para "conter as ondas de permissividade" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1202, p. 7). Uma prova disso, de acordo com o texto do jornal, era a campanha governamental de conscientização sobre a AIDS, que "assemelha-se a uma apologia ao homossexualismo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1202, p. 7).

Tanto a igreja quanto o MP resistiram em considerar o plano econômico como um problema, especialmente após as cédulas terem sido impressas com a inscrição "Deus seja louvado". Entretanto, neste momento, não havia mais solução. A crise se manifestava severamente. Mesmo assim, o jornal afirma que o plano cruzado era excelente e falhou devido à usura dos poderosos. "As intenções do governo foram boas, mas a sabotagem econômica mostrou-se mais forte" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1202, p. 7), conclui.

4.2 Teias Constitucionais: As ADs na jornada da Constituinte

A edição de julho de 1984 do Mensageiro da Paz apresenta registros do movimento das Diretas Já, evidenciando o interesse expresso pela população brasileira em eleições diretas e imediatas para presidente, conforme apontado por pesquisas de opinião. Foram divulgadas também as posições dos evangélicos durante a votação da emenda constitucional do deputado Dante de Oliveira, ocorrida em 25 de abril daquele mesmo ano. Essa emenda visava o restabelecimento das eleições diretas. Destaca-se que a emenda foi rejeitada, uma vez que obteve 298 votos, enquanto necessitava de um terço da Câmara, ou seja, 320 votos. Os

evangélicos que apoiaram a emenda, impulsionados pelo movimento das "Diretas Já", foram Daso Coimbra (PSDB-RJ), Sérgio Lomba (PDT-RJ), Mário de Oliveira (PMDB-RJ), Francisco Dias Alves (PMDB-SP), Siegfried Henser (PMDB-RJ) e Gióia Júnior (PDS-SP). Ressalta-se que este último foi o único representante evangélico do PDS que votou favoravelmente à emenda. O jornal também menciona que José Fernandes, do Amazonas; Enoch Vieira, do Maranhão; e Eraldo Tinoco, da Bahia, todos eles evangélicos e filiados ao PDS, não participaram da votação (MENSAGEIRO DA PAZ, 1984, n. 1167, p. 15).

No ano subsequente, em fevereiro de 1985, o Mensageiro da Paz abordou a temática da Assembleia Nacional Constituinte, ressaltando que a atual Constituição do país havia recebido tantas emendas que a afirmativa de que todo o poder emana do povo havia se tornado uma "inverdade que agride frontalmente a consciência nacional" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 19). Diante do contexto, o jornal afirmava que em um futuro próximo o Brasil teria uma nova Constituição Federal, suscitando a preocupação sobre como a questão religiosa seria tratada. Essa preocupação justifica, de acordo com o Mensageiro, a oportunidade para a igreja refletir sobre a representação evangélica no parlamento.

Segundo o periódico, na Câmara dos Deputados havia a atuação de crentes nominais, referindo-se àqueles que conquistaram votos do eleitorado evangélico, porém não se comprometiam com a agenda religiosa ao chegarem ao poder. Além disso, o jornal apontava a existência no parlamento dos crentes tímidos, que permitiram a instituição do Dia da Padroeira do Brasil, para "não desagradar o eleitorado católico" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 19). Nesse contexto, o autor Joanyr conclui afirmando:

Se um parlamentar hostil aos evangélicos propuser, digamos, a adoção de privilégios ainda maiores para a Igreja Católica, em detrimento das outras igrejas, se dificultar a liberdade de culto para as minorias, quem se levantará para combater e discriminação? Quando chegar o momento da escolha dos constituintes, a comunidade evangélica deverá ser esclarecida e conscientizada, a fim de optar pelos nomes efetivamente compromissados conosco. Ou assim procederemos ou, com a omissão e a indiferença, poderemos estar a sufocar nossa própria possibilidade de cultuarmos o nosso Deus com a liberdade que dezenas e dezenas de milhões de pessoas já não conhecem neste mundo cada vez mais sufocado e oprimido (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1174, p. 19).

Em editorial intitulado "A moralidade da Nova República", a Assembleia de Deus, por meio do Mensageiro da Paz, reiterou a importância da participação da igreja na elaboração da nova Constituição Federal, desde que a denominação não se envolvesse em uma "militância partidária" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1176, p. 2). O periódico ressalta que a igreja estava acima de questões políticas, exercendo suas prerrogativas livremente. O texto destacou

que grupos políticos estavam aproveitando os "ventos democratizantes" para transformar o Brasil em "terra de ninguém", disseminando a imoralidade (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1176, p. 2).

Segundo o editorial, "homossexualismo era sinônimo de indecência humana" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1176, p. 2). Aqueles que defendiam as pessoas gays, na visão do Mensageiro da Paz, eram os mesmos que apostaram na falência dos casamentos e na liberdade conjugal, promovendo paixões carnavais que rebaixaram os seres humanos a práticas animais. Portanto, para o jornal, era imperativo que os crentes assembleianos participassem da elaboração da Constituição, pois a democracia não poderia ser entendida como convivência com o que entendiam por degradação. O editorial também defendeu o uso da censura. Segundo o texto, o governo deveria "coibir abusos e estabelecer normas que protejam a sociedade contra os que desejam degradá-la" porque "feliz é a nação cujo Deus é o Senhor" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1176, p. 2).

Em um outro editorial datado de maio de 1985, torna-se evidente que a igreja tinha como foco a eleição de seus próprios representantes no pleito de 1986, visando sua atuação durante o processo de elaboração da Constituição. O objetivo era assegurar a eleição de, pelo menos, um deputado federal vinculado às Assembleias de Deus em cada um dos estados brasileiros, o que garantiria a presença de "mais de 20 nomes ligados à vida das Assembleias de Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1177, p. 1). Para alcançar esse intento, propôs-se a transferência do voto assembleiano, "muitas vezes dado a pessoas completamente estranhas ao nosso meio e que só nos procuram em época de eleição" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1177, p. 1). Segundo a publicação, essa era a oportunidade para a igreja exercer sua "influência benéfica nas mais elevadas esferas da vida pública" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1177, p. 1).

Na continuação da publicação, é afirmado que a Igreja Católica, por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, também se mobilizava para exercer influência sobre a nova Constituição. Indaga-se: "De que modo ela vai encarar a questão da liberdade religiosa?" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1177, p. 2), fazendo referência às bênçãos papais que supostamente trouxeram "somente maldições" para o país. O editorial relata que, após a visita de João Paulo II, "o fundo monetário caiu sobre nós", "a inflação galopou e vários ministros adoeceram, além do então presidente João Figueiredo também ter a sua saúde afetada" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1177, p. 2). Ao finalizar, o editorial conclui após o encontro promovido pela Assembleia de Deus em Brasília:

Estas são razões de sobra para que haja uma mobilização consciente de nossa parte. [...] Temos suficiente potencial para elegermos, em cada Unidade da Federação, um representante evangélico à próxima Assembleia Nacional Constituinte, o que representaria, no cômputo geral, mais de 20 nomes oriundos de nosso meio. [...] Vamos valorizar a expressão bíblica que diz “E o Senhor te porá por cabeça, e não por causa; e só estarás em cima e não debaixo...” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1177, p. 2).

Na sequência do processo de redemocratização do país, as eleições passaram a permitir a participação legal dos partidos comunistas, os quais se encontravam aptos a receber votos dos cidadãos brasileiros. Diante do cenário, o Mensageiro da Paz advertiu os fiéis para a necessidade de cautela, tendo em vista a suposta incompatibilidade entre os princípios da fé cristã e os ideais comunistas. Conforme afirmado pelo jornal, não apenas os evangélicos assembleianos, mas também os cristãos brasileiros em geral, eram desencorajados a acolher a ideologia comunista, uma vez que esta promovia a luta de classes em busca de uma "igualdade que jamais será alcançada por recursos humanos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 2). Nesse sentido, enfatizava-se que as transformações sociais necessárias deveriam ocorrer a partir de uma conversão individual, na qual Deus operava nas pessoas quando estas se convertiam em uma igreja evangélica. O jornal sustentava que o caminho indicado pela Bíblia era o da transformação interior. Diante do contexto de abertura democrática, o jornal ressaltava a importância de uma criteriosa seleção dos candidatos, a fim de evitar a eleição de candidatos contrários à fé cristã. Tal postura era enfatizada, “sob pena de nos tornamos vítimas de nossa própria incoerência” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 2), caso não fosse observada essa prudência na escolha dos representantes políticos.

Dando continuidade a discussão sobre a retomada da democracia no país, o jornal publica um texto intitulado "Pode o crente ser político?" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 6) no qual relembra a deliberação da CGADB que aprovava a iniciativa de investir na eleição de candidatos membros da igreja, visando sua participação ativa na elaboração da nova Constituição Federal. O texto ressalta que a Bíblia instrui os fiéis a ocuparem todos os setores da vida secular, defendendo que não seria justo para os crentes terem que votar em indivíduos de outras religiões que apenas os procuravam em período eleitoral. Segundo a perspectiva apresentada, seria mais adequado votar em "cristãos sinceros, comprometidos com a causa de Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 6), exemplificando com o caso do ex-governador do Rio de Janeiro, Geremias de Matos Fontes, que, de acordo com a matéria, era um crente devoto que contou com o apoio de 30 pastores durante seu governo. Esses líderes religiosos realizavam cultos matinais antes das atividades administrativas, o que,

segundo o texto, contribuiu para que Fontes fosse considerado o “melhor administrador” do Rio de Janeiro (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 6).

Afirma-se no artigo que não se observa qualquer incompatibilidade entre a vida cristã e o exercício de cargos públicos. Considera-se inadmissível que a eleição dos constituintes seja limitada apenas a "espíritas, macumbeiros e, principalmente, católicos", indivíduos pertencentes a crenças que supostamente "farão de tudo para restringir a liberdade religiosa" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1985, n. 1181, p. 6).

O ano de 1986 marca um momento significativo para a Assembleia de Deus, uma vez que a denominação celebra 75 anos de atuação no país e, ao mesmo tempo, dava um passo crucial na esfera política: buscava eleger o maior número possível de constituintes. Já na primeira edição de 1986, o Mensageiro alertava os fiéis sobre a importância de estar atento ao votar, pois os deputados e senadores eleitos possuíam poderes que incluíam até mesmo a alteração do nome do Brasil, a extinção da Federação e a restauração da monarquia. No entanto, o aspecto mais preocupante para os leitores do Mensageiro da Paz residia na possibilidade de supressão da liberdade de culto e na imposição pelo Governo da escolha obrigatória de uma religião.

A matéria enfatiza as principais bandeiras defendidas pela igreja para a nova Constituinte. Dentre elas, destacam-se o ensino religioso nas escolas, a regulamentação dos seminários confessionais, a garantia da liberdade de culto, a igualdade de participação nos benefícios entre as diferentes religiões e o direito de realizar cultos nas corporações militares em datas cívicas. Aqueles fiéis que não obedecessem a convocação para eleger constituintes assembleianos estariam se omitindo e ignorando sua responsabilidade cristã, o que, segundo o jornal, constituía um pecado condenado pela própria Bíblia. Portanto, os membros da Assembleia de Deus deveriam exercer vigilância e oração no momento de escolher seus candidatos. O texto sugere, ainda, que apenas os parlamentares evangélicos seriam capazes de libertar o Brasil da violência, pois este problema não se resume meramente a questões sociais. "Caim não tinha baixo salário, não andava apertado nos ônibus, não tinha problemas de terra, não estava desempregado, no entanto era violento e matou seu irmão Abel" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1185, p. 9), conclui.

Em julho de 1986, o jornal delineava seus preparativos para divulgar, nas edições seguintes, os nomes e números dos candidatos evangélicos que receberam o apoio da denominação assembleiana. “Vamos oferecer ao leitor um leque de opções para uma escolha

consciente” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1191, p. 2), registra ao incentivar o voto em "autênticos servos de Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1191, p. 2).

O Mensageiro da Paz, imbuído em sua tarefa de pintar um quadro apocalíptico, buscava ressaltar a necessidade de votar nos candidatos evangélicos para promover mudanças sociais. Com o incentivo político, muitos fiéis estavam lançando suas candidaturas dentro das igrejas, o que levou o jornal, em setembro de 1986, dois meses antes das eleições, a tornar sua mensagem política mais explícita. Ao incentivar a participação dos fiéis na política, o MP inadvertidamente deu origem a um grande número de candidaturas, o que não era o objetivo da Assembleia de Deus. A intenção da instituição era que os membros das Assembleias de Deus votassem nos candidatos indicados pela CGADB e pelas convenções estaduais e não em qualquer fiel. O jornal prontamente buscou esclarecer que não bastava votar nos evangélicos em geral, mas era fundamental votar nos evangélicos indicados pelas lideranças das Assembleias de Deus e passou a divulgar abertamente os nomes desses ungidos. O MP afirma que os fiéis que não eram os candidatos oficiais deveriam ter desprendimento e abdicar "de suas posições para que outros, em melhores condições, pudessem chegar ao Congresso Nacional e lá servir como nossos porta-vozes" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1193, p. 2). Esses candidatos sem a bênção oficial precisavam se “submeter à soberania de Cristo” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1193, p. 2). Era necessário tomar essa postura, do contrário, seria possível vislumbrar "o pecado enraizando seus tentáculos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1193, p. 2).

Durante o período de setembro a novembro de 1986, as edições do Mensageiro da Paz apresentaram matérias destacando os candidatos oficialmente apoiados pela CGADB. Na edição de setembro, um texto intitulado "Os rumos da Constituinte" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1193, p. 14) ocupava duas páginas, solicitando votos para esses candidatos. Uma dessas personalidades era Benedita da Silva, membro da Assembleia de Deus Leblon, no Rio de Janeiro, vereadora e líder do Partido dos Trabalhadores na Câmara Municipal. Em entrevista ao MP, Benedita da Silva afirmou: "Minha participação será, sobretudo, a de uma serva do Senhor na constituinte" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1193, p. 15). Salatiel Carvalho, candidato pernambucano, apostava em um discurso contrário à Igreja Católica para conquistar votos. Ele afirmava que a igreja romana almejava controlar não apenas a Constituinte, mas toda a vida nacional. "A Constituição é o principal instrumento que a igreja Romana vai usar", declarou (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1193, p. 14). O candidato João de Deus Antunes, de Porto Alegre, destacou o comunismo como inimigo. Ele realizava

reuniões e convenções com os fiéis, alegando que o partido comunista estava mobilizado e que Dom Hélder Câmara, em nome da CNBB, também estava envolvido.

O candidato Daniel Silva, do Rio de Janeiro, foi apresentado na matéria citando que "ninguém melhor que um constituinte evangélico para se opor à oficialização do jogo no país, à legalização do aborto e ao excesso de licenciosidade na televisão e revistas pornográficas" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1193, p. 14). Por sua vez, Sotero Cunha, da Assembleia de Deus Madureira, ansioso por uma vaga, pediu aos leitores que escolhessem candidatos "já aprovados como verdadeiros cristãos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1193, p. 14). Alfredo Reikdal, pastor da Assembleia de Deus Ipiranga, almejava uma vaga na Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Na matéria, ele afirmou que apenas "os eleitos por Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1193, p. 15) deveriam ocupar os cargos-chave do país, e os evangélicos conheciam plenamente sua responsabilidade "para com Deus e seus semelhantes" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1193, p. 15). Carlos Apolinário, evangelista assembleiano, buscava mais um mandato na Assembleia Legislativa de São Paulo. Ele expressou seu desejo de continuar lutando contra o aborto e o comunismo. Para Apolinário, a participação dos evangélicos na Constituinte representava uma demonstração de patriotismo. O texto termina com o jornal sentenciando que "ao votar, os leitores do Mensageiro da Paz devem buscar em oração a vontade de Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1193, p. 15).

Na edição de outubro de 1986, pelo segundo mês consecutivo, o Mensageiro da Paz apresentou mais uma matéria que introduziu os candidatos apoiados pela CGADB, aqueles que possuíam a benção institucional para concorrer nas eleições de novembro. Gióia Júnior, diácono batista, é apresentado enfatizando que "o deputado evangélico tem a obrigação de ser como [o profeta] Daniel, não se corrompendo, e como João Batista, pronto para apontar os erros dos poderosos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1194, p. 20). Ele buscava reeleição como deputado federal em São Paulo e era membro da Igreja Batista Unida do Braz. Gióia Júnior contava com o apoio dos assembleianos, especialmente por ter defendido e abraçado algumas pautas da igreja durante seu mandato na Câmara. O presbítero Milton Barbosa, da Assembleia de Deus em Salvador, Bahia, colocava as crianças e a educação como bandeiras de sua campanha. Concorrendo por uma vaga na constituinte, ele defendia a participação da igreja nas políticas educacionais, incluindo a construção e administração de escolas.

A edição também apresentou Moisés Vieira, da Assembleia de Deus em Juiz de Fora, Minas Gerais, como candidato a deputado estadual, comprometido em "levar o nome do

Senhor Jesus Cristo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1194, p. 20) para a Assembleia Legislativa. Para ele, a devoção a Deus era essencial para o exercício do cargo. A candidatura de José Fernandes, membro da Assembleia de Deus em Manaus, recebeu a bênção da denominação para conquistar os votos dos assembleianos. Ao jornal, ele falou da importância fundamental de expressar "nossas ideias cristãs por meio de legítimos representantes da fé que professamos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1194, p. 20). O pastor Joanyr de Oliveira era candidato a deputado federal constituinte pelo Distrito Federal. Como pastor da Assembleia de Deus em Sobradinho, ele pregava que o comunismo não teria "triunfado em dezenas de países" se os cristãos estivessem "no espaço em que deveriam estar os crentes" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1194, p. 20).

Na edição de novembro de 1986, publicada antes das eleições que aconteceriam em 15 de novembro, o Mensageiro da Paz apresentou mais uma seleção dos candidatos que contavam com o apoio institucional da igreja. Esses candidatos eram considerados "dispostos a atuar na linha de frente da Assembleia Legislativa ou da Câmara Federal, buscando dias melhores para toda a nação" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1195, p. 20). Edson Neves, presidente da Associação dos Escrivães de Polícia e membro da AD Lauro de Freitas, na Bahia, era candidato a deputado estadual e ressaltou para o Mensageiro da Paz que "não adianta nenhuma medida de combate à criminalidade que não seja firmemente baseada nas Escrituras Sagradas" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1195, p. 20).

Outro candidato evangélico ligado à segurança pública, concorrendo ao cargo de deputado estadual, era José Maria Pinto, membro da AD em Minas Gerais e delegado, que acreditava ser possível atuar na política "sem perder o brilho do testemunho cristão" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1195, p. 20). Valdir Alves, evangelista da AD Perus em São Paulo e candidato a deputado estadual, defendia a supervisão das escolas por igrejas evangélicas. Em Arapiraca, Alagoas, a irmã Rosa Gonzaga era candidata à Assembleia Legislativa e buscava lançar escolas onde as crianças seriam ensinadas "segundo a Palavra de Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1195, p. 20). O jornal listava os candidatos destacando que eles conseguiriam o mandato "com a confiança baseada nas promessas de Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1195, p. 20).

No editorial da edição de novembro, o Mensageiro da Paz ressaltou que os fiéis estariam cumprindo com seu dever cívico ao eleger os candidatos de sua preferência, porém, obedecendo "à orientação de escolhermos evangélicos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1195, p. 2). O ato soberano do voto deveria ser acompanhado de orações, pois cada fiel seria

instrumento de Deus. O candidato evangélico, segundo o editorial, deveria ser um dos indicados pelas convenções estaduais, pois eram pessoas "experimentadas, com profunda convicção cristã" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1195, p. 2). Após as eleições, a igreja continuaria fornecendo um suporte espiritual aos constituintes, para que pudessem agir. "Deus está interessado em resolver os nossos grandes problemas nacionais" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1986, n. 1195, p. 2), e a igreja não poderia correr o risco de pecar por omissão.

A consolidação da mobilização assembleiana se revelou frutífera, conforme expresso na edição de janeiro de 1987 do Mensageiro da Paz, que exultava: "Assembleia de Deus elege 13 deputados federais" (MENSAGEIRO DA PAZ, n. 1197, p. 11). Segundo a matéria em questão, ocorreu um marco histórico na composição do parlamento brasileiro, com a presença de 26 deputados federais evangélicos, sendo 13 deles membros da Assembleia de Deus. Em contraste com a legislatura anterior, em que essa denominação contava com apenas um único representante, essa conquista foi calorosamente comemorada pelo periódico, sobretudo em virtude da significativa influência desses parlamentares na elaboração da Constituição Federal. A eleição expressiva de tantos membros da Assembleia de Deus foi atribuída, pelo Mensageiro da Paz, a um "trabalho permanente de conscientização" conduzido pelo jornal, que abordou a temática "de maneira objetiva" (MENSAGEIRO DA PAZ, n. 1197, p. 11). Nesse sentido, a movimentação estimulada pelo periódico exerceu um papel fundamental na indicação do reverendo Guilhermino Cunha como representante dos evangélicos na comissão da presidência da República incumbida de formular um anteprojeto para a nova Constituição.

Uma vez eleitos, o Mensageiro da Paz enumerou seis princípios que os parlamentares se comprometeram a seguir de forma obrigatória. Tais diretrizes consistem em: 1) manter a uniformidade de atuação parlamentar, especialmente nos debates relacionados à ética comportamental; 2) identificar-se publicamente como evangélicos, sobretudo nos contatos com a imprensa; 3) pautar-se pela Bíblia como guia para encontrar soluções que enfrentassem a desigualdade social no Brasil; 4) cultivar uma vida pública condizente com os valores cristãos, pois "qualquer deslize acarretaria prejuízos à imagem da Igreja" (MENSAGEIRO DA PAZ, n. 1197, p. 11); 5) prestar relatórios periódicos de suas atividades políticas; e, por fim, 6) ter em mente que, acima das obrigações partidárias, encontravam-se os "princípios bíblicos imutáveis e eternos" (MENSAGEIRO DA PAZ, n. 1197, p. 11). Aqueles que não estivessem alinhados com tais disposições perderiam a bênção da CGADB em futuras eleições.

Conforme relatado no texto, os deputados federais constituintes evangélicos eleitos foram: João de Deus Antunes, Orlando Pacheco, Mateus Iensen e Manoel Moreira, todos membros da Assembleia de Deus, representando os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, respectivamente. Fausto Rocha e Jaime Palharim, também de São Paulo, eram filiados à Igreja Batista e à Igreja do Evangelho Quadrangular, respectivamente. No Rio de Janeiro, Sotero Cunha e Benedita da Silva foram os candidatos eleitos da Assembleia de Deus, seguidos por Edésio Frias, Arolde de Oliveira (ambos batistas), Daso Coimbra, Roberto Augusto e Lysâneas Maciel. Esses três últimos eram membros das igrejas Congregacional, Universal do Reino de Deus e Presbiteriana, respectivamente. Em Minas Gerais, Roberto Vital, da Igreja Batista, Paulo Almada, da Batista Renovada, e Mário de Oliveira, da Igreja do Evangelho Quadrangular, foram eleitos. Na região Nordeste, mais especificamente nos estados da Bahia, Pernambuco e Maranhão, os representantes eleitos da Assembleia de Deus foram Newton Barbosa, Salatiel Carvalho e Antônio da Conceição Costa Ferreira. No Ceará, o deputado eleito foi Gidel de Freitas, da Igreja de Cristo. Idival Holanda e Enoque Vieira, ambos da Igreja Batista, também representavam o Maranhão, embora pertencessem a uma igreja de tradição histórica. Na região Norte, Eliel Rodrigues (Pará), José Fernandes (Amazonas) e José Viana (Rondônia), todos membros da Assembleia de Deus, foram eleitos. No Mato Grosso do Sul, Levi Dias, da Igreja Presbiteriana, e em Goiás, Antônio de Jesus Dias, da Assembleia de Deus. Além disso, conforme mencionado na publicação, Joaquim Beato, da Igreja Presbiteriana, ficou como suplente de Senador pelo Espírito Santo.

4.3 Entrelaçando Fé e Política: a mão evangélica na Carta Cidadã

Após as eleições, os trabalhos para a elaboração da nova Constituição Federal do Brasil foram prontamente iniciados. Em abril de 1987, o periódico Mensageiro da Paz voltou a abordar o assunto com destaque para os deputados federais evangélicos. Sob o título "Constituintes evangélicos: somos contra o aborto" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1200, p. 13), o jornal explorou a posse dos parlamentares, ocorrida em 1º de fevereiro de 1987. Nessa ocasião, os evangélicos se destacaram como a quarta maior bancada na Assembleia Nacional Constituinte, contabilizando 28 parlamentares, conforme enfatizado pelo Mensageiro da Paz. Após a cerimônia de posse, os deputados da Assembleia de Deus participaram de um culto realizado em uma das igrejas da denominação na capital federal. Essa iniciativa foi concebida pelo deputado-pastor Antônio de Jesus Dias. Durante o culto, os

fiéis empunharam faixas que incentivavam os constituintes a se comportarem como “representantes da cidadania celestial” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1200, p. 13). Além do pastor Antônio de Jesus Dias, estiveram presentes na celebração Sotero Cunha, Milton Barbosa, Manoel Moreira, José Fernandes, João de Deus Antunes, Mateus Iesen, Orlando Pacheco, Fausto Rocha e Edésio Frias. Segundo relatos do Mensageiro da Paz, o culto incluiu a execução do hino nacional, seguido pela participação de toda a congregação entoando um hino conhecido como "Meu Brasil".

No dia subsequente, a Câmara elegeu sua mesa diretora, destacando-se a escolha de Daso Coimbra, representante da Igreja Congregacional, como o único evangélico eleito na condição de suplente. À noite, os parlamentares participaram de um jantar realizado na residência do deputado assembleiano José Fernandes, que já estava em sua terceira legislatura como representante do estado do Amazonas. Esse momento ficou registrado por testemunhos de "grande alegria na presença do Senhor" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1200, p. 13), como mencionado no Mensageiro da Paz.

Prosseguindo com o projeto de influenciar os trabalhos da nova Constituição Federal, o periódico Mensageiro da Paz apresentou, em julho de 1987, informações pertinentes aos constituintes evangélicos. A relevância das atividades em torno da elaboração da Carta Magna ganhou ênfase na matéria intitulada "Direitos e garantias individuais" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1203, p. 14). Nesse contexto, o referido jornal publicou na íntegra o discurso proferido pelo pastor Estevam Ângelo de Souza, representante da Assembleia de Deus no Maranhão, perante a Subcomissão dos Direitos e Garantias Individuais da Assembleia Nacional Constituinte. Durante essa ocasião, o pastor teve a oportunidade de ser ouvido e interpelado pelos deputados que compunham a referida comissão, sendo-lhe concedido o espaço para explicar as pautas defendidas pelas igrejas e “pregar a mensagem de Jesus Cristo a todos os presentes” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1203, p. 14). Na sessão de trabalho, o pastor afirmou que há décadas o governo brasileiro dava um bom exemplo quanto à garantia de liberdade de culto, uma questão que deveria agora ser cuidadosamente observada já que o país estava em uma fase de transição constitucional.

Ângelo de Souza argumentou que a garantia da liberdade religiosa era de suma importância, pois a disseminação do evangelho trazia consigo vantagens sociais significativas. Ele enfatizou, por exemplo, a inculcação de um "respeito às autoridades" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1203, p. 14) entre os fiéis, promovendo, dessa forma, a segurança nacional. Além disso, as igrejas evangélicas, por meio de sua atuação, contribuíam para a "ordem e

progresso" do Brasil (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1203, p. 14), exercendo influência na formação das pessoas e na restauração da moralidade por meio de pregações ministradas em locais como boates e estabelecimentos penitenciários. Tal abordagem era considerada uma forma eficaz de evitar "a tribulação da família, a vergonha da sociedade e o grande peso econômico para o governo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1203, p. 14).

Na edição de agosto de 1987, o Mensageiro da Paz apresentou um editorial que reportava uma reunião realizada pela direção da Assembleia de Deus com os parlamentares da bancada evangélica em Brasília. Durante esse encontro, os deputados tiveram prestaram esclarecimentos acerca do andamento dos trabalhos até então realizados. "Ficou claro que o empenho de cada um foi efetivo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1204, p. 2), diz o texto do periódico ressaltando a colaboração da bancada evangélica no contexto da Assembleia Nacional Constituinte. Conforme pontuado pelo Mensageiro da Paz, a participação da bancada evangélica se manifestava de duas maneiras distintas. Primeiramente, os parlamentares contribuía com sugestões de textos constitucionais. Em seguida, eles se dedicavam à defesa de questões consideradas irredutíveis, tais como a oposição ao aborto e a homossexualidade. Nesse sentido, o editorial denominou os parlamentares como "nossos irmãos", destacando que eles estavam inseridos em um ambiente hostil e ressaltando o êxito alcançado da bancada na remoção de um artigo referente ao aborto, adiando sua discussão e garantindo tempo para uma negativa definitiva.

No entanto, o Mensageiro da Paz expressou sua preocupação com a permanência, até então, do artigo aprovado pela Comissão de Sistematização, proveniente da Comissão de Ordem Social, o qual afirmava que "ninguém será privilegiado ou prejudicado em razão de comportamento sexual" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1204, p. 2). Tal disposição, segundo o periódico, abria espaço para uma variedade de interpretações, suscitando "a aceitação do homossexualismo como prática normal" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1204, p. 2). Diante desse contexto, a bancada evangélica se via compelida a intensificar seus esforços no plenário, na tentativa de impedir a inclusão do trecho referente ao "comportamento sexual", contando com o apoio de outros deputados que, ainda que não fossem afiliados à igreja, compartilhavam do objetivo de caminhar "em busca da moralização dos bons costumes" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1204, p. 2).

Um dos argumentos apresentados pelos parlamentares evangélicos na Câmara dizia respeito à possível justificação da pedofilia decorrente do mencionado trecho. Para o jornal, os defensores dos direitos dos homossexuais defendiam que tais indivíduos gozavam dos

direitos civis garantidos pelo princípio da isonomia, uma vez que todos são iguais perante a lei. Nesse sentido, o Mensageiro da Paz conclamava os fiéis a se tornarem "instrumentos de pressão" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1204, p. 2), encaminhando telegramas aos constituintes para expressar "o pensamento da grande maioria" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1204, p. 2). Encerrando o editorial, o periódico enfatizava que, acima de qualquer orientação partidária, os constituintes evangélicos deveriam pautar suas ações em consonância com sua consciência cristã.

Um perfil dos parlamentares evangélicos envolvidos na Assembleia Nacional Constituinte, destacando o significativo aumento do segmento, é apresentado na edição de setembro de 1987. O jornal celebrou esse avanço, contrastando com a constatação de que a constituinte de 1946 contava apenas com um único membro evangélico. Aos leitores, o periódico diz que o presidente José Sarney considerava o grupo "um dos fatores mais relevantes da atual constituinte" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1205/1209, p. 7)²⁶ e que o deputado Ulysses Guimarães, presidente da Assembleia Nacional Constituinte, os reconhecia como "a terceira força política no Congresso Nacional" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1205/1209, p. 7). Segundo as informações divulgadas pelo Mensageiro da Paz, a composição dessa bancada refletia uma diversidade denominacional significativa. As principais denominações evangélicas representadas incluíam a Assembleia de Deus, com treze membros, seguida pelos batistas, com oito representantes, os presbiterianos, com cinco, e a Igreja do Evangelho Quadrangular, com dois. Além disso, havia um representante da Igreja de Cristo, da Congregacional, da Nova Vida e da Universal do Reino de Deus

O jornal também reportou que os parlamentares evangélicos se reuniam semanalmente, nas quartas-feiras, para momentos de oração, meditação e confraternização em forma de almoço. Além disso, aproveitavam diversas oportunidades para "proclamar o reino de Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1205/1209, p. 7), por meio de encontros, jantares e visitas a autoridades políticas e governamentais. Em um desses encontros, Ulysses Guimarães teria dito que os evangélicos lhe deram "um banho de Bíblia" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1205/1209, p. 7). Havia um "espírito de confraternização e amizade quando o assunto é o evangelho" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1205/1209, p. 7).

²⁶ Algumas edições do Mensageiro da Paz aparecem com numeração dupla a partir de setembro de 1987. O jornal estava trabalhando para resgatar os números perdidos do jornal e, em 1987, a redação conseguiu completar a coleção. Com isso, verificou-se que existia uma falha na contagem das edições, com a existência de quatro números não contabilizados. Para resolver a questão, a edição de setembro de 1987 seria a 1209 e não a 1205. O editor decidiu que até dezembro daquele ano os jornais seriam impressos com as duas numerações, tanto a atual (1205), que estava errada, como a correta (1209). A partir de janeiro de 1988, o jornal seguiria apenas com a contagem oficial.

No entanto, a bancada evangélica enfrentava desafios internos decorrentes das divergências ideológicas entre seus membros. Era preciso "exorcizar o espírito de desentendimento que pairava sobre a bancada quanto às questões ideológicas", diz (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1205/1209, p. 7). O texto menciona o caso específico da deputada Benedita da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT) do Rio de Janeiro, que foi criticada por priorizar "as determinações partidárias falarem mais alto do que as convicções religiosas" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1205/1209, p. 7). A deputada, integrante da Subcomissão dos Negros, Populações Indígenas, Deficientes e Minorias, apoiou o artigo que garantia direitos a todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual. A redação do texto aponta que o constituinte Salatiel Carvalho, evangélico e representante de Pernambuco pelo Partido da Frente Liberal (PFL), tentou argumentar com Benedita da Silva, alertando-a de que a abriria brecha e "os homossexuais poderiam até mesmo requerer o direito de casamento entre homens" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1205/1209, p. 7). No entanto, apesar dos esforços de Salatiel, a proposta foi aprovada na subcomissão sem alterações. Além disso, o artigo mencionou Lysâneas Maciel, do Partido Democrático Trabalhista (PDT) do Rio de Janeiro, como um parlamentar que seguia a mesma trajetória de Benedita da Silva. Lysâneas votou a favor de propostas do senador Paulo Bisol, que, de acordo com a perspectiva da igreja, permitia "a liberação do homossexualismo, liberação do aborto, abolição da censura e liberdade religiosa vigiada" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1205/1209, p. 7).

Nesse contexto, observava-se um crescimento da popularidade de Íris Rezende, Ministro da Agricultura do governo Sarney e ex-governador de Goiás, entre as lideranças da Assembleia de Deus. O Mensageiro da Paz destacava que Íris Rezende era o evangélico de maior prestígio ocupando um cargo relevante no cenário nacional. Com a nota "A bênção da safra" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1205/1209, p. 19), o jornal relatou que o ministro realizou um culto de ação de graças para comemorar a maior safra agrícola já registrada na história do país. Essa cerimônia contou com a presença de autoridades civis, militares e religiosas no Centro de Convenções de Brasília. A igreja, por sua vez, passou a retratar Íris Rezende aos fiéis como um homem de Deus, comparando-o simbolicamente a José do Egito, um líder que trazia abundância e prosperidade agrícola. Essa movimentação ganhava importância no Mensageiro da Paz, uma vez que a Assembleia de Deus já começava a articular-se estrategicamente no cenário político de Brasília, vislumbrando planos ainda mais ambiciosos para o futuro próximo, inclusive a possível candidatura de Íris Rezende à

presidência do Brasil em 1989. Faltando apenas dois anos para as eleições, a igreja estava iniciando movimentos estratégicos no xadrez político com objetivos mais amplos e abrangentes.

Outro tema envolvendo a Assembleia Nacional Constituinte explorado pelo jornal tinha relação com a Comissão de Sistematização, que aprovou a inserção de uma frase no preâmbulo da futura Constituição invocando a proteção divina. O jornal ressalta que essa medida foi objeto de controvérsias, especialmente por parte de “alguns deputados ateus” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1207/1211, p. 2), os quais alegaram uma possível violação dos direitos das minorias. No entanto, a bancada evangélica se manteve unida em prol da inclusão da menção, “lutando para que a nossa Lei Maior tivesse a bênção do Todo-poderoso” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1207/1211, p. 2). O constituinte Daso Coimbra, integrante da Comissão de Sistematização, atuou como porta-voz da bancada evangélica e defendeu a inclusão da referida frase, argumentando que seria inadequado equiparar o povo e a fé através de exceções particulares. Nesse sentido, o deputado destacou a haveria uma necessidade de evitar privilégios para as exceções em detrimento da maioria.

A expressão “sob a proteção de Deus” foi aprovada pela comissão com uma ampla maioria de votos favoráveis, surpreendendo ao conquistar o apoio até mesmo de alguns deputados classificados pelo Mensageiro da Paz como comunistas. Vale mencionar que Haroldo Lima, representante do Partido Comunista do Brasil (PC do B) pela Bahia, foi o único membro da comissão que se opôs à aprovação do texto. No periódico, ressalta-se a satisfação do Mensageiro da Paz com o fato de a bancada evangélica ter se tornado uma força decisiva nas votações relacionadas à pauta de costumes. “Os mais de 30 votos de nossos irmãos terão fundamental importância no momento de negociar” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1207/1211, p. 2), destaca. A bancada estava disposta a utilizar sua influência para obstruir temas relacionados a “liberdade religiosa, ao aborto e a não liberação do homossexualismo” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1987, n. 1207/1211, p. 2). É interessante mencionar que o jornal sublinha para os fiéis e leitores o suposto respeito que os demais deputados demonstravam pelos evangélicos. Havia um claro esforço por parte da publicação no sentido de enfatizar que os parlamentares evangélicos tinham uma postura ética e condizente com o que se esperava deles.

Em 1988, no ano da promulgação da nova Constituição Federal, a igreja demonstrou uma contínua imersão nas esferas da política partidária. Foi o ano em que o Mensageiro da Paz trouxe, na edição de março, a primeira menção ao nome de Fernando Collor de Mello,

então governador de Alagoas. Collor é retratado como uma figura emblemática, qualificada como um "caçador de marajás" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 7), cuja postura foi enaltecida pelo Grupo Evangélico de Ação Política (GEAP). O GEAP manifestou sua solidariedade a Collor, que “decidiu não pagar milhões de cruzados aos marajás de seu estado” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 7). Essa posição foi justificada pelo GEAP em virtude da consciência demonstrada pelo governador em relação à extrema pobreza vivenciada pelo povo alagoano, o qual, por vezes, se via obrigado a se alimentar de recursos escassos para não passar fome. Dessa forma, Collor se recusava a “pagar salários escandalosos” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 7).

Nessa mesma edição, são expostas as orientações ideológicas dos membros da Assembleia Nacional Constituinte, que optaram por se agrupar em um bloco de centro, “fugindo a quaisquer radicalismos” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 7). A bancada evangélica, ao permanecer no centro do espectro político, adotava uma abordagem moderada nas votações. Dessa forma, o bloco passava a ter um papel crucial na definição dos rumos da legislação, conferindo-lhe um poder de negociação significativo. Os evangélicos, assim, encontravam-se em uma posição propícia para atender às demandas tanto da esquerda quanto da direita, com base nas propostas mais vantajosas oferecidas por cada um desses grupos. No entanto, em sua declaração oficial, a bancada enfatizava seu posicionamento de centro como uma forma de “ajudar no processo de desenvolvimento do país e do bem estar do povo brasileiro” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 7).

A imprensa da época apontava as movimentações e as estratégias adotadas pela bancada evangélica, e os jornais refletiam esse jogo político por meio de suas reportagens. Em um discurso proferido na Câmara, Manoel Moreira, um dos constituintes representando a Assembleia de Deus, afirmou que os jornalistas buscavam ridicularizar os evangélicos, pois estes “procuram manter-se firmados nos ideais manifestados na Palavra de Deus” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 7), denunciava o Mensageiro da Paz.

A publicação também voltou a reportar as conquistas obtidas pelos constituintes evangélicos durante o processo de elaboração da nova Constituição Federal. Uma delas, outra vez apontada pelo jornal foi a aprovação definitiva da inclusão do termo "sob a proteção de Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 7) no preâmbulo do texto constitucional. O Mensageiro da Paz relatou que o deputado Haroldo Lima, filiado ao Partido Comunista do Brasil (PC do B) e proveniente da Bahia, empreendeu esforços para obstruir essa proposição, enquanto Fausto Rocha, representante evangélico do Partido da Frente Liberal (PFL),

defendeu a matéria afirmando que a Palavra de Deus "causa ojeriza aos comunistas e radicais de esquerda" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 7). Outro parlamentar evangélico, Roberto Augusto, pertencente ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), também endossou a inclusão do preâmbulo.

Ademais, o periódico enfatizou outra conquista significativa: a rejeição da emenda proposta pelo deputado José Genoíno, membro do Partido dos Trabalhadores (PT), que buscava inserir no texto constitucional a declaração de que ninguém poderia ser discriminado com base na orientação sexual. O Mensageiro da Paz argumentou que o referido parlamentar almejava conferir respaldo jurídico a "comportamentos sexuais não convencionais, como o homossexualismo e o lesbianismo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 7). Costa Ferreira, integrante evangélico do PFL, fez uso da tribuna da Câmara para evocar "as funestas consequências decorrentes da prática do homossexualismo" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 7) e aludir aos eventos bíblicos relacionados às cidades de Sodoma e Gomorra, expressando a convicção de que "o Brasil não repetirá essa triste história" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 7). A emenda proposta por Genoíno foi rejeitada por 317 votos contrários. Teve 130 favoráveis e 14 abstenções, o que, de acordo com o Mensageiro da Paz, ilustrou a contínua resistência dos deputados que "ainda primam pela não institucionalização das anomalias sexuais" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 7).

Na reta final da constituinte, o editorial fala das negociações envolvendo a nova constituição como um "período de marchas e contramarchas", marcado por "entendimento de bastidores" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 2). Cada disposição da constituição demandava um mínimo de 280 votos para ser aprovada, o que, segundo o Mensageiro da Paz, serviu para evitar radicalismos de esquerda ou direita. "Os nossos deputados estão de parabéns pela brilhante participação no plenário da Constituinte" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 2), comemorou ao falar da "vitória da causa moral defendida pelos evangélicos, impedindo que situações vexatórias e humilhantes tenham o amparo das leis" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 2), referindo-se especificamente aos homossexuais. Restava agora, concluiu o editorial, aguardar a promulgação do texto constitucional, a fim de que o Brasil pudesse retomar sua trajetória. Segundo o periódico, o país voltaria a ser uma nação próspera, pois acima das leis humanas imperava a lei divina. Caso o Brasil reconhecesse "a soberania do Todo-Poderoso" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 2), ocorreriam mudanças positivas, afinal, "feliz é a nação cujo Deus é o Senhor" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1215, p. 2).

Todo esse ideal evangélico em torno das pautas defendidas por eles mesmos fez com que o deputado assembleiano João de Deus Antunes precisasse fazer uma retratação no jornal. Antunes, em meio a desentendimentos com Leonel Brizola, líder do Partido Democrático Trabalhista (PDT), optou por abandonar a legenda e buscar filiação junto ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Contudo, esse movimento acarretou acusações sobre possíveis negociações do constituinte envolvendo concessões de rádio, postos de gasolina e outros empreendimentos. O periódico Mensageiro da Paz veiculou uma carta na qual o próprio deputado se defendeu das acusações. Durante a campanha eleitoral, Antunes se valia de discursos de cunho alarmista para incutir temor nos fiéis, proferindo que os comunistas se apoderariam do Brasil e aniquilariam os valores defendidos pela igreja. Ao se defender das acusações, o deputado retomou essa retórica, alegando que a imprensa estaria aliada ao PT, à CUT e ao comunismo para difamá-lo.

Além disso, afirmou que deixou o PDT por não compactuar com a esquerda, a qual, segundo suas palavras, deseja "implantar no Brasil o mesmo regime dos países marxistas que matam os cristãos só porque eles não negam a sua fé em Jesus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, v. 1216, p. 7). Antunes mencionou ainda que, no PDT, estaria ao lado dos defensores do aborto e da "liberdade para homens se casarem com homens e mulheres com mulheres" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, v. 1216, p. 7). Por fim, enfatizou não ter sido eleito por "terroristas, guerrilheiros, incendiários e assaltantes de bancos", mas sim por "santos que têm o mesmo espírito que eu tenho" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, v. 1216, p. 7), solicitando compreensão por parte da igreja, pois, alegadamente, os comunistas ocupavam um espaço garantido na imprensa, enquanto ele não desfrutava dessa mesma prerrogativa. Após abandonar o PDT, Antunes, que antes de se tornar deputado era delegado, mergulhou no contexto político do centrão e, já filiado ao PTB, tornou-se membro também da União Democrática Ruralista.

Na instância da Câmara Federal, à medida que a promulgação da Constituição se aproximava, se intensificaram os conchavos políticos com os deputados evangélicos. Conforme reportado pelo Mensageiro da Paz, dezenove deputados federais optaram por se desvincular do denominado centrão, constituindo, assim, um grupo independente. No entanto, tal atitude não se tratava meramente de buscar autonomia, mas sim de erigir um núcleo interno no interior do centrão, com o intuito de transigir a respeito das votações concernentes aos artigos constitucionais. O jornal diz aos fiéis que os deputados das igrejas "pretendem aprovar o perfil da sociedade brasileira, sem engajamentos à esquerda ou à direita"

(MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1218, p. 7). Nesse contexto, o Mensageiro da Paz fez publicar alguns dos nomes que aderiram a essa dissidência, destacando-se, assim, o seu engajamento político: Orlando Pacheco, Matheus Iensen, Manoel Moreira, Fausto Rocha, Sotero Cunha, Arolde de Oliveira, Roberto Augusto, Roberto Vidal, Mário de Oliveira, Milton Barbosa, Salatiel Carvalho, Gidel Dantas, Antônio de Jesus, Rubem Branquinho, Jayme Paglyarin, Mário de Oliveira e João de Deus.

No mês de setembro de 1988, a publicação intitulada "A carta magna dos cristãos", no Mensageiro da Paz, ressalta a participação de aproximadamente seiscentos parlamentares, entre deputados e senadores, que empreenderam mais de um ano de esforços na elaboração de uma constituição para o Brasil. Contudo, o periódico destacava a perspectiva de que o autêntico cristão não dependia estritamente de textos constitucionais para moldar sua conduta pessoal e participação social. Para esse indivíduo, a obediência à Bíblia era suficiente. Ao seguir os princípios e ensinamentos divinos, o crente se inclinava em direção aos valores mais elevados, buscando o bem para si mesmo e para o próximo, dizia a publicação.

O jornal enfatizava que se todas as sociedades se submetessem à Bíblia, os problemas sociais se dissipariam. Segundo o Mensageiro da Paz, essa representava a verdadeira constituição do crente. A matéria argumentava que, por meio da aderência aos preceitos divinos, não seria necessário promover a criação de leis complexas e efêmeras. Não haveria a necessidade de “andar criando e colecionando leis complicadas e de vida curta” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1221, p. 3). O jornal questionava a certeza da durabilidade e do completo cumprimento da nova Constituição Federal. Nesse contexto, os defensores da “Constituição promulgada por Deus” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1221, p. 3) estavam prontos para sobrepor-se às eventuais falhas dessa Carta Magna. Os evangélicos tinham uma “carta magna promulgada pelo Senhor Deus” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1221, p. 3).

No mês de outubro de 1988, o aguardado momento da promulgação da nova Constituição trouxe consigo uma atmosfera de consternação para o periódico acadêmico Mensageiro da Paz. Nessa edição, foi necessário abordar o escândalo que abalou a bancada evangélica e a Confederação Evangélica do Brasil, trazendo à tona questões delicadas que envolviam os bastidores políticos. A controvérsia teve início com a denúncia veiculada pelo Jornal do Brasil, em sua edição de 7 de agosto de 1988, cuja manchete dizia: "Evangélicos

trocam voto por vantagens"²⁷. Segundo o Jornal do Brasil, os parlamentares evangélicos agiam de forma a assemelhar-se a uma bancada partidária, e uma parcela significativa desses representantes havia transformado a tarefa de elaborar a nova Constituição em uma oportunidade lucrativa. Alega-se que o Governo Federal já havia destinado vultosos montantes, superando a marca dos 300 milhões de cruzados, em verbas federais para os integrantes desse segmento religioso, que se encontravam sob a liderança do constituinte Gidel Dantas (PDC-CE), pastor da Assembleia de Deus no Ceará, e organizados em torno da Confederação Evangélica do Brasil.

O Jornal do Brasil denunciou que o deputado Matheus Iensen, autor da emenda que estabeleceu o mandato presidencial de José Sarney em cinco anos, recebeu como contrapartida uma valiosa concessão de rádio. Na Bahia, a denúncia revelou que Raimundo Orrico, coordenador da Fundação Educar, foi afastado de seu cargo após ter concedido a expressiva quantia de 100 milhões de cruzados à Assembleia de Deus em Salvador. Cabe ressaltar que Orrico era uma indicação do deputado Milton Barbosa, membro da Assembleia de Deus na Bahia, que teria recebido essa nomeação como forma de agradecimento para angariar apoio às posições defendidas pelo governo Sarney durante os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte. O Jornal do Brasil, de forma incisiva, destacou que o que chamava a atenção no âmbito dessas acusações não era propriamente a expressão de devoção religiosa, mas sim a manifestação pouco condizente com valores espirituais que muitos parlamentares vinham demonstrando em sua atuação no contexto da Constituinte.

Como resultado desses escândalos, uma dissidência liderada pelo deputado Lysaneas Maciel, filiado ao PDT, levou alguns parlamentares a se desvincularem do bloco evangélico. Da Assembleia de Deus, apenas Benedita da Silva, do Rio de Janeiro, e José Fernandes, do Amazonas, optaram por deixar essa coalizão. Além deles, também abandonaram a bancada evangélica o presbiteriano Celso Dourado, da Bahia; o batista Edésio Frias, do Rio de Janeiro; o presbiteriano Lezio Sathler, do Espírito Santo; e Nelson Aguiar, batista do Espírito Santo.

As negociações travadas com o Palácio do Planalto proporcionaram aos evangélicos, conforme reportado pelo Jornal do Brasil, uma lista notável de benefícios, a qual englobava a obtenção de um canal de televisão, ao menos seis emissoras de rádio, cargos relevantes no

²⁷ A edição do Jornal do Brasil publicada no domingo, 7 de agosto de 1988, trouxe uma reportagem especial sobre os evangélicos que estavam em Brasília, eleitos constituintes. A edição do jornal carioca trouxe uma chamada na matéria de capa sob o título "Evangélicos trocam voto por vantagens". A reportagem completa veio no Caderno B Especial, nas páginas 4, 5 e 6, com o título "A Constituição segundo os evangélicos". O material trazia textos de apoio com os títulos "As indulgências plenárias", "Uma rádio, pelo amor de Deus", "O déficit ora no Planalto", e "A santa fisiologia". O texto foi assinado pelo jornalista Teodomiro Braga.

governo, diversos tipos de vantagens e, acima de tudo, quantias substanciais de recursos financeiros. A publicação também denunciou que a Confederação Evangélica do Brasil, entidade que foi revitalizada no ano anterior por um grupo de deputados evangélicos, foi transformada em instrumento estratégico da bancada para canalizar recursos oficiais. Antes da votação sobre o mandato do presidente Sarney na Comissão de Sistematização, os 33 deputados evangélicos receberam um telegrama do Palácio do Planalto, que anunciava a liberação de mais 110 milhões de cruzados para a mencionada Confederação.

No contexto da controvérsia que envolveu a bancada evangélica e a Confederação Evangélica do Brasil, o Mensageiro da Paz defendeu os parlamentares e relatou um encontro conduzido pelo pastor presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, José Wellington Bezerra, na sede da Casa Publicadora das ADs, no Rio de Janeiro. A reunião contou com a presença de líderes e deputados evangélicos, como Gidel Dantas, Salatiel Carvalho, João de Deus Antunes, Eliel Rodrigues, Costa Ferreira, Milton Barbosa, Orlando Pacheco e José Viana. No encontro, o pastor Túlio Barros Ferreira, em nome do Conselho Administrativo da CPAD, atribuiu as denúncias a forças que se mobilizavam contra "o povo de Deus", investindo no "denegrimento da nossa imagem através de calúnias e difamações contra os servos de Deus" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1222, p. 12). Segundo o pastor, essas ações eram motivadas por ciúmes de forças malignas, que se sentiam incomodadas ao ver evangélicos "ocupando pouco a pouco os espaços que lhe dizem respeito" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1222, p. 12). "Isso incomoda o inferno, incomoda os inimigos da nossa nação", declarou (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1222, p. 12).

Salatiel Carvalho, constituinte e um dos diretores da CEB, falou em nome dos parlamentares presentes. Ele fez questão de rebater as acusações feitas pelo Jornal do Brasil durante seu discurso na Assembleia Nacional Constituinte, afirmando que as alegações eram graves e desrespeitosas, com o objetivo de difamar os parlamentares evangélicos e retratá-los como extremamente corruptos. Diante disso, os parlamentares decidiram processar o jornal, já que "a igreja evangélica do Brasil estava exigindo que se dê uma resposta a essas calúnias, a essas blasfêmias" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1222, p. 12). Durante o encontro na CPAD, Gidel Dantas mencionou uma suposta inveja da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em relação à bancada evangélica, que, segundo o jornal, obteve maior destaque e influência na Constituinte. Ele ressaltou que, após perceberem sua própria incapacidade de formar uma base sólida no processo constituinte, a animosidade contra os

evangélicos aumentou por parte da CNBB. Josué Sylvestre, assembleiano e autor do livro "Irmão vota em irmão", destacou durante a reunião que a pressão contra os evangélicos tinha como objetivo prejudicar a igreja nas eleições municipais de novembro. "Eles sabem que há milhares de candidatos evangélicos e sabem que o povo evangélico está aprendendo a votar nos seus irmãos", disse (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1222, p. 12).

Um dos oradores do encontro, o deputado João de Deus Antunes, representante do Rio Grande do Sul, enfrentava alegações de recebimento de rádios, postos de gasolina e quantias vultosas em cruzados. Antunes negou as acusações e aproveitou a ocasião para destacar a presença de 149 rádios da Igreja Católica pelo país, com o intuito de contextualizar a situação. Durante seu discurso, o parlamentar afirmou enfrentar desafios no Rio Grande do Sul, onde buscava obter alguns minutos em uma das estações de rádio para compartilhar uma breve mensagem com os fiéis. O Mensageiro da Paz registra que, para o deputado, "bom seria que tivéssemos cinco mil rádios para fazer o nosso trabalho de evangelização" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1222, p. 12).

Ao término do encontro, o presidente da CGADB, pastor José Wellington, proferiu suas considerações. Ele manifestou sua convicção de que os esclarecimentos prestados pelos deputados "vieram confirmar o que estava posto em nossa consciência, visto que conhecemos quase todos pessoalmente e sabemos da lisura e da vida moral de cada um" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1222, p. 12). Para o pastor presidente, a matéria publicada pelo Jornal do Brasil escondia a atuação de "entidades interessadas em macular a boa imagem dos irmãos" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1222, p. 12). Nesse contexto, José Wellington foi indicado para ocupar a 3ª vice-presidência da Confederação Evangélica do Brasil, e os líderes religiosos presentes no encontro reafirmaram seu compromisso de apoiar e defender os constituintes diante das adversidades enfrentadas.

Já o editorial da edição de outubro de 1988 celebrava a conclusão dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, que resultou na promulgação da nova Carta Magna em cinco de outubro. O periódico reconhecia que, embora a constituição representasse avanços em certos aspectos, também apresentava suas imperfeições. Assim, o jornal enfatizava a participação significativa de 33 parlamentares evangélicos, dos quais 13 eram membros das Assembleias de Deus, na construção do texto constitucional. Para o Mensageiro da Paz, a presença desses parlamentares foi essencial para garantir a proteção da liberdade religiosa. O editorial destaca a postura dos evangélicos como "baluartes na defesa da moral e dos bons costumes" (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1222, p. 2), mesmo diante das críticas de

grupos considerados progressistas. Ainda, que o “homossexualismo e o aborto também não encontraram guarida na nova constituição” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1222, p. 2).

Após a promulgação da Constituição, o periódico Mensageiro da Paz redirecionou sua narrativa para uma abordagem mais centrada no aspecto religioso. No editorial de novembro de 1988, o jornal expressou a euforia da promulgação da nova Carta Magna, mas também levantou questionamentos sobre a capacidade da Constituição em transformar o país para melhor, ressaltando que “a felicidade de uma nação está naquela cujo Deus é o Senhor” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1223, p. 2). Nesse sentido, o editorial enfatizou a importância de eleger prefeitos e vereadores que reconheçam a soberania divina nas eleições de 15 de novembro, destacando que esses representantes deveriam utilizar seu “poder intelectual, influência social, tempo, talento e dinheiro a serviço do reino” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1223, p. 2). O texto também enfatizou a responsabilidade dos fiéis em obedecer fiel e integralmente à Bíblia, considerada uma constituição que não necessita de reformas, pois “o seu autor a assinou com o seu próprio sangue, vazado de um corpo ferido na cruz do calvário” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1223, p. 2).

No encerramento do ano, foi publicada uma matéria especial na edição de dezembro de 1988 do Mensageiro da Paz, enfatizando a cerimônia religiosa em que os evangélicos buscam a proteção divina para a Constituição Federal. Um culto ecumênico de ações de graças foi realizado nas dependências do Congresso Nacional, proporcionando uma oportunidade para demonstrar “a força e participação da comunidade evangélica nos destinos do Brasil” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1224, p. 5). Essa solenidade ocorreu em 5 de outubro de 1988 e contou com a presença do presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães, juntamente com o presidente do Senado, Humberto Lucena. Destaca-se também a presença do líder da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, pastor José Wellington. A reportagem descreve o culto como um evento autêntico de cunho pentecostal que “abalou o recinto do Congresso” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1224, p. 5). A solenidade aconteceu no Salão Branco do Senado, que “mais parecia o cenáculo mencionado no livro de Atos dos Apóstolos” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1224, p. 5), e os participantes “não cessavam de glorificar o Rei dos reis e Senhor dos senhores” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1224, p. 5).

O sermão proferido pelo pastor Geziel Gomes. A expressão “sob a proteção de Deus”, presente no preâmbulo da Constituição, foi repetida inúmeras vezes. O pastor Gomes enfatizou que o Deus mencionado no preâmbulo não se tratava de uma divindade mítica e

lendária, mas sim do Deus da Bíblia, o Deus de Israel, dos profetas e da história. O Deus invocado pela Constituição era “o Deus vivo e verdadeiro, o Deus pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que quer ser também o Senhor da Nação Brasileira” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1988, n. 1224, p. 5).

4.4 Conclusão do capítulo: a sutil arte da tapeçaria político-religiosa

Ao longo deste capítulo, empregamos a metáfora da tapeçaria como uma ferramenta para desvelar o intrincado e multifacetado relacionamento da Assembleia de Deus com o palco político brasileiro da década de 1980. A metáfora da tapeçaria é particularmente apta, pois, assim como em uma tapeçaria onde cada fio é meticulosamente selecionado e entrelaçado pelo artesão para criar uma imagem coesa e significativa, a Assembleia de Deus evidenciou sua perspicácia e habilidade ao se imiscuir no teatro político. Com astúcia e premeditação, a instituição soube tecer seus alinhamentos políticos, decidindo quando e como marcar sua presença e influência no cenário político nacional, atuando como uma verdadeira mestra na arte de manobrar nos bastidores do poder.

Esta habilidade foi especialmente visível nas interações e diálogos estratégicos com figuras políticas à exemplo de Tancredo Neves e José Sarney. Esses encontros transcendem meras conversações casuais, representando, de fato, manobras orquestradas e calculadas. As ações da Assembleia não só contribuíram para o delineamento do cenário político da época, mas também para consolidar e amplificar a presença e influência evangélica dentro deste espaço. A trajetória meticulosamente trilhada pela denominação durante todo o processo constituinte, desde as articulações na pré-campanha até as movimentações pós-eleitorais, sublinha seu papel determinante e sua destreza em atuar, simultaneamente, como agente influenciador e entidade passível de influências, consolidando-se como um elemento vital no complexo mosaico político brasileiro.

Além disso, a atuação dos evangélicos durante a elaboração e eventual promulgação da Carta Cidadã de 1988 é um testemunho eloquente da interseção entre fé e política em terras brasileiras. A participação da Assembleia de Deus nesse processo não foi um evento isolado, mas parte de uma estratégia maior que se entrelaça com a história política do Brasil. Esta tapeçaria, habilidosamente tecida com uma visão de longo prazo, não só oferece uma retrospectiva elucidativa do passado, mas também serve como um prisma através do qual podemos compreender o panorama atual da política brasileira. Ela revela como as influências

religiosas moldaram, e continuam a moldar, o cenário político do país, evidenciando a intrincada relação entre religião e política no Brasil.

A habilidade da igreja em tecer sua influência através das décadas, ajustando-se às transformações sociais e políticas, é um testemunho de visão estratégica e da compreensão do cenário político brasileiro. A análise dessa interação entre a igreja e a política brasileira oferece percepções sobre como as instituições religiosas podem influenciar e ser influenciadas pelo poder político. A Assembleia de Deus demonstrou uma capacidade notável de navegar pelo complexo terreno, empregando táticas diplomáticas e estratégicas para alcançar seus objetivos. Este envolvimento não se limitou a questões puramente religiosas, mas se estendeu a esferas mais amplas de influência social e política, refletindo um entendimento sofisticado das dinâmicas de poder.

Em última análise, o estudo da Assembleia de Deus e sua relação com a política brasileira na década de 1980 não apenas ilumina um período crítico na história do Brasil, mas também fornece uma perspectiva valiosa sobre como as forças religiosas podem interagir com, e influenciar, o poder político. Esta tapeçaria multifacetada, habilmente tecida pela denominação, continua a ser um elemento central na compreensão do Brasil contemporâneo, mostrando como as linhas entre fé e política podem ser intrinsecamente entrelaçadas, criando um mosaico único de influências e interações.

**PARTE III – FIOS NO TEAR – COMUNICAÇÃO, JORNALISMO, FAKE NEWS,
MANIPULAÇÃO, DISTORÇÕES, GATEKEEPING, AGENDA-SETTING, ESPIRAL
DO SILÊNCIO, FRAMING**

5. FIOS DESCONSTRUÍDOS NA TAPEÇARIA DA INFORMAÇÃO: FAKE NEWS E NARRATIVAS CONTROLADAS CONTRA O PLURALISMO

Aprofundando nossa investigação sobre o papel desempenhado pelo Mensageiro da Paz na década de 1980, adentramos um terreno onde os fios da informação se entrelaçam de forma complexa e, por vezes, obscura. Neste capítulo, desvendaremos as táticas e estratégias utilizadas pelo jornal para influenciar a percepção pública, promovendo um diálogo entre teorias do jornalismo e o contexto histórico que estudamos. A análise começa com a exploração do conceito de *gatekeeping*, que lança luz sobre como as notícias eram selecionadas e editadas pelo Mensageiro da Paz. Este processo revela não apenas o que foi incluído, mas também o que foi omitido, moldando, assim, a narrativa que o jornal buscava transmitir. Em seguida, adentramos o mundo do agenda-setting, onde compreenderemos como o jornalismo pode influenciar quais temas se destacam na sociedade, exercendo um poder sutil, porém impactante, na construção da agenda pública.

Também abordaremos a teoria da espiral do silêncio, que nos oferece insights sobre como o Mensageiro da Paz moldou a percepção pública e influenciou a disposição das pessoas em expressar suas opiniões, criando uma atmosfera que favorecia suas agendas. Completando nosso quadro teórico, analisaremos o conceito de *framing*, destacando como o jornalismo pôde moldar as narrativas que cercavam questões-chave da época, influenciando assim a interpretação do público.

Nossa análise se estende ao contexto contemporâneo, onde as chamadas "*fake news*" desempenham um papel significativo na disseminação de informações falsas e enganosas. Examina-se, já no início do capítulo, sua aplicabilidade ao caso estudado, questionando se as estratégias do Mensageiro da Paz podem ser categorizadas como tal. Esta análise se mostra essencial em um momento em que a veracidade da informação é essencial para a saúde da sociedade e da política. Ao desvelar os fios desconstruídos na tapeçaria da informação, este capítulo lança luz sobre as complexas técnicas empregadas pelo Mensageiro da Paz para moldar a percepção pública e promover suas agendas, contribuindo para uma compreensão mais profunda das interações entre mídia, religião e sociedade.

5.1 Fios de desinformação em tempos analógicos: *fake news*?

Embora não possamos diretamente rotular as mensagens do Mensageiro da Paz como *fake news* no sentido contemporâneo, podemos identificar tentativas de moldar a narrativa,

selecionar certas informações em detrimento de outras, e promover uma visão de mundo específica, alinhada a uma agenda particular. Em um sentido mais amplo, o Mensageiro da Paz pode ser entendido como um precursor das táticas que se tornaram mais evidentes com o advento da era digital. A publicação, em seus esforços para consolidar uma narrativa teológica e política específica, utilizou-se de estratégias discursivas que buscavam legitimar uma visão de mundo ao passo que marginalizavam ou contrapunham outras, como vimos nos capítulos 3 e 4. Assim, embora não seja apropriado falar de *fake news* no contexto dos anos 1980, podemos reconhecer práticas de moldar e direcionar a informação que ecoam em temáticas contemporâneas de desinformação.

O termo "*fake news*" tornou-se amplamente reconhecido e discutido no contexto contemporâneo, particularmente na era das redes sociais e da tecnologia digital no século 21. Se considerarmos sua definição estrita, inserir o conceito de "*fake news*" na década de 1980 configura-se como um anacronismo. O termo e o fenômeno como entendido hoje não existiam no período, uma vez que o ambiente de mídia digital e as plataformas de redes sociais que amplificam tais notícias eram inexistentes. A expressão "notícia falsa" é paradoxal, uma vez que reúne dois termos que, por natureza, são diametralmente opostos em seus significados. A junção destas duas palavras, "notícia" e "falsa", cria um fenômeno linguístico intrigante, onde a fusão de conceitos aparentemente inconciliáveis proporciona uma perspectiva inovadora. De um lado, "notícia" é associada à informação verídica, objetiva e factual, que tem por objetivo comunicar eventos e acontecimentos da forma mais precisa possível. Por outro lado, "falsa" denota algo que é enganoso, incorreto e inverídico. Essa combinação aparentemente contraditória forma a base para uma discussão complexa e contemporânea sobre a disseminação de informações incorretas, desonestas ou enganosas.

Notícias fabricadas ou distorcidas não são um produto exclusivo do século 21, mas se entrelaçam com a trama da história humana e sempre deixam rastros. A invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, um marco histórico no século XV, é frequentemente reconhecida como uma revolução crucial para a modernidade (SOLL, 2016). No entanto, é importante notar que a desinformação já estava presente em civilizações anteriores a esse evento significativo. Posetti e Matthews (2018) delinearam uma linha do tempo abrangendo a história, evidenciando diversos momentos que foram caracterizados por níveis variados de desinformação. Entre esses eventos, destacam-se exemplos como uma campanha difamatória em Roma por volta de 44 a.C., que empregava slogans semelhantes às mensagens em tweets contemporâneos. Além disso, no século XIX, em 1835, o jornal *The New York Sun* publicou

artigos alegando a descoberta de vida na lua (2018, p. 2). Esses exemplos ilustram a presença histórica da desinformação e sua evolução ao longo do tempo.

As características essenciais para a classificação de notícias como *fake news*, conforme apontado por diferentes estudiosos, revelam a complexidade subjacente a esse fenômeno de desinformação. Shu et al. (2017) identificam dois critérios fundamentais: a ausência de comprovação da veracidade dos fatos e a presença de um propósito deliberado de enganar. Já Himma-Kadadas (2017), por sua vez, ressalta a aparência de credibilidade presente nas narrativas das *fake news*, revestidas de elementos jornalísticos. Recuero & Gruzd (2019) propõem uma abordagem mais abrangente, destacando três elementos-chave para definir esse tipo de informação enganosa. Primeiramente, enfatizam a composição da narrativa, que frequentemente adota características típicas de notícias legítimas. Em segundo lugar, ressaltam a falsidade, que pode ser parcial ou total na narrativa. Por fim, enfocam a intenção subjacente de iludir ou criar percepções equivocadas por meio da divulgação dessas informações.

Derakhshan e Wardle (2017) oferecem uma abordagem abrangente para categorizar o espectro de desinformação relacionado às *fake news*. Eles delineiam três noções distintas nesse debate: "Dis-information", que envolve informações incorretas criadas intencionalmente para prejudicar indivíduos, grupos sociais, organizações ou países, muitas vezes recorrendo a falsas conexões e conteúdo enganoso; "Mis-information", que abrange informações falsas, mas sem a intenção deliberada de causar danos, frequentemente associadas a distorções do contexto, conteúdo impostor e informações fabricadas; e "Mal-information", que se refere a informações baseadas em fatos reais, porém utilizadas de forma maliciosa para infligir danos a pessoas, organizações ou nações, muitas vezes por meio de vazamentos, assédio e discurso de ódio (DERAKHSHAN & WARDLE, 2017, p. 20)²⁸. Essa taxonomia oferece uma estrutura útil para compreender a diversidade de estratégias e intenções por trás da desinformação e ressalta a complexidade inerente ao fenômeno das fake news. A tabela abaixo ajuda a visualizar o esquema:

²⁸ Da Cruz et al. conceitua da seguinte forma os tipos de mensagem: Sátira ou paródia: sem intenção de causar mal, mas com potencial para enganar; Conteúdo enganoso: uso enganoso de informação para enquadrar problema ou pessoa; Conteúdo impostor: quando fontes genuínas são representadas; Conteúdo fabricado: novo conteúdo é 100% falso, projetado para enganar e fazer mal; Conexão falsa: quando manchetes, imagens ou legendas não suportam o conteúdo; Contexto falso: quando conteúdo genuíno é compartilhado com informação contextual falsa; Conteúdo manipulado: quando informação ou imagens genuínas são manipuladas para enganar (DA CRUZ et al., 2011, p. 506)

| TIPOS DE INFORMAÇÃO EM DESORDEM | | |
|--|-----------------------|-----------------------|
| INFORMAÇÃO INCORRETA | DES-INFORMAÇÃO | MAL-INFORMAÇÃO |
| Falsa conexão | Falso contexto | Vazamentos |
| Conteúdo enganoso | Conteúdo impostor | Assédio |
| | Conteúdo fabricado | Discurso de ódio |

TABELA 3 - DESORDEM DA INFORMAÇÃO

Seja por meio do medo, indignação, esperança ou humor, as *fake news* são habilmente construídas para ressoar com as predisposições e crenças do público. Esse apelo emocional torna as notícias falsas mais "compartilháveis", especialmente em uma era dominada por mídias sociais onde a reação emocional muitas vezes supera a análise crítica. A relação entre a propagação de notícias falsas e a construção social da realidade reside na forma como as informações são percebidas, processadas e, posteriormente, utilizadas para moldar a compreensão do mundo. Quando as notícias falsas se infiltram nesse processo, elas têm o potencial de distorcer a percepção da realidade, criando mundos alternativos onde os fatos objetivos são subordinados a narrativas fabricadas.

Fake news não são apenas notícias falsas, mas também plantadas, cultivadas e hipertrofiadas para que desorientem, confundam, enganem. Elas viralizam nas redes sociais, espalhadas por indivíduos desavisados ou interessados e por sistemas automatizados, como *bots* e algoritmos. Alimentam realidades alternativas, que simplesmente não reconhecem os fatos em detrimento de suas convicções e emoções, compondo um cenário de pós-verdade, besteira e desencanto generalizado (CHRISTOFOLETTI, 2018, p. 62).

Dentro do paradigma do jornalismo, isso representa uma profunda crise. Historicamente, o jornalismo tem sido visto como uma entidade guardiã da verdade, um contraponto ao poder, e uma ferramenta para informar o público de maneira imparcial. Com a proliferação das *fake news*, a confiança na instituição jornalística é abalada, e com ela, a própria noção de uma realidade compartilhada e objetiva (QUINTANILHA et al, 2021). Fica comprometida a autoridade jornalística, entendida como a “capacidade dos jornalistas de se afirmarem como porta-vozes legitimados e confiáveis dos eventos da ‘vida real’” (ZELIZER, 1992, p. 11).

A velocidade, alcance e facilidade de disseminação de informações na era digital intensificam esse problema. Plataformas de mídia social e algoritmos personalizados contribuem para a formação de bolhas epistêmicas, nas quais indivíduos estão cada vez mais isolados em realidades autoafirmativas. Conseqüentemente, a distinção entre verdade e ficção torna-se turva, levando a sociedade a uma encruzilhada: como reconciliar a liberdade de expressão e informação com a necessidade de uma realidade compartilhada e verificável? A resposta, embora complexa, começa com a compreensão profunda da natureza das notícias produzidas com inverdades e sua interação com a construção social da realidade.

Antes do advento da era digital, o século XX viu inovações significativas na disseminação de informações, desde a expansão da imprensa até o advento da televisão. Os anos 1980, em particular, é um período importante para a análise da mediação de informações, marcado pela consolidação da televisão como principal meio de comunicação em massa, pela ascensão do rádio FM e pela diversificação das publicações impressas. Em todos esses meios, as notícias falsas encontram canais para se propagar. No contexto dos anos 1980, a falta de imediatismo que a era digital oferece hoje se traduzia em uma circulação mais controlada de informações. Os jornais, revistas e programas de televisão eram os guardiões das notícias, mas essa autoridade não os isentava da propagação de informações incorretas, seja intencionalmente ou não. De fato, a competição acirrada por audiência ou leitores poderia, às vezes, levar à publicação de histórias sensacionalistas, pouco verificadas ou tendenciosas.

Com base no exposto até o momento, torna-se evidente que a tentativa de categorizar as técnicas e táticas empregadas pelo Mensageiro da Paz na década de 1980 como uma forma de *fake news* seria anacrônica. Isso pode ser explicado por diversas razões e passo agora a falar algumas daquelas que infiro a partir do que trabalhamos nesta tese. Em primeiro lugar, é essencial considerar a velocidade de propagação da informação como um critério fundamental para a inclusão em um sistema de *fake news*. A tecnologia contemporânea e os algoritmos permitem a disseminação instantânea de *fake news* pela internet, o que difere significativamente da década de 1980 e dos meios de comunicação tradicionais, como rádio, revistas e jornais. Além disso, a questão do alcance desempenha um papel crucial. As *fake news* têm a capacidade de se espalhar pelo mundo, alcançando simultaneamente lugares tão distantes quanto o Brasil e a China. Uma *fake news* inicialmente propagada na Europa pode chegar, no final do dia, às mesas de trabalhadores rurais no sertão brasileiro enquanto eles jantam com suas famílias, devido ao alcance global. Na década de 1980, por outro lado, além

das limitações de alcance, havia uma restrição significativa em relação ao público. O Mensageiro da Paz era predominantemente acessado pelos fiéis da Assembleia de Deus, não possuindo outro público significativo para sua publicação.

Um terceiro ponto relevante a considerar é a questão da desintermediação da informação. As *fake news* contemporâneas têm a capacidade de atingir diretamente seu público-alvo. Qualquer pessoa com um dispositivo móvel pode criar um blog ou publicar um tweet. Na década de 1980, a intermediação pelos veículos de comunicação tradicionais era praticamente obrigatória se alguém desejasse alcançar um público mais amplo. Portanto, as diferenças substanciais nos meios de disseminação, alcance e intermediação de informações entre as décadas de 1980 e o contexto contemporâneo destacam a complexidade do fenômeno das *fake news* e por que a aplicação desse rótulo ao Mensageiro da Paz naquela época pode ser inadequada.

Outro aspecto fundamental a ser considerado quando se aborda o tema das *fake news* é o conceito de "filtro bolha". Eli Pariser (2011) descreve esse fenômeno como um estado de isolamento intelectual que ocorre quando os usuários da internet são expostos principalmente ao conteúdo personalizado por algoritmos. O resultado do fenômeno é uma experiência online que oferece conforto ao reforçar visões de mundo preexistentes, ao mesmo tempo em que contribui para o viés de confirmação. Já Derakhshan e Wardle (2017) abordam o conceito de "câmaras de eco", que se referem a espaços virtuais onde os indivíduos compartilham crenças comuns e visões de mundo, com pouca exposição a questionamentos ou perspectivas divergentes. Ambos os conceitos, o filtro bolha e as câmaras de eco, desempenham papéis significativos na disseminação e perpetuação das *fake news*, uma vez que contribuem para a limitação da exposição a informações divergentes e a amplificação das crenças existentes.

A fragmentação da notícia no meio digital é um fenômeno notável na era da informação online. À medida que o conteúdo noticioso faz a transição das páginas impressas de jornais e revistas para as *timelines* das redes sociais, ele se depara com um ambiente onde se mistura, muitas vezes de forma indistinta, com o vasto ruído digital. Nesse cenário, as notícias são frequentemente intercaladas com uma miríade de postagens pessoais, entretenimento, memes e informações não verificadas. Essa fusão do informativo com o pessoal cria um desafio significativo para os consumidores de notícias, que podem encontrar dificuldades em discernir entre informações confiáveis e conteúdo enganoso. Além disso, essa fragmentação também afeta a própria natureza das notícias, à medida que são moldadas para

se destacar em meio a um oceano de informações, muitas vezes priorizando a sensacionalização em detrimento da precisão.

Os avanços tecnológicos amplificaram o alcance e a velocidade de propagação dessas informações. Os algoritmos, ao priorizarem conteúdo que provoca engajamento, frequentemente aqueles com forte carga emocional, inadvertidamente promovem notícias sensacionalistas ou falsas. Esse fenômeno sociotécnico, que interliga a tecnologia com a psicologia humana, cria um ciclo de retroalimentação, onde notícias que provocam fortes reações emocionais são rapidamente disseminadas, reforçando crenças preexistentes e, por vezes, distorcendo a percepção da realidade coletiva. A compreensão deste entrelaçamento histórico e emocional das notícias falsas é importante porque nos permite discernir não apenas os desafios atuais que as *fake news* apresentam, mas também reconhecer padrões e estratégias recorrentes ao longo da história.

Em que pese concluirmos o anacronismo de relacionar a postura do Mensageiro da Paz com as *fakes news* no formato em que elas se apresentam no digital, entendemos que havia o emprego de técnicas e discursos manipulativos fundamentalistas na publicação. A manipulação por meio de notícias e rumores não necessariamente implica em fake News. De acordo com as observações de Erbolato (1985), a manipulação da informação se manifesta quando uma notícia é tratada de forma enviesada, com ênfase seletiva em determinados aspectos. Nesse contexto, o jornalismo pode sofrer influências de natureza política, com o propósito de atender a interesses individuais. Este conceito ressalta que a manipulação é uma ação intencional e premeditada, planejada com cuidado, ou resultado da convicção de que uma intervenção específica é necessária. Dessa forma, a manipulação não é vista como um ato acidental, mas sim como uma prática consciente e direcionada.

Segundo as perspectivas de Herman e Chomsky (2008), as estratégias de manipulação da informação são motivadas por considerações ideológicas, o que confere a elas uma dimensão política profunda, aproximando-as, em certa medida, do domínio da propaganda. Por outro lado, Holiday (2012) destaca a ocorrência cada vez mais frequente de manipulações que atendem a interesses mercadológicos. Na literatura brasileira, a referência sobre manipulação informativa é o ensaio de Perseu Abramo, intitulado "Significado político da manipulação na grande imprensa". Ele escreveu o texto na década de 1980, período marcado por debates sobre a democratização dos meios de comunicação, discussões que se alinham diretamente com o período investigado nesta tese. O ensaio, no entanto, foi publicado somente em 2003.

Abramo (2003) realiza uma análise que resulta na identificação e sistematização de quatro padrões de manipulação da notícia no contexto do jornalismo brasileiro, aos quais acrescenta um quinto padrão específico para o telejornalismo. O primeiro desses padrões, conhecido como o padrão de ocultação, envolve a prática de um “silêncio deliberado e militante sobre determinados fatos da realidade” (ABRAMO, 2003, p. 25). Nesse cenário, o veículo de comunicação exerce um controle seletivo sobre o que divulgar, muitas vezes optando por simplesmente omitir informações relativas a determinados tópicos ou eventos. É importante notar que o Mensageiro da Paz não incluía, por exemplo, análises sobre as contribuições dos partidos de esquerda na formulação da Constituição de 1988, tampouco destacava como alguns setores dessa esquerda desempenharam um papel significativo na garantia de diversos direitos que, de fato, beneficiavam os próprios fiéis da Assembleia de Deus. Tais aspectos eram frequentemente omitidos, ao passo que o jornal concedia espaço para qualquer movimento mínimo que alegasse defender os direitos humanos. Curiosamente, essas pautas eram frequentemente retratadas como ameaças à instituição familiar. Esse tipo de seleção editorial contribuía para moldar uma narrativa que sustentava uma visão específica dos acontecimentos, desfavorecendo perspectivas alternativas:

Por isso é que o padrão de ocultação é decisivo e definitivo na manipulação da realidade: tomada a decisão de que um fato “não é jornalístico”, não há a menor chance de que o leitor tome conhecimento de sua existência, por meio da imprensa. O fato real foi eliminado da realidade, ele não existe. O fato real ausente deixa de ser real para se transformar em imaginário. E o fato presente na produção jornalística, real ou ficcional, passa a tomar o lugar do fato real, e a compor, assim, uma realidade diferente da real, artificial, criada pela imprensa (ABRAMO, 2003, p. 41).

No padrão de fragmentação, observamos a prática de selecionar aspectos específicos de um fato e apresentá-los descontextualizados. Isso tem o efeito de distorcer a compreensão da informação, criando uma falsa sensação de conhecimento completo ou abrangente sobre um determinado tema, quando, na realidade, a informação fornecida é parcial. Essa abordagem compromete a integridade da informação, já que o acesso do público é apenas a fragmentos convenientes de um episódio. O Mensageiro da Paz frequentemente recorria ao padrão de fragmentação para defender os parlamentares evangélicos quando eles enfrentavam acusações de receber concessões de rádio em troca de seu apoio ao Governo Sarney. Nesse contexto, o jornal assembleiano adotava a prática de selecionar cuidadosamente as declarações dos parlamentares que fossem convenientes à sua narrativa, apresentando-as de forma descontextualizada. Um exemplo claro disso foi observado nesta tese, quando o jornal publicou matérias que destacam apenas as declarações dos parlamentares em sua própria

defesa. Além disso, o Mensageiro da Paz desviava a questão central ao afirmar que os evangélicos estavam sendo alvo de perseguição por parte da Igreja Católica, descontextualizando completamente a natureza das acusações. Dessa forma, o jornal manipulava a informação para criar uma narrativa favorável aos parlamentares evangélicos e desviar a atenção do público da questão principal em discussão:

A descontextualização é uma decorrência da seleção de aspectos. Isolados como particularidades de um fato, o dado, a informação, a declaração, perdem todo o seu significado original e real, para permanecer no limbo, sem significado aparente, ou receber outro significado, diferente e mesmo antagônico ao significado real original. A fragmentação da realidade em aspectos particularizados, a eliminação de uns e a manutenção de outros, e a descontextualização dos que permanecem, são essenciais, assim, à distorção da realidade e à criação artificial de uma outra realidade (ABRAMO, 2003, p. 43).

O jornalismo brasileiro, segundo a análise de Abramo, frequentemente recorria ao padrão de inversão, o terceiro abordado aqui, uma estratégia que envolve a fragmentação da informação e, em seguida, a reorganização dessas partes de forma a alterar a sua importância e significado original. Esse processo resulta na substituição de elementos, na destruição da realidade original e na criação artificial de uma nova realidade. No contexto de tal padrão, ocorrem inversões de relevância dos aspectos, de forma pelo conteúdo, de versão pelo fato e de opinião pela informação. Em 1986, o Mensageiro da Paz utilizou essa técnica ao publicar uma manchete em sua capa na edição de maio, alegando que a Igreja Católica estava buscando interferir na Constituinte, no sistema educacional do país e na construção de novos templos religiosos. No entanto, ao analisar a matéria de forma mais atenta, tornou-se evidente que a declaração presente na manchete da capa não estava atribuída a nenhuma fonte ou pessoa específica, sendo, na verdade, uma opinião do autor do artigo. Essa estratégia visava a influenciar a percepção dos leitores, criando uma narrativa que não estava respaldada por declarações ou evidências concretas.

Essa inversão é operada pela negação, total ou quase total, da distinção entre juízo de valor e juízo de realidade, entre o que já se chamou de “gêneros jornalísticos”, ou seja, de um lado a notícia, a reportagem, a entrevista, a cobertura, o noticiário, e, de outro, o editorial, o artigo, formas de apreensão e compreensão do real que, coexistentes numa mesma edição ou programação, completavam-se entre si e ofereciam ao leitor alternativas de formar sua (do leitor) opinião, de maneira autônoma e independente (ABRAMO, 2003, p. 46).

O padrão da indução, o quarto descrito aqui, envolve a intenção do veículo de comunicação em fazer com que o público acredite em um contexto criado de forma deliberada e apresentado persistentemente como realidade. Isso pode ser feito com diferentes níveis de

intensidade, com o veículo reforçando repetidamente uma falsa realidade. No caso do Mensageiro da Paz, essa estratégia foi empregada de várias maneiras, seja através de manchetes sensacionalistas ou por meio de pequenas notas, como destacado anteriormente. Um exemplo claro disso é a insistência do jornal em propagar a ideia de que o Partido Comunista estava prestes a tomar o Brasil caso os evangélicos não elessem parlamentares evangélicos. Essa narrativa, apesar de carecer de fundamentação sólida, foi apresentada de forma persistente pelo veículo, buscando moldar a percepção dos leitores e influenciar seu comportamento político.

O leitor é induzido a ver o mundo como ele não é, mas sim como querem que ele o veja. padrão de indução é, assim, o resultado e ao mesmo tempo o impulso final da articulação combinada de outros padrões de manipulação dos vários órgãos de comunicação com os quais ele tem contato. O padrão de indução tem a ver, como os demais, com os processos de planejamento, produção e edição do material jornalístico, mas ultrapassa esses processos e abarca, ainda, os planos de apresentação final, no parque gráfico ou nas instalações de radiodifusão, distribuição, índices de tiragem e audiência de publicidade etc. – ou seja, os planos de produção jornalística como parte da indústria cultural e do empreendimento empresarial-capitalista (ABRAMO, 2003, p. 49).

Um quinto e último padrão apresentado por Abramo, o padrão global, não se aplica ao caso do Mensageiro da Paz e está direcionado às emissoras de rádio e tv. Em termos gerais, o padrão abrange três fases nas narrativas jornalísticas. Primeiramente, há a exposição do fato em questão, seguida pela incorporação de uma declaração de um personagem da sociedade. Por último, uma solução é apresentada por uma figura de autoridade, como forma de direcionar o público e convencê-las de que seus problemas serão resolvidos através das instituições e em detrimento de sua própria capacidade de organização social, “a autoridade tranquiliza o povo, desestimula qualquer ação autônoma e independente do povo, mantém a autoridade e a ordem, submete o povo ao controle dela” (ABRAMO, 2003, p. 52).

Durante os anos 1980, o Mensageiro da Paz começou a tecer a política não como um domínio secular distinto, mas como uma extensão da missão religiosa. Como vimos, através de artigos, editoriais e notícias, o jornal promoveu a ideia de que era dever do fiel participar ativamente da política, sobretudo para garantir que os valores e princípios cristãos fossem adequadamente representados e protegidos. Este discurso buscava legitimar a entrada de líderes religiosos no campo político, argumentando que era uma extensão natural de sua vocação religiosa. A política se tornou para a igreja uma extensão natural de sua missão divina. Enquanto muitas tradições religiosas optam por uma separação clara entre a fé e a política, para a Assembleia de Deus, essa demarcação é mais fluida. A partir da compreensão

de que a missão da igreja não se limita às paredes do templo, mas se estende à sociedade como um todo, o envolvimento político torna-se uma forma de atuar na transformação da realidade em conformidade com os princípios bíblicos. O discurso foi sendo manipulado para que a política fosse vista como uma ferramenta para implantar, ou pelo menos influenciar, uma ordem social que refletisse os valores cristãos.

A memória coletiva da Assembleia de Deus está repleta de relatos de perseguições, desentendimentos e lutas, conforme vimos no capítulo 1 desta tese. Essa narrativa de resistência e triunfo deu à denominação uma confiança robusta em sua capacidade de influenciar a mudança. A partir disso e do modo como a igreja realizou os seus enfrentamentos, conforme pudemos acompanhar em toda a parte II desta tese, podemos inferir que a cultura da igreja, moldada por essa trajetória, manipula uma visão do mundo onde os desafios são oportunidades e onde a ação proativa é uma necessidade.

O jornal passa a construir um discurso que molda a realidade dos seus fiéis por meio de publicações enviesadas e manipuladas. Uma das estratégias que fica evidente nas páginas do Mensageiro da Paz foi a identificação e construção de adversários. Vimos nos capítulos 2 e 3 que estes adversários eram frequentemente apresentados como ameaças à moral cristã, à família e à nação. As narrativas tinham o duplo propósito de consolidar a identidade dos fiéis por meio da demarcação do "nós" contra "eles" e de justificar a necessidade de uma presença política forte que pudesse combater essas supostas ameaças. No contexto brasileiro, onde o catolicismo sempre teve uma presença dominante, não é surpresa que a Assembleia de Deus, enquanto denominação protestante, construísse uma narrativa de oposição em relação à Igreja Católica. No entanto, o Mensageiro da Paz não se limitou a uma mera diferenciação doutrinária ou teológica. O jornal frequentemente retrata o catolicismo como uma instituição corrompida, distante da Bíblia e aliada a interesses políticos e sociais contrários aos valores defendidos pela Assembleia. Esta construção servia para consolidar uma identidade distinta e pura, em contraste com a suposta decadência moral e espiritual da Igreja Católica.

Com a Guerra Fria e os ventos da redemocratização soprando no Brasil, o comunismo emergiu como um conveniente "bicho-papão" para muitos setores conservadores, inclusive grupos religiosos. O Mensageiro da Paz frequentemente pintava o comunismo como uma ameaça existencial não apenas à democracia brasileira, mas também à fé cristã. Estas narrativas muitas vezes ignoravam as complexidades e nuances da política brasileira, construindo uma realidade simplista de uma batalha entre o bem e o mal. A ênfase constante em certos adversários e a omissão ou minimização de outros aspectos do contexto político e

social brasileiro fez com que o jornal se tornasse uma janela para uma realidade parcialmente distorcida. Através de suas páginas, uma realidade alternativa foi construída e reforçada, uma realidade onde a Assembleia de Deus e seus fiéis eram constantemente assediados por forças poderosas e malévolas. Este ambiente de cerco fortaleceu o senso de unidade e propósito entre os fiéis e legitimou as ações e decisões da liderança da igreja. Esta estratégia não foi apenas sobre reforçar a fé ou manter a coesão interna; foi também uma jogada astuta no tabuleiro político. Ao criar adversários claros e presentes, a Assembleia de Deus pode posicionar-se como uma salvaguarda contra essas ameaças percebidas, justificando assim sua entrada no espaço político e a busca por influência e poder.

5.2 Jornalismo sob lente teórica: o moldar da informação no Mensageiro da Paz

Conforme delineado anteriormente, fica evidente que o Mensageiro da Paz empreendeu, ao longo da década de 1980, uma estratégia de influência sobre as percepções e crenças da comunidade da Assembleia de Deus por meio da manipulação de informações. Além dos padrões de manipulação previamente apresentados, a compreensão desse processo requer uma análise à luz das teorias do jornalismo que oferecem estruturas conceituais para compreender a seleção, representação e interpretação de notícias. Neste contexto, abordaremos quatro dessas teorias: o "*gatekeeping*" (controle de acesso), o "agenda-setting" (definição de agenda), a "espiral do silêncio" e o "*framing*" (enquadramento). Cada uma delas desempenha um papel fundamental na compreensão do papel desempenhado pelo Mensageiro da Paz na formação das opiniões e crenças de sua audiência.

5.2.1 Artífice informacional: gatekeeping na tapeçaria assembleiana

O *gatekeeping*, uma das teorias mais conhecidas do jornalismo, foi proposta inicialmente por Lewin (1943) e posteriormente desenvolvida por White (1950). Dentro do universo jornalístico, o conceito de *gatekeeping* destaca-se como uma das teorias mais importantes para a compreensão da seleção e representação de notícias. A ideia origina-se da visão de que, em qualquer sistema de comunicação, existem "portões" através dos quais a informação deve passar antes de chegar ao público. Estes portões são guardados por "guardiões" – os jornalistas, editores e proprietários de mídia – que decidem, com base em vários critérios, quais informações vão ao ar ou são impressas e quais são deixadas de fora, “as notícias são explicadas como um produto das pessoas e das suas intenções” (TRAQUINA, 2005, p.150).

White, durante o período em que atuou como assistente de pesquisa de Lewin na Universidade de Iowa, dedicou-se ao estudo das obras de Lewin. Sua iniciativa inicial envolveu persuadir o editor de uma agência de notícias de uma cidade pequena, a quem ele referiu como "Mr. Gates", a colaborar em seu projeto. Esse editor concordou em armazenar todos os textos provenientes das agências de notícias Associated Press, United Press e International News Service que chegaram ao seu escritório ao longo de uma semana em fevereiro de 1949. Além disso, Mr. Gates comprometeu-se a fornecer justificativas por escrito para as decisões de rejeição de cada item que não fosse utilizado - uma vez que cerca de 90% dos textos enviados pelas agências não encontravam espaço na publicação. Essa abordagem permitiu a White a oportunidade de comparar os itens efetivamente utilizados com o conjunto completo de histórias enviadas pelas agências semanalmente. De acordo com os resultados obtidos por White, as decisões relacionadas à seleção das notícias eram caracterizadas como "altamente subjetivas" (1950, p. 386). Aproximadamente um terço das vezes, Mr. Gates baseava sua escolha em rejeitar ou aceitar histórias em sua avaliação pessoal do mérito do conteúdo, especialmente quando se tratava de verificar a veracidade das informações. Os outros dois terços dos itens eram descartados devido à falta de espaço disponível ou à existência de histórias semelhantes já programadas para publicação (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 28).

Shoemaker e Vos explicam que *gatekeeping* é "o processo de seleção e transformação de vários pequenos pedaços de informação na quantidade limitada de mensagens que chegam às pessoas diariamente, além de ser o papel central da mídia na vida pública moderna" (2011, p. 11). Os autores destacam que as pessoas dependem de intermediários para transformar a grande quantidade de informações sobre fatos e eventos em um conjunto gerenciável de mensagens midiáticas. Embora pareça desafiador reduzir tantas mensagens potenciais a um conjunto pequeno, existe um processo bem estabelecido que torna isso possível diariamente. Esse processo não apenas determina quais informações serão selecionadas, mas também influencia o conteúdo e a natureza das mensagens, incluindo as notícias (SHOEMAKER E VOS, 2011):

Os *gatekeepers* determinam aquilo que se torna a realidade social de uma pessoa, sua forma particular de ver o mundo. Embora uma decisão no processo de *gatekeeping* sozinha possa parecer trivial, mensagens variadas e comuns surgem todos os dias, tornando o processo de *gatekeeping* complicado e altamente significativo. As teorias sobre mudança e estabilidade sociais precisam considerar o *gatekeeping*, que engloba noções que tomaram a atenção de pesquisadores como Jefferson e Marx, Gramsci e Bourdieu. [...] O processo de *gatekeeping* determina o modo como definimos nossas vidas e o mundo ao nosso redor; conseqüentemente, o

gatekeeping afeta a realidade social de todas as pessoas (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 14).

Como enfatiza Bagdikian (1983, p. 226), "o poder de controlar o fluxo de informação é uma peça majoritária no controle da sociedade". Dar aos cidadãos a oportunidade de escolher entre ideias e informações é tão importante quanto lhes dar a oportunidade de escolha política". Da mesma forma, Hardt (1997, p. 22) ressalta que "o controle da mídia sobre a disseminação pode indicar o controle sobre a mente da sociedade". O processo de seleção de notícias é inerentemente subjetivo e arbitrário, sendo amplamente influenciado pelos julgamentos de valor decorrentes das experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper* (WHITE, 1993, p. 149). A abordagem de Ferreira (2018) ressalta que os meios de comunicação tradicionais desempenhavam uma função de filtro, retendo informações consideradas de valor noticioso reduzido e selecionando aquelas que se enquadravam nesse critério para produção e distribuição. Essa prática de *gatekeeping* surgiu, em grande parte, devido a um ambiente de escassez de canais de notícias e espaço limitado disponível para notícias dentro desses canais. Essa é uma pontuação importante para a nossa tese, levando em conta que estamos falando da década de 1980.

As figuras conhecidas como *gatekeepers* desempenham um papel fundamental na facilitação ou restrição da disseminação de informações, uma vez que estão encarregadas de determinar quais mensagens serão permitidas a atravessar as barreiras e quais serão impedidas. Isso os posiciona como atores significativos no processo de difusão da informação. Quando os *gatekeepers* optam por restringir o fluxo de informações, existe a possibilidade de que essas informações não alcancem completamente o sistema social, enquanto, no caso em que facilitam a circulação de informações, as notícias relacionadas a um evento podem se espalhar de forma mais rápida e abrangente. Esse fenômeno destaca a importância desses *gatekeepers* na moldagem da propagação de informações na sociedade.

Em que pese a teoria do *gatekeeping* ser desenvolvida para entender a seleção de notícias por editores de grandes veículos de comunicação, como jornais e redes de televisão, podemos aplicar seus princípios para entender como o Mensageiro da Paz desempenhou um papel semelhante, embora em um contexto específico. Em consonância com o *gatekeeping*, que enfatiza a seleção de notícias com base em critérios subjetivos, o Mensageiro da Paz era responsável por filtrar as informações que chegavam aos fiéis da Assembleia de Deus. Neste caso, os *gatekeepers* eram os editores e jornalistas envolvidos na produção do jornal, bem como os líderes religiosos que influenciavam diretamente o conteúdo editorial. Assim como

os *gatekeepers* tradicionais, o Mensageiro da Paz decidia quais histórias seriam publicadas e como seriam apresentadas aos leitores. Eles exerciam um alto grau de subjetividade na seleção de conteúdo, muitas vezes priorizando narrativas que atendiam aos interesses da igreja e reforçavam as crenças e valores dos fiéis. Isso envolvia não apenas a escolha de quais eventos e informações seriam incluídos, mas também como esses eventos seriam representados e interpretados. Embora seja um veículo de comunicação religiosa, o jornal operou de maneira semelhante aos *gatekeepers* tradicionais ao selecionar, representar e interpretar notícias e informações para seu público-alvo, exercendo uma influência significativa na formação das percepções e crenças dos fiéis da Assembleia de Deus.

Tendo por base o levantamento apresentado nos capítulos 3 e 4 desta tese, conseguimos identificar uma série de táticas utilizadas pelo jornal que nos ajudam a perceber como a teoria foi aplicada no Mensageiro da Paz durante os anos 1980. Pode-se destacar como exemplo a ênfase em narrativas religiosas para descrever fatos e eventos seculares. O Mensageiro da Paz priorizava a divulgação de histórias e eventos que reforçavam a fé e os valores da Assembleia de Deus. Isso incluía relatos de conversões, testemunhos de milagres e eventos religiosos da igreja, enquanto notícias que não se alinhavam com essa narrativa religiosa eram muitas vezes ignoradas. O jornal dedicava espaço considerável para relatar esforços de evangelização e missões da Assembleia de Deus. Isso reforçava a ideia de que a igreja estava cumprindo uma missão divina e promovia a expansão da fé.

Os portões do jornal também estavam fechados para críticas internas. Raramente se reportava divergências internas ou críticas a líderes da igreja. Qualquer controvérsia que pudesse minar a imagem da Assembleia de Deus ou de seus líderes era frequentemente omitida. Problemas financeiros ou disputas entre membros raramente eram abordadas nas páginas do Mensageiro da Paz. Essa omissão servia para manter uma imagem positiva da igreja. Quando outros veículos da mídia abordavam temas que de algum modo respingasse na imagem da igreja, o jornal rapidamente abria as portas para textos que tiravam o foco do problema real. É o que acontece quando o Jornal do Brasil denuncia o escândalo das negociações dos parlamentares evangélicos no Congresso Nacional em busca de concessões de rádios e outras benesses. Imediatamente o jornal assembleiano traz à pauta uma matéria acusando a Igreja Católica de perseguir os evangélicos que tinham mandato em Brasília.

Há também uma sistemática defesa de valores conservadores. Ao mesmo tempo em que promovia valores que eram lidos como o padrão para as famílias assembleianas, como a moralidade tradicional, notícias ou eventos que contrariasse esses valores eram minimizados

ou não divulgados. A Teologia da Libertação da Igreja Católica, que de alguma forma também cuidava da preservação da família por meio de denúncias de descaso sociais é ignorada pelo jornal quanto às suas contribuições para as discussões políticas. Em contrapartida, o Mensageiro da Paz apresentava a teologia como corrompida e demonizada por, de acordo com o jornal, não cuidar da espiritualidade e focar nos dilemas cotidianos que, para a Assembleia de Deus, não era atribuição da igreja.

Outra tática empregada era a ênfase em líderes e figuras religiosas. Os líderes da Assembleia de Deus e figuras religiosas proeminentes frequentemente recebiam destaque nas páginas do jornal. Suas atividades, discursos e realizações eram amplamente cobertos, contribuindo para uma imagem positiva da liderança da igreja.

Nesta tese, consideramos o Mensageiro da Paz como um *gatekeeper* em sua totalidade. No entanto, é importante notar que a figura do *gatekeeper*, a pessoa que detém esse poder dentro de uma instituição de comunicação, existe e pode ser identificada. No entanto, o foco desta pesquisa não está na identificação específica dos *gatekeepers* dentro do Mensageiro da Paz, mas sim na compreensão de que a teoria pode ser aplicada ao jornal em questão. De imediato, podemos identificar que o jornalista que atuava como editor do Mensageiro da Paz desempenhava o papel de *gatekeeper*. No entanto, mesmo ele estava sujeito à influência de outros atores que exerciam o papel de *gatekeepers* acima dele na hierarquia editorial. Isso forma uma cadeia de *gatekeepers*, na qual uma notícia passa de um *gatekeeper* para outro ao longo do processo de comunicação. A decisão de escolher ou rejeitar uma notícia continua ao longo dessa cadeia, até chegar ao último *gatekeeper*, aquele que detém o poder final de decisão. É importante destacar que o processo de difusão de informações pode ocorrer tanto por meio de canais interpessoais quanto por meio de canais de mídia de massa. Nesse contexto, qualquer membro da audiência pode atuar como um *gatekeeper* para os outros membros, compartilhando informações e influenciando a disseminação de notícias. No entanto, nem todos os *gatekeepers* individuais têm o mesmo grau de poder; aqueles que representam os meios de comunicação de massa controlam a disseminação de informações para um grande público, o que lhes confere um maior poder social e político.

5.2.2 Desenho direcional: a influência de agenda-setting na trama do Mensageiro da Paz

McCombs e Shaw (1972) propuseram a teoria de que a mídia não apenas informa sobre o que pensar, mas também sobre o que pensar a respeito. Desse modo, “o mundo parece

diferente para pessoas diferentes, dependendo do mapa que lhes é desenhado pelos redatores, editores e diretores de jornal que o lêem” (TRAQUINA, 1995, p.193). O modelo de Agenda-setting postula uma relação significativa entre o conteúdo da agenda dos meios de comunicação de massa e a subsequente percepção pública sobre quais tópicos são considerados importantes em determinado momento. Esse conceito é enraizado na maneira como as pessoas estruturam e organizam seu entendimento do mundo ao seu redor. McCombs e Shaw (1993) destacam que a agenda-setting não se limita à simples influência naquilo sobre o que pensamos, mas também na forma como pensamos. Em suma, a agenda-setting trata da transferência de prioridades, abordando tanto a priorização de temas quanto a ênfase em seus atributos. A abordagem é sobre a influência da mídia na seleção dos temas que impactam a opinião pública e pode ser ampliada para abarcar não apenas o processo de seleção de temas pela mídia, mas também a maneira como essa mesma mídia os interpreta e contextualiza. Isso reflete o entendimento de que a mídia exerce um papel complexo não apenas na escolha dos assuntos apresentados ao público, mas também na formação e moldagem desses temas:

Basicamente, a idéia-força implícita na noção de agenda-setting é a de que a) a mídia, ao selecionar determinados assuntos e ignorar outros define quais são os temas, acontecimentos e atores relevantes para a notícia; b) ao enfatizar determinados temas, acontecimentos e atores sobre outros, estabelece uma escala de proeminências entre esses objetos; c) ao adotar enquadramentos positivos e negativos sobre temas, acontecimentos e atores, constrói atributos (positivos e negativos) sobre esses objetos; d) há uma relação direta e causal entre as proeminências dos tópicos da mídia e a percepção pública de quais são os temas (issues) importantes num determinado período de tempo. (AZEVEDO, 2004, p. 54)

James W. Dearing e Everett Rogers (1996) empreenderam uma iniciativa para estruturar a literatura sobre agenda-setting, com o objetivo de conferir maior coesão a esse campo de estudo, que teve seu início nos anos 1970. Conforme apontado por esses estudiosos, a teoria do agendamento possui três tradições de pesquisa, correspondentes a essas três agendas: 1) a agenda midiática, que se refere à ordem de prioridade estabelecida pelos meios de comunicação na divulgação de temas; 2) a agenda pública, que diz respeito à percepção da audiência sobre quais temas são considerados importantes, ou seja, como o público enxerga os assuntos que merecem destaque; e 3) a agenda política ou institucional, que se define como a hierarquização das intenções políticas e a identificação dos temas que demandam ação por parte do Estado.

Embora as teorias do *gatekeeping* e do *agenda-setting* compartilhem semelhanças conceituais e frequentemente se sobreponham em suas aplicações práticas, é importante destacar suas distinções fundamentais. A teoria do *gatekeeping* concentra-se na função

editorial exercida pelos *gatekeepers*, indivíduos ou entidades que decidem quais informações são permitidas ou barradas nos canais de comunicação, como vimos há pouco. Essa teoria se preocupa principalmente com o processo de seleção e controle do fluxo de informações por meio dos meios de comunicação. Por outro lado, a teoria do agenda-setting explora como os meios de comunicação influenciam a agenda de tópicos que o público considera importantes, destacando o poder da mídia em determinar quais questões merecem atenção pública e como elas são percebidas. Enquanto o *gatekeeping* lida com o acesso à informação, o agenda-setting aborda a influência da mídia na construção da realidade social e na formação das percepções do público sobre os problemas que merecem destaque:

Ao longo do tempo, os tópicos enfatizados nas notícias tornam-se os assuntos considerados os mais importantes pelo público. A agenda da mídia torna-se, em boa medida, a agenda do público. Em outras palavras, os veículos jornalísticos estabelecem a agenda pública. Estabelecer esta ligação com o público, colocando um assunto ou tópico na agenda do público de forma que ele se torna o foco da atenção e do pensamento do público – e, possivelmente, ação – é o estágio inicial da formação da opinião pública (McCOMBS, 2009, p.18).

Por meio de um conjunto de normas e valores que estipulam o que é considerado digno de notícia e quais indivíduos são incluídos na narrativa, os meios de comunicação atribuem destaque ao tornar certos personagens visíveis (MIGUEL; BIROLI, 2010, p. 697). O Mensageiro da Paz, ao dar destaque a certas notícias e relegar outras ao esquecimento, potencialmente influenciou quais temas os fiéis consideravam importantes e quais eram vistos como secundários. O estabelecimento de uma agenda é pedra angular no estudo da comunicação e do jornalismo ao dizerem às pessoas não apenas o que pensar, mas mais de indicar sobre o que pensar.

Ou seja, dependendo dos assuntos que venham a ser abordados – agendados – pela mídia, o público termina, a médio e longo prazos, por incluí-los igualmente em suas preocupações. Assim, a agenda da mídia termina por se constituir também na agenda individual e mesmo na agenda social (HOHFELDT, 1997, p. 44).

O jornal assembleiano não é exceção. Como veículo de comunicação da Assembleia de Deus, exerceu um papel central em definir a agenda para sua comunidade, especialmente em um período pré-digital, quando a disponibilidade de fontes alternativas de informação era limitada. A relação entre a teoria da agenda-setting e o Mensageiro da Paz reside na forma como o jornal, ao longo da década de 1980, moldou a percepção e os interesses da comunidade da Assembleia de Deus. Enquanto a agenda-setting se concentra na influência da mídia de massa na definição da agenda de discussão pública, o Mensageiro da Paz

desempenhou um papel importante como um dos principais veículos de mídia dessa comunidade religiosa especificamente, contribuindo de forma significativa para a formação de uma agenda de discussão interna. O jornal, sob o controle editorial da liderança da Assembleia de Deus, tinha o poder de determinar quais tópicos e questões eram destacados em suas páginas, bem como de que modo essas questões eram abordadas. Durante a campanha eleitoral para as eleições constituintes, o jornal não apenas informava seus leitores sobre os candidatos e as questões em jogo, mas também moldava a maneira como os membros da Assembleia de Deus percebiam as eleições e os assuntos políticos em geral ao enfatizar temas que eram importantes para a denominação, como questões morais e de valores religiosos. Ainda, promovia candidatos que eram considerados alinhados com esses valores. Isso influenciou diretamente a agenda de discussão e as escolhas eleitorais dos membros da igreja, que viam o jornal como uma fonte confiável de informações e orientação.

Durante as eleições constituintes da década de 1980, o periódico assembleiano construiu uma agenda editorial que estava em sintonia com os interesses e valores das lideranças da Assembleia de Deus, motivo pelo qual o jornal enfatizava a importância de eleger candidatos que compartilhassem os valores religiosos da denominação. Isso incluía questões como a defesa da família heterossexual, a moralidade e a liberdade religiosa. O Mensageiro da Paz retratava candidatos que abraçavam esses valores como os mais adequados para representar os interesses da denominação no processo constituinte. Para tanto, havia um enfoque em temas como o combate à pornografia, a preservação do que entendiam por bons costumes e a manutenção da influência religiosa na sociedade. Além de promover candidatos que eram vistos como alinhados com os valores da Assembleia de Deus, o Mensageiro da Paz também se opunha abertamente a candidatos que eram percebidos como contrários a esses valores. O jornal fornecia informações negativas sobre tais candidatos e alertava os fiéis sobre os perigos de votar neles.

É relevante destacar que o Mensageiro da Paz, ao incentivar a candidatura de políticos alinhados com suas agendas específicas, desempenhou um papel importante na construção de uma agenda política para seus leitores. Essa agenda enfatizava certos temas que passavam a ser percebidos como mais relevantes pelos fiéis. Através da ênfase dada a esses temas, o jornal transmitia a ideia de que era mais importante escolher um candidato com base em suas opiniões sobre questões como aborto e casamento LGBTQIA+ do que considerar a capacidade desses legisladores de promover ações e investimentos relacionados à saúde, por exemplo. Outro aspecto notável desse processo de construção de agenda estava relacionado ao

fato de que os candidatos eleitos desempenhariam um papel fundamental na elaboração do texto da nova Constituição. O jornal, portanto, direcionava a atenção dos fiéis para questões como a liberdade religiosa para os evangélicos e benefícios fiscais para igrejas, em vez de enfatizar a importância de uma Constituição que assegurasse valores democráticos para todos os brasileiros após anos de ditadura.

A agenda da publicação também incentivava ativamente a participação dos fiéis nas eleições. Era comum encontrar chamadas enfáticas para que os membros da Assembleia de Deus comparecessem às urnas e votassem de acordo com os valores e interesses da denominação. Nesse período, inclusive, como vimos nos capítulos 3 e 4, houve um trabalho de campanhas de oração para orar pelo país.

Um exemplo de como a agenda pode ser utilizada para influenciar não apenas os tópicos discutidos, mas também a percepção do público sobre esses temas. O Mensageiro da Paz empregou uma estratégia específica para promover o plano econômico de Sarney com a moeda do cruzado, mesmo quando o cenário econômico era desafiador. Em vez de abordar potenciais falhas nos projetos econômicos do governo, o jornal adotou uma narrativa positiva, sugerindo que tudo estava indo bem e que o sucesso da nova moeda estava garantido devido à inscrição "Deus seja louvado" nas cédulas. Quando o plano econômico eventualmente enfrentou dificuldades e fracassou, o jornal direcionou a culpa para aqueles que supostamente torciam contra o presidente. Isso exemplifica como o jornal, além de determinar a agenda política ao escolher os temas a serem destacados, também moldava a forma como os fiéis assembleianos deveriam compreender essa agenda.

5.2.3 Silenciando o diferente: a influência da Espiral do Silêncio no tecido da comunicação pentecostal

A teoria da espiral do silêncio teve seu embrião conceitual na década de 1970, quando Noelle-Neumann publicou o artigo intitulado "The Spiral of Silence: A Theory of Public Opinion". Essa teoria fundamenta-se na premissa central de que indivíduos que mantêm uma opinião ou perspectiva minoritária tendem a se retrair para o silêncio ou a aderir ao conformismo diante da opinião pública dominante. Seridório e Rodrigues (2015) explicam que, durante seu trabalho em um instituto de pesquisa na Alemanha em 1965, Noelle-Neumann observou que as intenções de voto dos eleitores frequentemente mudavam próximas ao dia das eleições. Ela cunhou esse fenômeno como o "efeito do carro vencedor", sugerindo que as pessoas, cientes de que seu candidato estava destinado a perder com base nas pesquisas

eleitorais, mudavam suas opiniões para evitar ficar do lado perdedor da disputa (SERIDÓRIO; RODRIGUES, 2015, p. 189). As pesquisas da autora também revelaram que, após o resultado final das eleições, a porcentagem de eleitores que afirmavam ter votado no candidato vencedor era maior do que os números reais obtidos por esse candidato. Noelle-Neumann atribuiu esses fenômenos ao medo do isolamento social. Portanto, para se integrar a um grupo ou comunidade, as pessoas sentiam a necessidade de estar em conformidade com a opinião pública sobre determinado assunto. Nesse processo de inclusão e pertencimento, esses indivíduos silenciavam suas opiniões, o que resultava em um fenômeno denominado de "espiral do silêncio" (SERIDÓRIO; RODRIGUES, 2015, p. 190). De acordo com a Teoria da Espiral do Silêncio, os indivíduos tendem a expressar suas opiniões quando estas estão alinhadas com a opinião predominante.

Midões (2008) resume os principais pontos da teoria da seguinte forma:

1. Medo da rejeição pelos que o rodeiam; 2. Monitorização dos comportamentos, de forma a observar quais são os aprovados e os reprovados socialmente, (em grupo); 3. Há gestos e expressões que, sem fala, expressam a aprovação ou não de determinada ideia, comportamento; 4. Tendência para não expressar a sua opinião publicamente quando há possibilidade de rejeição, objeções ou desdém; 5. Quando se conclui que a opinião é aceite, a tendência é expressá-la com convicção; 6. O falar livremente de determinado ponto de vista reforça ainda mais a ideia de isolamento, por parte daqueles que defendem a opinião contrária; 7. Este processo apenas ocorre nas situações em que há uma questão moral forte – é a componente moral que dá poder à “opinião pública”; 8. Só questões controversas podem despoletar a “Espiral do Silêncio”; 9. Nem sempre o ponto de vista mais forte é o defendido pela maioria da população; há o medo de o admitir publicamente; 10. Os “mass media” podem influenciar, e muito, o processo da “Espiral do Silêncio”, quando numa questão moral tomam determinada posição e exercem influência no processo; 11. As pessoas não se apercebem dos métodos outros e da questão do isolamento; 12. A “Opinião Pública” é limitada no tempo e no espaço – a “Espiral do Silêncio” apenas se verifica durante um período de tempo limitado; este processo tende também a ser limitado pelas fronteiras geográficas e culturais; 13. A “Opinião Pública” serve como instrumento de controlo social, mas também de coesão social (MIDÕES, 2008, p 5).

Alexandre (2018, p. 15) destaca que a Teoria da Espiral do Silêncio é uma abordagem importante e que abrange mais do que inicialmente aparenta. Isso porque a construção teórica desenvolvida por Noelle-Neumann procura explicar como a opinião pública pode exercer influência sobre a vida e o comportamento das pessoas, contribuir para a coesão social e impactar os processos de tomada de decisão em uma sociedade. Embora a concepção clássica da espiral do silêncio esteja principalmente focada na forma como a mídia desempenha um papel significativo na maneira como as pessoas percebem o clima de opinião, seu alcance vai além dessa dimensão aparente.

Noelle-Neumann (1995) identifica algumas premissas fundamentais em sua teoria da Espiral do Silêncio. Primeiramente, ela destaca a ameaça de isolamento, que se relaciona com a necessidade de manter constantemente um consenso sobre valores e objetivos na sociedade para assegurar a coesão social. Para preservar esse consenso, a sociedade ameaça aqueles que desafiam esse acordo. Em segundo lugar, Noelle-Neumann aponta o medo do isolamento, que se manifesta como um temor persistente de ser rejeitado pelo grupo social ao qual um indivíduo pertence. Geralmente, as pessoas não têm plena consciência desse medo ou da ameaça de isolamento subjacente. Em terceiro lugar, a teoria introduz o conceito de "senso quase estatístico", que se refere à capacidade das pessoas de observar e analisar constantemente seu ambiente social. Isso lhes permite avaliar a distribuição atual das opiniões e suas tendências futuras, seja por meio da mídia, observação direta ou discussões interpessoais. Por fim, Noelle-Neumann ressalta a disposição das pessoas para expressar publicamente suas opiniões ou permanecer em silêncio. Essa disposição depende da avaliação que fazem da distribuição atual das opiniões e de suas projeções futuras. As pessoas tendem a expressar publicamente suas opiniões quando percebem que a maioria está ou estará ao seu lado, enquanto tendem a se calar e serem cautelosas quando se percebem como parte de uma minoria (NEUMANN, 1995, p. 260).

Nesta tese, entendo que o Mensageiro da Paz pode ser relacionado à teoria da Espiral do Silêncio de Noelle-Neumann de várias maneiras. Primeiramente, a teoria postula que as pessoas tendem a permanecer em silêncio ou a modificar suas opiniões quando percebem que estão em desacordo com a opinião pública dominante para evitar o isolamento social. No contexto do Mensageiro da Paz, que é um veículo de comunicação de uma comunidade religiosa com valores e crenças específicas, os fiéis podem sentir a pressão de conformidade com as opiniões e valores disseminados pelo jornal, a fim de se manterem em sintonia com a maioria de sua comunidade. Além disso, o jornal desempenha um papel significativo na construção e manutenção da agenda de temas dentro da comunidade da Assembleia de Deus. Ao destacar temas como questões morais, éticas e religiosas, o Mensageiro da Paz pode influenciar a percepção dos fiéis sobre quais temas são mais relevantes e merecem discussão e atenção. Isso se relaciona à ideia de que a mídia desempenha um papel fundamental na maneira como as pessoas percebem o clima de opinião, conforme proposto pela teoria da Espiral do Silêncio.

Além disso, o jornal pode criar uma atmosfera em que os fiéis se sintam mais inclinados a expressar publicamente as opiniões e crenças alinhadas com a agenda do

Mensageiro da Paz, pois podem perceber que a maioria de sua comunidade compartilha dessas opiniões. Isso reforça a ideia de que as pessoas são mais propensas a falar quando se sentem apoiadas pela maioria. O Mensageiro da Paz, como um veículo de comunicação religiosa, pode desempenhar um papel importante na conformidade das opiniões e no estabelecimento de uma agenda de temas para a comunidade assembleiana.

No Mensageiro da Paz, podemos identificar exemplos de como a teoria da Espiral do Silêncio se manifesta. A publicação frequentemente promoveu temas e valores alinhados com a doutrina da Assembleia de Deus, como moralidade, ética e comportamento cristão. Os fiéis que leem o jornal podem sentir a pressão social para conformar suas opiniões e comportamentos com esses valores, evitando o isolamento dentro de sua comunidade religiosa. A conformidade com os valores religiosos promovidos pelo jornal está relacionada ao conceito de "medo do isolamento", de modo que os fiéis são incentivados a adotar essas opiniões e a permanecer em conformidade com a maioria. A influência sobre questões relacionadas à moralidade também deixava os fiéis à vontade para adotarem opiniões fundamentalistas e a se sentirem mais dispostos a expressá-las publicamente, pois a maioria de sua comunidade compartilha dessas visões. Além disso, ao publicar histórias e artigos que ressaltam a fé, as experiências religiosas e os testemunhos de conversão, o Mensageiro da Paz reforçava as crenças comuns compartilhadas pela comunidade religiosa, o que se relaciona com a ideia de "sentido quase-estatístico". Ao publicar essas histórias, o jornal ajuda os fiéis a sondar e monitorizar a distribuição atual das opiniões dentro da comunidade. Isso reforçava a sensação de que a maioria compartilha dessas crenças, incentivando os indivíduos a expressarem publicamente sua fé.

O que o Mensageiro da Paz publicava implicava na amplificação de vozes majoritárias. Durante a elaboração da Constituição Federal, o jornal publica críticas à então deputada Benedita da Silva, naquele momento membro da Assembleia de Deus, mas adotando posturas progressistas nas discussões que aconteciam no Congresso. Em nenhum momento o Mensageiro da Paz deixa que Benedita da Silva coloque o seu ponto de vista e defenda sua forma de pensar e fazer política. Ao mesmo tempo, abre espaço para que os parlamentares evangélicos e conservadores critiquem a deputada. Dada a posição privilegiada do periódico como veículo oficial de comunicação da igreja, havia destaque para visões e opiniões alinhadas com as crenças centrais da denominação. Ao fazê-lo, não apenas refletia, mas também potencialmente ampliava e reforçava o que era percebido como a opinião majoritária dentro da comunidade. Desta forma, promovia o silenciamento de perspectivas dissidentes.

No contexto da espiral do silêncio, os membros da comunidade que mantivessem visões divergentes ou questionadoras poderiam se sentir relutantes em expressá-las, temendo o ostracismo ou rejeição por parte da maioria. Se o jornal consistentemente retratasse um conjunto uniforme de crenças e valores, isso poderia inadvertidamente contribuir para a sensação de que certas perspectivas eram marginalizadas ou indesejáveis.

Suponha que um membro da igreja tivesse uma opinião minoritária, como acreditar que a igreja deveria se envolver mais ativamente em questões sociais e políticas, além de suas atividades religiosas tradicionais. No entanto, a liderança da igreja e a maioria dos membros sustentavam uma visão mais conservadora, defendendo que a igreja deveria se concentrar apenas em questões espirituais. Nesse cenário, o membro que mantinha a opinião minoritária poderia se sentir inseguro em expressar abertamente suas ideias, com medo de ser isolado ou rejeitado pela comunidade. Como resultado, ele poderia optar por permanecer em silêncio durante as discussões internas da igreja ou evitar levantar essa questão, mesmo que acreditasse profundamente em sua perspectiva. À medida que outros membros percebem que a opinião predominante é a de que a igreja deve se concentrar apenas em questões espirituais, eles podem se sentir encorajados a adotar essa visão, contribuindo assim para a conformidade com a opinião majoritária. O membro com a opinião minoritária, ao perceber que sua visão não está sendo compartilhada publicamente, pode sentir que está em desacordo com a maioria e, portanto, decidir não expressar suas opiniões. Essa dinâmica, em que o medo do isolamento social leva à conformidade com a visão predominante, é um exemplo prático de como a Espiral do Silêncio operava dentro da Assembleia de Deus na década de 1980, influenciando o comportamento e as opiniões dos membros.

Ao se concentrar em histórias, testemunhos e ensinamentos que se alinhassem com a doutrina oficial da igreja, o Mensageiro da Paz manipulava a percepção de uma suposta "opinião pública" homogênea. A ausência de debate ou dissidência nas páginas da publicação poderia ser interpretada por alguns como um reflexo da unanimidade de crenças dentro da comunidade. Enquanto a Espiral do Silêncio poderia contribuir para uma sensação superficial de unidade e coesão, também carregava o risco de suprimir vozes e perspectivas valiosas. Inferimos, deste modo, que a Espiral do Silêncio, conforme proposta por Noelle-Neumann, encontra terreno fértil em espaços antidemocráticos, onde a diversidade de opiniões e a liberdade de expressão são frequentemente restringidas. Isso ocorre porque em ambientes onde o pluralismo é limitado e as vozes dissidentes são desencorajadas ou reprimidas, os indivíduos têm uma tendência ainda maior a se conformar com a opinião predominante. O

medo do isolamento social ou até mesmo de consequências mais severas, como perseguições políticas, pode levar as pessoas a silenciar suas opiniões divergentes. Isso termina por contribuir para a homogeneização das visões e a manutenção do status quo. Em tais ambientes, a teoria destaca como as pressões sociais e políticas podem moldar profundamente o comportamento e a expressão das pessoas, restringindo a diversidade de opiniões e perpetuando a conformidade com a visão dominante. Portanto, a Espiral do Silêncio é uma teoria que lança luz sobre o funcionamento de sistemas antidemocráticos e a maneira como é possível limitar a liberdade de expressão e a pluralidade de ideias.

5.2.4 Padrões narrativos: como o Mensageiro da Paz utiliza o framing para tecer significados

Erving Goffman (1974) e, posteriormente, Robert Entman (1993), em seus estudos, aprofundaram a compreensão do processo de "*framing*" ou "enquadramento". Essa teoria propõe que um quadro conceitual é criado em torno de temas específicos, e esse quadro é utilizado para orientar a audiência sobre como interpretar e compreender o material em questão. Em outras palavras, o "*framing*" envolve a construção deliberada de uma perspectiva ou contexto que influencia a forma como as informações são percebidas e interpretadas pelo público. Esse processo desempenha um papel fundamental na maneira como as notícias e informações são apresentadas nos meios de comunicação e, conseqüentemente, na moldagem das percepções e opiniões da audiência sobre questões diversas:

De um modo geral, a idéia de *framing* ou enquadramento se relaciona aos ângulos de abordagem dados aos assuntos pautados pelos meios de comunicação. No âmbito dos estudos sobre os efeitos da mídia, o termo designa a "moldura" de referência construída para os temas e acontecimentos midiáticos que, por sua vez, também é utilizada pela audiência na interpretação desses mesmos eventos. O frame seria justamente o quadro a partir do qual um determinado tema é pautado e, conseqüentemente, processado e discutido na esfera pública (GUTMANN, 2006, p. 30).

Entman (1993) conceitua o enquadramento de notícias como estruturas de processamento de informações que moldam o conteúdo jornalístico de uma forma particular, assemelhando-se a uma forma de "embrulho", já que "enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazer eles mais salientes no texto comunicativo de modo a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou um tratamento recomendado para o item descrito" (ENTMAN, 1993, p. 52). Para Scheufele (1999) há quatro relações importantes a serem consideradas quanto ao enquadramento das notícias: a construção do enquadramento; o processo de enquadramento;

os efeitos individuais do enquadramento; e a relação entre os enquadramentos elaborados pela mídia. Entman contribui, ainda, com uma estrutura analítica que auxilia na identificação do enquadramento em uma reportagem, destacando cinco elementos-chave: palavras-chave, metáforas, conceitos, símbolos e imagens que são proeminentes na narrativa jornalística. Essa abordagem implica que o *framing* pode ser discernido por meio da análise minuciosa das imagens visuais utilizadas e da recorrência de determinadas palavras ao longo do texto. Esse método de análise proporciona uma ferramenta valiosa para desvendar como a ênfase dada a certos elementos influencia a interpretação do público em relação a um determinado tópico noticioso.

Diversos teóricos, tais como Kosicki (1993), Scheufele (1999, 2000) e Traquina (2000), destacam a relevância de uma abordagem que examine o *framing* em conjunto com a agenda-setting. De acordo com esses acadêmicos, as perspectivas oferecidas por ambas as teorias se complementam e enriquecem a compreensão dos efeitos da mídia na opinião pública. Tanto o *framing* quanto a agenda-setting exploram as condições que ampliam ou restringem a formação da agenda, e, para esses teóricos, a maneira como os tópicos são enquadrados desempenha um papel fundamental no próprio processo de agenda-setting. Essa abordagem integrada permite uma compreensão mais abrangente das complexas interações entre mídia, público e percepções coletivas.

A seleção de certos aspectos de uma realidade percebida e a apresentação desses aspectos de uma maneira específica pode ser realizada de vários modos. Existem vários tipos de enquadramento que podem ser usados na mídia e na comunicação para moldar a forma como as pessoas percebem informações e eventos. Ao falar da previsão do tempo e do aumento das temperaturas, pode apelar para um dia de praia e diversão no Litoral, mas também pode-se destacar o Sertão brasileiro e as secas que atingem as famílias que lá vivem. Ao relatar uma crise econômica, pode-se atribuir a culpa a certos líderes políticos ou instituições financeiras. Também o uso de humor ou da emoção pode moldar a forma como as pessoas respondem a uma mensagem. O enquadramento pode ser cômico, como em programas de comédia que comentam sobre questões políticas, ou emocionais, evocando empatia e simpatia pelo assunto. Uma mesma notícia pode ser lida de diferentes formas, por diferentes enquadramentos e esse é um fator importantíssimo porque, a depender do *framing*, um mesmo fato pode gerar diferentes desdobramentos sociais. Assim, “a vista por uma janela depende se a janela é grande por pequena (...), se o vidro é opaco ou transparente e se a janela está de frente para uma rua ou um quintal” (TUCHMANN, 1978, p. 1). Um texto pode ter um

enquadramento, por exemplo, sensacionalista. Rosa Pedroso aponta que o sensacionalismo aposta na

intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação e construção do real social. É exploração do fascínio pelo extraordinário, pelo desvio, pela aberração, pela aventura, que é suposto existir apenas na classe baixa. É no distanciamento entre a leitura e realidade que a informação sensacional se instala como cômica ou trágica, chocante ou atraente (ROSA PEDROSO, 2001, p. 52).

Um exemplo prático de enquadramento sensacionalista encontrado no Mensageiro da Paz na década de 1980 pode ser observado em sua cobertura de eventos relacionados a outras religiões e práticas espirituais que não eram alinhadas com as crenças evangélicas predominantes na publicação. O jornal muitas vezes retrata essas religiões e práticas de uma maneira sensacionalista e negativa, criando um enquadramento que enfatizava o sensacionalismo em detrimento da objetividade jornalística. Quando o Mensageiro da Paz falava de eventos ou rituais de outras religiões, como o candomblé ou a umbanda, o enquadramento frequentemente destacava elementos exóticos e misteriosos, criando uma aura de "bruxaria" ou "feitiçaria". As reportagens usavam termos sensacionalistas, como "rituais macabros" ou "cultos obscuros", para descrever essas práticas religiosas. Esse tipo de enquadramento sensacionalista tinha o potencial de incitar o medo e a desconfiança entre os leitores, alimentando estereótipos negativos sobre essas religiões e aqueles que as praticavam. Além disso, esse enquadramento reforçava a visão de que apenas a fé evangélica era legítima e moralmente aceitável, enquanto outras crenças eram retratadas como ameaçadoras e perigosas. Assim, o Mensageiro da Paz frequentemente recorria ao enquadramento sensacionalista ao cobrir outras religiões e práticas espirituais, criando uma narrativa que ampliava estereótipos negativos e perpetuava preconceitos em relação a essas comunidades religiosas. Esse enquadramento sensacionalista contribuiu para a polarização e a falta de compreensão entre diferentes grupos religiosos e demonstra como a mídia pode influenciar a percepção pública por meio de técnicas de enquadramento específicas.

Conforme aponta Amaral (2006) o sensacionalismo está ligado ao exagero, a valorização da emoção. O enquadramento explora conteúdos descontextualizados e troca elementos essenciais da informação pelo supérfluo ou pitoresco. De acordo com Amaral,

O sensacionalismo tem servido para caracterizar inúmeras estratégias da mídia em geral, como superposição do interesse público; a exploração do interesse humano; a simplificação; a deformação; a banalização da violência, da sexualidade e do

consumo; a ridicularização das pessoas humildes; o mau gosto; a ocultação de fatos políticos relevantes; a fragmentação e descontextualização do fato; o denunciamento; os prejulgamentos e a invasão de privacidade de tanto de pessoas pobres e como de celebridades, entre tantas outras (AMARAL, 2006, p. 21).

Outro exemplo notável pode ser observado nas reportagens do Mensageiro da Paz sobre as eleições constituintes do Brasil nesse período. O jornal empregou o *framing* para destacar determinados aspectos e influenciar a interpretação dos eventos. Frequentemente usava metáforas e linguagem simbólica para enquadrar a narrativa de acordo com suas perspectivas e interesses. Ao descrever candidatos ou partidos que não se alinhavam com suas visões, poderiam usar termos que os associavam negativamente a ideias como "ameaça à moral" ou "inimigos da fé". Isso não apenas definia uma imagem negativa desses atores políticos, mas também apelava para as emoções e valores dos leitores, reforçando o enquadramento desejado. Além disso, o Mensageiro da Paz usou o *framing* para construir uma narrativa em torno do governo da época, retratando-o como um aliado das causas religiosas. Por exemplo, durante o governo de José Sarney, quando concessões de rádio estavam sendo concedidas a líderes religiosos em troca de apoio político, o jornal optou por enquadrar essa ação como uma forma de reconhecimento da importância da fé na sociedade, ao invés de abordá-la como um possível ato de corrupção.

O Mensageiro da Paz, ao enquadrar informações de uma maneira particular, determinou o significado e a interpretação dessas informações para seus leitores. Este processo tem poder profundo sobre como interpretamos e compreendemos eventos, questões e discursos. Nesse contexto, o *framing* não se trata apenas do que é dito, mas também do que é omitido. Se, por exemplo, o Mensageiro da Paz regularmente destaca milagres e testemunhos de conversões dramáticas enquanto minimiza discussões sobre desafios enfrentados pela comunidade, isso pode criar uma realidade em que o divino é constantemente milagroso e a fé é inabalável.

O modo como as histórias são enquadradas pode refletir e reforçar os valores centrais da Assembleia de Deus. Se as matérias frequentemente enfatizam a obediência à liderança da igreja e a importância do dízimo, isso sugere um enquadramento em que tais práticas são fundamentais para a vida religiosa. Em um mundo em constante mudança, a forma como o jornal enquadra questões externas pode influenciar significativamente a percepção dos fiéis. Uma abordagem defensiva ou combativa em relação ao mundo exterior pode solidificar a identidade do grupo e demarcar claramente as fronteiras entre "nós" e "eles". As edições

recorrentes do jornal podem estabelecer certos "frames" ou narrativas que persistem ao longo do tempo.

Estes enquadramentos podem se tornar tão enraizados que desafiar ou questioná-los pode ser visto como herético ou contraproducente. Este processo de enquadramento tem implicações profundas para a maneira como os membros da Assembleia de Deus percebem seu próprio papel na comunidade, como veem o mundo externo e como interpretam sua relação com o divino. Ao reconhecer e entender esses enquadramentos, é possível alcançar uma compreensão mais matizada da interação complexa entre mídia, fé e identidade no contexto da Assembleia de Deus. Em um cenário onde a verdade absoluta é buscada e a relativização é evitada, qualquer informação que não esteja alinhada com a visão da igreja pode ser classificada como falsa ou distorcida. Essa dinâmica reforça a autoridade da igreja, consolidando sua narrativa e minando vozes dissidentes.

5.3 Conclusão do capítulo: nem fake, nem news

No decorrer do capítulo cinco, focamos na análise do conteúdo do Mensageiro da Paz e nos esforçamos para compreender o contexto e as motivações por trás de suas publicações. Ao aprofundar essa investigação, torna-se fato que, embora seja tentador, e em alguns casos comum, lançar mão de termos contemporâneos como "fake news" para descrever certas práticas midiáticas do passado, é importante evitar o anacronismo. Ao invés disso, o que emergiu foi uma imagem mais matizada do periódico, onde a integridade jornalística absoluta pode ter sido comprometida, mas a manipulação e distorção eram conduzidas com uma estratégia intencional para alcançar objetivos específicos.

Através da aplicação do arsenal teórico disponível, identificamos certas técnicas e abordagens no Mensageiro da Paz que apontam para uma prática consciente de moldar a realidade apresentada a seus leitores. Os conceitos de gatekeeping, espiral do silêncio, agenda-setting e framing surgiram como ferramentas vitais para entender como o periódico optava por destacar, silenciar, priorizar e enquadrar informações. Essas técnicas não eram empregadas aleatoriamente, mas sim de maneira calculada, frequentemente alinhadas com os objetivos e a visão da Assembleia de Deus.

Portanto, ao desvendar os meandros do Mensageiro da Paz, não nos deparamos com simples fabricações de notícias, mas com uma tapeçaria complexa de estratégias comunicativas. O periódico, influenciado por seu contexto e objetivos, optou por caminhos

específicos em sua representação da realidade. A visão apresentada, embora possa ter sido distorcida em alguns aspectos, estava intrinsecamente ligada às aspirações e propósitos de sua comunidade religiosa. Este capítulo, ao lançar luz sobre tais práticas, oferece um entendimento mais aprofundado das intrincadas relações entre mídia, religião e poder no contexto histórico em questão.

Este exame revela como a mídia, em diferentes épocas, pode ser utilizada como uma ferramenta poderosa para influenciar a percepção pública e apoiar agendas específicas. O Mensageiro da Paz, neste sentido, não foi apenas um veículo de notícias, mas também um instrumento estratégico na mão de seus editores e da instituição religiosa que representava. A análise desse periódico mostra como as organizações podem utilizar a mídia para fortalecer sua posição, disseminar suas crenças e até mesmo influenciar a política e a sociedade em geral. Este entendimento é fundamental para compreender não apenas o papel da Assembleia de Deus e do Mensageiro da Paz naquela época, mas também para entender como instituições similares podem operar em diferentes contextos históricos e culturais.

A exploração dessas estratégias de comunicação também lança luz sobre a complexidade da disseminação de informações e a construção da realidade percebida pelo público. Ao analisar como certas notícias eram destacadas ou omitidas, e como certos temas eram enquadrados, torna-se possível entender melhor a influência que tais práticas podem ter sobre as crenças e atitudes das pessoas. Esta compreensão é essencial para desvendar a dinâmica entre mídia, percepção pública e poder, especialmente em um contexto onde religião e mídia estão intimamente interligadas.

Finalmente, este capítulo contribui para um campo mais amplo de estudo sobre a interseção de religião, mídia e sociedade, oferecendo ferramentas sobre como as instituições religiosas utilizam a mídia para avançar suas agendas e moldar a percepção pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, mergulhamos nas páginas do Mensageiro da Paz e nas complexas tramas da modernidade, desvendando um processo de construção fundamentalista pelo movimento pentecostal assembleiano brasileiro durante a década de 1980. Nossa investigação teve como objetivo central desvendar o processo de construção de um programa de cunho fundamentalista pelo movimento pentecostal assembleiano brasileiro, durante a década de 1980, por meio do seu Mensageiro da Paz, jornal oficial da denominação. A partir disso, pudemos compreender como esse movimento religioso respondeu às transformações sociais, econômicas e culturais da época, a partir do fundamentalismo, ao mesmo tempo em que o relacionava ao seu projeto político-partidário. À medida que exploramos essas conexões, revelou-se uma dinâmica complexa e multifacetada, cuja compreensão é essencial para desvendar as interações entre religião e sociedade no contexto brasileiro. Para atingir esse objetivo, adotamos uma abordagem teórica baseada na construção social da realidade, apoiando-nos em conceitos como modernidade, pluralismo, crise de sentido e fundamentalismo. Em termos metodológicos, nossa pesquisa abraçou uma abordagem multidisciplinar, envolvendo técnicas qualitativas e análise documental, além de uma contextualização histórica abrangente. Este estudo não apenas lança luz sobre o passado, mas também oferece perspectivas valiosas para compreender os desafios e as dinâmicas atuais das relações entre religião, mídia e política no Brasil.

Nos deparamos com estratégias de manipulação fomentadas por narrativas fundamentalistas. Sob a égide da Assembleia de Deus, o Mensageiro da Paz emergiu não apenas como uma ferramenta de comunicação para sua congregação, mas também como um meio potente de propagação de discursos distorcidos. O engajamento da Assembleia de Deus na produção e disseminação dessas narrativas não foi um ato ingênuo ou inadvertido, mas uma estratégia calculada para consolidar seu poder e influência, sobretudo em um momento histórico crucial para o Brasil. A década de 1980, marcada por um processo de redemocratização, apresentava-se como o ambiente perfeito para que vozes religiosas assertivas e dominantes ecoassem mais alto, sobretudo quando essas vozes prometiam uma espécie de ordem" em meio ao caos. A Assembleia de Deus, por meio do Mensageiro da Paz, não apenas interpretou a realidade de acordo com sua hermenêutica teológica própria, mas também atuou na construção dessa realidade. E essa construção frequentemente envolveu a distorção e manipulação de fatos, visando fortalecer uma agenda conservadora.

A relação entre a Assembleia de Deus, por meio de sua publicação Mensageiro da Paz, e o poder político durante o período de pesquisa evidencia uma dinâmica complexa de interação entre religião e Estado. A Assembleia de Deus, como uma das maiores denominações pentecostais no Brasil, não se posicionou apenas como uma entidade religiosa influente, mas também como um ator político significativo, cujas ações e discursos reverberaram no cenário sociopolítico. O Mensageiro da Paz atuou como um veículo estratégico nesse processo, propagando ideologias e posicionamentos que se alinhavam com os interesses da igreja e, em muitos casos, com os do governo. Durante o período em questão, a Assembleia de Deus, através do Mensageiro da Paz, frequentemente adotava uma postura que refletia e reforçava as políticas e ideologias governamentais vigentes. Isso era particularmente evidente em questões relacionadas à moralidade, ordem social e conservadorismo, temas que frequentemente se alinhavam com as diretrizes do poder estatal. Essa sinergia entre a igreja e o Estado não era apenas uma coincidência de interesses, mas um reflexo da influência mútua, onde a Assembleia de Deus buscava ampliar seu alcance e legitimidade, enquanto o governo se beneficiava do apoio de uma instituição com grande capacidade de mobilização social. Assim, o Mensageiro da Paz não apenas servia como um meio de comunicação para a congregação, mas também como um instrumento de alinhamento e consolidação de poder, reforçando a posição da igreja no panorama político e social do país.

Compreendendo o complexo cenário da Assembleia de Deus brasileira na década de 1980, esta tese traz dez conclusões que passo a apresentar a partir de então.

1) A construção de um programa fundamentalista e sua integração política. Durante os anos 1980, a Assembleia de Deus adotou uma estratégia deliberada para criar um sistema fundamentalista. Este sistema tinha um propósito dual. Primeiramente, visava enfrentar o desafio representado pela modernidade e pelo pluralismo, que estavam minando a estabilidade das crenças tradicionais. Em um ambiente onde as crenças eram cada vez mais relativizadas, a solidificação de um sistema fundamentalista proporcionou um senso de certeza e segurança para os membros da igreja. Essa construção estava intrinsecamente ligada à aspiração de ampliar sua presença no cenário político-partidário brasileiro. A estratégia para alcançar esse objetivo passava também pela obtenção de concessões para rádios em todo o país. Essas concessões fortaleceram o poder midiático das igrejas assembleianas, criando um ciclo de fortalecimento mútuo. À medida que essas igrejas ganharam concessões e ampliaram seu alcance na mídia, acumulavam mais poder. Esse poder, por sua vez, contribuía para a eleição de um número crescente de evangélicos para cargos públicos, solidificando ainda mais a

influência do pentecostalismo assembleiano no cenário político brasileiro. Assim, identificamos uma interconexão complexa entre as esferas religiosa e política e o papel central desempenhado pelo jornal Mensageiro da Paz como veículo de comunicação fundamental na promoção desses objetivos. Essa análise aprofundada fornece uma compreensão das interações entre religião e sociedade no contexto brasileiro, bem como percepções sobre o impacto do pentecostalismo assembleiano nas décadas posteriores.

2) O papel fundamental do Mensageiro da Paz. O jornal Mensageiro da Paz desempenhou um papel de destaque nesse processo. Como o veículo oficial da Assembleia de Deus, gozava da confiança de seus leitores, o que o tornava uma ferramenta poderosa para disseminar as mensagens e ideais da denominação. Este papel se tornou ainda mais preponderante dado o contexto da época, quando as igrejas pentecostais ainda não dispunham de uma rede extensa de rádio e televisão para se comunicarem com seus fiéis em massa. Durante esse período, o jornal era uma das poucas formas eficazes de alcançar e mobilizar a base de membros da Assembleia de Deus em todo o Brasil. Além disso, é importante ressaltar que o controle editorial do Mensageiro da Paz estava nas mãos da Convenção Geral das Assembleias de Deus, garantindo que suas mensagens e narrativas fossem alinhadas com os objetivos e estratégias da liderança da denominação.

3) Manipulação e distorção da informação. Ao longo desta tese, demonstramos de forma inequívoca como o Mensageiro da Paz desempenhou um papel central na manipulação e distorção da informação durante a década de 1980. Embora o termo "fake news" não seja aplicável no contexto temporal deste estudo, as práticas adotadas pelo jornal são precursoras do que agora entendemos como disseminação deliberada de desinformação. As edições do jornal eram cuidadosamente planejadas para promover a visão fundamentalista da Assembleia de Deus, demonizando outras religiões e ideologias, enquanto retratavam a denominação como a única guardiã da verdade religiosa. Essa estratégia não apenas consolidou o programa fundamentalista, mas também fortaleceu a fidelidade dos leitores, reforçando sua identidade religiosa e seu compromisso com a igreja. Neste sentido, o Mensageiro da Paz não era apenas um veículo de comunicação, mas uma ferramenta poderosa de influência social que moldava a percepção pública, reforçava a coesão do grupo e perpetuava o fundamentalismo na sociedade brasileira. Esta constatação lança luz sobre a capacidade dos meios de comunicação, mesmo em eras anteriores à internet e às redes sociais, de moldar atitudes, crenças e comportamentos. Além disso, destaca a importância de uma análise crítica da mídia e da informação, especialmente quando usadas para fins ideológicos e políticos. As práticas

observadas no Mensageiro da Paz têm implicações significativas para o entendimento das complexas interações entre religião, mídia e sociedade, bem como para a compreensão das estratégias de legitimação e expansão de grupos religiosos em contextos de mudança sociocultural.

4) Controle da narrativa. Uma das principais técnicas utilizadas foi o controle estrito sobre o tipo de informação que os membros recebiam. Limitando ou desencorajando a exposição a mídias externas, literatura ou discursos, os grupos fundamentalistas podem garantir que seus membros sejam principalmente influenciados por sua narrativa particular. Foi o que aconteceu na Assembleia de Deus. Também foi usada como elemento a abordagem ou interpretação da denominação como sendo a única verdadeira ou superior. Uma forte demarcação entre "nós" e "eles", tornando mais difícil para os membros questionarem ou abandonar a fé. Através da organização de atividades frequentes, reuniões, estudos bíblicos e outros eventos, os grupos fundamentalistas assembleianos fomentaram uma sensação de comunidade. Este forte senso de pertencimento atua como uma rede de segurança emocional, tornando a ideia de deixar o grupo perturbadora para o indivíduo.

5) Estratégias para Abertura Política. Durante o período das eleições constituintes, que representou um momento crítico na relação entre a Assembleia de Deus e a política partidária, identificamos a implementação de, ao menos, quatro estratégias fundamentais pela denominação: a) Mobilização da sua base de fiéis. A Assembleia de Deus, como uma das maiores denominações pentecostais do Brasil, demonstra no Mensageiro da Paz um trabalho de mobilização de sua ampla base de fiéis para participar ativamente da política. Isso incluiu incentivar os membros da igreja a se envolverem em processos eleitorais especialmente no sentido de comparecer às urnas para votar nos candidatos que tinham a bênção da Convenção Geral das Assembleias de Deus. b) Identificação e fortalecimento de líderes políticos. A igreja identificou e apoiou líderes entre seus membros para concorrer a cargos eletivos. Esses líderes foram encorajados a buscar cargos políticos em níveis municipal, estadual ou federal. c) Adoção de parceiros políticos. A Assembleia de Deus apoiou candidatos políticos não evangélicos que compartilhavam valores e posições semelhantes aos da denominação. Isso poderia incluir o endosso oficial dos candidatos e o incentivo aos fiéis a votarem neles e, quando não havia alinhamento ideológico, havia, no mínimo, negociações que envolviam ganhos em alguma medida para a denominação. d) Interferência em debates políticos. A igreja passou a opinar e abordar debates políticos em seus templos, com os fiéis, a partir do seu ponto de vista, com o intuito de moldar a opinião política dos membros da igreja.

6) Grupos de pressão e lobby na política. Um aspecto notável da atuação da Assembleia de Deus na política brasileira na década de 1980 foi a formação de grupos de pressão e lobby destinados a representar os interesses da denominação e de seus membros perante legisladores e governantes. Esses grupos desempenharam um papel fundamental na defesa das pautas conservadoras da igreja, atuando como intermediários entre a liderança religiosa e o poder político. Eles promoveram agendas relacionadas a questões morais, como a oposição ao aborto, ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e à legalização de jogos de azar, alinhadas com os princípios fundamentais da Assembleia de Deus. Além disso, esses grupos buscaram influenciar a formulação de políticas públicas, propondo leis e regulamentações que refletissem os valores da denominação. Ao fazer isso, a Assembleia de Deus consolidou sua presença no cenário político nacional e se tornou uma força significativa na definição do curso político do Brasil. Esses grupos de pressão e lobby continuaram a operar nas décadas subsequentes, consolidando ainda mais a influência da denominação no cenário político do país.

7) Incentivo de leitura literalista da Bíblia. O pentecostalismo assembleiano incentivou os seus fiéis a fazer leituras literalistas dos textos sagrados para os evangélicos contidos na Bíblia. Isso, por si só, já é uma característica do pentecostalismo como um todo e também do protestantismo histórico. No entanto, enquanto parte estratégica desse processo de construção de uma agenda política, a denominação prometeu, como vimos, estradas asfaltadas que ligavam as capitais do Brasil a cidade de Jerusalém e defendeu a existência de supercomputadores na Europa a serviço do diabo, tendo em vista os fins dos tempos. Daí, afirmavam, a necessidade de ter evangélicos no poder, porque aquela seria a última constituição brasileira antes da volta de Jesus.

8) Conservadorismo e fundamentalismo. Embora interligados, fundamentalismo e conservadorismo representam vertentes distintas dentro da esfera religiosa pentecostal. O fundamentalismo, por sua natureza, tende a ser caracterizado por uma aderência estrita e literal às escrituras e a uma crença inabalável na inerrância da Bíblia. Essa abordagem se reflete em uma postura menos flexível em relação às mudanças sociais e culturais, privilegiando a manutenção de interpretações tradicionais e ortodoxas da fé. No caso da Assembleia de Deus, isso se manifesta através de uma forte ênfase na autoridade bíblica e na preservação de certos dogmas e práticas que são vistos como fundamentais para a identidade cristã pentecostal. Por outro lado, o conservadorismo, embora também valorize as tradições e os ensinamentos bíblicos, apresenta-se de forma mais adaptável às circunstâncias

contemporâneas. O conservadorismo no pentecostalismo, especialmente na Assembleia de Deus, tem demonstrado uma capacidade de se envolver com o mundo moderno de maneira mais pragmática, mantendo ao mesmo tempo certos valores e crenças centrais. Essa abordagem é menos sobre a adesão rígida a doutrinas específicas e mais sobre a preservação de uma visão de mundo e um estilo de vida que reflete princípios cristãos, ainda que isso possa significar uma interação mais flexível com aspectos da cultura e sociedade modernas. A análise do Mensageiro da Paz permite traçar uma linha clara entre essas duas orientações. O jornal, como voz oficial da Assembleia de Deus, oferece uma janela para entender como a igreja navega entre o fundamentalismo e o conservadorismo. Observa-se uma tendência a defender posições tradicionais em questões doutrinárias e morais, refletindo um elemento de fundamentalismo. Ao mesmo tempo, há uma adaptação e resposta às mudanças sociais e políticas, indicando uma veia conservadora que busca equilibrar a preservação da fé com a necessidade de se engajar de maneira relevante no mundo contemporâneo. Essa dualidade reflete a complexidade e a dinâmica do pentecostalismo na Assembleia de Deus, onde fundamentalismo e conservadorismo coexistem, interagem e, por vezes, entram em tensão.

9) Moderna e reacionária. A Assembleia de Deus, ao longo de sua história e especialmente na análise do conteúdo veiculado pelo Mensageiro da Paz, apresenta uma peculiar mistura de modernismo e reacionarismo. Isso reflete uma abordagem paradoxal em que, ao mesmo tempo em que a instituição se adapta e utiliza ferramentas e métodos modernos, ela mantém e reforça visões e práticas tradicionais, particularmente no que diz respeito a questões doutrinárias, morais e sociais. A Assembleia de Deus, por meio de sua publicação, demonstra uma habilidade em empregar tecnologias contemporâneas, linguagens de comunicação modernas e estratégias de engajamento social que são características do mundo moderno. Isso inclui a adoção de mídias como o jornal e, posteriormente, outras plataformas digitais, para disseminar sua mensagem e interagir com a congregação e o público em geral. No entanto, em termos de conteúdo e ideologia, a Assembleia de Deus frequentemente exhibe uma postura reacionária, resistindo a mudanças em normas sociais e mantendo uma aderência rígida a interpretações tradicionais das escrituras e práticas religiosas. Este modernismo reacionário é, portanto, um reflexo da tentativa de conciliar o inegável avanço e as influências do mundo moderno com uma firme adesão a valores e crenças considerados fundamentais para a identidade da denominação. Esta dualidade é especialmente evidente no tratamento de questões como a moralidade, a ética social e as políticas públicas. Enquanto a Assembleia de Deus utiliza meios modernos para expressar

suas posições, muitas vezes suas visões são marcadas por uma resistência a tendências progressistas em áreas como direitos humanos, igualdade de gênero e diversidade sexual. Essa abordagem reacionária não é apenas uma expressão de fidelidade às doutrinas religiosas, mas também uma reação a percebidas ameaças à ordem social e moral tradicional. O modernismo reacionário da Assembleia de Deus, assim, revela uma complexidade intrínseca, onde a modernização não implica necessariamente em liberalização ou progressismo no sentido político ou cultural. Em vez disso, indica uma estratégia adaptativa que busca preservar o núcleo doutrinário e ideológico da denominação, ao mesmo tempo em que se mantém relevante e influente em um mundo em constante mudança. Essa abordagem tem implicações significativas para o entendimento da interação entre religião, sociedade e política no Brasil contemporâneo, onde a Assembleia de Deus, através de suas publicações e práticas, continua a desempenhar um papel ativo e influente.

10) Retenção de fiéis. Havia uma abordagem rigorosa para com aqueles que desafiavam ou desviavam da linha oficial. A ameaça ou o ato de excomunhão, ostracização ou outras sanções são poderosos dissuasores para aqueles que consideram abandonar ou questionar o grupo. Ainda, há a adoção de uma visão dualista do mundo, dividindo-o entre o bem e o mal, o sagrado e o profano. Ao reforçar essa visão, os fiéis são constantemente lembrados dos perigos percebidos de se afastar do caminho "verdadeiro". É parte desse pacote a promoção de rituais, músicas e pregações emocionantes para criar experiências intensas que reforçam a crença e o compromisso dos fiéis. Estas experiências podem criar uma ligação emocional profunda com a fé e a comunidade, empregando uma combinação de táticas psicológicas, sociais e emocionais para reter seus membros.

Ao refletir sobre as contribuições da bancada evangélica para o período de redemocratização do Brasil e a elaboração da Constituição Federal de 1988, é fundamental considerar a narrativa construída pela própria Assembleia de Deus através de seu periódico, o Mensageiro da Paz. A análise desse jornal revela que, embora a Assembleia de Deus e a bancada evangélica reivindiquem uma influência significativa no processo constituinte, particularmente na inclusão da expressão "Sob a proteção de Deus" no preâmbulo da Constituição e na defesa de pautas moralistas, a documentação existente no próprio Mensageiro da Paz não fornece evidências substanciais de um envolvimento mais profundo ou direto na formulação de dispositivos constitucionais relacionados a direitos sociais ou outros temas cruciais para a democracia brasileira. Teria a bancada evangélica dado contribuições mais amplas ao processo de elaboração da Constituição e trabalhado no sentido

de promover e garantir direitos? Esta tese não responde diretamente a esta pergunta porque faz uma leitura a partir do próprio jornal, do que ele mesmo apresenta.

A participação da Assembleia de Deus e da bancada evangélica no período de redemocratização do Brasil parece ter sido mais direcionada a servir os interesses do governo e da própria igreja do que a contribuir de forma substancial para a consolidação da democracia ou para o avanço dos direitos sociais na nova Constituição. As ações e intervenções desse segmento religioso no cenário político da época estiveram mais alinhadas com a manutenção e promoção de seus próprios objetivos institucionais e doutrinários, revelando um foco maior em negociações que favorecessem sua posição e influência, tanto dentro do espectro religioso quanto no ambiente político mais amplo. Essa abordagem pragmática, embora compreensível dentro do contexto de uma entidade religiosa buscando afirmar sua presença e poder, levanta questões sobre a extensão e a natureza do seu comprometimento com princípios democráticos mais abrangentes e com a promoção do bem-estar social em um momento crucial da história brasileira.

Embora a presença e a voz dessa vertente religiosa no cenário político fossem marcantes, seu impacto real nas decisões constitucionais e nas políticas de direitos sociais parece limitar-se a uma esfera mais restrita, centrada em questões de moralidade e identidade religiosa. Essa percepção indica a necessidade de uma avaliação mais crítica e matizada de seu papel na construção da democracia brasileira e no desenvolvimento de uma Constituição que representasse uma gama diversificada de vozes e interesses da sociedade brasileira.

Deste modo, a década de 1980 foi um divisor de águas na relação entre a Assembleia de Deus e a política partidária no Brasil. Embora anteriormente tenha havido presença de evangélicos da denominação em espaços públicos e cargos eletivos, esse período marcou uma transformação significativa. Foi nessa década que a política partidária se tornou uma parte intrínseca da Assembleia de Deus, não apenas com a presença de candidatos evangélicos, mas com o apoio oficial e institucional da denominação a esses candidatos. A virada dos anos 1980 testemunhou a consolidação dessa relação, com a denominação buscando cada vez mais influência e representatividade no cenário político brasileiro. Esse momento histórico não apenas solidificou o engajamento político das Assembleias de Deus, mas também lançou as bases para a construção de alianças políticas que continuam a moldar o cenário político-religioso do Brasil no século 21.

A tendência de engajamento político assertivo das Assembleias de Deus persiste nas décadas de 2010 e 2020, porém com nuances específicas. A busca por representação política continua a ser uma prioridade para a denominação, e muitos líderes e membros das ADs ocupam cargos públicos em níveis municipal, estadual e federal. No entanto, observa-se uma maior diversificação das estratégias políticas adotadas pelas ADs. Em vez de dependerem exclusivamente do fortalecimento de partidos políticos alinhados com seus interesses, as ADs buscam construir coalizões e alianças com diferentes forças políticas, ampliando assim sua capacidade de influência. Outro ponto notável é a expansão da influência das ADs para além do âmbito político, atingindo áreas como a educação e a cultura. Elas buscam moldar políticas públicas e programas governamentais de acordo com sua visão de mundo, incluindo questões como a educação sexual nas escolas e a disseminação de conteúdo religioso em espaços públicos e mídias. Isso demonstra uma adaptação das estratégias fundamentais das ADs para abordar uma variedade de questões sociais e culturais.

Por fim, a influência das ADs nas redes sociais e mídias digitais continua a crescer, à medida que utilizam essas plataformas para alcançar um público mais amplo e engajar seus seguidores. As estratégias de comunicação e mobilização adotadas pelas ADs refletem uma resposta à transformação da paisagem midiática na era digital. Portanto, ao analisar as tendências das décadas de 2010 e 2020, podemos ver que as práticas relacionadas ao fundamentalismo religioso-político nas ADs permanecem presentes, mas com adaptações significativas para enfrentar os desafios e oportunidades do século 21. Essa capacidade de se reinventar e se adaptar demonstra a resiliência e a relevância das ADs no cenário político e religioso do Brasil contemporâneo.

O voto evangélico se revestiu de importância e agora tem força para decidir eleições, inclusive presidências. As pesquisas de intenção de voto revelam a importância desse voto como fator significativo nas eleições brasileiras. Um exemplo notável ocorreu durante as eleições presidenciais de 2014, quando a pesquisa Datafolha, encomendada pela TV Globo e pelo jornal Folha de São Paulo, divulgou os resultados das intenções de voto com base na religião dos entrevistados. Nesse cenário altamente disputado, com os principais candidatos, Dilma Rousseff, Aécio Neves e Marina Silva, competindo pelo cargo de presidente da República e com chances reais de avançar para o segundo turno, os números demonstraram que, entre os pentecostais, a candidata evangélica Marina Silva tinha 38% das intenções de votos. Mesmo entre os evangélicos não pentecostais, Marina liderava, embora com uma porcentagem ligeiramente menor, atingindo 36%. Por outro lado, a candidata Dilma Rousseff

apareceu em segundo lugar com 33% das intenções de voto entre os pentecostais e 27% entre os evangélicos não pentecostais. Aécio Neves obteve 13% entre os pentecostais e 21% entre os evangélicos não pentecostais. Entre os católicos, Dilma Rousseff estava em primeiro lugar, com 45% das intenções de votos, uma vantagem de mais de vinte pontos sobre a candidata evangélica Marina Silva, que disputava a segunda posição com Aécio Neves. Nesse segmento, Marina obteve 22%, enquanto Aécio alcançou 20% do eleitorado católico.

A edição 1.552 do Mensageiro da Paz, publicada em setembro de 2014, trouxe uma análise sobre quatro dos candidatos à presidência naquela eleição: Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB), Marina Silva (PSB) e Everaldo Dias (PSC). O texto da matéria destacou Marina Silva como a melhor opção para os evangélicos, seguida por Aécio Neves e pelo pastor Everaldo Dias, que também receberam posições favoráveis na análise. No entanto, a abordagem em relação à candidata Dilma Rousseff foi nitidamente crítica. A legenda da imagem com a foto de Dilma destacava os "anos conturbados" de seu primeiro governo, insinuando problemas e controvérsias durante sua gestão anterior. O texto da matéria também apontava que a candidata à reeleição se esquivou de perguntas sobre a existência de Deus, sua posição em relação à legalização do aborto e do casamento gay. Além disso, a matéria mencionava que seu primeiro governo havia reduzido pela metade o investimento anual em segurança pública.

A pesquisa eleitoral divulgada pelo IBOPE em 27 de outubro de 2018, pouco antes do segundo turno das eleições presidenciais entre Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), e Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), revelou um retrato claro da influência do voto evangélico no cenário político brasileiro. Entre os eleitores evangélicos, Bolsonaro conquistou 58% das intenções de voto, enquanto Haddad obteve 31%. Antes, em 15 de outubro, Bolsonaro estava à frente com 66% contra 24% de Haddad entre os evangélicos. Em 23 de outubro, a vantagem era de 59% contra 27% para o candidato do PSL. Os números evidenciavam a consistência do apoio de Bolsonaro entre os eleitores evangélicos, embora tenha havido uma redução na margem de vantagem ao longo do período eleitoral. Por outro lado, entre os eleitores católicos, a diferença nas intenções de voto era substancialmente menor. Em 15 de outubro, Bolsonaro liderava com 48% das intenções de voto, enquanto Haddad registrava 42%. Em 23 de outubro, Bolsonaro apareceu com 47% contra 41% para o candidato do PT. No entanto, às vésperas da eleição, ocorreu uma virada notável, com 45% dos católicos declarando apoio a Haddad, em comparação com os 43% que apoiavam Bolsonaro.

A imagem e as informações divulgadas pelo Mensageiro da Paz na edição de número 1.600 em setembro de 2018 são reveladoras das estratégias políticas em jogo naquela eleição presidencial. Nessa publicação, o jornal oficial das Assembleias de Deus no Brasil apresentou um quadro que delineava a posição dos candidatos à presidência em relação a temas morais e sociais cruciais. Esses temas incluíam questões como "liberação do aborto", "casamento gay", "liberação das drogas", "ideologia de gênero", "redução da maioria penal", "desarmamento da população", "economia" e "embaixada em Jerusalém". O quadro mostrava que o então candidato Jair Bolsonaro era o único alinhado com todas as perspectivas defendidas pelo Mensageiro da Paz. Ele se posicionava a favor da embaixada de Israel em Jerusalém, defendia uma economia focada no livre mercado e se opunha ao que a publicação chamava de "desarmamento da população". Além disso, Bolsonaro aparecia como o único candidato a favor da redução da maioria penal e contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo. O candidato do PT, Fernando Haddad, foi notavelmente excluído do texto da matéria, uma vez que, naquele momento, ele era candidato a vice-presidente na chapa encabeçada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Essa abordagem clara e assertiva do jornal oficial das Assembleias de Deus refletia não apenas a influência do voto evangélico nas eleições, mas também a estratégia de alinhamento do movimento pentecostal com candidatos que abraçassem pautas conservadoras e morais. Esse episódio destaca como a Assembleia de Deus desempenhou um papel ativo na política brasileira contemporânea, influenciando e sendo influenciada por candidatos que compartilham suas visões e valores. Esse alinhamento entre igrejas evangélicas e políticos conservadores têm impactos significativos nas dinâmicas eleitorais e no cenário político brasileiro.

A pesquisa que apresento aqui lança luz sobre um momento crucial na história da Assembleia de Deus no Brasil e suas implicações para o cenário político-religioso contemporâneo. Os ecos da década de 1980 reverberam de maneira inegável na forma como a igreja aborda a política partidária e o fundamentalismo nos tempos atuais. No entanto, o entendimento de que o fundamentalismo presente na Assembleia de Deus hoje foi meticulosamente fundamentado e delineado naquela época pode orientar futuras pesquisas. Uma pesquisa subsequente pode aprofundar ainda mais essa análise, identificando de forma precisa os pontos de continuidade e adaptação das estratégias e ideologias que se originaram nos anos 1980. Isso permitiria uma compreensão ainda mais refinada das interações entre religião e política no contexto brasileiro contemporâneo. Além disso, tal pesquisa poderia

mapear as mudanças e evoluções que ocorreram ao longo das décadas, oferecendo insights críticos sobre como a Assembleia de Deus e outras denominações religiosas continuam a influenciar a dinâmica política no Brasil do século 21.

Certamente, a identificação e análise dos tipos ideais de candidatos apoiados pela Assembleia de Deus representam um terreno fértil para investigações futuras que podem se desdobrar a partir desta pesquisa. Como já discutimos, a mera filiação evangélica ou pentecostal não é garantia do apoio da denominação; a chave para receber o endosso político da Assembleia de Deus reside em estar alinhado com os líderes nacionais e atender a critérios específicos. Uma pesquisa dedicada a essa temática pode aprofundar o entendimento dessas características, possibilitando a identificação de perfis de candidatos que têm obtido a "bênção" política da convenção. Nesse contexto, a pesquisa poderia explorar várias dimensões, incluindo as origens familiares dos candidatos (como filhos de pastores, genros, etc.), suas trajetórias religiosas e políticas anteriores, seu alinhamento ideológico e suas posturas em relação a questões-chave. Ao traçar esses perfis de maneira minuciosa, poderíamos arremessar um holofote sobre o processo de seleção e apoio de candidatos pela Assembleia de Deus, bem como sobre as estratégias empregadas pela denominação para moldar e influenciar o cenário político brasileiro. Essa análise mais profunda e detalhada dos candidatos apoiados pela Assembleia de Deus poderia oferecer uma visão perspicaz das complexas dinâmicas internas da denominação e de seu papel em constante evolução na política brasileira.

Ainda, a evolução dos grupos de pressão é outro desdobramento importante para ser investigado no sentido de colaborar com a compreensão do cenário político e social contemporâneo. Na década de 1980, a mídia impressa desempenhou um papel central na construção de narrativas e na influência política, enquanto hoje vemos uma transformação radical na disseminação de informações e no engajamento político. Os grupos de pressão modernos são ágeis, globais e altamente adaptativos. A ascensão das redes sociais e das mídias digitais proporcionou uma plataforma sem precedentes para disseminar mensagens, muitas vezes contendo desinformação deliberada. O fenômeno das *fake news* se tornou uma preocupação global, afetando processos eleitorais, opinião pública e, em última instância, a integridade da democracia. Investigar esses grupos em profundidade seria fundamental para entender como eles se organizam, como escolhem suas estratégias de comunicação, como se financiam e como exercem influência sobre o eleitorado e os tomadores de decisão. Além disso, a análise das técnicas visuais usadas, como a iconografia política, pode revelar a

sofisticação de suas abordagens persuasivas. No contexto atual, onde as redes sociais desempenham um papel tão importante na formação de opiniões e na mobilização política, essa pesquisa dentro do ambiente evangélico pentecostal é urgente. Ela pode ajudar a desenvolver estratégias eficazes para combater a desinformação e proteger a integridade do processo democrático. A investigação desses grupos de pressão pentecostais contemporâneos é uma área de estudo que não apenas oferece percepções valiosas, mas também possui implicações significativas para a sociedade como um todo.

A investigação da interação entre a Assembleia de Deus, especificamente através de sua publicação Mensageiro da Paz, e o contexto político-social brasileiro, desempenha um papel importante na compreensão das complexidades do cenário contemporâneo do Brasil, marcado por redes sociais, disseminação de *fake news* e acentuada polarização política. Este estudo histórico, ao traçar as raízes do engajamento político e da influência social das instituições religiosas pentecostais, oferece dispositivos que ajudam a entender as correntes subjacentes que moldam o cenário político e social atual. A Assembleia de Deus, ao longo das décadas, não só expandiu significativamente sua base de fiéis, mas também consolidou sua posição como uma voz influente no espaço público, uma tendência que continua a reverberar nas complexas dinâmicas políticas e sociais do século 21.

No contexto das redes sociais, a disseminação de informações e a formação de opinião pública assumem uma nova dimensão, ampliando o alcance e o impacto das narrativas religiosas e políticas. A habilidade demonstrada pela Assembleia de Deus em adaptar-se e engajar-se com as novas tecnologias de comunicação é uma extensão natural de sua trajetória histórica, na qual o Mensageiro da Paz já desempenhava um papel fundamental na disseminação de ideologias e na formação de opinião. Essa transição para o ambiente digital, entrelaçada com a proliferação de *fake news*, ressalta a importância de compreender como as instituições religiosas podem influenciar e ser influenciadas pelo fluxo de informações nas redes sociais. A capacidade dessas instituições de moldar as narrativas e influenciar a percepção pública é amplificada nesse ambiente, destacando a necessidade de uma análise crítica e contextualizada das suas mensagens e do seu impacto na sociedade.

Além disso, o estudo da Assembleia de Deus e do Mensageiro da Paz oferece uma perspectiva para entender a natureza da polarização política no Brasil contemporâneo. A influência da igreja no espectro político, notadamente na defesa de pautas conservadoras e na formação de alianças estratégicas, reflete uma interação mais ampla entre religião e política que é central na atual paisagem política brasileira. Essa interação é particularmente relevante

no cenário de polarização, onde a religião muitas vezes serve como um catalisador ou reforço para divisões ideológicas. Compreender o papel histórico e contínuo da Assembleia de Deus no panorama político brasileiro é, portanto, essencial para decifrar os padrões de polarização e o papel das instituições religiosas como agentes ativos na formação e manutenção dessas divisões.

À medida que concluímos esta pesquisa sobre a relação entre a Assembleia de Deus, o Mensageiro da Paz, e a política brasileira, surge uma questão que transcende os limites deste estudo e que não pode deixar de ser feita: que tipo de família a Assembleia de Deus e outras denominações religiosas que adotam posições similares realmente buscam defender? A retórica em torno da "família tradicional" muitas vezes se concentra em questões morais e éticas específicas, como oposição ao aborto e ao casamento de pessoas do mesmo sexo. No entanto, é legítimo questionar se essa abordagem defende verdadeiramente o bem-estar integral das famílias. Afinal, a família não é apenas um constructo moral, mas também um núcleo social, econômico e cultural que abrange diversas realidades. Ela se estende para além das questões de orientação sexual e gravidez, alcançando as dimensões econômicas, educacionais e de saúde. Portanto, surge a necessidade de avaliar se as políticas e posicionamentos das denominações religiosas realmente contribuem para promover o bem-estar de todas as famílias, independentemente de sua orientação religiosa, gênero, raça ou classe social. Isso nos desafia a adotar uma abordagem mais holística e inclusiva da defesa da família e dos direitos humanos, reconhecendo que as famílias são diversas em sua composição e necessidades.

Pode-se questionar com pertinência que tipo de garantias e valores essas políticas realmente oferecem aos fiéis pentecostais e à sociedade em geral. A oposição ao casamento entre pessoas do mesmo sexo ou ao aborto pode ser vista como um componente de uma visão moral específica, mas será que isso efetivamente contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária? É válido perguntar se o fiel pentecostal precisa, antes de tudo, da certeza de que seu vizinho não vai casar seu filho com outro homem ou se a verdadeira necessidade está em garantir que todos tenham acesso a hospitais de qualidade e serviços de saúde. Precisamos questionar se a preocupação em evitar que mulheres negras e pobres nas favelas brasileiras tenham acesso ao aborto é genuína ou se isso não perpetua uma desigualdade de acesso aos serviços de saúde, penalizando os mais vulneráveis. Devemos considerar se a verdadeira necessidade do fiel pentecostal não é oferecer uma educação de qualidade para seus filhos, independentemente de sua condição socioeconômica, em vez de se

concentrar exclusivamente em questões morais. Essas perguntas nos desafiam a repensar o papel das denominações religiosas na construção de políticas públicas que promovam o bem-estar de toda a sociedade e a importância de adotar uma abordagem mais inclusiva, justa e equitativa em relação aos direitos humanos e à diversidade de crenças e identidades que compõem nossa nação.

Além disso, a investigação realizada nesta pesquisa aponta para uma necessidade urgente de um olhar crítico sobre o papel das igrejas pentecostais e suas alianças políticas na formação de políticas públicas e na influência nas estruturas de poder. Enquanto essas denominações religiosas podem desempenhar um papel importante no cenário político, é essencial avaliar se suas ações políticas estão alinhadas com os princípios de justiça social, igualdade e respeito pelos direitos humanos. Isso exige uma análise cuidadosa das políticas públicas que elas promovem e das agendas políticas que buscam impor. Também exige que a sociedade civil, acadêmicos e líderes religiosos estejam envolvidos em um diálogo construtivo para garantir que as políticas e ações dessas denominações religiosas estejam em consonância com os valores democráticos e os direitos fundamentais de todos os cidadãos. Em última análise, esta pesquisa destaca a importância de um exame contínuo e crítico das interações entre religião e política no contexto brasileiro, visando promover uma sociedade mais inclusiva, justa e respeitosa com a diversidade de crenças e identidades que a compõem.

É lamentável e preocupante que entidades religiosas procuradas por pessoas em busca de orientação espiritual e moral, tenha se envolvido em táticas que corroem os fundamentos da verdadeira democracia e do pensamento crítico. É preciso jogar luz sobre a urgência de se debater e confrontar as práticas de manipulação informacional por entidades influentes, sejam elas religiosas, políticas ou econômicas, em prol de uma sociedade mais informada e verdadeiramente democrática. Ao final desta jornada, nos confrontamos com uma realidade indigesta: a estratégica manipulação de crenças e narrativas pela Assembleia de Deus nos anos 1980, por meio do Mensageiro da Paz, não foi apenas uma manifestação espontânea de fervor religioso. Foi um exercício calculado e astuto de poder. A engenharia de uma hermenêutica teológica própria, visando enfrentar e contornar os desafios da modernidade e do pluralismo, reflete mais do que uma simples posição teológica; evidencia uma tentativa de reconfigurar o cenário sociopolítico brasileiro de acordo com uma agenda fundamentalista específica.

E esta manipulação, esta reinvenção da realidade à luz de um programa anti-moderno, não deve ser vista como mera história. Ela é um aviso, um lembrete contundente da

capacidade de entidades religiosas em influenciar, moldar e, em alguns casos, distorcer a percepção coletiva em nome de objetivos ulteriores. Em busca por influência e poder, o Mensageiro da Paz foi utilizado como uma ferramenta de propaganda que, em muitos aspectos, é indistinguível das maquinações de regimes autoritários e entidades manipuladoras. Uma instrumentação calculada e muitas vezes fazendo uso de comentários em tom cínico, mirando na propagação de uma agenda específica sob o manto da fé. A entrelaçada relação entre religião, política e poder sempre foi delicada. Entretanto, quando uma entidade religiosa, que deveria ser um refúgio de esperança e orientação moral para seus seguidores, se perverte ao ponto de propagar desinformação – sobretudo em um período tão crucial da história brasileira –, isso não é apenas um desvio ético, mas uma traição à sua própria congregação e aos princípios democráticos.

As invenções do jornal assembleiano não são apenas inverdades lançadas ao vento, mas ferramentas perigosas que corroem o tecido social, minam a confiança e alimentam divisões. A atuação do Mensageiro da Paz neste cenário não pode ser vista como um mero deslize ou resultado de uma época conturbada. É uma mácula na história da Assembleia de Deus, uma infidelidade deliberada ao compromisso com a verdade. É dever da academia, da sociedade civil e das instituições democráticas condenar e combater tais práticas, assegurando que a verdade e o bem-estar da população não sejam subvertidos em nome de agendas obscuras. A fé, em sua essência, não deveria ser um instrumento de manipulação, mas sim um caminho de elucidação e elevação. Ao distorcer essa jornada sagrada, a Assembleia de Deus trai a confiança daqueles que buscavam orientação, esperança e verdade.

Em meio às transições políticas e sociais da década de 1980, era esperado que instituições de fé, como a Assembleia de Deus, servissem como faróis de integridade e princípios morais elevados. Entretanto, o que se observou foi uma subversão desse papel, com o Mensageiro da Paz agindo mais como um instrumento de propaganda do que como uma publicação comprometida com a verdade e a edificação espiritual. A inserção deliberada no cenário político, mascarando uma agenda fundamentalista, evidencia uma ambição que vai além da pregação dos princípios bíblicos. Estamos falando de uma estratégia onde o poder e a influência são perseguidos a qualquer custo, mesmo que isso signifique distorcer a realidade, semear divisões e alienar seus próprios seguidores.

Este não é apenas um erro de cálculo ou um deslize momentâneo. É uma abordagem sistêmica, meticulosamente orquestrada, que visava manipular a consciência coletiva de milhões. Em um momento em que o Brasil buscava sua identidade em meio à

redemocratização, o Mensageiro da Paz optou por ser um agente de obscuridade, em vez de luz. Tal comportamento não deve ser apenas criticado, mas condenado veementemente por todos que valorizam a verdade, a integridade e a justiça. Assim que nos aprofundamos na complexa tapeçaria das interações entre religião, política e sociedade, torna-se patente que o bem-estar da população e a busca incessante pela verdade muitas vezes são sacrificados no altar de agendas obscuras. A verdade, em sua essência mais pura, deve servir como farol, guiando as nações em direção ao progresso, justiça e igualdade. No entanto, ao longo da história e, como nossa pesquisa revelou, no seio da Assembleia de Deus nos anos 1980, a verdade foi frequentemente obscurecida, distorcida e subvertida.

Quando entidades poderosas, armadas com vastos recursos e influência, decidem que suas agendas particulares prevalecem sobre o bem comum, todo o tecido social sofre. A coesão se dissolve, a desconfiança se infiltra e as comunidades se fragmentam. Esta não é uma acusação de toda uma denominação ou de toda uma fé, mas um chamado à vigilância e à responsabilidade. É um lembrete de que a verdade, em toda a sua complexidade e nuances, não deve ser negociada nem comprometida. E, acima de tudo, que o bem-estar da população, sua segurança, educação e prosperidade, nunca deve ser subvertido ou sacrificado em prol de ambições e objetivos escusos. A história nos oferece lições, e é nossa responsabilidade coletiva garantir que elas sejam aprendidas e jamais esquecidas.

A relação entre a Assembleia de Deus, o Mensageiro da Paz, e as táticas frequentemente associadas a regimes totalitários torna-se evidente em vários aspectos. Assim como regimes totalitários, onde a informação é rigidamente controlada para servir à narrativa do Estado, o Mensageiro da Paz demonstrou uma tendência à curadoria seletiva de informações, favorecendo uma narrativa específica e alinhada com os objetivos da Assembleia de Deus. Ao filtrar e moldar a informação, o periódico exerceu uma forma sutil, mas poderosa, de controle sobre seus leitores. Regimes totalitários buscam homogeneizar o pensamento e ação de seus cidadãos. Analogamente, ao propagar uma hermenêutica teológica específica e uma visão particular de mundo, o Mensageiro da Paz fomentou uma conformidade ideológica entre seus leitores, alinhando-os aos princípios da Assembleia de Deus. Justamente como regimes autoritários que marginalizam, suprimem ou até perseguem vozes dissidentes, há indícios de que o Mensageiro da Paz adotou uma postura hostil ou crítica em relação a perspectivas teológicas ou sociais que desafiavam sua própria narrativa.

Assim como regimes totalitários frequentemente empregam símbolos e rituais para galvanizar o apoio público e solidificar sua autoridade, a Assembleia de Deus, por meio de

seu periódico, também pode ter utilizado símbolos e discursos específicos para unificar e mobilizar seus seguidores em torno de uma causa ou visão comum. Assim como regimes totalitários muitas vezes recorrem a táticas de propaganda que apelam fortemente às emoções, o Mensageiro da Paz também utilizou discursos emocionais, jogando com temores, esperanças e sentimentos de seus leitores para ganhar sua adesão. Ao analisar as táticas e estratégias do Mensageiro da Paz e da Assembleia de Deus no contexto da década de 1980, observamos paralelos preocupantes com os métodos frequentemente associados a regimes totalitários. Embora a denominação e seu periódico operem em um contexto democrático, o uso dessas táticas sugere uma tentativa de centralizar o poder e influência, moldando a percepção e ação de seus seguidores de maneira autoritária.

Uma das marcas do autoritarismo é a centralização do poder e da autoridade em poucas mãos ou instituições. A Assembleia de Deus, com sua estrutura hierárquica e o Mensageiro da Paz como veículo oficial de comunicação, manifestou uma centralização da autoridade teológica e informativa, direcionando a interpretação e compreensão de seus seguidores. O autoritarismo frequentemente se apoia em uma única narrativa ou versão dos fatos, desencorajando ou mesmo suprimindo perspectivas alternativas. O Mensageiro da Paz, ao focar em uma hermenêutica teológica particular e em certos aspectos da realidade social e política, contribuiu para a propagação de uma visão unificada. Importante ainda destacar que regimes autoritários e organizações autoritárias tendem a resistir, se não suprimir, questionamentos ou críticas. A Assembleia de Deus, através de seu periódico, demonstrou resistência a questionamentos tanto internos quanto externos, posicionando-se como detentora da "verdade". Ainda sobre o autoritarismo, muitas vezes a prática utiliza o medo como ferramenta de controle. Ao enfatizar ameaças externas (sejam elas doutrinárias, culturais ou políticas), o Mensageiro da Paz incitou receios em seus leitores, reforçando a necessidade de se alinhar ao posicionamento da Assembleia de Deus.

Ao analisarmos o Mensageiro da Paz no contexto dos anos 1980, observamos uma ironia interessante. Enquanto o título sugere um compromisso com a harmonia e a coexistência pacífica, o conteúdo editorial frequentemente se alinha mais com uma agenda obscurantista. A paz, que é universalmente almejada e celebrada em diversas culturas e religiões, serve, nesse caso, como mero verniz para um conjunto de ideias e estratégias que, em muitas ocasiões, desafiam essa própria noção. O Mensageiro da Paz, por suas escolhas editoriais e discursivas, não apenas optou por ser um agente de obscuridade, mas também, de forma insidiosa, se embrenhou na mente de seus leitores sob a promessa de iluminação e

clareza. O contraste entre o nome e a realidade editorial revela um preocupante jogo de espelhos, onde a paz é prometida, mas o que é entregue é divisão, desinformação e, em muitos casos, hostilidade velada. Em uma época marcada por profundas transformações políticas, sociais e culturais, a responsabilidade de veículos de comunicação de grandes instituições religiosas é imensa. Eles têm o poder de moldar discursos, influenciar decisões e dirigir ações. Neste contexto, o Mensageiro da Paz, com seu potencial de ser uma fonte de inspiração e orientação, escolheu um caminho que desvirtua seu próprio nome. "Paz", no caso, torna-se apenas uma palavra no papel, desprovida de sua essência e significado profundos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ABUMANSSUR, E. S. A conversão ao pentecostalismo em comunidades tradicionais. **Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 9, n. 22, p. 396-415, 11 set. 2011.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia 1911- 2011**. Orientador: Edin Sued Abumanssur. 2012. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/1883>. Acesso em: 1 out. 2023.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. São Paulo: Recriar, 2018.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus - 1911 a 2011**. 2ª edição ampliada. São Paulo: Recriar, 2019.
- ALEXANDRE, José Carlos. **Uma genealogia da espiral do silêncio: a expressão da opinião sobre as práxis acadêmicas**. Covilhã: Editora LabCom, 2018.
- ALVES FERNANDES, Silvia Regina. Os números de católicos no Brasil: mobilidades, experimentação e propostas não redutivistas na análise do Censo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. cap. 6, p. 111-126.
- AMARAL, M. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- AMARAL, Serafina Borges do. **Tapeçaria artística e histórica**. São Paulo: Imesp, 1988. 29 p., il. p&b. (Acervo artístico-cultural dos Palácios do Governo, 6).
- ANDRADE, Geraldo Edson de. **Aspectos da tapeçaria brasileira**. Apresentação Clarival do Prado Valladares; fotografia Antonio Rudge. Rio de Janeiro: Funarte, 1978. 154 p.
- ARAÚJO, Flávia Monteiro; ALVES, Elaine Moreira; DA CRUZ, Monalise Pinto. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bourdieu. **Revista Eletrônica Perspectivas da Ciência e Tecnologia**. ISSN: 1984-5693, v. 1, n. 1, p. 31-40, 2009.
- ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2007.
- ARAÚJO, Isael de. **Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- ARAÚJO, Isael de. **História do movimento pentecostal: o caminho do pentecostalismo brasileiro até os dias de hoje**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- ARENS, Eduardo. **A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica**. São Paulo: Paulus, 2007.

ARMSTRONG, K. **Em nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: C. Letras, 2001.

AZEVEDO, Fernando A. F. Agendamento da política. In: Rubim, A.A.C. (org.). **Comunicação política**: conceitos e abordagens. Salvador/São Paulo: Edufba/Editora Unesp, 2004.

AZEVEDO, M. **Entroncamentos e entrechoques**: vivendo a fé em um mundo plural. São Paulo: Loyola, 1991.

BAGDIKIAN, Ben H. **O monopólio da mídia**. São Paulo: Scritta Editoria, 1983.

BAPTISTA, Saulo. **Pentecostais e neopentecostais na política brasileira**: um estudo sobre cultura política, estado e atores coletivos religiosos no Brasil. São Paulo: Annablume, 2009.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social?: uma discussão conceitual. **Revista debates**, v. 6, n. 1, 2012.

BARROZO, Victor Breno Farias. **O “ESPÍRITO” DA/E A MODERNIDADE RELIGIOSA À BRASILEIRA**: um estudo sócioantropológico das relações, perspectivas e recomposições dos pentecostecostalismos na moderna sociedade no Brasil. Orientador: Fernanda Lemos. 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de João Pessoa, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/>. Acesso em: 1 out. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. São Paulo: Paulus, 2004.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BERGER, Peter; ZIJDERVELD, Anton. **Em favor da dúvida**: como ter convicções sem se tornar um fanático. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

BISSIGO, Diego Nones. **A "eloquente e irrecusável linguagem dos algarismos"**: a estatística no Brasil Imperial e a produção do recenseamento de 1872. Orientador: Beatriz Gallotti Mamigonian. 2014. Dissertação (Mestrado em história) - Universidade Federal de

Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/123277>. Acesso em: 1 nov. 2022.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**: religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOA SEMENTE. **O serviço das irmãs na igreja**. Belém do Pará, n. 101, 1 out. 1929, p. 7.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu**: sociologia. Organizado por Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.

BRASIL. [Constituição (1824)]. **Constituição Política do Império do Brasil**. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 30 jan. 2023.

BRASIL. Decreto nº 8213, de 13 de agosto de 1881. Regula a execução da Lei nº 3029 de 9 de janeiro do corrente ano que reformou a legislação eleitoral. **Coleção das Leis do Império do Brasil**. Rio de Janeiro, v. 2, p. 854-923. 1881.

BRASIL. [Constituição (1891)]. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Congresso Nacional Constituinte, [1891]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso em: 30 jan. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 1 jan. 2017.

CAMARGO, Cândido P. Ferreira. **Católicos, protestantes e espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CAMPOS, Bernardo. **El Principio Pentecostalidad**: la unidade em el Espiritu, fundamento de la paz. Salem Oregon: Kerigma Publicaciones, 2016.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e mercado**: organizações e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAMPOS JR, Luís de Castro. **Pentecostalismo**: sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995.

CARRANZA, Brenda. Linguagem midiática e religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013. p. 539-556.

CASTRO, Jurema Aparecida Amado de. **Bancada Evangélica**: Carisma, Poder e Interferência da Comunicação Religiosa na Comunicação Política. Orientador: Doutor Antônio José Ferreira Bento. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2019. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/10217>. Acesso em: 6 jun. 2023.

CÉSAR, W.A. **Para uma sociologia do protestantismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Padrões de manipulação no jornalismo brasileiro: fake news e a crítica de Perseu Abramo 30 anos depois. **RuMoRes**, v. 12, n. 23, p. 56-82, 2018.

CORREA DE ARAUJO, Jose Wiliam. **A noção de consciência moral em Bernhard Haring e sua contribuição à atual crise de valores**. Orientador: Nilo Agostini. 2007. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. disponível em: <https://doi.org/10.17771/pucRio.acad.10103>. acesso em: 4 jul. 2023.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. **A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos Ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil**. Orientador: João Décio Passos. 2012. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/1866>. Acesso em: 1 out. 2023.

CORREA, Marina A.O.S. **A operação do carisma e o exercício do poder: A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Recriar, 2018.

CORREA, Marina A.O.S. **Dinastias assembleianas: sucessões familiares nas igrejas das Assembleias de Deus no Brasil**. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

COSTA, Moab César Carvalho. **O aggiornamento do pentecostalismo: as assembleias de Deus no Brasil e na cidade de Imperatriz - MA (1980-2010)**. Orientador: Paulo Roberto Staudt Moreira. 2017. Tese (Doutorado em História) - Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6867>. Acesso em: 1 out. 2023.

COSTA, Moab César Carvalho. **O aggiornamento do pentecostalismo brasileiro**. São Paulo: Recriar, 2019.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DEARING, James W.; ROGERS, Everett M. **Agenda-setting**. Sage, 1996.

D'EPINAY, **Christian Lalive**. O refúgio das massas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

DREHER, Martin Norberto. **A igreja latino-americana no contexto mundial**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1999.

DREHER, Martin Norberto. **Fundamentalismo**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Martins Fontes: São Paulo, 1996.

EISENSTADT, Shmuel Noah. **Modernidades múltiplas**: sociologia, problemas e práticas. IUL, Lisboa, n. 35, p. 139-163, 2001. Disponível em: <http://sociologiapp.iscteul.pt/pdfs/5/57.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2018.

ELLER, Jack David. **Introdução à antropologia da religião**. Petrópolis: Vozes, 2018.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

ENTMAN, Robert M. **Framing**: Toward Clarification of a Fractured Paradigm Get access Arrow. *Journal of Communication*, Volume 43, Issue 4, pg. 51–58, 1993.

ERBOLATO, M. **Dicionário de propaganda e jornalismo**. Campinas: Papyrus, 1985.

FARJADO, Maxwell Pinheiro. **Onde a luta se travar**: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980). Orientador: Milton Carlos Costa. 2015. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/132222>. Acesso em: 1 out. 2023.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. **Onde a luta se travar**: uma história das Assembleias de Deus no Brasil. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2019.

FAUSTINO, Teixeira. Ciência da Religião e Teologia. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013. p. 175-186.

FERREIRA, G. B. Gatekeeping Changes in the New Media Age: The Internet, Values and Practices of Journalism. *Brazilian Journalism Research*, 14(2), 486–505, 2018.

FONSECA, André Dione; SEREJO, Wilson da Silva; ROIZ, Diogo da Silva. O jeito assembleiano de ser cidadão: representações sobre a prática cidadã na Revista Lições Bíblicas (1980-1990). **Revista Pública**, v. 3, n. 2, 2007.

FRESTON, Paul. **Evangélicos na política brasileira**: história ambígua e desafio ético. São Paulo: Encontrão, 1994.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos, nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

GANDRA, Valdinei Ramos. **“Nós somos pentecostais clássicos”**: cartografia dos processos de subjetivação nas assembleias de Deus. Orientador: Mary Rute Gomes Esperandio. 2021. Tese (Doutorado em Teologia) - Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357734>. Acesso em: 1 out. 2023.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

GEERTZ, Clifford. **A religião como sistema cultural**. In: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, p. 101-42, 1989.

GOERGEN, P. O embate modernidade/pós-modernidade e seu impacto sobre a teoria e a prática educacionais. **EccoS–Revista Científica**, 2012, p. 149-169.

GOFFMANN, E. **Frame analysis**: An essay on the organization of experience. Harvard University Press, 1974.

GUTMANN, Juliana Freire. Quadros narrativos pautados pela mídia: framing como segundo nível do agenda-setting?. **Contemporanea - Revista de Comunicação e Cultura**, v. 4, n. 1, 2006.

HABERMAS, J. **Theorie des kommunikativen Handelns**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. Tradução Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. 1ª ed., 2ª tir. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HABERMAS, J. **Theorie des kommunikativen Handelns**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981 – Band 2. Trad. Flávio B. Siebeneichler: Teoria da ação comunicativa– Sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HERMAN, E. S.; CHOMSKY, N. **Manufacturing consent**: the political economy of mass media. London: The Bodley Head, 2008.

HIMMA-KADAKAS, Marju. Alternative facts and fake news entering journalistic content production cycle. **Cosmopolitan Civil Societies: an Interdisciplinary Journal**, v. 9, n. 2, p. 25-41, 2017.

HOHLFELDT, Antonio. Os estudos sobre a hipótese de agendamento. **Revista Famecos**, v. 4, n. 7, p. 42-51, 1997.

HOLIDAY, R. **Acredite, estou mentindo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Recenseamento do Brasil em 1872**. Rio de Janeiro: IBGE, 1874. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 29 jan. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Recenseamento geral de 1940**. Rio de Janeiro: IBGE, 1950. v. 2: censo demográfico: população e habitação.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Recenseamento geral de 1950**. Rio de Janeiro: IBGE, 1956. v. 1.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **7º Recenseamento Geral do Brasil, 1960**. Guanabara, 1967. v. 1, t. 12, pt.1.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**: 1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1970. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=769&view=detalhes>. Acesso em: 29 jan. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**: 1980: dados gerais, migração, instrução, fecundidade, mortalidade. Rio de Janeiro: IBGE, 1980. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=772>. Acesso em: 29 jan. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**: 1991. Rio de Janeiro: IBGE, 1992. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25089-censo-1991-6.html?edicao=25090>. Acesso em: 29 jan. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico – Características Gerais da População e Instrução - 2000** (resultados da amostra). Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 2002.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico – Características Gerais da População e Instrução 2010** (resultados da amostra). Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 2010.

KOSICKI, Gerald M. Problems and opportunities in agenda-setting research. **Journal of communication**, v. 43, n. 2, p. 100-27, 1993.

LACERDA, F. **Pentecostalismo, eleições e representação política no Brasil contemporâneo**. Tese de doutorado. Departamento de Ciência Política. Universidade de São Paulo, 2017.

LEWIN, K. **Forces behind food habits and methods of change**. Bulletin of the National Research Council, 1943.

LIBÂNIO, J. B. **Teologia da revelação a partir da modernidade**. 2. e., São Paulo: Loyola, 1995.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. **REVER – Revista de Estudos da Religião**, v.8, dezembro, p.68-95, 2008.

MARINGOLI, Ângela. **Educação teológica e educação ambiental: há lugar nos espaços da educação teológica no Brasil para a responsabilidade ambiental na perspectiva da missão integral?**. Orientador: Claudio de Oliveira Ribeiro. 2016. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1605>. Acesso em: 1 out. 2023.

MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. **Fundamentalism Observed**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

MATTOS, P.A. **A relevante queda de crescimento evangélico revelado pelo Censo de 2010**. Cadernos IHU em Formação, ano VIII, n. 43, 2012, p. 30.

MCCOMBS, Maxwell E. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião.** Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MCCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. **The agenda-setting function of the mass media.** Public Opinion Quarterly, vol. 36 (2), p. 176-187, 1972.

MCCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. The evolution of agenda-setting research: Twenty-five years in the marketplace of ideas. **Journal of communication**, v. 43, n. 2, p. 58-67, 1993.

MENDONÇA, Antônio, Gouvêa. **O celeste porvir.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos: o Campo Religioso e seus Personagens.** 1. ed. São Bernardo do Campo: Editora UMESP, 1997.

MENDONÇA, Antônio, Gouvêa. Uma macro reflexão sobre o campo religioso brasileiro: variações sobre dois temas bourdieuanos. In: **Estudos de Religião.** São Bernardo do Campo: 2002.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas.** REVISTA USP, São Paulo, ano 2005, n. 67, p. 48-67, 1 nov. 2005.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil.** 1. ed. São Paulo: Editora Loyola, 1990.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Diretas, como votam os evangélicos.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1167, p. 15, 1 jul. 1984.

MENSAGEIRO DA PAZ. **15 de novembro, dia nacional de jejum e oração.** Rio de Janeiro, n. 1135, 1 jul. 1981, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A (in)tolerância religiosa da Nova República.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1180, p. 3, 1 ago. 1985.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A água que salvará o Nordeste.** Rio de Janeiro, n. 1162, 1 fev. 1984, p. 20.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A América Latina e o Movimento Teológico.** Rio de Janeiro, n. 1143, 1 jul. 1982, p. 8.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A bênção da safra.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1205/1209, 1 set. 1987. NK ontem e amanhã, p. 19.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A carta magna dos cristãos.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1221, p. 3, 1 set. 1988.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A constituição sem reforma.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1223, 1 nov. 1988. Editorial, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A cruzada de fé do presidente Sarney.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1191, p. 8, 1 jul. 1986.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A escalada do aborto.** Rio de Janeiro, n. 1150, 1 fev. 1983. Editorial, p. 3.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A esperança de um novo início.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1222, 1 out. 1988. Editorial, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A farsa do ecumenismo.** Rio de Janeiro, n. 1139, 1 mar. 1982, p. 8.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A igreja perante o mundo.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1193, 1 set. 1986. Editorial, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A justiça social é possível?** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1194, p. 20, 1 out. 1986.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A maldição chamada AIDS.** Rio de Janeiro, n. 1183, 1 nov. 1985. Capa, p. 1.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A moralidade da Nova República.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1176, 1 abr. 1985. Editorial, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A morte de Tancredo Neves.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1178, p. 10, 1 jun. 1985.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A nossa participação na Constituinte.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1185, p. 9, 1 jan. 1986.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A origem e os males do carnaval.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1114, 1 fev. 1980. Editorial, p. 4.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A posição espiritual do povo brasileiro.** Rio de Janeiro, n. 1219, 1 jul. 1988, p. 3.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A teologia da libertação.** Rio de Janeiro, n. 1120, 1 ago. 1980, p. 10.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A trágica escalada da pornografia.** Rio de Janeiro, n. 1128, 1 fev. 1981. Editorial, p. 3.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A última representação de Rock Hudson.** Rio de Janeiro, n. 1192, 1 ago. 1986, p. 12.

MENSAGEIRO DA PAZ. **A verdadeira teologia da libertação.** Rio de Janeiro, n. 1158, 1 out. 1983, p. 6.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Aborto, um crime contra a humanidade.** Rio de Janeiro, n. 1175, 1 mar. 1985, p. 9.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Aborto: médico quer leis liberais.** Rio de Janeiro, n. 1115, 1 mar. 1980. Editorial, p. 4.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Acima de tudo, a consciência cristã.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1204, 1 ago. 1987. Editorial, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Adeptos do espiritismo serão evangelizados nas praias.** Rio de Janeiro, n. 1160, 1 dez. 1983, p. 7.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Afastai a violência.** Rio de Janeiro, n. 1131, 1 jul. 1981, p. 12.

MENSAGEIRO DA PAZ. **AIDS, a legião dos condenados.** Rio de Janeiro, n. 1198, 1 fev. 1987, p. 13.

MENSAGEIRO DA PAZ. **AIDS: o salário do pecado.** Rio de Janeiro, n. 1157, 1 set. 1983, p. 15.

MENSAGEIRO DA PAZ. **As incoerências do catolicismo.** Rio de Janeiro, n. 1180, 1 ago. 1984. Editorial, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Assembleia de Deus elege 13 deputados federais.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1197, p. 11, 1 jan. 1987.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Assembléia Nacional Constituinte.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1174, p. 19, 1 fev. 1985.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Brasil, uma nação enferma.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1202, p. 7, 1 jun. 1987.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Carnaval e o espírito de Belsazar.** Rio de Janeiro, n. 1226, 1 fev. 1989. Editorial, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Carnaval, fruto do pecado.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1127, 1 mar. 1981, p. 6.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Carnaval: luxúria, idolatria, homossexualismo.** Rio de Janeiro, n. 1138, 1 fev. 1982, p. 12-13.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Centro de macumba transformado em igreja.** Rio de Janeiro, n. 1164, 1 abr. 1984, p. 6.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Cinzeiros de satanás.** Rio de Janeiro, n. 1133, 1 set. 1981, p. 8.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Combatendo o rock com a música divina.** Rio de Janeiro, n. 1181, 1 set. 1985, p. 14.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Constituição nasce sob a proteção de Deus.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1207/1211, 1 nov. 1987. Editorial, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Constituinte e oração.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1195, 1 nov. 1986. Editorial, p. 20.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Constituinte, a hora decisiva.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1195, p. 20, 1 nov. 1986.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Constituintes evangélicos, somos contra o aborto.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1200, p. 13, 1 abr. 1987.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Contra os marajás.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1215, 1 mar. 1988. Evangélicos na vida pública, p. 7.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Crente! Em suas mãos está o futuro do Brasil.** Rio de Janeiro, n. 1134, 1 out. 1981, p. 5.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Cresce a igreja em Castanhal.** Rio de Janeiro, n. 1154, 1 jun. 1983, p. 8.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Criada a Cruzada Pró-Moralidade.** Rio de Janeiro, n. 1181, 1 set. 1985, p. 10.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Crime contra a criança.** Rio de Janeiro, n. 1163, 1 mar. 1984. Editorial, p. 3.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Cristianismo alienante.** Rio de Janeiro, n. 1120, 1 ago. 1980, p. 6.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Cruzada pró-moralidade combate o aborto na Cinelândia.** Rio de Janeiro, n. 1190, 1 jun. 1986, p. 24.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Cuidado com o laço.** Rio de Janeiro, n. 1120, 1 ago. 1980, p. 11.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Democracia e Comunismo.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1181, 1 set. 1985. Editorial, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Desgraças de uma geração bitoulada.** Rio de Janeiro, n. 1181, 1 set. 1985, p. 12.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Diga não ao ecumenismo.** Rio de Janeiro, n. 1126, 1 fev. 1981, p. 5.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Direitos e garantias individuais.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1203, p. 14, 1 jul. 1987.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Drogas, a peste negra está de volta.** Rio de Janeiro, n. 1168, 1 ago. 1984, p. 8.

MENSAGEIRO DA PAZ. **E a música nacional, como fica?** Rio de Janeiro, n. 1181, 1 set. 1985, p. 13.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Ecumenismo versus realidade espiritual.** Rio de Janeiro, n. 1117, 1 mai. 1980, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Editorial.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1188, p. 2, 1 abr. 1986.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Evangélicos encaminham documento a Sarney.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1186, p. 12-13, 1 fev. 1986.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Evangélicos invocam a proteção de Deus para a nova constituição.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1224, p. 5, 1 dez. 1988.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Evangélicos marcam presença na constituinte.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1215, 1 mar. 1988. Evangélicos na vida pública, p. 7.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Evangélicos realizam manifestação contra o aborto.** Rio de Janeiro, n. 1185, 1 jan. 1986, p. 7.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Evangélicos se retiram do centrão.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1218, 1 jun. 1988. Evangélicos na vida pública, p. 7.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Existe solução para o homossexualismo?.** Rio de Janeiro, n. 1174, 1 fev. 1985, p. 9.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Fanatismo, religião ou alucinação.** Rio de Janeiro, n. 1170, 1 out. 1984, p. 8.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Filhos consagrados a Moloque.** Rio de Janeiro, n. 1154, 1 jun. 1983, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Firmes na palavra de Deus.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1215, 1 mar. 1988. Evangélicos na vida pública, p. 7.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Guias de luz ou assassino de crianças?.** Rio de Janeiro, n. 1189, 1 mai. 1986, p. 8.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Homicídio legalizado.** Rio de Janeiro, n. 1132, 1 ago. 1981. Editorial, p. 3.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Justificando.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1216, 1 abr. 1988. Evangélicos na vida pública, p. 7.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Labirinto conjugal.** Rio de Janeiro, n. 1127, 1 mar. 1981, p. 10.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Legalização do aborto.** Rio de Janeiro, n. 1127, 1 mar. 1981. Tema Livre, p. 7.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Líderes declaram apoio aos parlamentares evangélicos.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1222, p. 12, 1 out. 1988.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Mil anos de paz na terra.** Rio de Janeiro, n. 1158, 1 out. 1983, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Nota de esclarecimento.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1188, p. 1, 1 abr. 1986.

MENSAGEIRO DA PAZ. **O Brasil está mudando, "Deus seja louvado".** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1194, p. 8, 1 out. 1986.

MENSAGEIRO DA PAZ. **O cruzado vai dar certo?.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1197, p. 19, 1 jan. 1987.

MENSAGEIRO DA PAZ. **O milênio.** Rio de Janeiro, n. 1116, 1 abr. 1980, p. 8.

MENSAGEIRO DA PAZ. **O pecado segundo a nova teologia.** Rio de Janeiro, n. 1118, 1 jun. 1980, p. 1.

MENSAGEIRO DA PAZ. **O perfil dos evangélicos na constituinte.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1205/1209, 1 set. 1987. Evangélicos na vida pública, p. 7.

MENSAGEIRO DA PAZ. **O que está por trás do Rock.** Rio de Janeiro, n. 1181, 1 set. 1985, p. 11

MENSAGEIRO DA PAZ. **Os nossos candidatos à Constituinte.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1191, 1 jul. 1986. Editorial, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Os nossos representantes na Constituinte.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1177, 1 mai. 1985. Editorial, p. 1.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Os rumos da Constituinte.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1193, p. 14, 1 set. 1986.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Para onde vai a agricultura?.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1179, p. 10, 1 jul. 1985.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Pode o crente ser político?.** Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, n. 1181, p. 6, 1 set. 1985.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Por dentro do Carnaval.** Rio de Janeiro, n. 1163, 1 mar. 1984, p. 6.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Quem pode acabar com os pentecostais?.** Rio de Janeiro, n. 1189, 1 mai. 1986, p. 6.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Quem poderá salvar o Brasil?.** Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1202, 1 jun. 1987. Capa, p. 1.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Quem tem medo dos crentes?.** Rio de Janeiro, n. 1162, 1 fev. 1984, p. 8.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Sambista encontra Jesus na boate**. Rio de Janeiro, n. 1167, 1 jul. 1984, p. 13.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Satanás é o pai do rock**. Rio de Janeiro, n. 1182, 1 out. 1985, p. 12-14.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Tancredo Neves e as Assembléias de Deus**. Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1174, 1 fev. 1985. Editorial, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Tancredo Neves, o mais novo sócio da ADHONEP**. Mensageiro da paz, Rio de Janeiro, n. 1173/A, p. 8, 1 jan. 1985.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Teologia da libertação, ponta de lança do anticristo**. Rio de Janeiro, n. 1122, 1 out. 1980, p. 6.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Um panorama do carnaval**. Rio de Janeiro, n. 1226, 1 fev. 1984, p. 5.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Uma forma errada de se combater a AIDS**. Rio de Janeiro, n. 1200, 1 abr. 1987. Editorial, p. 2.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Visão profética dos últimos dias**. Rio de Janeiro, n. 1141, 1 mai. 1982, p. 12.

MENZIES, Robert; MENZIES, William. **No Poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal, um chamado ao diálogo**. Natal: Carisma, 2020.

MESQUIATI DE OLIVEIRA, David. **O agir de Deus nos Andes: Diálogo e missão com os quéchuas**. Orientador: Mario de França Miranda. 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34474/34474.PDF>. Acesso em: 1 out. 2023.

MESQUIATI DE OLIVEIRA, David; TERRA, Kenner. **Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para construção de uma identidade teológica**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2018.

MIDÕES, Miguel. Caso Esmeralda e a Espiral do Silêncio de Elisabeth Noelle-Neumann. In: **Revista de resenhas de comunicação e cultura**, p. 1-9, 2008.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Visibilidade na mídia e campo político no Brasil. **Dados**, v. 53, p. 695-735, 2010.

NERAUDAU, Jean-Pierre. **Dictionnaire d'histoire de l'art**. Paris: Presses Universitaires de France, 1985. 521 p.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **The spiral of silence: a theory of public opinion**. Journal of Communication, 1974.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **La espiral del silencio: opinión pública - nuestra piel social**. Barcelona: Paidós, 1995.

NORELL, Kajsa. **Halleluja Brasilien! Em resa till knarkgängens, favelans och den helige andens land.** Stockholm, Ed. Bladh by Bladh, 2011.

OWENS, Robert. O avivamento da Rua Azusa: o movimento pentecostal começa nos Estados Unidos. In: SYNAN, Vinson (Org.). **O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático.** Tradução de Judson Canto. São Paulo: Vida, 2009.

PARISER, Eli. *The filter bubble: What the Internet is hiding from you.* UK: Tantor Media Inc, 2011.

PASSOS, João Décio. **Teogonias urbanas: os pentecostais na passagem do rural ao urbano.** São Paulo em perspectiva, v. 14, p. 120-128, 2000.

PASSOS, João Décio. **Teogonias urbanas: o re-nascimento dos velhos deuses - uma abordagem sobre a representação religiosa pentecostal.** Orientador: Luiz Eduardo Waldemarim Wanderley. 2001. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - PUC-SP, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.sapientia.pucsp.br/handle/handle/3849>. Acesso em: 1 nov. 2022.

PASSOS, Mauro. Ciência da Religião aplicada à educação sociopolítica. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013. p. 627-638.

PEDROSO, Rosa. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista.** São Paulo: Annablume, 2001.

PETER L. Berger. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulinas, 1985.

PIERUCCI, A F O. Fundamentalismo e integrismo: os nomes e a coisa. **Revista Usp**, n. 13, p. 144-56, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i13p144-156>. Acesso em: 15 jun. 2023.

POSETTI, Julie; MATTHEWS, Alice. **A short guide to the history of ‘fake news’ and disinformation.** International Center for Journalists. Disponível em: https://www.icfj.org/sites/default/files/2018-07/A%20Short%20Guide%20to%20History%20of%20Fake%20News%20and%20Disinformation_ICFJ%20Final.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

QUINTANILHA, Tiago Lima et al. O papel do jornalismo no combate às fake news: o caso do último dia da campanha eleitoral de 2019 em Portugal. In: **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 97, p. 35-56, 2021.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. **Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter.** Galáxia (São Paulo), p. 31-47, 2019.

RIBEIRO, Cláudio Oliveira. Espiritualidades plurais da reforma. **Perspectiva Teológica**, v. 49, n. 1, p. 63-63, 2017.

SERIDÓRIO, Daniele Ferreira; RODRIGUES, Laís Modelli. Espiral do silêncio, opinião pública e representação da mulher na mídia. In: BULHÕES, Marcelo; DE MORAIS, Osvando J. (org.). **Ciências da comunicação**: circularidades teóricas e práticas acadêmicas. Sarapuí: OJM Casa Editorial, 2015. cap. 6, p. 179-210.

SCHEUFELE, Dietram A. (1999). Framing as a Theory of Media Effects. In: **Journal of Communication**, 49 (1), pp. 103-122.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Tim P. **Teoria do gatekeeping**: seleção e construção da notícia. São Paulo: Penso Editora, 2011.

SHU, Kai et al. **Fake news detection on social media**: A data mining perspective. ACM SIGKDD explorations newsletter, v. 19, n. 1, p. 22-36, 2017.

SIEPIERSKI, Paulo. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. **Estudos Teológicos**, 1997, v. 37, p. 47-61.

SILVA, Esequias Soares (org.). **Declaração de Fé**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. **Revestidos de Poder**: uma introdução à teologia pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SOLL, Jacob. The Long and Brutal History of Fake News: bogus news has been around a lot longer than real news. And it's left a lot of destruction behind. **Político Magazine**, 18 dez. 2016. Disponível em: <https://www.politico.com/magazine/story/2016/12/fake-news-history-long-violent-214535/>. Acesso em: 6 jul. 2023.

SOUZA, Beatriz Muniz. **A experiência da salvação**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

TADVALD, Marcelo. Demonização da política ou a política demonizada? Os evangélicos e as eleições federais de 2006. **Debates do NER**, ano 7, n. 10, p. 79-88, 2006

TAPEÇARIA. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3845/tapeçaria>. Acesso em: 14 de outubro de 2022. Verbetes da Enciclopédia.

TRAQUINA, Nelson. O paradigma do agenda-setting: Redescoberta do poder do jornalismo. In: **Revista Comunicação e Linguagens**. Lisboa: Cosmos, número 21 e 22, 1995.

TRAQUINA, Nelson. A redescoberta do poder do jornalismo: análise da teoria do agendamento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **O poder do jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000. p. 13-43.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis; Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **Making News**: a study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1978.

VALÉRIO, Samuel Pereira. **Uma nova origem do pentecostalismo**: a trajetória da Igreja Batista Sueca no Brasil a partir de 1912. São Paulo: Recriar, 2020.

VILHENA, V. C. **Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)**. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) — Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

VINGREN, Gunnar. O Mensageiro da Paz. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 11, 15 dez. 1931.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira Thomsom, 1985.

WEBER, Max. **Ensayos sobre sociología de la religión**. Madri: Taurus, vol. 1, 2001.

WHITE, D. M. **The gatekeeper**: A case study in the selection of news. *Journalism Quarterly*, 27, 383-391. In L. A. Dexter, & D. M. White (Eds.), *People, Society and Mass Communications* (pp. 160-172). London: Free Press of Glencoe, 1950.

WHITE, D. M. The gatekeeper: a case analysis in news selection. **Journalism**: issues, theories and “stories, v. 2, p. 142-151, 1993.

WILLEMS, Emílio. **Followers of the new faith**: culture change and the rise of protestantism in Brazil and Chile. Nashville: Vanderbilt University Press, 1967.

WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. **Estudos teológicos**, v. 38, n. 2, p. 156-172, 1998.

ZELIZER, Barbie. Introduction: narrative, collective memory and journalistic authority. In: **Covering the body**: the Kennedy assassination, the media, and the shaping of collective memory. Chicago & London: University of Chicago Press, 1992. p. 1-13. Traduzido para o português por MTGF de Albuquerque.

ANEXO A – DIGA NÃO AO ECUMENISMO

DIGA "NÃO" AO ECUMENISMO

A invasão de São Paulo, em 1930, fez-se pelo caminho de Itararé. Foi por aí que veio o grosso das tropas getulistas que demandavam o Rio de Janeiro.

Mas, havia o caminho do mar – por Guaraqueçaba e Itapitanguí, o chamado "caminho do telégrafo", difícil e fértil em tropeços.

Não se esperava que tropa alguma se aventurasse por ali. Em todo o caso, mais por um desencargo de consciência, o Governo determinou que uma pequena força, simbólica, composta apenas de 10 soldados sob o comando de um Coronel, fizesse ponto em Itapitanguí, à espera da tropa invasora, caso ela viesse.

E veio. Um dia irromperam diante das trincheiras que os soldados do Coronel Pedro Arbues tinham aberto nas cercanias da pequena Vila de Itapitanguí, forças do sul, gaúchas e paranaenses, em grande número, bem armadas e aguerridas.

"- Rendam-se, paulistas", foi o grito que irrompeu naquela madrugada diante dos soldados paulistas.

"- Um paulista não se rende!", respondeu Pedro Arbues.

E descarregando sobre o inimigo seu revólver de campanha, atirou-o depois sobre os soldados de Getúlio. Seus soldados o imitaram.

E 11 corpos de heróis tombarão em terra paulista, numa resistência suicida contra forças superiores em número e bem armadas.

A história de uma nação é apenas o relato dos feitos de seus heróis. Homens e mulheres que amaram mais a sua pátria do que as próprias vidas e não tiveram dúvida em se sacrificar por ela.

No Cristianismo também é assim. A semente da fé germinou e cresceu porque foi regada com o sangue de Cristo, derramado na Cruz do Calvário. E continuou a ser regada como planta ainda tenra, pelo sangue de Estêvão, derramado pelos comandados de Saulo, enquanto, de olhos voltados para o céu, o mártir clamava: "Senhor, não lhes imputes este pecado!", e fortaleceu-se em seguida com o sangue do mesmo Saulo, agora Paulo, convertido no caminho de Damasco.

E o sangue continuou a jorrar, no Coliseu da Roma pagã, sob o reinado dos Césares, quando os cristãos eram massacrados pelos gladiadores romanos ou dilacerados em vida pelos leões enfurecidos. Mas, quanto mais sangue se derramava, mais a árvore se agigantava. E o inimigo mudou de tática. Em vez da violência, a artimanha. Vagarosamente foi introduzida a semente da vaidade, do poder, das grandezas terrenas. O que não se conseguiu pela força, pela violência, obteve-se pela manha, pela falsidade. O Cristianismo puro, legado por Cristo, se transformava no cristianismo espírito de Constantino, dos Leões, dos Bórgias e de Inocêncio. E a Igreja



Católica Apostólica Romana, com todas as suas heresias ficou enlevada pela detenção do poder temporal, do poder absoluto.

Pelos séculos a fora, a corrupção tomava conta da Igreja, enquanto o mundanismo atuou e dominou com a força da Santa Inquisição, impondo a vontade dos papas. Temos a Igreja Católica assassinando os heróis protestantes, pelas mãos dos Torquemadas, dos Loyolas, por toda essa corte horrorosa empenhada em afogar em sangue os verdadeiros discípulos de Jesus.

Mas, os heróis continuam desfaldando a bandeira da luz de Cristo. São os Valdenses na Itália, os Huguenotes na França. E Zuinglio, é Calvino, é Lutero restaurando a pureza do Cristianismo. E sobreviveram os heróis a quem o autor da Carta aos Hebreus se refere como "homens de quem o mundo não era digno".

Em nossos dias vemos o Cristianismo puro, sem missas nem purgatórios, sem confissões de pecado a homens, nem culto a santos ou a Maria,

crescendo, aumentando de forma magnífica. As Igrejas Evangélicas, em suas várias denominações, repletas de gente. E a Igreja Católica cada vez mais vazia e solitária. Se mostra alguma afluência, é apenas movimento de sociedade, sem expressão espiritual alguma.

Uma Igreja que não tem sequer um Rol de Membros. E não tem porque não pode ter. Ela se contenta com o resto. O que sobra das outras. Vão à Igreja, acompanham as procissões, por mero formalismo.

Ninguém pense, entretanto, que os seus bispos, o seu clero não percebem isso. E eles sentem que alguma coisa precisa ser feita, alguma providência precisa ser tomada.

O Papa convoca seus cardeais, seus bispos e a solução é encontrada: Aquela mesma solução usada pelo paganismo, séculos atrás, para absorver o Cristianismo florescente, transformando-o nesse arremedo de igreja que aí está, com o rótulo pomposo de Igreja Católica Apostólica Romana.

O que não se conseguiu pela força,

vai-se tentar obter pela solécia e pela artimanha. E surge o ecumenismo. A mistura com os Evangélicos, através de cerimônias conjuntas, cursinhos de cristandade, encontros de casais.

E, infelizmente, muito protestante simplório, até mesmo pastores, se deixam enredar, levados por essa nova onda, mais perigosa e avassaladora que o Coliseu de Roma e as câmaras de tortura da Santa Inquisição.

Esta é a grande ameaça que paira hoje sobre nossas cabeças.

É necessário que estejamos alertas contra tudo aquilo que nos venha do lado de lá. Temos um nome a zelar, um Evangelho a guardar, uma fé a preservar. Ninguém pode se deixar iludir.

É longa a lista dos heróis que nos legaram a fé: Abel, Enoch, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, José, Moisés, Raabe, Gideão, Baraque, Sansão, Jef-té, David, Samuel e todos os profetas. E também aqueles homens e mulheres que encham as páginas do Novo Testamento, que seguiram o Senhor Jesus Cristo. E aqueles que nos trouxeram a Palavra da Salvação e nos legaram a Fé "uma vez dada aos Santos".

Quando fez seu Curso, em Roma, o ex-padre Alcindo de Jesus, agora presbítero em Itapetininga, submeteu-se a um treinamento para aprender a lidar com os protestantes, com práticas fraternais, para iludi-los e levá-los a uma união com os católicos. É mister que os protestantes estejam prevenidos contra isso. Nada de intimidades. Nada de mistura com a Igreja Católica.

Há denominações que já estão até reconhecendo o batismo Católico como de igual efeito.

Grande é o nosso privilégio. Mas, enorme é a nossa responsabilidade.

Não nos esqueçamos da promessa: "Aquele que permanecer fiel até o fim, esse será salvo".

Olympio Adorno Vassão
(de Brasil Presbiteriano)



Ecumenismo é abominação e abominação é palavra que se encontra com frequência no Antigo Testamento para exprimir o que é a idolatria aos olhos de Deus. O Ecumenismo, pelas mentiras, ganhou tal poder sobre os corações dos homens, que bem poderia ser chamado "príncipe do deus deste mundo".

ANEXO B – CARNAVAL, FRUTO DO PECADO

6 mensageiro da paz

IMPORTA ANTES OBEDECER A DEUS

"Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura; quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado", Marcos 16.15-16.

Este texto se coaduna bem com a poesia do hino que cantamos:

*"Orando, joga ao que se afoga
O salva-vidas sem demorar,
Antes que desça - desapareça
Nas profundezas do mar".*

É uma mensagem oportuna e de incentivo para os que estão empenhados na grande tarefa de salvar os que se estão afogando no mar da miséria, do pecado e de toda a sorte de males, que é o mundo sem Deus, sem paz e sem salvação.

Enquanto há vida, há esperança de alguém ser salvo.

O homem tem grande amor à sua vida física, mas não pensa na outra vida que, após a morte, nunca termina. A esse é preciso despertar, para que conheçam a urgência que há de salvarem, não só a vida física, mas a alma.

"Fiz-me tudo por todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns", 1 Co 9.22. Mostra-nos essa afirmação o sentimento, o zelo e o amor pelas almas perdidas que dominava o coração do apóstolo Paulo.

Muita responsabilidade tem o crente de pregar o Evangelho. Os grandes homens de Deus deixaram tudo para levar a mensagem aos perdidos. Um exemplo é o grande líder da Reforma, Martinho Lutero.

— Por que Lutero teve tanta coragem? Foi porque, tendo manuseado um exemplar da Bíblia, viu ali que a salvação era inteiramente pela graça. Desde então teve o mesmo sentimento de Paulo, e também exclamou "Ai de mim se não pregar o Evangelho!" Por isso escreveu as suas 95 teses, declarando os motivos da sua atitude. Daquele momento em diante a mensagem de Deus seria entregue por ele.

Em Ezequiel 33.8 vemos a responsabilidade do crente em sua missão de anunciar ao mundo a salvação: "Se eu disser ao ímpio, certamente morrerás e tu não falares, para desviar o ímpio do seu caminho, morrerá esse ímpio na sua iniquidade, mas o seu sangue eu o demandarei da tua mão". Se o temor de Deus é o princípio da sabedoria, Lutero tinha esse temor, pois não vacilou em posicionar-se como homem de Deus, e, diante das ameaças que pesavam sobre si, tomou a mesma atitude do grande apóstolo Pedro para com as autoridades de Israel: "Importa antes obedecer a Deus do que aos homens".

Quando a Palavra de Deus é pregada, Deus está falando, despertando os que estão dormindo, e mostrando, ao mesmo tempo, o caminho para solucionar o problema da salvação, pois "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna", Jo 3.16.

Então, trabalhemos enquanto é dia, pois a noite vem, quando não se pode trabalhar! Aproveitemos a liberdade e a possibilidade que temos de levar a mensagem de Deus aos milhões que jazem perdidos parados na região e sombra da morte.

Este jornal pode ser encontrado nos templos das Assembléias de Deus, nas livrarias evangélicas e nas bancas de jornais de todo o Brasil.

CARNAVAL, FRUTO DO PECADO

Tácito da Gama Leite Filho

É impossível fixar a data de quando surgiu o carnaval. Sua origem é obscura, mas sabemos que assenta suas raízes em festividades primitivas, pois todos os povos sempre dedicavam alguns dias do ano às festas.

Entre os egípcios, havia cerimônias em honra à deusa Isis, irmã de Osiris, e de muita popularidade, como também ao Boi Apis. Entre os gregos, existiam festivais realizados em honra de Baco, deus do vinho e filho de Júpiter e de Sêmele; este deus fazia-se acompanhar sempre de sátiros, faunos, cupidos e ninfas, os Bacantes, que bebiam vinho e dançavam.

Os romanos possuíam suas luperciais, saturnais, bacanais, tendo assimilado ainda, dos povos conquistados por suas legiões, os seus rituais que eram acrescentados aos festejos realizados. Entre esse povo, essas práticas não atingiam somente à plebe. Os imperadores eram os que mais apreciavam esses festejos e, segundo a História, Nero, Calígula, Domício, Tibério e Heliogábulo costumavam participar assiduamente, disfarçados no meio do povo e locomovendo-se até os bairros mais imorais da cidade, onde a carnalidade era maior.

Nero, que não respeitou a sua posição de imperador, trocando também a dignidade pela libertinagem, tinha uma conduta de verdadeira subversão moral, participando das orgias, das festas carnavais em recantos de Roma. Nero era diferente. Gostava de fantasiar-se de mulher e é considerado o primeiro travesti histórico do carnaval.

Durante a Idade Média, o carnaval também foi bastante rígido, mas sem o extravasamento que tinha na antiguidade. Trouxe este período para a Itália todo o rigor da Roma dos Césares, como também o carnaval. Em Roma, Florença, Turim e Nápoles, os festejos passaram novamente a dominar a população. Nestas cidades surgiram carros enfeitados, com o objetivo de cada nobre superar seu colega pela magnificência de seu carro.

As máscaras também surgiram na Itália, onde o povo já possuía o costume de ir ao teatro para ver os atores mascarados. O costume das máscaras, característica italiana, chegou a Roma por influência dos gregos. No século XVI, as máscaras foram muito usadas na Europa. O rei Carlos VI, em todas as festas, obrigava os convidados a se mascararem e, numa dessas ocasiões, foi vítima de um atentado, quando vestido de urso. Henrique III, por sua vez, costumava dormir mascarado, para recomendar a farra tão logo acordasse. Esse costume continuou; prova é que no tempo de Luiz XIV, rei da França, todos se mascaravam durante os festejos carnavalescos.

Durante a Revolução Francesa, o carnaval tornou-se mais restrito. No entanto, tão logo esta acabou, o povo caiu novamente na farra, com o objetivo de saciar seus instintos orgiásticos.

O século XIX foi considerado o auge do carnaval europeu e, depois da primeira guerra mundial, Momo tornou-se a figura principal no continente latino-americano, tendo como pontos de referência o Rio de Janeiro, Recife e Bahia. Muitos se irritam quando falamos nos males causados pelo carnaval, mas isto é uma realidade não somente visível, como também sensível. Visível aos que se isentam dele e sensível aos chamados foliões. Sabiam esses, que o mínimo que acontece se sentirem os efeitos orgiásticos, se não perderam a vida.

Durante todo o ano, fazem-se preparativos, imaginam-se fantasias, pensa-se nos apetrechos que serão usados. Muitos sacrificam suas famílias para apresentar em conjunto um espetáculo a contento dos turistas.

Observa Trajano Nunes: "Servem de divertimento, como nos circos da antiga Roma, sem sentirem o sarcasmo do ridículo. Nada disso importa. O carnaval é o consolo da mal dissimulada alegria, que explode na orgia mefistofélica de ostentar as regalias de reis e rainhas das eras extintas, pavoneando as simulacras vestimentas ou fantasias que lhes roubaram as minguadas refeições, indiferentes às crianças em farrapos e abandonadas".

Vemos na realidade a honra da família desprezada, destituída de amparo, do acolhimento e também vemos o jovem gastando as energias que poderiam investir em algo mais lucrativo. O carnaval é, sob muitos aspectos, uma contravenção penal, pois o art. 153 da Constituição veda práticas que contrariem a ordem pública e os bons costumes.

O que muitas instituições, principalmente jurídicas, fazem durante o ano para preservar a integridade e assegurar o padrão moral do povo, o carnaval, em três dias, afronta audaciosamente. O carnaval desrespeita e desvaloriza os direitos humanos, físicos e espirituais.

A revista A Voz da Mocidade para a Família traz o seguinte depoimento do dr. Ramalho, médico do Rio de Janeiro, sobre o carnaval: "Como médico experiente por longos anos, quero deixar alguns exemplos que ficaram gravados em minha memória, os quais servirão de advertência a todos. Por contingência de minha vida, durante os plantões nos hospitais, tenho a oportunidade de presenciar, de perto, os feridos e acidentados, como resultado de tão formosa festa. Assim, vivo junto a essa gente que se esquece da responsabilidade, do pudor, da vergonha; que perde a noção de exemplo aos filhos e aos moços. Tenho vivido junto aos resultados nefastos desse carnaval". Mas o comentarista prossegue na sua dissertação: "Nas ruas, ouve-se as piadas profundas e maldosas, vê-se as jovens expostas a olhares curiosos e nocivos. Nos bailes, a situação é mais grave, pois, aproveitando-se da escassez de iluminação, o afastamento das autoridades e do público, os festivais promovem o maior descabro no campo da sensualidade e da prostituição".

"Dolorosas cenas são contempladas nesses dias. Meninas, moças, senhoras e homens que, à luz do dia não são capazes de se exporem, aparecem seminus e até inteiramente despidos. Dias após, entram nos lares os jornais com textos e fotografias, manchetes alusivas da "festa" - as licenciosidades documentadas. Até aquilo que nunca deveria ser conhecido: lares desfeitos, mentiras acobertadas, consciências enganadas e costumes deturpados. E muitas dessas vítimas estarão em busca de seus companheiros e jamais os encontrarão. Há ainda uma quantidade enorme de moças enganadas que servirão para as conversas futuras, pelas esquinas. Muitos desses casos ficam acobertados por um silêncio comprado; cicatrizes que jamais se desfazem; manchas definitas nos corações e nas almas. Quantos numa fuga dolorosa dessa miséria chamada carnaval, recorrem ao suicídio".

Muitos, ao lerem este aviso, pouca ou nenhuma atenção lhe darão. Muitos hão de pensar e declarar que "não é tanto assim", que está havendo exagero de nossa parte. Nosso objetivo, entretanto, é esclarecer, é ajudar.

Há necessidade de o homem prezar o próprio corpo, honrá-lo, alimentá-lo, não prejudicando a própria saúde, não se entregando a orgias, à prostituição, ao descanso moral. Não destruindo a própria personalidade. O maior prazer da vida é vivermos bem, de forma sadia, para nossa preservação e integridade e para estendermos essas condições ao próximo.

ANEXO C – A FARSA DO ECUMENISMO

8

março de 1982 — mensageiro da paz

A farsa do Ecumenismo

O movimento Ecumênico é uma realidade no panorama cristão-religioso de nossos dias. Teve início entre as denominações evangélicas ou protestantes através das reuniões do Concílio Mundial Missionário I, e do Congresso Mundial de Igrejas, o qual reuniu-se pela primeira vez em Amsterdã, em 1948. A seguir foi acolhido no seio da Igreja Católica Romana, quando o Papa João XXIII convocou a 25 de dezembro de 1961 o Concílio Vaticano II, cujas sessões tiveram início em 11 de outubro de 1962, na Basílica de São Pedro, em Roma. Compareceram em procissão que se estendia por dois quilômetros, nada menos de 2.500 bispos de todo o mundo, altos dignitários de várias nações, eclesiásticos, membros de corpos diplomáticos, missões estrangeiras extraordinárias e observadores de outras igrejas. Do lado de fora, na Praça de São Pedro, milhões de pessoas contemplavam o espetáculo que foi transmitido para todo o mundo através dos meios de comunicação existentes na época.

Em primeiro lugar, o movimento ecumênico é o esforço para explorar as possíveis áreas de aproximação dos diferentes grupos evangélicos entre si. O seu propósito, por vezes oculto e dissimulado, outras manifesto e explícito, de que "todas as igrejas da cristandade se unam em uma só organização eclesiológica mundial", é duvidoso. Seu principal argumento bíblico é a oração de Nosso Senhor Jesus Cristo expressa em São João 17.21.

Ênfase ecumênica
É inegável que o desejo de aproximação espiritual e amistoso entre as várias denominações evangélicas é nobre e bom. O propósito de compreensão objetiva e sincera é louvável. Importa, entretanto, recordar que as divisões da família cristã universal começaram no momento em que os cristãos se afastaram da doutrina clara e genuína do Evangelho. A consequência inevitável foi a formação de diferentes e até contraditórios grupos religiosos.

Esta ênfase dentro do protestantismo possui seus valores e introduz seus perigos. Quer a unidade é um bom ideal. O esforço em si participa do Espírito de Jesus Cristo, que quer que todos sejam um, porém nele, neste ponto onde parece estar a virtude do ecumenismo pode tornar-se um perigo: é o de deixar-nos levar somente por um bom sentimento e ístermos caso omissos dos procedimentos, dos métodos e das transigências. A bem da amizade e da unidade, podemos ingenuamente ceder na lealdade aos princípios doutrinários da Palavra de Deus. Outro valor da ênfase ecumênica é que se permite aos diferentes grupos evangélicos reconhecerem a contribuição positiva que cada um deles está dando à causa do reino de Deus em geral. Dessa maneira, nossas atitudes recíprocas se caracterizam pela caridade, cortesia e amizade cristãs. Tal comportamento de relações éticas é útil para equilíbrio das forças vivas cristãs dentro dos limites do movimento cristão histórico universal.

Objetivos e conseqüências
A meta final do movimento ecumênico parece ser a "união de todas as igrejas em uma só igreja cristã mundial". Esse objetivo não é prático nem bíblico. Logo, é frontalmente contrário a doutrina de Jesus Cristo e ao espírito do Novo Testamento, segundo os quais nossas relações devem ser mais de fraternidade e de amor que de lei ou de imposição. Por esse caminho se chega ao centralismo eclesiológico, à hierarquia dominante, ao monopólio carnal, à autoridade ditatorial contraproducente, em uma palavra, ao patrono da Igreja Católica Romana.

AD em Jardim Céu Azul inaugura templo

A AD em Jardim Céu Azul, Luziânia, GO, pastoreada pelo irmão Antonio de Souza Santos, comemorou o primeiro aniversário da igreja e inaugurou o templo sede com a presença dos pastores Eliseu Menezes e Hilário Pereira da Silva, presidente e vice da Convenção das Assembléias de Deus no Distrito Federal. Na ocasião novos crentes desceram às águas batismais.

A inauguração

Pela manhã, bem cedo, houve o toque da alvorada, realizando-se mais tarde o batismo de novos crentes. Seguiu-se a Escola Dominical com cooperação de muitos visitantes. À tarde, os pastores Eliseu Menezes e Hilário Pereira da Silva desataram a fita simbólica, inaugurando o templo. Deus derramou poder no momento em que o pastor Hilário fazia a dedicação da casa de oração.

Quando fundou a igreja um ano antes da inauguração

É certo que deve haver unidade doutrinária e espiritual na grande família de Deus. O apóstolo Paulo já em sua época recomendava aos cristãos em Éfeso dizendo: "Rogovos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos", Ef 4.1-6. Porém não nos afirmamos o Apóstolo que deve haver uma só igreja com uma só cabeça, humana e visível, que a governe. Deve haver, sim, igrejas locais, congregações de crentes espalhadas por toda parte, autônomas, esforçando-se cada uma para levar adiante, na medida de suas capacidades e possibilidades, o programa missionário do Senhor Jesus, como verdadeiros organismos vivos e cheios do Espírito Santo, lutando contra o pecado, e oferecendo um refúgio de paz e felicidade a uma humanidade oprimida, desorientada e sofridora.

O Ecumenismo na Igreja Católica Romana

A Igreja Católica de nossos dias percebendo as possibilidades e vantagens que a idéia ecumênica lhe proporcionava, logo se interessou em aproximar-se do grupo protestante e realizar o seu próprio ecumenismo bem ao seu estilo. Inicialmente tratou de mudar de tática e fazer reajustes em suas posições. "Tradicionalmente rígida, ostensivamente ativa, injatamente perseguidora" dia após dia, Papa após Papa, a igreja "infalível e imutável" está admitindo alguns de seus erros, reformula os antigos métodos de sua política e cede em alguns pontos de seu complexo e faustoso ritual. Desta forma, a Igreja Romana, busca uma pseudo aproximação de seus "irmãos separados", dentre os excomungados.

O Concílio Vaticano II foi inaugurado em Roma pelo Papa João XXIII a 11 de outubro de 1962 e encerrado pelo papa Paulo VI, a 8 de dezembro de 1965. Mesmo antes da instalação do Concílio Vaticano II já se verificava o surgimento de duas alas divergentes no meio Católico Romano. Um grupo tornou-se conhecido como "Ala Conservadora" ou Tradicionalista. É contrário às mudanças. O outro, "Ala Progressista", liberal, renovadora. Este deseja que o catolicismo romano se ponha em consonância com os tempos atuais, admitindo em seu seio certas inovações e desvios doutrinários que chegam a depôr contra o bom nome daquilo que se chama "igreja". Se diz pertencente à Ala Conservadora: a Cúria Romana e o clero da Espanha, Itália e América Latina. Ao segundo grupo, Ala Progressista, pertencem importantes membros do clero na Alemanha, França, Holanda, Inglaterra e nos Estados Unidos. É de opinião popular que João XXIII se declarava pela Ala Progressista e Paulo VI pela Ala Conservadora.

Acomodação ao mundo atual

Entende-se por "aggiornamento" a intenção de aplicar um "remendo" ou "adorno", como alguns preferem, à igreja romana, de modo a ajustá-la às "necessidades" e aos "ritmos" do mundo moderno, tão abalado por inquietações sociais, avanço tecnológico e decadência espiritual. Em o "aggiornamento" também estava incluído a pretensa reconciliação com o mundo protestante agora não mais tratados como "herejes". É importante mencionar-se aqui que o próprio papa Paulo VI declarou que "a

culpa da divisão da cristandade histórica não descansava somente nos chamados protestantes, mas, sim, também na própria igreja romana", chegando até a pedir perdão pelos erros do passado.

Algumas mudanças verificadas ultimamente no seio da Igreja Católica Romana são: liberação aos leigos do uso prático e geral da Bíblia Sagrada; não reconhecimento de alguns "santos" até então venerados, como São Jorge e outros; permissão aos católicos para reunir-se com os evangélicos com o fim de cultivar a Deus; Mudanças litúrgicas no rito da missa (celebração em língua vernácula de cada nação) etc.

Liberdade religiosa

É de estranhar-se que somente agora a pretensa detentora da "religião universal" venha preocupar-se com a liberdade religiosa. Sempre afirmou ser a "única e verdadeira igreja de Jesus Cristo, a depositária da verdade divina", sempre afirmou que somente ela tem direito à liberdade que as demais confissões religiosas não possuem esta liberdade, e que, tão somente em circunstâncias especiais poderão ser "toleradas".

Finalmente, depois de muitas batalhas de palavras e argumentos, a tese da liberdade religiosa triunfou. Foi aprovada pelo Concílio em 19 de novembro de 1965 e promulgada pelo papa Paulo VI em sessão pública do Concílio a 7 de dezembro do mesmo ano, e assim declarou: "Este Sinodo Vaticano declara que o ser humano tem direito à liberdade religiosa. Esta liberdade dos indivíduos ou dos grupos sociais ou de qualquer poder humano, de tal maneira que, em assuntos religiosos, a ninguém se deve restringir de atuar de conformidade com suas próprias crenças, seja privada ou publicamente, seja só ou em associação com outros, dentro dos limites devidos". "Este direito da pessoa humana quanto à sua liberdade religiosa há de ser reconhecido na lei constitucional mediante a qual a sociedade se governa. Dessa maneira ela vem a ser um direito civil".

É de se estranhar pronunciamentos tão claros sobre liberdade religiosa feitos por uma entidade religiosa que tem um passado negro de intolerância e crueldade. "Roma sempre creu que a cruz devia ir acompanhada da espada; no lugar onde a primeira não fosse aceita, a segunda devia impor-se". Ao analisarmos os resultados doutrinários do Vaticano II, vamos concluir que Roma não mudou nenhum de seus dogmas que a distanciam da Palavra de Deus. Continua afirmando que: a) O Papa é o sucessor de Pedro, é vigário de Cristo na Terra e chefe Universal da Igreja; b) São verdadeiros os dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção da Virgem Maria; c) Jesus Cristo não é o Único, suficiente e pessoal Salvador; necessitamos por isso da mediação dos santos, dos méritos das obras humanas e de sacramentos que nos transmitem graça salvadora e santificadora.

Como se vê, as mudanças não foram tão profundas e convincentes para que sirvam de atração àqueles que têm Cristo como Sumo Pastor, e desejam obedecer fielmente à Sua Palavra revelada, única e exclusivamente nas páginas da Bíblia Sagrada. Uma coisa é certa: "ROMA É SEMPRE ROMA!".

Adival Valle

Evangelista, Bacharel em Letras pela UERJ, Professor de Grego e Hebraico



Muitos irmãos participaram do ato inaugural. Num ano os irmãos construíram este grande templo

Os pastores Eliseu Menezes e Hilário Pereira da Silva desataram a fita simbólica

Antonio de Souza Santos, pastor

ANEXO D – QUEM TEM MEDO DOS CRENTES?

FEVEREIRO/84

MENSAGEIRO DA PAZ

DISSE JESUS: DEIXO-VOS A PAZ, A MINHA PAZ VOS DOU

ANO LV — MAIS DE MEIO SÉCULO DISSEMINANDO BÊNÇÃOS — Nº 1162

QUEM TEM MEDO DOS CRENTES?

Métodos errados para a mensagem certa

Recentemente publicada em um jornal diário, a carta de um leitor procura justificar os métodos da seita moon (Igreja da Unificação) afirmando entre outras coisas o seguinte: "Os trabalhos são executados nos runs em forma de oferecimento de quadros, de folhetos ou visitas diárias a casa de amigos, para testemunharem sobre a Igreja da Unificação."

Sem querer entrar no mérito das acusações que pesam sobre esta seita, e são veiculadas pela imprensa secular, este método "de casa em casa", quando desenvolvido espontaneamente e sem nenhuma coação psicológica, é o que mais se aproxima do padrão bíblico de crescimento da verdadeira Igreja de Cristo na face da Terra, isto porque em toda a extensão do livro de Atos dos Apóstolos verifica-se o empenho dos cristãos primitivos em realizar o trabalho evangelístico, na maioria dos casos, em bases individuais, que consistem em buscar um a um os que ainda não foram alcançados pela libertação de Jesus.

Foi assim que a Igreja primitiva cresceu.

Hoje, enquanto diversas seitas perniciosas empregam largamente a visita domiciliar com grande sucesso, o povo de Deus que possui a mensagem certa para este momento de graves crises em todos os setores, não se mostra consciente para a grande importância do evangelismo pessoal. É preciso questionar se os métodos de equipes, grupos ou similares atualmente por nós empregados representam o que há de melhor para a evangelização. Não estará a Igreja, por causa disso, acomodada passivamente, sem realizar a contento o trabalho que só a ela cabe por imposição divina, bíblica e histórica? Se os métodos estão errados, procuremos alterá-los, pois a verdadeira mensagem se encontra em nossas mãos.

Vamos orar pelo Brasil

MENSAGEIRO DA PAZ: FORÇA VIVA NA EVANGELIZAÇÃO DO BRASIL

Continua vitoriosa a iniciativa de igrejas e colportores, em distribuírem em todo o Brasil milhares de exemplares do MENSAGEIRO DA PAZ. A seguir, a relação das igrejas com cotas mensais a partir de 2.000 jornais.

| | |
|---|--------|
| RECIFE (PE), Pr. José Leônido da Silva..... | 12.000 |
| SALVADOR (BA), Pr. Rodrigo Silva Santana..... | 10.000 |
| BELO HORIZONTE (MG), Pr. Anselmo Silvestre..... | 6.000 |
| BELEM (PA), Pr. Firmino da Anunciação Gouveia..... | 5.000 |
| PORTO ALEGRE (RS)..... | 3.100 |
| CURITIBA (PR), Pr. José Pimentel de Carvalho..... | 3.000 |
| ARRUI E LIMA, Paulista (PE), Pr. Isaac Martins Rodrigues..... | 3.000 |
| MANAUS (AM), Pr. Alcibíades P. Vasconcelos..... | 3.000 |
| JOINVILLE (SC), Pr. Satyro Loureiro..... | 2.500 |

Filho de japonês diz que Buda não salva



"Ao morrer, Buda falou que estava em busca da verdade", foi o que disse Hideo Takayama, de origem japonesa, ao ser procurado pelos repórteres por ocasião de uma série de conferências realizadas na cidade de Curitiba, PR, que reuniu nos dias de maior afluência cerca de 100 mil pessoas. (P.13)



Miséria mata 15 milhões de crianças em 1983

Segundo informações do diretor do Fundo das Nações Unidas para a Infância, cerca de 15 milhões de crianças morreram em 1983 como consequência direta da miséria e ignorância. Um dos maiores problemas que afligem as populações dos países pobres é a fome, da qual as crianças são as grandes vítimas. (Informação)



A água que salvará o Nordeste

O mundo tem sido vítima de terríveis problemas meteorológicos. Enquanto no inverno dos Estados Unidos centenas de pessoas morrem de frio, a seca continua assolando o Nordeste brasileiro, em aberto desafio aos que buscam soluções para essa região. Mas a água que salvará o povo nordestino se encontra disponível, e trará resultados maiores do que o esperado. (P.20)

CADSA, uma nova visão para a América Latina

Em reunião realizada no ano anterior, a Conferência das Assembleias de Deus Sul-Americanas - CADSA, sob a presidência do pastor Manoel Ferreira, também presidente da CGADB, promoveu debates sobre temas atuais, entre eles o posicionamento das Assembleias de Deus na América Latina diante da chamada Teologia da Libertação. A próxima Conferência da CADSA está prevista para julho de 1986 em Brasília. (P.9)

ANEXO E - SAMBISTA ENCONTRA JESUS NA BOATE

Mensageiro da Paz - Julho de 1984

13

Sambista encontra Jesus na boate



Introduzido no Brasil em 1841 pelos portugueses, o carnaval transformou-se rapidamente, em uma das festas mais populares do mundo. A maior atração carnavalesca, sem dúvida alguma, são as escolas de samba que, desde 1928, vêm catalisando a atenção do mundo por causa de sua alucinante coreografia, vivo colorido de suas fantasias e animado ritmo musical de suas estrepitosas baterias.

Muitos são os sambistas que se têm destacado por sua cega e desmedida lealdade ao folclórico Rei Momo. Júlio Alves, hoje dinâmico evangelista, é um deles. Vale a pena conhecer sua história; é um testemunho de fé, amor e esperança.

Uma infância dramática
Júlio Alves, natural do Rio de Janeiro, nasceu em pleno teatro de macumba. Sua mãe, Judite Alves, era uma conhecida mãe-de-santo. Como dedicada sacerdotisa do candomblé, obrigava o pequeno Júlio a fumar vários charutos e a ingerir grandes doses de bebidas alcoólicas.

Desde cedo, Júlio começou a ser atormentado pelo demônio que lhe aparecia em vários lugares e de diversas formas. Desesperado, foi pedir socorro à sua mãe. Esta, contudo, reagindo disse-lhe: "Julinho, não fique assustado. Você está se aperfeiçoando. Isto significa que você será um bom médium."

Tempos depois, ele-lo a receber vários guias. Completamente envolvido pelos cultos afro-brasileiros, passou a violar ceticamente. Nas encruzilhadas e praias caóticas, preparava despatches aos demônios.

Bompeço com os orbeis
Júlio Alves, intimamente, repudiava o seteanismo; não queria ser médium. Desejava ser um menino normal e participar de todos os folguedos infantis. Nessa ocasião, foi atingido por uma forte infecção renal, e em consequência dela quase morreu.

Alguns meses mais tarde, em decorrência de seu mau comportamento, seria internado na Funabem. Todavia, conseguiu evadir-se. Viaja a Santa Rita do Passa Quatro, onde passa a frequentar um colégio católico.

Seus traumas, oriundos das aberrações presenciadas no terreiro de sua mãe, viriam à tona ao se deparar naquela instituição de ensino, com um altar romano. Pobre Julinho! Era tudo a mesma coisa. Ogun aparecia como São Jorge; Ossosse, como São Sebastião; Xangô, como São Jerônimo. E, como se isto não bastasse, puxaram-lhe as orelhas, por chamar os santos católicos pelos nomes com que eram conhecidos no candomblé.

Aos 13 anos, novamente desiludido, abandona aquele colégio.

Galgando os píncaros da glória
Chega a Ilha do Governador disposto a ser um grande sambista. Começa a brilhar nas passarelas. Como ostrio pandeireta, é aplaudido, e requisitado. Entusiasmado, ingressa na Escola de Samba União da Ilha.

Aos dezito anos de idade, sentindo o pulsar intenso de sua arte e vislumbando áureas horizontes, vai a São Paulo. Na turbulenta megalópole, participa de di-

versos eventos artísticos. Acompanha com o seu pandeiro, na extinta TV Excelsior, vários artistas, entre os quais, Jair Rodrigues, Elza Soares, Ella Regina e Bebeto. Foi um dos principais instrumentistas do programa "O Fim da Bossa". Trabalhou também com o compositor Herivelto Martins.

Ainda em São Paulo, faz um curso para juiz de futebol. Em 1977, dirige, no Paraguai, uma importante partida entre Corinthians do São Paulo e o Corro Portenho daquele país. Nessa oportunidade, Júlio Alves apresenta-se na televisão e fala de sua carreira como sambista e juiz de futebol. Foi prestigiado na ocasião pelo presidente paraguaio Alfredo Stroessner. Meses depois, visitaria Portugal e Argentina, exibindo sempre suas habilidades com o seu lendário e inseparável pandeiro.

A enfermidade e o encontro com o Senhor

Júlio Alves, ao participar de um show na cidade de Natal, SC, fere o pé. Por causa disto, não pode seguir para Mar del Plata, na Argentina, onde teria que cumprir vários compromissos. O ferimento infeccionou e uma febre alta fez Júlio, quase moribundo, delirar. Durante várias horas repousou no quarto de uma boate, esperando para ser levado ao médico por um amigo que estava se apresentando naquela casa de espetáculos.

Nesse meio tempo, entra em seu quarto uma lavadeira, que ao ver seu pé inflamado, exclama: "Moço, Jesus pode curá-lo. Você acredita?". Júlio, então, fingendo pouco caso daquela senhora, respondeu-lhe: "Dona, eu não creio em Jesus. Para mim só existe Alan Kardec". Resposta, a humilde serva de Deus refuta-o: "Deixemos de lado esse tal de Kardec; quero falar-lhe de Jesus, porque você é um vaso escolhido para pregar o Evangelho".

Já bastante desiludido com as experiências religiosas que vivia na infância, afirma: "A senhora deve estar enganada. Estou em um terreiro de macumba e minha mãe foi uma devotada serva de Ogun e, com tudo isto, minha vida continua a mesma. "Sim, eu sei, retorquiu-lhe a lavadeira, quando criança você foi oferecido a Satanás, teve visões horríveis. Enfim, você era uma criança atormentada." Espantado, pergunta: "Como a senhora sabe de tudo isto?" Despreziosamente, respondeu-lhe a serva de Deus: "Revelou-me o Senhor."

Júlio, perplexo ante as palavras simples, mas penetrantes daquela mulher, declara: "Eu sou artista e juiz de futebol, tenho fama e muitas mulheres, será que compensa deixar tudo isto para ser crente?" Sem perder o equilíbrio, enfatiza a mensagem do Senhor: "Fui enviada aqui por Jesus para pregar-lhe o Evangelho. E para provar que não minto, seu pé ficará são." Ele, então, já bastante quebrantado: "Se isto realmente aconteceu, vou à sua Igreja e aceitarei o seu Deus."

Ao deixar aquele lúgubre aposento, a lavadeira declara: "Para Deus nada é impossível." Alguns minutos mais tarde, ele-la na casa de Deus a orar por Júlio, que dormia profundamente, enquanto Jesus, o Médico dos médicos, leniu-lhe o feio fe-



rimento. Ao acordar, ficou maravilhado, ao ver que já estava completamente são. E, pela primeira vez, sentiu o temor de Deus em sua vida.

A conversão
Naquela mesmo dia, pela primeira vez, Júlio assistiria a um culto evangélico. Entra no templo da Assembléia de Deus em Praia Brava e, atônito, teve uma impudida pregação. As palavras, quais agulhas flexas, vararam-lhe o coração. Ao seu redor, os irmãos falam línguas estranhas; não as entende, mas sente-se bem.

De repente, ouve o apelo: "Quem, nesta noite, quer receber a Jesus em seu coração?" Dis consigo mesmo: "Não posso... não posso... como pois ganharia a vida?" Afinal de contas, era um artista e só sabia cantar e apitar jogos. Além do mais, era viado e vivia com várias mulheres. Neste interim, alguém exortou-o suave e mansamente: "É Jesus quem faz a obra; venha assim, como você está." Não obstante, indeciso, retira-se.

Dias depois retorna, Pregava nessa noite o pastor Arthur Montanha. Quando do apelo, novamente o assulta e indeseio. Mas a mensagem é contundente: "Há alguém neste recinto que muito precisa de Deus, mas está resistindo." Conjectura Júlio: "Será que sou eu?" Preemptivamente, afirma o pastor Montanha: "É você mesmo; venha sem tardar".

Todavia, reticente, devaneava: "Tenho ainda muito o que fazer; não posso aceitar Jesus. Tenho que ganhar muito dinheiro." Como que lendo seus pensamentos, repreende-lhe severamente o pregador: "O diabo está enganando-o. Cuidado, porque você poderá ganhar o mundo todo e perder a sua alma."

Quando Júlio prepara-se para ir à frente, sentiu-se todo acorrentado. Tenta desvencilhar-se, mas em vão. Os irmãos percebendo sua luta, clamam: "O sangue de Jesus tem poder". Neste momento, quebram-se os grilhões. E Júlio, como que acordando de um horrível pesadelo, declara: "Eu quero aceitar Jesus como meu Salvador!"

Vivendo pela fé
Novo convertido, teria que resolver agora um difícil dilema: como ganharia a vida? Eis suas únicas ferramentas de trabalho: o irrequieto pandeiro e o estridente apito.

Sem outro recurso, aceita convite para se apresentar em um restaurante. Ao entrar naquele escuso estabelecimento, é tomado de um grande pavor; sente-se no inferno.

Mas Jesus deu-lhe vitória!
Júlio Alves, membro da Assembléia de Deus de Galvão, na Ilha do Governador, RJ, atualmente percorre toda o Brasil, cantando e pregando. Nada lhe tem faltado, pois confia no domo da prata e do ouro: Jesus Cristo. Na vida desse talentoso e fiel Obreiro, cumpre-se o que profetizou Zacarias: "Então veréis a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus, e o que não serve". Mt. 3.18.

Silvio Amaral

Flagrantes Mundiais

CNBB SE PREOCUPA COM O AFASAMENTO DOS CATÓLICOS - Preocupada com o crescente esvaziamento da Igreja Católica, em decorrência da opção de seus fiéis por outras religiões, mais precisamente por igrejas evangélicas, a CNBB encaminhou a todos os bispos um documento, para ser analisado pelo episcopado em, que critica a divulgação deste esvaziamento. O documento, elaborado pelo setor de comunicação da CNBB, afirma que certo tipo de imprensa, além de divulgar notícias e informações de modo distorcido, tem valorizado os acontecimentos das igrejas evangélicas em destaque bem superior do que viria acontecendo normalmente.

PROIBIDA A INTRODUÇÃO DE BÍBLIAS NA CHINA - Durante os últimos anos, os turistas evangélicos começaram a introduzir cópias de bíblias em idiomas chineses, dentro de suas malas, quando viajavam ao grande continente vermelho. Porém, recentemente, os oficiais aduaneiros começaram a fazer esta atitude missionária. Perguntam abertamente aos turistas se trazem bíblias e retiram suas malas com muito cuidado, chegando ao extremo de utilizarem raios X para descobrir literatura cristã escondida. Permitem unicamente aos turistas lerem bíblias de uso pessoal; as demais são presas e devolvidas na saída do país. (Pátria da Fé)

TRÊS MILHÕES DE BÍBLIAS PARA TRINTA MILHÕES DE CRENTES SOVIÉTICOS - De acordo com pesquisas feitas pela Missão Puritas Abertas, existem na URSS apenas três milhões de bíblias para cerca de 30 milhões de crentes. Destas bíblias, a maioria ou foram impressas secretamente, ou são do período pré-revolucionário. Segundo o relatório, desde 1917 foram impressas apenas 360 mil bíblias no país, o que não quer dizer que foram distribuídas. Somente 80 por cento dos exemplares oficialmente impressos, chegaram realmente de mãos dos crentes locais. O restante foi armazenado ou esportado para provar a existência de liberdade religiosa. O porta-voz de Puritas Abertas disse também que poucas bíblias estrangeiras conseguiram chegar até a Igreja. Segundo o Rev. André, recentemente, um visitante oficial na Igreja Ortodoxa Russa foi deixado sozinho por seus guias durante alguns momentos. Enquanto estava tentando meditar, foi furtivamente abordado pelo atendente da igreja, que o levou a uma grande sala. Retornando abarrotado de bíblias, americano e inglês, foram distribuídas em russo. Ele notou que cada lote tinha uma etiqueta indicando que as bíblias eram todas presentes do Igreja e organizações estrangeiras. "Mas esta sala está cheia", exclamou o visitante. "O que aconteceu se chegarem mais bíblias?" O atendente respondeu: "Ficé. Eles simplesmente queimaram o lote mais antigo". A conclusão de Puritas Abertas é que não há alternativa a não ser o método do transporte ilegal.

LÍDERES DA SETTA MENINOS DE DEUS PODER ENFRENTAR PENA DE MORTE - Sob o comando de atividades subterrâneas e de praticarem o "saco livre", todos as publicações que promovem a setta "Meninos de Deus" foram proibidas pelo Promotor Geral da Indonésia, Ismail Saleh. As autoridades também prenderam pelo menos dois membros da organização. A ordem emitida por Saleh proíbe a impressão, circulação, distribuição e posse de materiais que promovem a setta "Meninos de Deus" na Indonésia. Os presos - um norte-americano e um italiano - são acusados de liderarem a setta nesse país. Segundo a polícia, os foram confirmados as acusações, os dois estrangeiros poderão sofrer a pena de morte. (O Dia)

BILLY GRAHAM REALIZA MINI-CONGRESSOS NA AMÉRICA LATINA - A Associação Evangélica Billy Graham está promovendo durante este ano a realização de 13 mini-congressos sobre Evangelismo em nove países da América do Sul e América Central. Alguns já foram realizados e os próximos estão previstos para Guatemala, Colômbia, Equador, Bolívia e Argentina. (Concota)

ANEXO F – EXISTE SOLUÇÃO PARA O HOMOSSEXUALISMO?

mensageiro da paz nº 1174 fevereiro de 1985

3 9

EXISTE SOLUÇÃO PARA O HOMOSSEXUALISMO?



Oscar Wilde, um dos maiores vultos da literatura inglesa, muito sofreu em consequência de suas íntimas relações com o jovem Alfred Douglas. Sua metódica e brilhante carreira foi seriamente abalada. Atenuando suas tendências bestiais, cognominou seu homossexualismo de "o amor que não ousa pronunciar o seu próprio nome".

Depois de admitir que Leonardo da Vinci e Miguel Ângelo foram proselitizados pela mesma sordidez, asseverou possuir uma afecção espiritual e profunda, tão pura quanto perfeita pelo seu amante.

Sua líbido retórica, todavia, não converteu os júris, que o condenaram a vários anos de trabalhos forçados. No cárcere de Reading, seu talento fenecia, sua força criadora minguava. Escreve Gastão Pereira da Silva: "...o resto da patética história de Wilde é a inexorável redução de um grande homem a um zero humano".

A semelhança de Oscar Wilde, grandes vultos da humanidade fizeram do homossexualismo um ideal de vida. Sua opção, contudo, custou-lhes um preço muito elevado - a própria eternidade. Apesar de sua ilustração e cultura, mergulharam em um pútrido mar de lama, do qual jamais puderam sair. E, segundo Cícero, "toda lama tem mau cheiro".

Freud e o homossexualismo

A natureza e a etiologia da inversão sexual, até bem pouco tempo atrás, eram desprezadas pela ciência. Desses assuntos, ocupavam-se mais os legisladores. Contudo, o *Simpósio* de Platão, os *Sonetos* de Shakespeare e *As folhas da Relva*, de Whitman, deram a Freud, principalmente, razões suficientes para um exame mais profundo da inversão sexual.

Freud, por exemplo, dividiu os homossexuais em três categorias: invertidos absolutos, ambíguos e ocasionais. Ele admitiu uma anomalia constitucional determinada para o homossexualidade, mantendo-se cético frente a opinião de seus discípulos que a consideravam uma neurose.

Lamentavelmente, as fórmulas freudianas reduziram a vida do ser humano a instintos sexuais, a impulsos genésicos. Conseqüentemente, os males do homossexualismo foram de tal modo atenuados que, hoje, é considerado uma mera doença, um simples desvio pessoal. Freud cognominou a homossexualidade de um desvio incidental.

A Bíblia e o homossexualismo

Enquanto psicanalistas e humanistas amainam as funestas conseqüências do homossexualismo, as Sagradas Escrituras, peremptoriamente, o condenam. As cidades de Sodoma e Gomorra, por exemplo, foram destruídas por causa desse pecado. Desgostoso, disse o Senhor: "Com efeito o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado e o seu pecado se tem agravado muito. Descerá, e verá; se de fato o que têm praticado corresponde a esse clamor que é vindo até mim; e, se assim não é, sabe-lo-ei". Gn. 18.20,21.

De fato, constatou o Senhor que os sodomitas e gomorritas eram grandes pecadores e os destruiu. "Então fez o Senhor chover enxofre e fogo, da parte do Senhor, sobre Sodoma e Gomorra. E subverteu aquelas cidades e toda a campina, e todos os moradores das cidades, e o que nascia na terra". Gn. 19.24,25.

Com o advento de Moisés, o homossexualismo continuou a ser tratado com a mesma severidade. Inspirado por Deus, prescreveu o grande legislador: "Com homem não te deitarás, como se fosse mulher: é abominação". Lv. 18.22. Jesuá inata, terminantemente, com os israelitas: "Com nenhuma destas coisas não vos contaminareis, porque com todas estas coisas se contaminaram as nações que eu lancei fora de diante de vós. E a terra se contaminou; e ela vomitou os seus moradores". Lv. 18.24,25.

Apesar das severas advertências da lei mosaica, o sodomitismo, em vários períodos da história do povo de Israel, tornou-se bastante comum. Haja vista, por exemplo, que uma das primeiras preocupações de vários reis de Judá foi expulsar da terra os rapazes escandalosos.

Essas práticas imorais também foram condenadas pelo apóstolo Paulo. Em sua Epístola aos Romanos, acentuou: "A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes se tornaram nulos; obscurecendo-se, lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos, e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança de imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e réptis. Por isso Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seus próprios corpos, para desonrarem os seus corpos entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura, em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém. Por causa disso os entregou Deus a paixões infames; porque até as suas mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas, por outro contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contacto natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo em si mesmos a merecida punição do seu erro". Rm. 1.18-23.

O apóstolo deixa claro, ainda, que o homossexual não herdará o reino de Deus: "Não vos enganéis: nem impuros, nem idolátras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas... herdarão o reino de Deus", I Co. 6.9,10. Além do mais, segundo Norman Geisler, a homossexualidade não é uma relação sexual; é uma aberração da natureza.

Conseqüências do homossexualismo

Conta-se que o período em que Alexandre VI reinou foi marcado por grande

licenciosidade. Logo começaram a aparecer as conseqüências. Entre elas está a sífilis que continua sendo um verdadeiro tormento aos libertinos, aos que desprezaram as normas naturais e divinas do sexo. O mesmo se dá com a aids, mais conhecida como o *câncer gay*.

Os apologetas do homossexualismo, infelizmente, falam eloquentemente acerca desse execrável e abjeto pecado. Só que nada dizem sobre suas funestas conseqüências. Calam-se com respeito a síndrome de deficiência imunológica adquirida.

Segundo as últimas estatísticas, cerca de 20 países já foram atingidos pela aids que, até 1978, era totalmente desconhecida. Drauzio Varella revela que, até onde se sabe, a doença é nova. Não há casos relatados antes do final de 1978. Varella, ainda, explica: "Muitos perguntam se é possível haver certeza nesse tipo de afirmação. Há diversos exemplos na História da Medicina de doenças que ainda não haviam sido diagnosticadas por falta de metodologia adequada, mas que sempre existiram". No entanto, o caso do *câncer gay* é totalmente diferente, inusitado.

Informa o Centro de Controle de Doenças de Atlanta que, diariamente, surgem seis casos de aids. Revela, outrossim, que, nos próximos dois anos, 10 mil homossexuais morrerão em conseqüência dessa diabólica moléstia.

Por conseguinte, não resta dúvida de que o homossexualismo é uma prática totalmente contrária à natureza. E uma aberração! A heterossexualidade, diz Estevão Bittencourt, condiz com a natureza humana e, desse modo, a homossexualidade contraria as leis naturais estabelecidas por Deus. Ressalta, também, que as leis naturais existem nos planos físico, psicológico e moral e não devem ser contrariadas.

A tristeza homossexual

Atrás da aparente liberdade e felicidade, os homossexuais vivem um drama terrível; sua existência é infernal. Tentam alguma desvenhar-se das cadeias do seu pecado. Outros, contentam-se com o seu miserável estado. A tristeza de uma pessoa assim é sem igual, apesar de sua aparente alegria.

Gastão Pereira da Silva, um dos maiores psicanalistas brasileiros, durante o exercício de sua profissão, recebeu centenas de correspondências de homossexuais, solicitando-lhe urgente ajuda. Revela que, na maioria, eram confidências feitas por assim dizer desamparada, a abrir as portas do coração a alguém, na esperança de salvar a alma da ruína e do desespero. Os pseudônimos usados por essa legião de misérrimos são todos assim: *Rosário de Lágrimas, Angustiado, Conflito da Alma, Mãos Inúteis, Flor do Fânstano, Destilado, Morto em vida* etc.

Portanto, ser homossexual, em essência, é ser triste.

Há salvação para o homossexual?

Tantos umá notícia muito boa para você que é homossexual. O seu caso tem solução. Você não foi excluído do plano salvífico de Deus. Jesus Cristo morreu por todos - pelos efeminados e bestiais também. Para Deus nada é impossível.

Tanto no Velho como no Novo Testamento, depararmos com notáveis exemplos de conversão.

Para muitos, por exemplo, uma prostituta é irreversível, é um caso perdido. Habei, entretanto, a meretriz por antinomia, foi justificada por sua fé. Vem-la, hoje, arrolada entre os heróis da fé: "Pela fé Habei, a meretriz, não perdeu com os incrédulos, acolhendo em paz os espíritos",

A CPAD MAIS PERTO DE VOCÊ

Não se preocupe mais em como adquirir os produtos evangélicos de que necessita. A CPAD faz isto por você, indo agora ao seu encontro através das filiais que estão sendo abertas em todo o Brasil.

Já se encontram em funcionamento as seguintes lojas:

RIO DE JANEIRO, RJ
- Estrada Vicente de Carvalho, 1083
Telefone (021) - 391-1910

SÃO PAULO, SP
- Rua Conselheiro Cotegipe, 126/130 - Belenzinho
- Rua Conselheiro Cotegipe, 169 - Belenzinho
Telefone (011) 292-1437

RECIFE, PE
- Av. Dantas Barreto, 899
Telefone (081) 224-2441

NOVA IGUAÇU, RJ
- Av. Governador Amaral Peixoto, 427 - Galeria Veplan
- Lojas 101 e 103

NITERÓI, RJ
- Rua Saldanha Marinho, 94 - Esquina com a rua Visconde de Itaboraí

Enquanto outras lojas vão sendo instaladas até chegar a vez da região onde você reside, utilize o eficiente Serviço de Reembolso Postal. Você será atendido com a mesma presteza. Escreva para:

CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS
Caixa Postal, 331
CPD 20001 Rio de Janeiro, RJ

ANEXO G – ABORTO, UM CRIME CONTRA A HUMANIDADE

março de 1985 — mensageiro da paz nº 1175

Aborto, um crime contra a humanidade

"A Seara", em setembro de 1978, publicou um artigo de nossa autoria intitulado "Substância informe", no qual condenamos um dos mais hediondos crimes cometidos contra a humanidade — o aborto.

Alguns dias depois, recebemos uma carta do irmão Raimundo Bezerra, dizendo ter distribuído vários exemplares da revista em um navio da Marinha da Guiné. Prossegue o missionário: "Um dos exemplares chegou às mãos do sargento Carlos, cuja esposa estava grávida. Ele e a mulher eram interessados no Evangelho, principalmente ela que estava desviada dos caminhos do Senhor. O casal não desejava ter mais um filho e por isso, de comum acordo, haviam decidido recorrer ao aborto. Meu colega leu a revista e levou-a para casa, mostrando-a à companheira. Depois de examinar o artigo sobre o aborto, a senhora ficou preocupada e o temor de Deus desceu sobre o seu coração, levando-a a tomar consciência do mal que ia praticar. Arrependeu-se. Chamou o marido e os dois, após muito refletirem e conversarem, resolveram evitar esse assassinato e arcar com a responsabilidade do mais um filho."

Hoje, mercê de Deus, aquele anjinho, que estava prestes a ser tirado brutalmente do seu diminuto e cálido mundo, tem, aproximadamente, cinco anos de idade. Com carterza, alegria seus pais e, de ventura, meche-lhes de vida.

A esposa do sargento Carlos, tocada pelo Espírito Santo, permitiu a *substância informe*, aninhada em seu ventre, adquirir formas definitivas e vir à luz do macrocosmo. Todavia, nem todas as mães conservam virgens as fibras de seu coração e deixam de sentir o inextinguível toque do Dador da vida. Por causa disto, neste momento, milhares de inocentes seres estão sendo implacavelmente assassinados. Esse formidável infantocídio, repugna-nos dizer, conta com o respaldo de governos, em diversos países, e assistência de facultativos que colocam o sacerdócio hipocrítico a serviço do crime.

O que é o aborto?

George Orwell, em seu livro 1984, narra a história de um inumano ditador que, para manter-se no poder, lançava mão de expedientes escusos. O tirano, conhecido

como *O Grande Irmão*, entre outras coisas, cercava as liberdades individuais e pouco valor dava à vida humana. Usando e abusando dos eufemismos, atenuava seus bárbaros e hediondos crimes, abraçando-lhes o significado, suavizando-lhes a semântica.

Muitos, atualmente, parecem querer imitar o controverso personagem de Orwell. Haja vista, por exemplo, que assim definem alguns a morte: estancamento das atividades vitais. Hitler copiou seu diabólico plano perpetrado contra os israelitas de *solução final para o problema judaico*.

Sob o prisma dessa insidiosa filosofia, o aborto é conhecido como gravidez interrompida. Dessa forma, manipula-se a vida como se esta pudesse ser encerrada em um tubo de ensaio ou ter seus encantos diminuídos pela contandência do ferro assassino.

Mãe, o que é o aborto?

Orlando do latim, aborto significa, literalmente: "per-se e sol, desaparecer no horizonte e daí, morrer, perecer." Segundo a medicina, "é a expulsão do ovo antes da viabilidade, isto é, antes de o feto ser capaz de sobreviver extra-uterina".

Há, como se sabe, o aborto provocado e o espontâneo. A interrupção da gravidez é denominada provocada quando resulta da interferência intencional da gestante, do médico ou de qualquer outra pessoa. Secundando os eufemismos e dando à semântica a força que lhe é peculiar, embasados nas Escrituras Sagradas, afirmamos ser o aborto provocado um crime, por violar o divino mandamento que, explicitamente, prescreve: "Não matarás", Ex 20.13. Sob a influência do Cristianismo, códigos penais de diversos países consideram essa prática um crime passível de punição.

A campanha pela legalização do aborto

No Brasil, há alguns anos atrás, feministas, apoiadas por pretensas liberais, encetaram uma campanha visando a legalização do aborto. E, hoje, quais bruxas medievais, percorrem o país, apregoando a morte de indefesos seres que, sequer, contemplaram o que Deus, com tanto amor e arte criou. Como se isto não bastasse, pressionam, agora, os integrantes

do Congresso Nacional, para que aprovem a perenização legal dessa hedionda prática. Alguns parlamentares, inclusive, já se mostram favoráveis a essa iniciativa. Os que assim se posicionam, declaram-se liberais e intransigentes defensores dos direitos humanos.

Quanta contradição!

Consentem-se, pois, os membros do Poder Legislativo de que foram eleitos para representar a nação como um todo, e não apenas um bando de histéricas, frustradas e treloçadas que tão somente querem a desvalorização da vida, a comepuração do gênio feminino, o vilipêndio da inocência e a coroação da permissividade.

Resalte-se, ainda, de que os parlamentares, como representantes do povo, têm o sagrado dever de auscultar os vários segmentos da sociedade, inclusive os evangélicos. Estes, principalmente, os pentecostais, já demonstraram em várias oportunidades sua posição contrária à legalização do aborto, por ter ordenado o Senhor: "Não matarás".

A responsabilidade do homem público
Quem não se aturiza ante as atrocidades cometidas pela Alemanha contra os judeus durante a Segunda Guerra Mundial? Todos mesmo os mais frios e calculistas? Recentemente, a propósito, foram exibidos em vários países, inclusive no Brasil, trechos de um documentário produzido por Alfred Hitchcock, sobre os campos de concentração nazistas. A obra do renomado cineasta inglês fez com que milhares de pessoas se comovissem diante de cenas que nem mesmo Dante saberia pintar. Os testemunhos de Miklos Nyuli, Cristian Bernardac, Catherine Roux e Ben Abraham, que viveram os horrores dos campos de concentração, causam-nos espêcie.

A nefanda e monstruosa obra de Hitler e seus sequazes, de fato, provoca-nos indizível asco. *Ab imo corde* a condenamos. Não obstante, governantes com a mesma fúrdole homicida e vândala do ditador alemão são aplaudidos e louvados por suas faccosas iniciativas rotuladas de progressistas e civilizadoras. Para esses potentados, embevecidos por um diabólico utilitarismo, progresso e civilização são sinônimos de liberalização de práticas abortivas, eutanásicas e permissivas.

Deveriam, também, à semelhança de Hitler, merecer a nossa repulsa. Respaldar legalmente o assassinato de indefesas crianças é um crime tão horrível e monstruoso quanto ao praticado pela Alemanha contra os judeus.

Execremo-los, pois, do fundo do coração.

Na Suécia, por exemplo, onde a lassidão moral alcançou o clímax, tanto as mulheres casadas como as solteiras recebem integral apoio do governo, no manifestarem o cruento desejo de interromper uma gravidez não desejada. As autoridades chinesas, alegando estar o país à beira de uma explosão demográfica, incentivam a prática do aborto.

Grças a Deus, porém, que ainda há governantes do naipe do presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan. Antes de ser reeleito, afirmou, em um debate público, não saber exatamente em que momento pode o embrião ser considerado um ser humano. Resaltou, entretanto, que o feto deve ser beneficiado pela dúvida. O presidente Reagan, com sua sábia declaração, cristalinou sua posição antagônica ao aborto. Queira Deus seja o seu exemplo seguido por outros governantes. É dever do homem público preservar a vida desde a nascente até à foz.

UM VERDADEIRO FENÔMENO EDITORIAL CR\$ 59.000

ATENÇÃO: Este preço também é válido nas lojas CPAD



Devido às fontes de pesquisas, este extraordinária obra torna-se um dos melhores comentários bíblicos em língua portuguesa. A Bíblia Explicada é uma excelente ajuda para aqueles que desejam manejar bem a Palavra da Verdade. Uma obra de inestimável valor para: Pastores, evangélicos, professores e estudantes em geral, que desejam desenvolver seus ministérios, compartilhando o verdadeiro sentido de cada texto bíblico.

A – CAPA ENCADERNADA COM PERCALLIX
B – SOBRECAPA A CORES EM PAPEL COUCHECOTE
C – 612 PÁGINAS (32 CADERNOS)
D – FORMATO: 18,5 x 27 cm
E – ACABAMENTO DE PRIMEIRA QUALIDADE
F – NO FINAL, FOLHAS EM BRANCO PARA ANOTAÇÕES PESSOAIS

Preço válido até 10/05/88. Não mande dinheiro agora.

CUPOM DE RESERVA ESPECIAL

A BÍBLIA EXPLICADA

NOME:
 ENDEREÇO:
 BAIRRO: CIDADE: ESTADO:
 DATA: / / ASSINATURA:

ANEXO H – QUEM É O PAI DO ROCK?

ASSEMBLEIA DE DEUS
SALVA DOCH-BA
EDIÇÃO EXCLUSIVA

OUTUBRO/85

MENSAGEIRO DA PAZ

DISSE JESUS: DEIXO-VOS A PAZ, A MINHA PAZ VOS DOU

ANO LVI

— MAIS DE MEIO SÉCULO DISSEMINANDO BÊNÇÃOS —

Nº 1182

QUEM É O PAI DO ROCK?

O rock se originou na década de 50 - Elvis Presley, os Beatles e milhares de outros roquistas propagaram esse ritmo - Mas quem estará por trás desse estilo de música que tem influenciado milhões de pessoas em todo o mundo? Páginas 12, 13 e 14

O que é a Constituinte?

O momento atual traz à discussão pública um assunto tão importante quanto o das eleições diretas - a convocação da Assembleia Nacional Constituinte. Como nem todos os brasileiros estão devidamente informados acerca desse assunto, o MENSAGEIRO DA PAZ presta aqui alguns esclarecimentos sobre a elaboração da nova Constituição. Página 10.

Mais de dez mil jovens na Confraternização em Recife

Setecentos e sessenta e sete irmãos foram batizados com o Espírito Santo e dezenas de pessoas curadas durante a realização da 4ª Confraternização da Mocidade da Assembleia de Deus em Recife, PE, que tem como presidente e pastor José Leônido da Silva. Página 8.

VAMOS
ORAR
PELO BRASIL

Guiné-Bissau, um campo à espera de Obreiros

A missionária brasileira Glenda de Amaral, que vem trabalhando como médica e missionária em Guiné-Bissau, África, como integrante da equipe AMEM - Missão de Evangelização Mundial - declarou que esse país precisa do evangelistas para trabalhos pioneiros, professores para o Instituto Bíblico, evangelistas de orfanatos e profissionais da área médica, entre outros. Página 23.

Bahia chora a perda do seu pastor

A Assembleia de Deus na Bahia chora o desenlace do seu grande líder espiritual, pastor Rodrigo Santana, presidente da Convenção Estadual e 4º vice-presidente da CGADB. O passamento ocorreu na madrugada do dia 29 de junho, por problemas do coração. Página 9.

Um Governador segundo o coração de Deus

Governando o Rio de Janeiro de 1966 a 1970, o Dr. Geronimo Fontes convidou 30 pastores que se revezavam diariamente em seu gabinete, orando para que Deus lhe concedesse um bom dia de Governo. Durante sua atuação como político, ele sempre confiou no Senhor e jamais ne-

gou sua condição de evangélico. A própria oposição proclamava que seu Governo era protegido, abençoado. Geronimo Fontes dirige, hoje, uma comunidade que trabalha com a recuperação de viciados. Página 7

Papa vai entrevistar-se com o Diabo

O Papa João Paulo II deixou bem claro que está disposto a fazer qualquer coisa para salvar a Igreja Romana de uma decadência total. "Se necessário para o bem da Igreja, eu iria a Moscou, a Mecca e até mesmo me entrevistaria com o Diabo." Página 10.

Ateu morre ao zombar da morte

Durante almoço realizado em comemoração do nascimento de um ateu mundialmente famoso, o homem que presidia a solenidade ergueu-se entre os 200 convidados e fez um discurso cheio de zombarias contra o Evangelho e blasfêmias contra o Espírito Santo. As gargalhadas e aplausos se interromperam inesperadamente quando todos viram-no cair fulminado por um mal súbito. Página 24.

ANEXO I - SATANÁS É O PAI DO ROCK

Satanás é o pai do rock

Textos:
Jefferson Magno Costa
Claudioneir de Andrade
Gilberto Moreira
Geremias de Couto

Publicando, neste número, as quatro últimas matérias acerca do rock, o MENSAGEIRO DA PAZ confirma exaustivamente que Raul Seixas tem razão quando canta: "O Diabo é o pai do rock." Esperamos ter contribuído, com estes artigos, para que a nossa juventude permaneça alerta contra todas as ciladas do inimigo de nossas almas. Ele procura destruir, através da música perversa, os valores mais altos que devem direcionar a vida humana.



Nove horas da manhã. Sob um céu nublado, estamos caminhando na plena Avenida Rio Branco, por entre milhares de pessoas que se deslocam apressadamente em todas as direções. Súbito, os sinais fecham. Diante das faixas de segurança, as múltiplas fileiras de carros crescem rapidamente na larga avenida, permitindo que a multidão de pedestres cruzem-na de um lado para o outro.

Ao contrário de todos os pedestres, nós não temos pressa. Estamos à procura de alguém. Sabemos que a qualquer momento, em meio ao barulho de motores, buzinas, freadas bruscas, "cantadas" de pneus e toda essa agitação humana que caracteriza o Centro do Rio de Janeiro, poderemos nos encontrar com um deles. Um dos membros da seita Hare Krishna. - Uma dessas pessoas envolvidas com uma das mais terríveis correntes religiosas orientais atualmente em plena expansão no Brasil. Essas moças e rapazes, descontentando-se sua condição de (também) enganados e prisioneiros de Satanás, são perigosos por usarem em suas adorações ao deus Krsna (ou

Krishna) uma técnica hindu muito antiga: o método tântrico (a inversão de fonemas dentro de músicas) - a técnica satânica mundialmente conhecida como Backward Masking, que está sendo utilizada por cantores e grupos de rock do mundo inteiro.

A nossa busca prossegue. Continuamos a caminhar pela calçada da movimentada Avenida Rio Branco. Ao chegarmos próximo à Cinelândia - onde milhares de pombas, voando por entre os edifícios ou pousando no calçamento da praça, bicam o milho que cai das mãos das crianças - subitamente avistamos um deles. É fácil identificá-lo, graças ao seu traje, ao seu corte de cabelo e à mercadoraria que oferece aos transeuntes - incenso, colares de contas, livros e revistas da seita Hare Krishna. As crianças passam conduzidas por suas mães, vêem aquele homem esquisito, de crânio raspado, com uma trancaína tipo rabo-de-cavalo na parte de trás da cabeça, vestido de um camisólio oriental (se fosse mulher, estaria vestida de um sari indiano - uma longa peça de tecido estampado a envolver o seu corpo), apontam para ele e ficam querendo saber quem é e o que faz ali, segurando revistas, livros e paizinhos fumegantes que exalam um cheiro fortíssimo.

Talvez as mães das crianças não conheçam suficientemente bem a seita Hare Krishna a ponto de podermos dizer aos seus filhos quem é aquele homem. Mas nós o conhecemos. Sabemos que sua seita está ligada, através de elos aparentemente descartados uns dos outros, ao rock, ao processo tântrico de inversão de fonemas dentro de músicas, ao Backward Masking - em suma: à tudo o que nós estamos combatendo nesta série de matérias.

A serpente flamígera

Posicionados a uma certa distância, continuamos a observar o homem de crânio raspado. Ele é moreno, e deve ter entre 25 a 27 anos. Pela cor de seu traje, sabemos que é solteiro. (Se fosse casado, sua roupa, segundo as normas da seita, seria branca). Do alto de sua cabeça raspada desce, lado a lado, dois finos rios de tinta amarela que passam sobre sua fronte e terminam em um desenho em forma de cabeça de serpente, exatamente sobre o osso do seu nariz. Nós já conhecemos este símbolo. Foi lendo o livro *Hatha, o ABC do Yoga* (Edições de Ouro, Rio de Janeiro, S/d), escrito por Caio Miranda (um doutrinador de yoga), que ficamos sabendo que aquele desenho na fronte dos devotos da seita Hare Krish-



na chama-se Serpente Flamígera. (Flamígera: que apresenta fogo, chama.) É uma figura esotérica, e tem o seu significado específico dentro do ocultismo hindu. (Mas nós, que conhecemos a Palavra de Deus, sabemos que a serpente é um dos símbolos bíblicos de Satanás: "E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele", Apocalipse 12.9.)

Mas vejamos o que diz Caio Miranda acerca da significação deste símbolo: "Existe o método Tântrico, que constitui o Kundalini-Yoga. Trata ele do despertar do chamado 'Fogo Serpentina' ou Energia no homem, a fim de nele produzir a 'Iluminação' definitiva. É método perigoso, que exige ilimitada pureza, sem a qual a Serpente Flamígera, ao invés de subir e dirigir-se à cabeça, desce para os órgãos sexuais, transformando o praticante em Mago-Negro, e engendrando desgraças que o conduzem à destruição total." (Caio Miranda. Op. Cit. P. 28).

Curiosamente, procuramos saber o que significa o vocábulo tântrico, e o dicionário Aurélio nos esclareceu. A palavra está relacionada com o Tantrismo, e é assim definida por Aurélio: "Religião sincretista, derivada do hinduísmo, do budismo e de cultos populares, e que se cristalizou por volta do século XV, caracterizada pela magia e ocultismo, associado a complexo simbolismo, à iconolatria e à prática ioga."

Em face destes conceitos, é fácil concluirmos que tudo isto está relacionado com o satanismo. Veremos em seguida como o rock está incluído nesse contexto, e porque Satanás é o pai do rock.

O Diabo está escravizando através dos cinco sentidos

Nós continuamos a observar o homem de cabeça raspada. Estamos aguardando uma oportunidade de entrar em contato direto com ele e colher algumas informações. Mas há sempre alguém se aproximando para comprar incenso. Talvez essas pessoas não saibam exatamente o que estão levando para casa, mas compram-no, movidas pela curiosidade ou pelo fato de sabermos que aquele artigo é oriental, diferente. (Satanás sempre procurou explorar essa predileção do ser humano pelo "diferente", pelo "misterioso").

Cabe-nos aqui salientarmos desde já: O grande mal que a seita Hare Krishna representa para os ocidentais tem a ver com os meios que seus propagadores utilizam para fazer novos adeptos. - Os membros dessa seita através dos cinco sentidos: a visão, o olfato, o tato, o paladar e a audição.

O aprisionamento pela visão diz respeito à existência de quadros que escondem figuras diabólicas por entre os traços do desenho normal. No que tange ao olfato, os incensos "espiritualizados" abrem portas para o maligno; a Yoga, a meditação transcendental e a dança envolvem a superfície da pele, o campo sensorial, o tato, portanto. A comida que eles comem ou servem aos curiosos e visitantes (de base vegetariana) é "trabalhada" e oferecida a Krishna. É a música que eles executam produzindo "vibrações sonoras" que atingem os níveis sensorial, mental e intelectual dos indivíduos, lançando em seus subconscientes influências malfélicas ocultas.



Krishna, Beatles e Backward Masking

Finalmente o adepto da seita Hare Krishna nos vê. Nota a nossa curiosidade e acena com os paizinhos do incenso, oferecendo-os. Ao nos aproximarmos dele, o cheiro do incenso torna-se mais forte, a ponto de nos incomodar. Após trocarmos algumas palavras, ele abre a revista do Movimento Hare Krsna (o Avatara Dourado), aponta alguns títulos e figuras e nos diz que os Hare Krishnas possuem templos espalhados em muitos lugares do mundo. (Ele nem suspeita que é do nosso conhecimento que os russos os consideraram como "um grupo de alienados", segundo noticiou, em 21/09/83, a Gazeta do Povo, de Curitiba, PR. O jornal carioca O Globo também noticiou que a justiça americana teve que punir essa seita em Cr\$ 160 bilhões de cruzados, por eles terem mantido presa, durante um ano, Robin George, uma moça de 23 anos. Ela afirmou que a seita a submeteu a uma lavagem cerebral, "fazendo-a acreditar que seus pais eram demônios".)

Procuramos deixar bem claro aquele homem que o nosso interesse gira tão-somente em torno da música. Não estamos interessados em incenso, livros, colares ou revistas. Pagaremos por qualquer informação que ele puder nos dar acerca do método tântrico que sua seita usa nos cânticos religiosos. Falamos dos Beatles, tocamos no nome de George Harrison, queremos saber qual é o ponto de ligação que o Backward Masking (O retrocesso oculto usado nas músicas de rock) tem com o maha-mantra Hare Krsna (isto é: O Grande Canto para a Libertação, segundo eles o denominam, entendo pelos adeptos de Krsna durante os seus rituais em nome desse deus indu). Sua resposta é taxativa: Se comprarmos alguns de seus artigos, ele conseguirá para nós uma entrevista com um dos gurus (líder, mestre, guia espiritual) da seita aqui no Rio, e então poderemos obter maiores elucidações acerca desse assunto. Em seguida, sem que esperássemos, o adepto nos surpreende com uma pista do valor incalculável no contexto desse nosso esforço para desmascarar Satanás e um de seus filhos - o gênero musical mundialmente conhecido como rock. Diz ele que, na condição de adepto do Hare Krishna, não lhe é totalmente desconhecido o processo de inversão de fonemas dentro de músicas; porém, é a única coisa que nos pode dizer, acrescenta. Ela está a confirmação que nos estava faltando. Precisamos falar com esse tal guru.

Desmascarando o pai do rock

O rapaz de camisólio cor de abóbora rubra rubrica rapidamente em um papel um endereço, enquanto compramos alguns de seus produtos - que nos servirão como fonte de pesquisa - e cami-

ANEXO J – PODE O CRENTE SER POLÍTICO?

setembro de 1985 – mensageiro da paz nº 1161

Pode o crente ser político?

Todas as vezes que se aproxima a época de eleições, uma pergunta sempre vem à tona: "Pode o crente candidatar-se a um cargo político ou existe alguma incompatibilidade entre o exercício da vida pública e a sua condição de evangélico?" Tal interrogação se tornou freqüente em nosso meio, nos últimos meses, principalmente depois que a CGADB, através de sua liderança reunida em Brasília, posicionou-se a favor da escolha de candidatos à próxima Assembleia Nacional Constituinte, que terá a responsabilidade histórica de discutir e votar a nova Constituição brasileira.

Esse tipo de preocupação não deixa de ser válido diante dos exemplos incoerentes daqueles que não têm sabido honrar o nome de Cristo quando assumem posições de destaque na vida secular. Ainda não se encontra distante no tempo a ocasião em que o Congresso Nacional oficializou o culto à Aparecida, sob os olhares complacentes de alguns deputados evangélicos, que, no dizer do pastor A. P. Vasconcelos, "troçaram a defesa do nosso sagrado direito de liberdade de consciência pelo misero 'prato de lentilhas' de um ocunismo barato, malfadado e antitípico, pensando em reeleição!" (MENSAGEIRO DA PAZ/Janeiro de 1981).

Todavia, fatos como este não podem servir de pretexto para que cristãos verdadeiros sejam impedidos de prestar sua colaboração ao país, desde que se mostrem vocacionados e, acima de tudo, comprometidos, de fato, com a causa do Evangelho. Cabe aos crentes discernirem os que são legitimamente convertidos e os que se revelam meros aproveitadores da boa vontade evangélica, em busca de seus próprios interesses.

Todavia, a pergunta ainda permanece no ar: "Pode o crente ser político?" Este assunto só será definido com clareza se atentarmos para as seguintes considerações:

1) A Igreja de Cristo não foi colocada por cauda, e sim por cabeça. A Bíblia deixa subentendido que o cristão não pode eximir-se de suas responsabilidades para com o mundo, escudando sua lâmpada debaixo do alqueire. Ora, isto significa dizer que precisamos de crentes fiéis em todos os setores da vida secular, incluindo-

se aí o segmento político, para que sirvam como luminárias do Evangelho em meio às trevas.

2) O propósito da eleição de evangélicos não é para que se tornem benfazeiros e troquem o mandato por benefícios pessoais que comprometam o bom nome da Igreja. Acharmos errado, inclusive, que pastores ofereçam os votos de sua comunidade cristã para candidatos não crentes, em troca de benesses que irão gerar um compromisso retropro e perigoso, principalmente se, depois, houver necessidade de combater conceitos de tais elementos quando estiverem errados.

3) Não concordamos, por conseguinte, que seja justo dar os nossos votos a candidatos que representam grupos religiosos, cuja doutrina é estranha aos princípios bíblicos, e que só nos procuram durante a campanha eleitoral. Estaríamos agindo com coerência se, ao invés disso, elegêssemos cristãos sinceros, comprometidos com a causa de Deus. Ou será que os crentes são melhores do que os salvos para administrar a coisa pública? Pelo menos não é isto que a Bíblia deixa entender quando menciona o exemplo clássico de Daniel como governador de Babilônia, assessorado por Hananias, Misael e Azarias, que foram constituídos sobre os negócios daquela província. Mesmo ocupando tais "cargos políticos", eles não se sentiram na obrigação de curvar-se aos deuses estranhos, mas se mantiveram firmes diante de toda oposição idólatra. Será que não existam, hoje, homens da mesma estirpe?

4) Podemos, também, mencionar José no Egito, que soube administrar com autoridade aquela nação, em tempos de fatura, para que o pior fosse evitado no período das "vacas magras". Também, hoje, governantes crentes que pudessem aplicar os mesmos princípios e o nosso país estaria em condições bem melhores!

5) A título de ilustração, citamos ainda um político dos dias modernos. Trata-se do ex-governador do antigo Estado do Rio de Janeiro, Geremias de Matos Fontes. Como crente fiel, requisitou para seu governo a ajuda de 30 pastores, que se revezavam todas as manhãs na direção de um culto rápido antes das lidas administrativas. Segundo testemunho do político não crente e da própria imprensa, foi então o melhor administrador daquela uni-

dade da federação. Aqui acrescento a minha palavra pessoal, baseada na época em que, como adolescente, residia na cidade de Turazópolis, RJ. Nunca aquele município foi tão beneficiado como ocorreu durante a gestão estadual do Dr. Geremias de Matos Fontes. Hoje, na condição de pastor evangélico, batizado no Espírito Santo, dirige uma obra de recuperação de jovens toxicômanos, trabalho este de grande envergadura.

Diante do exposto, não vemos incompatibilidade alguma entre a vida cristã e o exercício de cargos públicos, desde que as pessoas vocacionadas para tais tarefas estejam plenamente identificadas com Cristo. Conseqüentemente, não podemos admitir que na próxima Assembleia Nacional Constituinte, onde será votada a Lei Maior que regerá os destinos de nossa pátria, se haja representantes dos espíritas, macumbaeiros e principalmente católicos, que tudo farão para restringir a liberdade religiosa. É óbvio que Deus luta em favor dos santos, mas ressalta-se que não somos, também, instrumentos de sua ação neste mundo. Ele busca, outrossim, profetas, que, à semelhança dos servos do passado, possam denunciar os abusos daqueles que desejam impor medidas coercitivas aos crentes.

Vale relembrar, a título de advertência, um fato ocorrido em determinada legislação da Câmara dos Deputados, quando um dos parlamentares apresentou projeto oficializando a Igreja Romana e o fez passar em duas votações. Todavia, lá estava o irmão Guarnel Silveira, pastor jubilado da Igreja Metodista, que, além de sua firme fundamentação bíblica, tinha plena certeza de que a oração intercessória é o caminho para as grandes conquistas espirituais.

Seus argumentos não foram suficientes para convencer os colegas nas duas

primeiras votações e, no momento em que o projeto voltou ao plenário para a terceira e última votação, não lhe restou outra alternativa senão pedir a obter a prorrogação do prazo, por uma hora, para que pudesse analisar mais detidamente os termos da proposição. Ao chegar em seu gabinete, após o projeto debaixo dos olhos e começou a implorar ao Senhor que mudasse os rumos daquela situação. Após orar durante todo o período do tempo solicitado, retornou ao plenário, fez um rápido discurso, onde justificou as razões de seu voto contrário, e os companheiros, por maioria absoluta, rejeitaram a proposta que viria restringir a ação dos evangélicos em terras brasileiras! (MENSAGEIRO DA PAZ/Janeiro de 1981.)

Portanto, ao invés de darmos os nossos votos a candidatos comprometidos com outras causas, é muito mais justo e correto perrarmos fileiras, em cada Estado, com aqueles que terão condições de representar os evangélicos no Parlamento. Por outro lado, devemos exigir deles, depois de eleitos, a mesma fidelidade ao Senhor Jesus e condenarmos todas as suas atitudes que vierem ferir os ensinamentos da Palavra de Deus.

Para concluir o assunto, queremos enfatizar Tiago 4:8: "Sujeitai-vos pois a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós." Como em qualquer outra profissão (advocacia, administração de empresa, medicina, etc.), o crente vocacionado para a vida pública deverá estar amoldado à orientação do apóstolo para que seja um exemplo digno diante de seus companheiros. Caso contrário, envergonhará o nome de Cristo, como pode ocorrer com qualquer outro, que, no exercício de qualquer outra atividade, se deixar levar pelas insinuações do maligno.

Geremias do Couto

Pagamento dos carnês da CGADB

A CGADB apela a todos os ministros filiados, no sentido de atentarem diligentemente para os pagamentos trimestrais do carnê de contribuição. Os recolhimentos têm regressido e não temos conseguido dar conta dos nossos compromissos, cada vez mais onerosos.

A Secretaria-Geral já encaminhou carnês a todos os irmãos dos Estados do Grupo I (Brasília, ES, GO, MT, MS, PR, RS, RJ, SC). Caso o irmão ainda não o tenha recebido, escreva-nos. Os ministros dos demais Estados poderão obter maiores informações com a irmã Nádia, na Secretaria-Geral.

Informamos, também, que já estamos distribuindo as novas credenciais, em caráter definitivo. Quem esteve na última Convenção em Anápolis, GO, e efetuou o

pagamento, já está recebendo a nova credencial, por via postal.

Quem não compareceu, ou compareceu e não efetuou o pagamento, deverá proceder da seguinte maneira:

- 1) depositar em nome da CGADB, para a conta nº 158.000-0 Agência 026 - Cent - Rio de Janeiro, em qualquer agência Bradesco no Brasil, a importância de Cr\$ 7.500 até 31 de setembro.
- 2) enviar cópia xerox do comprovante de depósito para a Secretaria-Geral.
- 3) enviar também endereço completo de onde deseja receber a credencial.

Escreva-nos, Secretaria-Geral - Est. Vicente de Carvalho 1083 - 21210 - Rio de Janeiro, RJ

Jemmel Kessler
Secretário-Adjunto



POMADA MINANCORA

Contra irritações da pele

MINANCORA & CIA - LTDA Caixa Postal, 7
Fone: (047) 22-31 85 - 89.200 JOINVILLE - SC

Cupa diariamente o Programa "Mensageiro da Paz", com a comunicação dos conteúdos do presbitério e do presbitério.
Rádio Solimões - 1480 KHz
de Segunda e Sábado - das 10 às 11 horas
Apelo - MENSAGEIRO DA PAZ.

CAMISETAS ESTAMPADAS

SULFABRII
malwee

Todo mundo vai dizer no peito quem é você! Anunciar em camiseta é o modo mais prático e econômico de divulgar o nome de sua empresa, entidade ou organização. Até como uniforme você faz publicidade! Estampamos a sua marca em camisetas SULFABRII e MALWEI de vários modelos, cores e tamanhos à sua escolha. Escreva ou telefone e faremos o seu orçamento sem compromisso para qualquer parte do Brasil.

- MANATEX - Distribuidor de artigos têxteis

Rua Hadcock Lobo 83 - Estácio, RJ - CEP 20260 - Fone (021) 273-6999

ANEXO K – COMBATENDO O ROCK COM A MÚSICA DIVINA

Combatendo o rock com a música divina

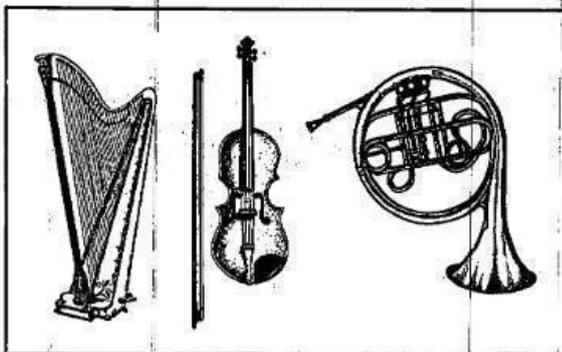
Como ficou amplamente comprovado, o Backward Masking já não é mais uma hipótese. Não existe nenhum sensacionalismo e nem se está trabalhando em cima do absurdo (mais propenso a surgir em uma mente carregada de fantasias) quando se afirma, hoje, que grande parte da música secular, principalmente o rock, contém mensagem oculta, só descoberta quando o disco é tocado ao contrário. Os elementos de prova são mais do que suficientes para determinar que este tem sido um dos mais recentes métodos satânicos utilizados com o fim de destruir a humanidade.

Tais pesquisas, feitas inicialmente com as músicas internacionais, foram apresentadas há três meses, no Brasil, pelo pastor americano Gary Greenwald, quando diversas gravações de roqueiros dos Estados Unidos, em seus mais diversos estilos, tocadas ao inverso, se demonstraram evadas de expressões de adoração diabólica. Mas o problema, como ficou claro, extrapolou as músicas americanas e já se verifica, também, em canções de outros países, entre eles o Brasil. Pioneiro nas pesquisas nacionais, o irmão Wagner Gonçalves tem realizado diversos trabalhos do gênero em São Paulo (este mês estará no Rio de Janeiro), onde milhares de pessoas comprovaram, ao vivo, o emprego da mesma técnica em discos de cantores brasileiros famosos.

Alguém poderia alegar que isto seria apenas coincidência ou mesmo fruto da excentricidade de alguns indivíduos interessados em sua própria projeção pessoal. Tal ilação poderia ter alguma lógica se ainda desconhecêssemos que a raiz do processo é sempre a mesma e que os efeitos causados em quem ouve composições desse tipo são sempre nocivos e estimulam a autodestruição.

A origem da música
Por que tem sido a música violentada a ponto de servir de veículo para que o diabo introduza suas maléficas insinuações na mente humana? Não é ela definida como "a arte de manifestar os diversos afetos de nossa alma mediante os sons melódicos"? Não está mais do que claro que sua origem é divina e que os anjos se encontram em permanente estado musical, adorando o Todo-poderoso da eternidade a eternidade? A resposta está exatamente nas razões apresentadas. Nada melhor para o inimigo do que usar a música como elemento para perverter os sentimentos do homem, já que ela, conforme indica sua própria definição, trabalha diretamente no íntimo de cada um. Por outro lado, sendo Satanás um anjo decaído, que ocupava lugar de destaque no exército celestial a ponto de ser chamado por Ezequiel de "o aferidor da medida", nada lhe causa maior satisfação do que subverter a música e torná-la objeto de sua própria adoração, visando destruir a obra-prima do Criador. Não é o inimigo o opositor de tudo quanto Deus realiza?

Éis o motivo pelo qual, em muitos casos, a música tomou rumo oposto daquele que sempre a caracterizou. Calarmo-nos diante de um quadro que cheira à catástrofe espiritual, quando o ocultismo, sob todas as formas, lança ainda mais os seus tentáculos no mundo, seria tomar, na linguagem comum, a atitude do avestruz. Usando outros termos, significa admitir uma posição omeada e, ao mesmo tempo, suicida numa época em que as circunstâncias exigem firmeza para quem deseja triunfar sobre as nulidades deste mundo. **A família é sempre a primeira vítima.** O núcleo da sociedade que mais sofre os ataques sorrateiros de Satanás é a família, principalmente os filhos, que ainda se encontram em fase de formação e, portanto, são mais suscetíveis à toda sorte de influências. Em outros tempos, os pais conseguiam, praticamente, isolar os filhos, todavia, hoje, isto se torna mais difícil diante da massificação dos meios de comunicação, que introduzem dentro dos



lars todo o lixo do inferno. A verdade é que as crianças vão crescendo sob o peso das sutis mensagens satânicas, entre elas as músicas aparentemente inofensivas, que trazem em seu bojo, de forma normal ou inversa, o veneno mortal que poderá destruir os filhos para o resto da vida. A partir daí o percurso não é grande para os chamados "sons da pimenta" e, quando menos se espera, aqueles outros anjos infantis se vêem envolvidos pela rebeldia, tornam-se consumidores inveterados de drogas e se declaram adutores conscientes de Satanás, com gestos e manias provenientes do demonismo.

A família precisa receber maiores cuidados de nossa parte. A igreja não pode massificar sua mensagem e esquecer-se de que ela se compõe de indivíduos, muitos dos quais necessitam de terapêutica diferenciada para solucionar seus problemas. Conseqüentemente, como adício de sustentação desses elementos, a família não pode ser desprezada à sua própria sorte. Não devemos admitir jamais que nossos filhos sejam expostos aos "menados" da vida e se vejam deturpados em sua índole espiritual. Há outras maneiras de ocupá-los sem que eles se obriguem a gostar horas e horas diante de algo que só lhes traz danos. Tivemos bom senso e vamos evitar o pior.

O rock na igreja
O problema da música é sério até mesmo dentro de nossas igrejas. Quantos jovens crentes não possuem em suas casas coleções inteiras de discos de música secular, onde se sobressai o rock em sua forma normal ou inversa de louvar a Satanás, carregado de expressões oriundas da simbologia ocultista? E o mais ridículo é que muitos nem mesmo sabem o que estão cantando, por não conhecerem o idioma, no caso das músicas internacionais. O problema se torna ainda muito mais grave porque, influenciados por esse ritmo, procuram trazê-lo para dentro dos templos,

ao som de suas guitarras no mais alto volume, com músicas desconexas, sem nenhuma expressão espiritual, cuja letra muitas vezes não diz coisa com coisa, algo mais ou menos parecido com "meu palete listrado era de uma listra só".

Outros, provavelmente por falta de inspiração, lançam mão de recursos supelitos, como colocar letras evangélicas em músicas mundanas, milhões de vezes tocadas nos palcos do diabo; como se fossem hinos inspirados diretamente pelo Senhor. Tais absurdos, além de desgostarem a nossa imagem de evangélicos, se constituem numa grande blasfêmia, já que dispomos do enorme potencial inspirativo junto a Deus, a fonte da verdadeira música.

Problemas dessa natureza precisam ser corrigidos o mais depressa possível, para que os elementos constitutivos do nosso culto sejam, de fato, estabelecidos em bases espirituais. Os jovens de nossas igrejas dependem de orientação segura, a fim de que possam direcionar os seus talentos para o caminho certo, que agrada a Deus.

A igreja e os cantores
O avanço da tecnologia permitiu há décadas o aperfeiçoamento de aparelhos, hoje altamente sofisticados, que gravam e reproduzem o som como se o estivéssemos ouvindo, ao vivo, em um auditório, sem os ruídos de uma apresentação pública. Os cantores evangélicos têm aproveitado estes recursos para perenizar, em disco, canções dos mais variados estilos. Nem todos têm feito, todavia outras alcançam enorme receptividade entre as igrejas.

No entanto, se estamos desejosos de mudar uma situação de certo modo anárquica, temos de convir que muito do que tem sido gravado em nosso meio se constitui em verdadeira agressão ao bom gosto musical. O pior é que diversos desses cantores não vivem de modo condizente com o Evangelho e acabam servindo de emba-

raço para aqueles que, com sinceridade, empregam o melhor de seus esforços para adorar a Deus através da música.

É comum ver-se nas igrejas, por ocasião de grandes eventos, uma luta feroz na busca de melhores espaços para a venda de discos ao povo. Nem bem o culto acaba e os cantores comerciantes já estão posicionados para oferecer seu produto. É óbvio que os irmãos têm direito de adquirir as gravações de seus cantores prediletos, mas nem por isso deixamos de condenar a forma agressiva e anticristã que muitas vezes isto é feito. Temos de reconhecer, por outro lado, que a ocorrência desses fatos tem lamentáveis os seus efeitos, mas nem por isso deixamos de reconhecer, por outro lado, que a ocorrência desses fatos tem lamentáveis os seus efeitos, mas nem por isso deixamos de reconhecer, por outro lado, que a ocorrência desses fatos tem lamentáveis os seus efeitos.

Outro problema grave é que a grande maioria dos discos evangélicos são gravados por músicos profissionais descrentes, os quais muitas vezes entram no estúdio sob o efeito do álcool e ali permanecem tragando os seus intermináveis cigarros. Hoje nós temos em nossas igrejas músicos de alto nível técnico; por que não lutarmos para que outros também possam desenvolver suas potencialidades? Deste modo não precisamos estar mais expostos a aqueles que pensam apenas em seus humos financeiros e não em adorar a Deus. **Que fazer?**

A música é o elemento que mais comove a sensibilidade humana, e o diabo sabe disso. Daí porque procura aproveitá-la com todo rigor. É hora, portanto, de reunirmos todos os nossos esforços à fim de que este veículo seja usado em todas as suas dimensões espirituais para comunicar a mensagem cristã. Vamos tornar nossos grandes e movimentados logradouros públicos em verdadeiros auditórios para as apresentações de nossos corais. Promovamos encontros musicais em salas privadas de fácil acesso ao público, onde todos, desde o mais elitizado ao mais humilde, possam conhecer a autêntica música inspirada. Um coração amolecido pela música torna-se mais acessível à mensagem. Vamos dizer ao diabo que, brevemente, ele estará no lago de fogo e enxofre, com toda a sua bagagem carregada de ocultismo, backward masking e outros artifícios, e nós estaremos ocupando o lugar de onde ele saiu, a glória celestial, adorando Aquela que tem o poder sobre todas as forças visíveis e invisíveis do Universo. "Tudo quanto tem fôlego louve ao Senhor". Sl 150.6.

NOVOS LANÇAMENTOS EM NOSSO CATÁLOGO EVANGÉLICO

Para obter, basta escrever para **EXODO LTDA.** - Caixa Postal 3.231 - São Paulo - S.P. - CEP 01000, e receber no correio de sua cidade os discos ou fitas escolhidas. - Preço por unidade Cr\$ 26.000 MAIS TAXA DE CORREIO. Preço especial para revendedores, com compras superiores a 40 (quarenta) unidades, um desconto de 15 por cento. Este preço é válido até 30/09/85. Para os pedidos recebidos após esta data, haverá um acréscimo de 20 por cento. Não mande dinheiro ou cheque. Pague somente ao retirar seu encomenda no correio. **ENVIE O RECORTE ABAIXO DEVIDAMENTE PREENCHIDO.**

Nome: _____

End. _____ Nº _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Cx. Postal _____

Desejo receber pelo Rembolsa Postal (Preencha os quadros com as quantidades desejadas).

| | LP | M.C. | LP | M.C. |
|-----------------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------------------|--------------------------|
| Edson e Tânia - Todo o Poder | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Victorino Silva - Milhares de Milhas | <input type="checkbox"/> |
| Marcos Antônio - Um Grande Evento | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | David Montenegro - Cantos Livres | <input type="checkbox"/> |
| Nedle e Ruberta - Genicídio | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Osias de Paula - Minha Alegria | <input type="checkbox"/> |
| Afonso Augusto - Deixa Deus | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | |

ANEXO L – EVANGÉLICOS REALIZAM MANIFESTAÇÃO CONTRA O ABORTO

mensageiro da paz nº 1185 — janeiro de 1986

7

Evangélicos realizam manifestação contra o aborto



Diante de centenas de pessoas, o pastor Joséfá Vasconcelos denuncia o aborto, responsável por 60 milhões de assassinatos por ano, e conclama a nação brasileira a arrepender-se desse pecado

Com a presença de centenas de evangélicos de várias denominações, foi realizada em frente ao Teatro Municipal de São Paulo, no dia 29 de novembro de 1985, às 12h30min, uma manifestação a favor da vida e contra o aborto. Organizada por uma comissão interdenominacional, o ato de protesto reuniu médicos, psicólogos, profissionais liberais e parlamentares evangélicos.

Na ocasião, foram distribuídos folhetos elucidativos e exibidos cartazes com os seguintes dizeres: "Mamãe, não me mate, eu quero viver!", "Aborto é homicídio", "Não à legalização do aborto", "Aborto é crime", "Faça do ventre um lugar seguro", etc.

O encontro teve por objetivo, segundo explicou o pastor Sílvio Ladeira, da Igreja Presbiteriana Independente de Hauerri, na capital paulista, conscientizar a nação brasileira de que o aborto constitui-se num grave pecado contra Deus, levar os parlamentares a repudiarem a legalização do aborto, mobilizar os cristãos contra esse crime e conduzir os que o praticam ao

arrependimento. Citando as últimas estatísticas, o pastor Ladeira disse que, por ano, são praticados 55 milhões de abortos. Desse total, a China fica com 11 e o Brasil com cinco milhões. O pastor Sílvio Ladeira, um dos organizadores da manifestação, afirmou ainda: "Hitler levou cinco anos para assassinar seis milhões de judeus, no entanto, em nosso país, com o aborto, mata-se igual número de pessoas em apenas um ano. Isto significa que a cada minuto, dez bebês são assassinados no Brasil. Por isso estamos aqui, para provar que o feto não é uma coisa qualquer, mas um ser humano."

Em seguida falou o médico Tércio Torres de Sá, membro da Igreja Batista do Morumbi, em São Paulo: "Como médico e como cidadão, afirmo que precisamos ser fiéis aos postulados sobre os quais se apoiam a dignidade e a ética da minha profissão e aos ditames inabaláveis da minha crença, para reconhecer e aceitar a vida como o mais precioso dom de Deus concedido aos homens e que o espírito de vida foi dado por ele e para ele deve voltar

espontaneamente, no momento por ele determinado em sua infinita sabedoria e soberania." O doutor Tércio também afirmou: "Tendo em vista a convocação da Assembleia Nacional Constituinte, é necessário que os evangélicos se unam para preservar a vida e melhorar a sua qualidade. Não se pode mais continuar vivendo a farsa de defender o direito à vida em todas as suas formas e situações, quando se pretende eliminá-la em suas fases iniciais." Incitativo, o doutor Tércio Torres de Sá, conclamou: "Os filhos não podem ser considerados itens descartáveis da liberdade sexual dos pais." Médico experimentado e respeitado na cidade de São Paulo, o doutor Tércio citou, ainda, vários dados científicos, provando que, desde a sua fecundação, o feto já pode ser considerado um ser humano e, como tal, tem direito à vida.

Encerrando a manifestação, o pastor Joséfá Vasconcelos, diretor do Ministério Grande Momento, expôs a Palavra de Deus, com base em Ezequiel capítulo 14. Afirmando falar em nome de Deus e dos

evangélicos que prezam os legítimos princípios exarados na Bíblia Sagrada, foi contundente: "Nós estamos vivendo em um país que está debaixo da maldição. Talvez, você ache forte essa palavra. Mas não é mentira. Estamos lidando com sérios problemas. Todos estão preocupados com os rumos políticos e econômicos do Brasil. Mas o problema do nosso país é espiritual. É um problema de pecado. Nosso país tem pecado e virado as costas a Deus e cometido o que é mal aos olhos do Senhor. O Brasil é um país comprometido com a idolatria vil, com o fetichismo, com a feitiçaria, com a superstição e com o espiritismo. Mas há um pecado mais grave, horrível e tremendo: o aborto, verdadeiro holocausto de milhões e milhões de crianças. Esse é o grande pecado que está cometendo o nosso país." O pastor Joséfá asseverou: "Por causa desse pecado, o Brasil está enfrentando sérios problemas econômicos e sociais. Satanás está tentando destruir este país. Por meio de suas filosofias enganadoras, diz que a vida começa após o nascimento, e que, no ventre materno, o ser humano não passa de um fibroma. É mentira! A Bíblia afirma que a vida começa no ventre materno e é assistida por Deus desde o seu primeiro instante, Sl 139. E o salmista Davi louva a Deus pela sua vida intra-uterina. Por isso aqueles que praticam o aborto estão cometendo um assassinato. Para provar o que estamos afirmando, basta dizer que, segundo a ciência médica, aos 18 dias, o coração do novo ser já está batendo normalmente, com sistema circulatório próprio."

No final da manifestação, os presentes se ajoelharam e rogaram as misericórdias do Senhor sobre a nação brasileira, por causa do grande número de abortos praticados em nosso país. So assim, afirmou o pastor Joséfá Vasconcelos, é que obtemos as bênçãos de Deus. Na oportunidade, o deputado Flávio Rocha informou estar entre os parlamentares evangélicos lutando contra a legalização do aborto e outras iniciativas que tiram os princípios da Palavra de Deus. E, nos próximos meses, serão realizadas outras manifestações semelhantes em diversas cidades brasileiras, inclusive no Rio de Janeiro.

Claudson de Andrade

Concurso do Jubileu de Diamante da Assembléia de Deus no Brasil

As Assembléias de Deus no Brasil estão se preparando para comemorar os seus 75 anos. Em face desse acontecimento, a Casa Publicadora das Assembléias de Deus, foi designada pela Convenção Geral realizada em Anápolis, em janeiro do ano passado, para desenvolver atividades em torno do evento. Dentro das muitas realizações que envolvem esses preparativos, o MENSAGEIRO DA PAZ está promovendo alguns concursos, que têm como objetivo a escolha do hino oficial do jubileu e o estímulo à criação de peças e jograis sobre os acontecimentos e pessoas que marcaram a história das Assembléias de Deus no Brasil.

Quanto à criação do Hino Oficial do Jubileu, eis os seus critérios:

- Deve constar de letra e música.
- A letra deve estar distribuída em três estrofes, mais o coro. Se o compositor sentir necessidade de usar mais uma estrofe, está autorizado a fazê-lo.
- Cada estrofe será composta de quatro versos metrificados.
- A música deve ser enviada em papel pautado. Isto facilitará o sorteio da mesma para fins de classificação.
- A letra deve estar relacionada com os 75 anos das Assembléias de Deus no Brasil, e se alicerçar na história do Movimento Pentecostal e na vida e trabalho dos pioneiros em nosso país.
- O ritmo deve ser de marcha.

O MENSAGEIRO DA PAZ também está lançando um concurso de peças e jograis sobre o jubileu. Eis os critérios a serem observados nesses trabalhos:

- As peças ou jograis deverão ocupar o espaço de, no mínimo, três folhas de papel ofício e, no máximo, seis, datilografadas em espaço dois.
- Os temas escolhidos terão que estar obrigatoriamente inseridos no contexto da história das Assembléias de Deus no Brasil. Tanto os pioneiros e pioneiras, como igrejas históricas, nosso material cultural, didático e informativo (as lições bíblicas da Escola Dominical, os jornais Boa Semente, Son Alegre e Mensageiro da Paz, a Harpa Cristã etc.), poderão ser utiliza-

dos como personagens dessas peças e jograis.

Haverá primeiro, segundo e terceiro lugar para os três melhores hinos, os três melhores peças e os três melhores jograis. A CPAD premiará esses trabalhos. Além dos prêmios (que serão divulgados no próximo jornal), os vencedores terão os seus trabalhos publicados em livro, e gozarão de um desconto especial na aquisição dessa obra.

Tudo o material dos dois concursos será analisado e julgado por uma comissão constituída de três membros devidamente qualificados para esta tarefa.

O prazo para o envio dos trabalhos se encerrará no dia 28 de fevereiro de 1986.

Os resultados serão divulgados no jornal do mês de abril.

Datas históricas

As três principais datas da história das Assembléias de Deus no Brasil são: 19 de novembro de 1910 (chegada de Gunnar Vingren e Daniel Berg ao nosso país), 18 de junho de 1911 (a igreja se organiza juridicamente com o nome de Missão de Fé Apostólica), e 11 de janeiro de 1918 (a igreja recebe o nome de Assembléia de Deus).

A abertura das festividades será no dia 11 de janeiro de 1986, em São Cristóvão, RJ. Maiores detalhes quanto ao local de encerramento serão posteriormente fornecidos.



ANEXO M – A NOSSA PARTICIPAÇÃO NA CONSTITUINTE

ESPECIAL

mensageiro da paz

DA BAHIA

Janeiro/1986

A nossa participação na Constituinte

Constituição é a lei fundamental de um país que se sobrepõe a todas as demais leis. É a lei maior, a mais forte e a mais importante. Em suma: é a lei suprema de uma nação. Entre outras coisas, a Constituição é, também, um acordo social e um pacto de convivência entre indivíduos civilizados, que impõe as normas de procedimento dos cidadãos, regula a forma do Estado e de seu governo, estabelecendo os modos de obtenção do poder e a maneira de exercê-lo, e fixando os limites de sua ação.

Quando precisamos de uma Constituição?

Toda vez que queremos um Estado organizado, disciplinado, responsável, escrupuloso, diligente e capaz de realizações. O Estado é formado por três elementos básicos: o território, a população e o governo soberano. Dessa forma, a Constituição organiza o Estado, estabelece o grau de envolvimento do Estado na vida dos cidadãos, fixa os deveres deste e determina a doutrina econômica a ser adotada pelo governo. A Constituição fixa ainda as regras de relacionamento entre o Estado e outras nações soberanas.

O Brasil já tem a sua Constituição?

Sim! É a sexta, porém, já se encontra ultrapassada, por não espelhar os legítimos direitos do povo brasileiro. Nossas constituições anteriores datam de 1824, 1891, 1934, 1977 e 1946. A atual data de 1967, mas, substancialmente modificada em 1969. Entretanto, o povo brasileiro se prepara para fazer uma nova Constituição que deverá ser promulgada em 1987.

Quem fará a nova Constituição do Brasil?

A Assembleia Nacional Constituinte será formada de pessoas eleitas pelo voto direto para elaborar a nova Carta Magna. Neste órgão tomarão parte, provavelmente, os senhores eleitos na mesma ocasião. Como este grupo de cidadãos terá a incumbência de elaborar a nova Constituição, ele precisa ser habilmente escolhido. Essas pessoas receberão do povo poderes políticos absolutos para modificar, alterar, inovar, transfigurar, ou fazer quaisquer outros deslocamentos que entendam ser necessários nas estruturas organizacionais brasileiras.

Entre outras coisas, poderão modificar o nome do país; extinguir a Federação, ou seja, desfazer a organização dos Estados-membros; restaurar a monarquia e chamar ao trono real um dos presumíveis herdeiros da coroa lusobrasileira; diminuir a liberdade de culto e adoração; obrigar os cidadãos a terem uma religião diferente daquela que gostariam de ter. Em síntese, essas pessoas representarão uma Assembleia soberana e livre, detentora, durante o período de sua convocação, de poderes para decidir se o Brasil deve ou não socializar-se, democratizar-se, parlamentarizar-se, presidencializar-se etc.

Portanto, é importante que escolhamos muito bem os componentes da Assembleia Nacional Constituinte,

pois ela cuidará do futuro de nossa pátria, de nossa gente e de nossas instituições. O nosso compromisso nesta escolha ultrapassa os limites do sentimentalismo patético, da paixão desenfreada e da inquietação impaciente. O nosso compromisso cresce, por conseguinte, em responsabilidade, em deveres, em cuidados, em encargos e até mesmo em sacrifícios, pela consciência que temos do direito, da justiça, do juízo, da razão, da equidade, da compaixão, do perdão e tantos outros valores morais formadores do caráter cristão, formado por Jesus Cristo.

Valorizemos, pois, a nossa escolha com todo esse estoque de virtudes que, com temperança, despreendimento e inteireza de coração acompanha os crentes na pessoa bendita do nosso Senhor.

O que perseguiremos na Constituinte?

Várias são as questões que nos dizem respeito mais diretamente. Entre elas, podemos citar: o ensino religioso nas escolas de primeiro e segundo grau; a regulamentação do ensino nos seminários de formação de ministros religiosos; a separação nítida e clara entre o Estado e as instituições religiosas; a liberdade de culto e de pregação; a isonomia na partição de benefícios, subsídios e assistência a instituições religiosas, no direito de opinar na celebração de oficiais de leis e institutos similares, na celebração de oficiais religiosos nas corporações militares, na celebração de oficiais religiosos nas datas de celebrações cívicas, nas celebrações de oficiais religiosos, nas comemorações festivas do poder civil; a inserção do princípio bíblico de justiça em toda e qualquer lei que se faça para nós.

O êxito não está em ter força para agir, mas em empregá-la na oportunidade certa e na dosagem certa. A força que não produz trabalho, que não produz serviço, que não produz benefícios e resultados proveitosos não serve para continuar sendo força. A nossa importância e o nosso peso social e político só existe à medida que contribuimos para o bem comum de nossa sociedade, para as causas justas de nossa gente e para o bem estar coletivo.

Não atender o chamamento desta hora decisiva é omitir-se e ignorar a própria responsabilidade cristã, uma vez que a Escritura diz que se alguém sabe fazer o bem e não faz, comete pecado, Tg 4.17. A Bíblia Viva (em linguagem de hoje) diz que saber o que deve ser feito e não fazer é pecado.

De Gaulle afirmou que a política é um assunto sério demais para a deixarmos apenas aos políticos. Essa afirmação é uma inquestionável verdade, porque os políticos profissionais participam de uma eleição, preocupados em como ganhar a eleição seguinte. Mas, os homens retos submetem-se a um pleito, preocupados, apenas, com o que farão para o bem desta geração e das seguintes (parafrazeando James Clarke).

Não podemos esquecer-nos que em nossas sociedades, maus homens têm



Irineu Neemias Reis – a voz dos evangélicos baianos ante as autoridades

sido eleitos por bons cidadãos. Diante de Jesus e Barrabás, o povo judeu, altamente religioso e conhecedor das Sagradas Escrituras, resolveu escolher o salteador e entregar a morte o Filho de Deus, Jo 18.39-40. Quantos de nós, diante de Pilatos e enurdecidos pelo vozeirão dos principais do povo, ou seriamos levantar a nossa voz e as nossas mãos, para protestar contra o erro? Mas, o que estamos propondo agora não é um mero protesto, estamos propondo a escolha certa, para não termos de nos arrepender no futuro.

Disabores, descontentamentos, inquietações, angústias, desempregos, fome, nudez, enfermidades, desabrigo, e muitas outras mazelas têm-se abatido sobre o Brasil há muitos anos. Mas, o que diz a esse respeito o profeta Jeremias? Diz ele: "Por que pois se queixa dos seus próprios pecados"? Lm 3.38. Deus esportou o povo israelita a fazer a escolha certa: "Homem estranho, que não seja de entre os teus irmãos, não estabelecerás sobre ti..." Dt 17.15.

Infelizmente, o povo a quem Deus honrou com o seu nome, nem sempre levou este mandamento a sério, e certa feita aceitou como rainha uma mulher adúltera e assassina, chamada Jezabel. Em pouco tempo, esta governante induziu e obrigou o povo a adorar a Baal (1 Rs 16.31-33) e isto foi fatal à nação. Jezabel, ainda, matou vários profetas do Senhor e ameaçou matar o profeta Elias, 1 Rs 19.2. Todos sofreram com a perversa rainha.

Vigiar e orar

Não há maneira melhor para nos fortalecermos do que orar. A oração move o coração de Deus e nos proporciona grandes vitórias. Quando a Igreja ora, todos os poderes da Terra tremem. Todavia, o mesmo Jesus que mandou orar também recomendou: vigiar. Isto quer dizer que se atendermos somente a uma parte do mandamento, estaremos negligenciando a outra e, por conseguinte, desatendendo o mandamento.

Quando oramos, buscamos a força de Deus para nossas vidas, quando vi-

giamos, usamos a força de Deus em nossas vidas. Se não vigiarmos, seremos semelhantes à uma bomba não detonada - muita força armazenada, mas nenhum efeito. Vigiar, antes de tudo, é manter-se alerta, acordado, de sobrevivo, cauteloso, prevenido e precavido, mas não é só isso.

Vigiar é, também, tocar a trombeta, acordar a cidade, despertar os que dormem, mobilizar as pessoas contra os ataques do inimigo. Esta é a hora dos atalaia, dos sentinelas, dos vigilantes, porque estamos sendo ameaçados e, em alguns casos, já atingidos. Por isso, precisamos agir.

Vigiar e orar!

A validade desse ensino de Jesus já está mais que comprovada. Há quem diga que nos métodos empregados por Deus não se inclui a ação política, mas a história sagrada nos revela o Senhor utilizando a estratégia política mais de uma vez em favor de seu povo. Talvez o exemplo mais evidente da ação divina através deste método esteja no livro de Ester.

Hamá propôs no seu coração destruir todo o povo judeu, que estava no reino de Babilônia, sob domínio de Assuero, Et 3.6. Hamá chegou a obter o decreto do rei para destruir, matar e aniquilar de vez todos os judeus, tanto moços, como velhos e crianças, Et 3.12,13. Disse Mordecai a Ester: "Se você falhar, de outro lugar Deus providenciará socorro para o seu povo, mas, provavelmente Deus a colocou neste lugar para esta hora", Et 4.13-14.

Todavia, o Senhor escolheu agir através da política. Em primeiro lugar, elevou a jovem Ester ao centro de decisão do Estado babilônico, transformando-a em rainha. Em segundo lugar, usou Mordecai como atalaia para mostrar aos olhos da soberana a perigosa ameaça preparada contra ela e o povo judeu. Em terceiro lugar, moveu os filhos de Abraão à luta de duas maneiras: primeiramente, orando e jejuando como todo bom crente sabe fazer (Et 4.16) e, em seguida, empunhando armas legitimamente entregues pelo rei para resistir toda e qualquer ameaça, Et 8.10-13. Da mesma

ANEXO N – NO PAÍS DO CRUZADO, SURGE UMA ESPERANÇA: “DEUS SEJA LOUVADO”

JULHO/86
MENSAGEIRO DA PAZ
 DISSE JESUS: DEIXO-VOS A PAZ, A MINHA PAZ VOS DOU
 ANO LVI — MAIS DE MEIO SÉCULO DISSEMINANDO BÊNÇÃOS — Nº 1191

NO PAÍS DO CRUZADO, SURGE UMA ESPERANÇA: “DEUS SEJA LOUVADO”

Presidente Sarney reuniu-se com os Ministros da Fazenda e do Planejamento e tomou importante decisão para o país - Nova moeda do cruzado será impressa com uma inscrição que vai repercutir na vida religiosa dos brasileiros - Primeiras notas começam a circular em setembro. Página 8

Cristianismo e Comunismo podem caminhar juntos?



Apesar da “abertura” política e do reencontro da nação com a democracia, existem hoje fortes tendências, visando dividir o povo brasileiro em grupos distintos, como: Igreja, negros, burguesia, proletariado, esquerda, direita, etc., com o propósito de transformá-lo em massa de manobra para fins exclusivamente políticos. Há até mesmo os que insistem em afirmar que o Cristianismo e o Comunismo podem caminhar juntos. E correto, do ponto de vista bíblico, este pensamento? Página 12

Como obter sua isenção do imposto único sobre energia elétrica

Segundo o Decreto nº 63.119, de 25/03/71, e os pareceres normativos nºs 38, de 25/07/79, e 13, de 09/10/85, os templos de qualquer religião, as entidades, congregações e associações religiosas, as organizações

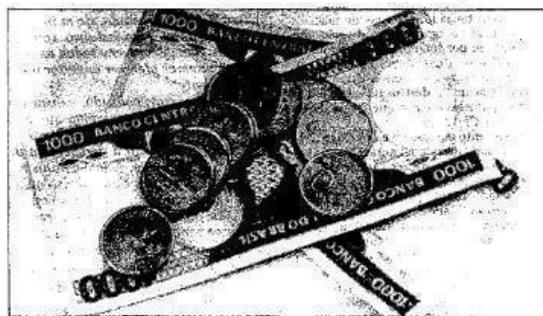
educacionais, assistenciais e similares estão isentas do imposto único que incide sobre o consumo de energia elétrica. Veja como requerer este benefício na página 16

Os nossos candidatos à Constituinte

Faltam apenas quatro meses e alguns dias para a eleição da próxima Assembleia Nacional Constituinte. No dia 15 de novembro todos os brasileiros maiores de 18 anos terão a responsabilidade de escolher, dentre milhares de candidatos, aqueles que vão redigir e aprovar a nova Constituição do Brasil. Precisamos pensar com bastante seriedade em nosso compromisso cívico neste período que antecede o ato do voto. página 2

1986
 Ano do Jubileu
 de Diamante
 da Assembléia
 de Deus
 no Brasil

VAMOS ORAR
 PELO
 BRASIL



Pastor Manoel Pereira Lima tinha muito amor pela igreja



Após alguns meses enfermo, foi chamado ao descanso eterno o pastor Manoel Pereira Lima, da AD de Maceté, AL. Mais de 15 mil pessoas acompanharam o féretro, num percurso de cinco quilômetros, até o cemitério local. Numa longa exposição sobre o falecido, o pastor Geziel Gomes referiu-se a ele como “um homem da Bíblia”. Página 7

O pastor Manoel Pereira Lima esteve à frente da igreja em Maceté durante 14 anos

A multidão parou a cidade por ocasião do sepultamento



ANEXO O – A CRUZADA DE FÉ DO PRESIDENTE SARNEY

Julho de 1986 – mensageiro da paz nº 1191

A cruzada de fé do presidente Sarney

As primeiras cédulas do cruzado contêm esta inscrição: "Deus seja louvado." A informação partiu do próprio presidente José Sarney, responsável pela maior reforma econômica-financeira já realizada no Brasil, e foi publicada na Coluna Política do jornal *O Globo*, página 4, de 17 de maio de 1986.

Posteriormente, a mesma notícia foi publicada no *Jornal do Brasil*, página 17, de 31 de maio de 1986. A nota dizia, entre outras coisas, que a medida foi aprovada numa reunião do Presidente com os Ministros da Fazenda, Dilsen Funaro, e do Planejamento, João Sayad, para vigorar a partir de setembro, quando circularão as primeiras notas da nova moeda brasileira. Segundo o jornal, Sarney optou por esta frase pelo significado que ela tem para todos os cristãos.

Essa decisão atende plenamente uma das reivindicações encaminhadas pela Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno ao então candidato à Presidência da República, Tancredino Neves. O documento, publicado no *MENSAGEIRO DA PAZ*, de fevereiro de 1985, pletava: 1ª) Declaração de um dia nacional de jejum; 2ª) Estreitamento de relações com Israel; e, 3ª) Retirada de símbolos umbandistas de nossas moedas.

Morto o presidente eleito, o MP de junho do mesmo ano voltou ao assunto: "Recentemente, a ADHONEP, presidida pelo industrial Custódio Rangel Pires, encaminhou documento ao então candidato Tancredino Neves, da Aliança Democrática, contendo três reivindicações... Estas reivindicações não caíram no vazio da transição entre Tancredino e o novo governo, mas permaneceram com a mesma atualidade e merecem uma cuidadosa análise dos novos responsáveis pela República."

O presidente José Sarney, sem dúvida alguma, tomou ciência do referido documento. Esperávamos que as reivindicações nele contidas fossem devidamente consideradas pelo novo chefe da nação.



A terceira delas, contudo, parecia muito difícil de ser atendida.

Como tirar milhões de moedas de circulação e substituí-las por outras sem os incômodos buzios? A troca, infactível. Os custos, vultuosos. O governo, em circunstâncias normais, não se aventuraria a tomar tal decisão. Talvez pensasse tratar-se de injustificável escrúpulo dos evangelizadores.

Com a reforma econômica, todavia, a ADHONEP mostrou não ter sonhado tão alto.

Dentro de alguns meses, conforme anúncio das autoridades econômicas, as cédulas e moedas do combalido e extinto cruzado serão substituídas pelas do cruzado. Os grotescos e diabólicos *totens* das religiões afro-brasileiras serão substituídos por uma declaração de fé no Todopoderoso: "Deus seja louvado."

O presidente Sarney, não obstante ter dado guarda à pajelança dos índios e demonstrado ser uma pessoa supersticiosa, reconhece, com este ato, "que Deus, o Altíssimo, tem domínio sobre o reino dos homens, e a quem quer constitui sobre eles". Dn 5.21. Depois de duas décadas de

arbitrio, esta medida se constituirá num testemunho de fé naquele que tudo pode.

Os vários governos do regime militar demonstravam confiar mais na força humana do que em Deus. Todas as dificuldades e crises, pensavam, poderiam ser resolvidas por decretos discricionários. Os atos de exceção, porém, mostraram-se impotentes para solucionar o vergonhoso problema da fome, o angustiante drama do menor abandonado, o vexame de nossa dívida externa e as deslavadas afrontas de uma inflação galopante.

Durante o último governo do regime passado, começaram a ser cunhadas moedas com símbolos umbandistas. O que pretendiam os responsáveis por esta decisão? Agradar os seguidores das religiões afro-brasileiras? Pedir a ajuda dos *guis* e *orixás* para solucionar os nossos graves problemas? Com essa atitude, só conseguiriam agravá-los. Milhões de imagens demoníacas foram espalhadas por todo o Brasil, disseminando superstições, mentiras e desírios a Deus.

O presidente José Sarney, com essa histórica iniciativa, transmite ao povo confiança no presente e otimismo no futu-

ro. Demonstrou possuir coragem suficiente para declarar sua fé em Deus. Apesar de o Brasil ser considerado a pátria do Espiritismo e dos cultos afros, não temeu, por estar consciente desta verdade: "Feliz a nação cujo Deus é o Senhor." Não se deixou levar por uma opinião pública deformada e contaminada pelos mais estanhos e exóticos rituais satânicos.

O Senhor há de abençoar a administração de Sarney, se ele permanecer fiel. O presidente tem demonstrado temor a Deus, sabedoria e equilíbrio administrativo. Como mordomo do Altíssimo, a sua obrigação é, justamente, promover o bem comum. Toda a autoridade procede e depende do Senhor! Por que, então, dar a honra ao Demônio?

Com a circulação do cruzado, todos conscientizar-se-ão: "Há um Deus no céu." Do cruzado, restarão apenas cinzas, restos de despacho em uma cruzalçada de frustração e perplexidade!

O presidente Sarney, nessa hora de transição, precisa muito de nosso apoio. Enviemos-lhe telegramas de apoio. Oremos por seu governo; em sua prosperidade, teremos prosperidade. Muitos o pressionarão, para que não coloque o nome de Deus em nosso novo padrão monetário. Cabe-nos o dever de fortalecer-lo nesse momento difícil.

Roqueemos a Deus, sejam atendidas, também, as duas primeiras reivindicações do documento de ADHONEP: declaração de um dia nacional de jejum e estreitamento de relações com Israel. Como estamos aproximando-nos da Assembleia Nacional Constituinte, devemos estar sempre atentos para que não percamos as liberdades tão duramente conquistadas. O preço da nossa liberdade é a eterna vigília.

Que Deus abençoe o presidente Sarney nessa cruzada de fé!

Claudionor de Andrade

II ELMAD – um exemplo a ser seguido



DENTRO DE LÍDERES DE MOCIDADE SEMBLÊIAS DE DEUS NO MARANHÃO: Um líder aprovado por Deus

Pastor Genaro, quando fazia a exposição bíblica



Momento em que os participantes adoravam a Deus através do louvor

Preço das Lições Bíblicas para o 3º trimestre de 1986

Após análise das planilhas de custo das Lições Bíblicas, verificou-se a impossibilidade de se reduzirem os preços atualmente praticados, com excesso dos modelos MFP (Maturidade da Fé - professor) e MCP (Maturidade Cristã - professor), cujos preços foram reduzidos para R\$ 9,00 o exemplar.

Esta é mais uma demonstração pública da seriedade administrativa da CPAD.

Custódio Rangel Pires
Diretor Executivo

Há três anos passados, os líderes de mocidade das AD no Maranhão se reuniram num encontro histórico, na cidade de Coratá - no I ELMAD, cujo propósito é a mobilização permanente da juventude evangélica para a expansão do reino de Deus.

De 27 a 30 de março, o II ELMAD foi realizado na cidade de Bacabal, sob o tema: "Um líder aprovado por Deus", restrito a lideranças, tendo em vista a busca de maior objetividade, com uma preocupação específica para líderes, como palestras e grupos de interesse.

Participantes

Nove unidades da Federação estiveram presentes no evento, e as representações mais expressivas foram de São Luís, Bacabal, Arari e Miranda. O total de participantes foi de 400.

Atividades

O pastor Estevam Ângelo de Sousa abriu o Encontro com a mensagem "qualidades de um líder aprovado por Deus", discorrendo sobre vários tópicos. As exposições bíblicas estiveram a cargo do pastor Genaro Braga (PE), baseadas na segunda carta de Paulo a Timóteo.

Na área de desenvolvimento da liderança, duas atividades importantes ocuparam grande parte do tempo, como as palestras e os grupos de interesse. As primeiras giraram em torno da dinâmica liderança de mocidade, apresentados pelo pastor Nemuel Kessler (RJ), desdobradas em três sistemas: "implantando a unidade de mocidade, planejando as atividades e aprimorando sua liderança."

Os grupos de interesse, num total de nove, atenderam algumas das necessidades de caráter mais específico dos partici-

pantes: secretaria (pastor Samuel Sousa - MA); finanças (Ozeas Oliveira - MA); dinâmica de grupo (Ielena Oliveira - MA); discipulado (pastor Genaro Braga - PE); cruzadas evangelísticas (evangelista Francisco Chagas - CE); frentes evangelísticas (Sergio Fernandes Lima - MA); comunicações (pastor José Amaro de Andrade - MA); missões (pastor Sôstenes Apolo - DF); responsabilidade social da igreja (Benjamin Sousa, Eudes Alencar e Elizou Serra - MA).

Os ministros Francisco Chagas e Sôstenes Apolo preparam a Palavra de Deus nas noites do movimento.

UNILIDER

Com o aval da Convenção Estadual, a Assembleia Geral aprovou a criação da UNILIDER - União de Líderes da Mocidade das AD no Estado do Maranhão, bem como o seu regimento interno. O Conselho Consultivo é constituído de 19 membros, dos quais três são pastores indicados pela Convenção Estadual e os demais membros representam 11 das 16 micro-regiões do Estado do Maranhão.

Como coordenador do Conselho, foi eleito Elizou Serra;

A diretoria da UNILIDER, para o biênio 86/88, está assim composta: coordenação - Benjamin L. Sousa; vice - Samuel Batista de Sousa; 1º secretário - Wilma Célia Pereira; 2º secretário - Ivaldo P. Chaves; 1º tesoureiro - Hamilton M. Cruz; 2º tesoureiro - Maria José Araújo; diretor de treinamento - Ozeas Oliveira e diretor de imprensa - Eudes Alencar.

ANEXO P – QUEM PODE ACABAR COM OS PENTECOSTAIS?

Quem pode acabar com os pentecostais?



Vem se tornando cada vez mais constante a veiculação de temas de cunho religioso através da grande imprensa do nosso país. Dentre os temas abordados com maior frequência, depois do Catolicismo, destaca-se o "pentecostismo" ou "pentecostalismo".

Qual a razão de tão grande interesse, não da imprensa propriamente dita, mas do clero católico brasileiro quanto ao fenomenal crescimento das igrejas pentecostais? A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), representante maior do clero católico, não tem conseguido dar fôlego à preocupação com o fato de os templos católicos estarem ficando cada dia mais vazios, enquanto que os templos das igrejas pentecostais estão cada dia mais cheios. Sejam quais forem os critérios utilizados pelo clero para detectar a razão deste fenômeno, inevitavelmente está pronto a concluir que isto se deve à "ação proselitista do pentecostalismo", liderada pela Assembléia de Deus, evidentemente.

Resultados dessas pesquisas

Pesquisas até aqui patrocinadas pela CNBB, procurando achar as possíveis causas do crescimento do pentecostalismo no Brasil, conduzem os pesquisadores às seguintes conclusões:

1) As pessoas mais simples não encontram respostas para suas inquietações nas celebrações litúrgicas do Catolicismo, em geral cheias de pompa e de mistérios, verdadeira afronta e desprezo à religiosidade popular.

2) As celebrações dos grupos pentecostais são mais participativas, e as suas

igrejas, mais solidárias, oferecem mais espaço para as iniciativas individuais e para a valorização das pessoas.

3) O contingente pentecostal estaria aumentando, justamente em função da situação de miséria e desespero e do "interesse do sistema político por uma religião alienante". (Folha de S. Paulo, 16.03.86).

Face a estas conclusões, elementos mais radicais do clero católico, em velada antipatia às igrejas pentecostais em nosso país, insinuam de forma absurda, procurando fazer crer que as "igrejas fundamentalistas" (outra forma de adjectivar as igrejas pentecostais) estão a serviço da política dos Estados Unidos para a América Latina. Para esses radicais, ao prevalecer-se da índole antimarxista dos pentecostais, os EUA acharam neles fortes aliados para impedir a consecução de "reformas sociais" propugnadas para o nosso Continente. Deste modo o pentecostalismo estaria comprometido com o retrógrado, enquanto que o Catolicismo, este sim, estaria comprometido com o progresso.

Medidas de repressão

Para a cúpula do Catolicismo brasileiro, o elemento mais condenável no pentecostalismo é o seu "proselitismo". Para fazer frente a este elemento, segundo o clero, determinante do crescimento das igrejas pentecostais, a CNBB vem arquitetando a deflagração de uma "guerra santa" usando armas que vão desde a simples tentativa de recatolização de pentecostais que abandonaram o Catolicismo, até o uso, se necessário da repressão. A possibilidade da utilização de qualquer um desses instrumentos por parte do clero

Momento Histórico



"Vejo a glória de Israel"

Vinte e sete de julho de 1917, em Macapá, capital do Amapá, foi um dia de jubilo, pois várias pessoas aceitaram a Cristo como seu Salvador pessoal. No dia 30, Jesus batizou a primeira pessoa com o Espírito Santo, estava confirmada, portanto, a obra e ninguém mais podia impedir o seu prosseguimento. A 25 de dezembro, efetuou-se o batismo nas águas de cinco novos convertidos. Este ato transformou-se em grande acontecimento, pois repercutiu em toda a cidade. Até os judeus de Macapá compareceram à solenidade. No momento em que Raimunda Paula de Araújo saía das águas, foi batizada com o Espírito Santo e falou em línguas estranhas, com tanto poder que os assistentes ficaram atemorizados.

Um dos judeus presentes, Leão Zagury, ficou tão emocionado e maravilhado com a mensagem que ouvira, que não se conteve e falou em voz alta, no meio de multidão: "Eis que vejo a glória de Israel, pois esta mulher falou a nossa própria língua." Na verdade, os anos não podem esconder tão eloquente testemunho. Aquela mulher não era evangélica, mas Deus fez com que aquela mulher falasse na sua língua, para que as maravilhas do Senhor fossem manifestas.

Diante dessas vitórias, que se tornaram públicas, os inimigos iniciaram nova campanha difamatória contra a igreja. Uma das pessoas batizadas era sífilica; algum tempo depois, a sífilis atacou o seu cérebro, e os evangélicos foram condenados pelo povo, por esse motivo. Foi uma prova de fogo para o pequeno rebanho. Deus, porém, repreendeu a enfermidade daquela pessoa, e toda a cidade tomou conhecimento que Paulo Araújo fora curado.

O frade calou-se diante do pastor

Em 1938, o pastor Alcebíades Pereira de Vasconcelos assumiu a direção da igreja em Dom Pedro, sede da AD no interior maranhense. A 21 de abril do mesmo ano, chegou a Grajaú, onde iniciou uma campanha de evangelização ao ar livre todas as noites. Nos primeiros dias de maio daquele ano, chegava aquela cidade, procedente do Vaticano, o frade brasileiro Ambrósio Maria, que assumiu a paróquia do bairro Trizidela, onde estava localizada a campanha de evangelização. Esse religioso iniciou uma severa perseguição contra os evangélicos, como represália aos cultos que estavam sendo realizados todas as noites em praça pública. Notando que os fiéis não revidavam, o frade abordou o pastor Alcebíades Vasconcelos, no dia 29 de maio, quando este palestrava com alguns amigos sobre o evangelho, em frente à casa onde estava hospedado. Desse desafio resultou uma discussão pública que durou apenas meia hora, porque o padre não soube responder às perguntas sobre a Bíblia, formuladas pelo pastor.

No dia seguinte, num ato de vingança, os católicos queimaram vários exemplares da Bíblia e de Novos Testamentos, e folhetos distribuídos pelos evangélicos. Em fevereiro do ano seguinte, o referido padre apedrejou o pastor Alcebíades e a congregação da AD em Grajaú, quando estavam reunidos na Praça Adolfo Soares.

Em maio de 1940, estando os evangélicos da AD reunidos no mesmo lugar, o frade italiano Camilo de Lonati convocou grande ajuntamento e mandou apedrejar-los. Os desordeiros quebraram a mesa que servia de púlpito, o lampião que iluminava a mesa, surraram dois evangélicos, membros da Igreja Cristã, os quais morreram, meses após, em conseqüências das pauladas recebidas. A esposa de Ottoniel Alencar, membro dessa mesma igreja, em estado de gestação, por pouco não perdeu a criança. Mas apesar de todas essas perseguições, a AD maranhense continuou crescendo até tornar-se na portentosa igreja que é hoje.

Procissão contra os evangélicos

Em março de 1920, o pastor José Morais visitou a cidade de Ceará-Mirim, RN, e a notícia de sua chegada espalhou-se pelas redondezas, despertando nova campanha contra os evangélicos. Mesmo assim, cinco novos convertidos foram batizados nas águas, fato que levou os inimigos do Evangelho a se enfurecerem e a perseguirem os novos convertidos e a todos quantos se unissem a eles. A situação chegou a ponto de promoverem uma procissão de desagravo, tendo à frente o referido sacerdote. Isso aconteceu no dia 21 de março de 1920. Entretanto, ocorreu o que ninguém esperava: o movimento de ataque aos evangélicos transformou-se em triunfo para a causa, confundindo os perseguidores.

Eis o relato do caso, segundo contou o pastor Morais: "O padre convidou o povo para, no dia 21 de março, fazer uma procissão até a casa de cultos, na frente da qual levantaríamos uma cruz. Era a voz corrente que o povo estava exaltado e sedento de vingança: só se falava em revolução contra os evangélicos. Nós, porém, estávamos confiantes nas promessas do Senhor, e orávamos continuamente de joelhos. Naquela dia, às 13 horas da tarde, o sino começou a tocar, marcando o início do ataque. Formou-se a procissão, tendo à frente o pároco, uma cruz e diversas bandeiras.

"O ajuntamento dirigiu-se à congregação da AD. Nós, os evangélicos, ficamos do lado de fora da casa, sem qualquer recuo: nossos corações estavam cheios de alegria e do poder de Deus, em razão do conhecimento e da graça da salvação. A procissão parou em frente ao templo e o padre perguntou quem era o pastor. A procissão, porém, aconteceu o que ninguém esperava: ele me abraçou diante de todo o povo, chamou-me de irmão, e declarou que Jesus era o único Salvador, citando as Escrituras, como se fosse um evangélico. Deu-me oportunidade para falar ao povo. Transmiti à multidão a mensagem do Evangelho. No término, o sacerdote tornou a abraçar-me, os evangélicos glorificaram a Deus, e a multidão se dispersou."

ANEXO Q – CONSTITUINTE, A HORA DECISIVA

20

novembro de 1986 – mensageiro da paz nº 1195

Constituinte: a hora decisiva

Nas edições de setembro e outubro do MENSAGEIRO DA PAZ, mostramos o pensamento de vários candidatos evangélicos que têm como principais finalidades a luta pela preservação da democracia e da liberdade religiosa no Brasil, ao mesmo tempo em que esperam, como legítimos representantes do povo de Deus as vagas pretendidas, fazer valer também a justiça social. Na presente edição, o leitor tomará conhecimento de outros nomes dispostos a atuar na linha de frente da Assembleia Legislativa ou da Câmara Federal, por dias melhores para toda a Nação.

Difundindo o Evangelho de Jesus Cristo

Visando o bem-estar social e ao mesmo tempo a expansão do Evangelho do Mestre Jesus, Edson Neves, membro da AD de Lauro Freitas, BA, é presidente da Associação dos Escrivães de Polícia e desenvolve um trabalho junto aos menores abandonados. Candidato a deputado estadual, ele afirma que não adianta nenhuma medida de combate à criminalidade, que não seja firmemente baseada nas Escrituras Sagradas.

Ligado também à segurança pública, como delegado de carreira à disposição do governador Hélio Garcia, de Minas Gerais, o irmão José Maria Pinto está pleiteando uma cadeira na Assembleia Legislativa. Tendo a candidatura aprovada pela convenção mineira, ele diz que uma das metas do seu trabalho parlamentar é ser uma bandeira e uma voz fervorosa no tocante à saúde, educação e segurança. José Maria acredita ser possível atuar na política sem perder em nenhum momento o brilho do testemunho cristão.

Filho do pastor Túlio Barros Ferreira, da AD de São Cristóvão, Jeremias Ferreira é candidato a deputado estadual. Advogado e jornalista, ele atua no movimento que visa a recuperação de alcoólatras e toxicômanos – o irmão Jeremias



Edson Neves Bahia José Maria Pinto Minas Gerais

mas preocupa-se, também, intensamente com a defesa de um programa mais adequado para a alimentação da população de baixa renda. "Os Cieps já favorecem significativamente essa questão. Mas outras medidas ainda precisam ser tomadas com relação à criança nos primeiros anos de vida, quando se estabelece todo o processo de estruturação física", frisou. Esta é, também, a proposta de Emmanuel Pimentel, da AD de Santos, SP.

Por melhores condições de ensino

O pastor da AD de Porangatu, GO, Antonio de Jesus Dias, pretende, por sua vez, uma vaga na Assembleia Constituinte e para isso tem contado com o apoio integral de outros pastores de seu Estado. Psicólogo e professor universitário, ele está otimista com o fato de muitas igrejas



Jeremias Ferreira Rio de Janeiro Emmanuel Pimentel São Paulo



Antônio de Jesus Dias Goiás Valmir Alves São Paulo

evangélicas estarem buscando melhor atuação na área de assistência social, antes inteiramente desprovida. Como educador, ele defende, também, melhores condições de ensino no País.

Evangelista itinerante da AD de Perys, SP, e candidato a deputado estadual, o irmão Valmir Alves assegura que trabalho social e cristianismo podem e devem andar juntos. A implantação de escolas supervisionadas pelas igrejas evangélicas é um de seus principais objetivos de trabalho. Como vereador, Valmir fundou a Frente Parlamentar Evangélica, com a finalidade de melhor encaminhar as reivindicações comunitárias.

Em São Miguel Paulista, SP, o médico e evangelista Alcídio Donato Rodrigues, candidatou-se à Câmara Federal, tendo como propósito dar maior assistência à área de saúde. Assim, considera indispensável um projeto de amparo à saúde im-



Alcídio Donato Rodrigues - S. Paulo Jorge Borges Rio de Janeiro

tantil, dando ênfase à prevenção de doenças congênitas.

Saúde física e espiritual é, também, a preocupação da linha de trabalho que já vem sendo desenvolvida pelo pastor Jorge Borges, fundador do CERTA – Centro Evangélico de Reintegração dos Toxicômanos e Alcoólatras, em Colégio, RJ. O mesmo pensamento é o de Vânio de Oliveira, este presidente do DESAFIO JOVEM de Criciúma, SC, e ambos candidatos à Assembleia Legislativa de seus Estados.

Os princípios de Cristo na Constituição

As metas de atuação podem ser diferentes em alguns pontos, mas fundamentalmente eles querem introduzir os princípios cristãos na nova Carta Magna do País. Este é o pensamento dos irmãos



Vânio de Oliveira Santa Catarina Manoel Moreira São Paulo

Orlando Camilo Pacheco, de Itajaí, SC; Raimundo Evangelista, de Brasília; Manoel Moreira, de São Paulo, e Lourenço Vieira, do Rio de Janeiro.

O programa de trabalho do político evangélico deve estar embasado na ética de compromisso com o cristianismo e a mensagem social da Bíblia, e inteiramente contra a exploração dos pobres e do abandono dos órfãos, ressaltou Lourenço Vieira, um dos candidatos a deputado federal.

Essa opinião é inteiramente compartilhada por Benhur da Matta, que também deseja uma vaga na Câmara Federal. Benhur é de Honório Gurgel, RJ, e enfatiza: "A família deve ter assegurados os seus direitos no tocante à educação, saúde e alimentação."

Candidatando-se a deputado federal, o irmão Flauzílio Araújo dos Santos, de São Paulo, tem como plataforma de trabalho, entre outros numerosos itens, a garantia do acesso à terra pelo trabalhador.



Lourenço Vieira Rio de Janeiro Benhur da Matta Rio de Janeiro

E uma sociedade mais justa, tendo plenamente assegurada a liberdade religiosa é o ideal dos irmãos Firmino de Castro, de Natal, RN; Tarcísio Nunes, de Fortaleza, CE; Waldemar Marinho, de Porto Velho, RO; Luiz de Almeida Abadie e Moisés Berliet, de Porto Alegre, RS; Aldo Paixão, do Piauí, e José Carlos de Andrade, de São Paulo. Todos esses pretendem, com a confiança baseada nas promessas de Deus, chegar à Assembleia Legislativa.



Flauzílio Araújo São Paulo Waldemar Marinho Rondônia

Outro candidato a deputado estadual, o irmão Dirceu Amaro, de Tijuca, RJ, acredita como sendo imprescindível e inadiável que o evangélico ocupe seu espaço na política. "Caso contrário, o comunista, por exemplo, tomará o lugar, levando adiante ideias comprometedoras e altamente nocivas à liberdade religiosa", destacou ele.



Aldo Paixão Piauí Jose Carlos de Andrade

As mulheres evangélicas, ao que parece, também entraram com força total na vida política. Da Assembleia de Deus de Arapiraca, AL, a candidata à Assembleia Legislativa é Rosa Gonzaga. Ela desenvolve uma campanha bastante ativa, incentivando as igrejas à organização de creches e escolas, que possam servir à comunidade e onde as crianças recebam os en-



Dirceu Amaro Rio de Janeiro Rosa Gonzaga Alagoas

sinamentos segundo a Palavra de Deus. Ao mesmo tempo, aproveita as oportunidades de falar em público para a evangelização, o que considera "a meta prioritária do crente em Jesus Cristo".

No Rio de Janeiro, membro da AD de Copacabana, Cecília Teixeira é candidata à ALERJ e, entre outras importantes reivindicações, lutará pelo amparo legal à trabalhadora doméstica.

Gidel Dantas, de Fortaleza, CE, disputa um lugar na Assembleia Constituinte e a seu ver é a Palavra de Deus que deve dirigir todas as iniciativas dos evangélicos que tiverem o privilégio de participar de um momento tão importante para a Na-



Cecília Teixeira Rio de Janeiro Gidel Dantas Ceará

ção. Esse é, também, o pensamento dos candidatos Sotero Cunha, da AD de Maturéia, RJ, e Ribamar Barro, do Piauí.

Em Vitória, ES, o pastor Levi Aguiar de Jesus Ferreira, membro do Conselho Fiscal da CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS, é candidato a deputado estadual e pretende elaborar projetos ligados à saúde, de segurança e ampliação da rede escolar.

A saúde de toda a população é uma das metas principais da plataforma política do irmão João Fagundes, de Roraima.



Ribamar Passos Piauí Nelson Aguiar Espírito Santo

Como candidato a deputado federal, ele já está empenhado na articulação de um projeto proibindo terminantemente a permanência de fumantes no interior das aeronaves. O mesmo pensa o irmão Amizael Gomes da Silva, de Porto Velho, RO, também candidato a deputado federal.

Do meio evangélico, há ainda o irmão Nelson Aguiar, como candidato à Constituinte pelo Espírito Santo, e o irmão Antonio Pedro Celestino, como candidato ao Senado pelo Estado do Rio de Janeiro.



Levi Aguiar de Jesus Ferreira Espírito Santo Amizael Gomes da Silva Rondônia

Nota da Redação: Na matéria "A justiça social é possível?" do MENSAGEIRO DA PAZ de outubro último, fizemos constar, por engano, o nome do irmão Emilson Heiderick, como sendo candidato a deputado estadual da AD de Belo Horizonte, MG. Ele não disputou nenhuma cargo público e spoia o irmão José Maria Pinto, candidato ratificado pela Convenção Mineira, cujo nome encontra-se incluído na presente matéria.

ANEXO R – O BRASIL ESTÁ MUDANDO: “DEUS SEJA LOUVADO”

8

outubro de 1986 — mensageiro da paz nº 1194

O Brasil está mudando, “Deus seja louvado”



A comitiva foi recepcionada pelo presidente da Casa da Moeda, que aparece, no centro, ao lado do irmão Custódio Rangel

Para conhecer de perto os detalhes sobre a inscrição da frase “Deus seja louvado” nas novas cédulas da moeda brasileira, uma equipe de pastores e líderes evangélicos foi convidada pelo presidente da Casa da Moeda do Brasil, Carlos Alberto Direito, para visitar as instalações daquela empresa. O convite foi formulado através do Diretor de Matrizes, Alfredo Pinheiro, que, por intermédio do pastor Wilson Dumasceno, da Igreja Pentecostal Presbiteriana, de Jacarepaguá, estabeleceu os primeiros contatos com o grupo, para a concretização da visita no dia 3 de setembro.

A comitiva

O irmão Custódio Rangel Pires, Diretor Executivo da CPAD e presidente da ADHONEP, fez parte da comitiva. Foi dele a iniciativa de propor ao então candidato Tancredino Neves, ainda em fins de 1984, entre outras medidas, a retirada dos símbolos afro-brasileiros de nossas moedas. Esta mesma solicitação foi reiterada ao presidente José Sarney, que, posteriormente, a tornou decisão de governo.

Integraram, também, a caravana os pastores Túlio Barros Ferreira, da AD em São Cristóvão; Nemuel Kessler, Diretor de Publicações da CPAD; Geremias do Couto, Secretário de Redação do MENSAGEIRO DA PAZ; os empresários evangélicos Edlis César e Altonir Cunha; o Di-

retor da revista Ultimato, Elben César e, ainda, o irmão Sérgio Rodrigo, agente da Polícia Federal.

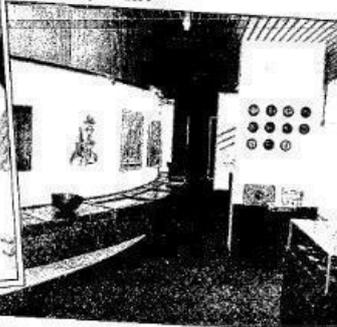
Durante a visita, foi feita uma exposição, através de filme e palestra, sobre o funcionamento da Casa da Moeda, que, além de ser responsável pelo nosso meio circulante, fabrica fichas de telefone, tickets para o metrô, passaportes e produz dinheiro para outros países. Com mais de dois mil funcionários e um esquema rigoroso de segurança, orientado a partir de uma central de controle, a empresa funciona num amplo complexo, com cerca de 110 mil metros quadrados de área construída.

“Deus seja louvado”

Interrogado sobre a retirada dos símbolos afro-brasileiros de nossas moedas, Carlos Alberto Direito explicou que foi uma decisão do Presidente da República. “Este foi um pedido que Sua Excelência me fez em um de nossos primeiros encontros, no atual governo”, acrescentou. Segundo ele, a instituição desses símbolos nas moedas do antigo cruzeiro ocorreu em 1977, por determinação do Banco Central, como forma de homenagear a história monetária brasileira, que registra o uso dos bôzios, pequenas conchas retiradas do mar, como padrão circulante na comercialização de escravos com a África.

Todavia, o presidente da Casa da Moeda disse não desmembrar a ligação

A foto ilustra parte da história da Casa da Moeda a empresa pública mais antiga do país, fundada em 8 de março de 1894



O presidente da Casa da Moeda informou que a empresa se empenhou no máximo para cumprir a determinação do governo

desas conchas com a liturgia do candomblé, onde, segundo Luiz da Câmara Cascudo, “os habalabó consultam os orixás sobre o futuro, agitando pequenos bôzios numa esteira e deduzindo a resposta do ‘guia’ pela posição em que ficaram”. (Dicionário do Folclore Brasileiro. INL - Edição 1962.)

Para Carlos Alberto Direito, a inscrição “Deus seja louvado” nas novas cédulas é um meio de se procurar resgatar a religiosidade do povo brasileiro, nesta hora em que os valores morais da sociedade estão sendo destruídos. “A frase instituída pelo Presidente da República tem caráter universal, por ser uma crença comum a todos os povos”, concluiu.

As novas cédulas

“Quando o presidente solicitou a inclusão da frase, as novas cédulas já estavam em fase final de produção”, foi o que afirmou o Diretor de Matrizes da Casa da Moeda, Alfredo Pinheiro. O atendimento à determinação governamental implicaria em interromper o processo e atrasar o lançamento do novo dinheiro. Seria praticamente impossível fazê-lo em tempo hábil. Mas a equipe do setor de matrizes dobrou-se ao máximo para encontrar a fórmula para incluir a frase nas chapas já gravadas e já neste mês as cédulas de 10, 50, 100 e 500 cruzados estarão circulando em todo o Brasil.

Segundo informou Alfredo Pinheiro, a inscrição “Deus seja louvado” foi impressa no lado esquerdo da parte da frente, considerada a área nobre da cédula. O trabalho foi feito a partir de uma adaptação, em virtude de o processo de produção já ter sido iniciado, mas nas novas lamínas de notas a serem impressas a partir de 1988, com um novo desenho gráfico, a frase vai ocupar espaço de maior relevo.

“A inscrição ‘Deus seja louvado’ é um antídoto contra o materialismo”, enfatizou o presidente da Casa da Moeda, ao ser questionado sobre o que o dinheiro representa para uma sociedade consumista. Ele acredita que não há nenhuma contradição em tomar-se uma medida como esta, pois ela vai contribuir para que todos os brasileiros reconheçam a soberania de Deus. “As cédulas do cruzeiro passarão por milhares de mãos trazendo uma mensagem de louvor ao Senhor e neutralizando, assim, qualquer ideia de materialismo que elas possam conter”, finalizou.

Visita às instalações

Após a exposição feita no snifiteatro da empresa, a comitiva visitou todas as suas instalações e participou do almoço, no refeitório dos funcionários. O irmão Custódio Rangel presenteou, ainda, o presidente da Casa da Moeda com o livro “O povo mais feliz da terra” e foram, também, distribuídos alguns exemplares da revista da ADHONEP.

Geremias do Couto

Seminário de Edificação Espiritual em Nova Friburgo



Participantes do I Seminário de Edificação Espiritual em Nova Friburgo



As palestras marcaram profundamente a vida dos alunos

O pastor José Gomes da Silva assumiu a presidência da Assembleia de Deus em Nova Friburgo, RJ, no dia três de agosto. A cerimônia, oficiada pelo pastor Paulo Alves da Silva, presidente da CEADER, contou com a presença de irmãos do Rio, Teresópolis, Cordeiro, São Gonçalo e Duque de Caxias.

Os louvores ficaram a cargo do coral e conjunto da AD em Salinas, do grupo musical Vencedores com Cristo (de Nova Friburgo) e da dupla Abel e Nadir. A mensagem foi pregada pelo pastor Basileu René de Oliveira, do Rio de Janeiro.

I Seminário de Edificação Espiritual da Região Serrana

Nos dias 16 e 17 de agosto, a AD em Nova Friburgo hospedou o I Seminário de Edificação Espiritual da Região Serrana, promovido pela CPAD e presidido pelo pastor José Gomes da Silva. Os trabalhos foram secretariados pelo pastor Francisco Paulo da Silva, de Duas Barras, RJ. O seminário contou com 146 inscritos.

Os alunos foram divididos em três classes e, durante as conferências, demonstraram grande interesse. O aproveitamento foi total.

A orientação do seminário ficou por conta do pastor Nemuel Kessler, diretor de Publicações da CPAD, que dissertou sobre este assunto Liderança. Eis os demais preletores e seus respectivos temas: pastores Tenório Ramos de Oliveira (vice-presidente da AD em São Cristóvão); Carmelotas; Raimundo de Oliveira (chefe do Departamento de Escola Dominical da CPAD); Teologia Pastoral e Heresiologia; Geremias do Couto (chefe da Divisão de Jornalismo da CPAD); Maneiras e Costumes Bíblicos; José Gomes da Silva, Tipologia e Teologia; Milton Barros (de São Cristóvão); Evangelismo, e a professora Cyléia Barros, Ética Cristã.

Na noite de sábado, o pastor Nemuel Kessler passou slides sobre Israel, mostrando o renascimento e progresso da Terra Santa. No domingo, o irmão Túlio Barros Ferreira, pastor da Assembleia de Deus em São Cristóvão, fez uma palestra sobre a família, na AD Central. O culto de encerramento foi dirigido pelo irmão Nemuel, oportunidade em que foram entregues certificados de conclusão aos participantes do seminário.

Eliézer Cohen



Pastor Narbal Soares chamado ao descanso eterno

O pastor Narbal Soares, presidente da Assembleia de Deus em Nova Iguaçu, RJ, passou a estar com o Senhor, no dia 24 de julho. Nascido em 1901, na cidade fluminense do Carmo, o irmão Narbal aceitou a Jesus em 1934, sendo batizado nas águas no mesmo ano. Em 1936, foi ordenado ao diaconato. Em 1940, ao presbitério. No dia 1º de janeiro de 1949, foi ordenado ao pastoreado na Assembleia de Deus em Madureira. Durante o seu ministério, pastoreou as seguintes igrejas: Brasília, DF; Caxambu, MG; Lambari, MG e, por último, Nova Iguaçu, RJ.

Ao passar para a eternidade, deixou saudosos, além de seus familiares, 15 mil membros que, com alegria, recebiam suas orientações e cuidados espirituais. O irmão Narbal era um dos mais conceituados pastores do Brasil.

ANEXO S – CONSTITUINTES EVANGÉLICOS: SOMOS CONTRA O ABORTO

Mensageiro da Paz nº 1200 – abril de 1987

13

Os homens serão indesculpáveis

Deus existe desde a eternidade, é a origem da Vida; tem a vida em si mesmo. O Universo e tudo o que nele há foram chamados à existência pela sua onipotência, segundo o supremo modelo de sua sabedoria e bondade.

Que é todo esse mundo visível (perguntas o escritor espanhol Luis de Granada) sendo um grande e maravilhoso livro que Vos, Senhor, escrevestes e oferecestes aos olhos de todas as nações do mundo, tanto de gentes como de bárbaros, tanto de sábios como de ignorantes, para que nele todos estudassem e conhecessem quem vós sois? Que serão, portanto, todas as criaturas do mundo, tão formosas e tão bem formadas, senão como letras divididas e iluminadas, que declaram o primar

e a sabedoria do seu Autor?... E por vossas perfeições serem, Senhor, infinitas, e como não podia haver uma só criatura que as pudesse representar todas, foi necessário criar-se muitas, para que assim, a cada uma por sua parte nos declarassem algo de tuas perfeições...

As Escrituras Sagradas mostram que aqueles que se negam a reconhecer a existência de Deus, mesmo tendo os olhos do entendimento voltados para as suas inumeráveis obras, serão indesculpáveis. É o que argumenta o apóstolo Paulo no primeiro capítulo de sua Carta aos Romanos, cujos versículos 19, 20 e 21 constatarem nas bases da chamada "Teologia natural" defendida pelo apóstolo: "...pois quanto a que de Deus se pode conhecer é manifestado entre eles, porque Deus lhes manifestou,

Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato."

A verdade é que a capacidade natural que permite ao homem reconhecer a existência de Deus a partir do testemunho da Criação, atrofia-se pouco a pouco naquelas que se negam a vê-la. O coração endurecido dessas pessoas, cujo maior objetivo na vida é gozar de tudo o que de pe-

receivi, o mundo lhes oferece, não tem interesse algum em adquirir qualquer conhecimento acerca do Deus soberano que reina sobre todas as coisas.

Porém, o fato dessas pessoas deixarem que essa capacidade natural de reconhecimento da existência do Criador se atrofie, por falta de uso, não significa que elas, apesar de possuírem um coração endurecido, não tenham sido dotadas dessa capacidade. Todos os seres humanos a possuem, e é por isso que muitos terão de responder diante de Deus por esse descomentado, conforme escreveu o apóstolo Paulo.

(Este artigo é um dos capítulos do livro As Grandes Defesas do Cristianismo, de Jefferson Magno Costa, a ser brevemente publicado pela CPAD).

Constituintes evangélicas: somos contra o aborto



Mesa que presidiu os trabalhos de instalação da Constituinte, vendo-se da esquerda para a direita o Presidente do Senado, Humberto Lucena, o Presidente da República, José Sarney, o Presidente do Supremo Tribunal Federal, Moreira Alves, e o Presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães



Deputados evangélicos que participaram do culto de gratidão



Parte dos Deputados evangélicos em uma das sessões da Constituinte



O Deputado João de Deus Antunes diz que ele e seus companheiros têm o desejo de votar e que, para isto, contam com as orações de todos

Fernando, em número, a quarta maior bancada da Assembleia Nacional Constituinte, e com uma posição claramente definida contra a liberação do aborto e a favor da moralização dos costumes nas meios de comunicação, os 28 Deputados evangélicos eleitos em 15 de novembro assumiram os seus mandatos no dia 1º de fevereiro, em sessão solene que contou com a presença do Presidente da República, José Sarney, e foi presidida pelo ministro Moreira Alves, então Presidente do Supremo Tribunal Federal.

A imprensa secular, de modo geral, deu ampla cobertura à presença dos evangélicos na Constituinte, destacando as propostas que o grupo pretende levantar nos debates e ressaltando a tomada de posição deste vasto segmento da sociedade, que, pela primeira vez na história do parlamento brasileiro, elegeu uma bancada mais representativa, já que na última legislatura havia pouco mais de 10 parlamentares evangélicos no Congresso Nacional.

Culto de gratidão

Por iniciativa dos Deputados da Assembleia de Deus, entre eles o pastor Antônio de Jesus Dias, autor da idéia, foi realizado, logo após a solenidade de posse, um culto de gratidão a Deus, no templo da AD da W 5, sob o pastoreado do irmão Antônio Inácio de Freitas. O amplo auditório foi preparado para a ocasião, com diversas faixas colocadas em locais estraté-

gicos, exortando os novos constituintes a se portarem como legítimos representantes da cidadania celestial. Fizeram-se presentes os Deputados Sotero Cunha, Milton Barbosa, Manoel Moreira, Antonio de Jesus, José Fernandes, João de Deus Antunes, Mateus Lessa, Orlando Pacheco, Fausto Rocha e Edésio Frias.

A abertura do culto foi feita com a execução do hino nacional, sendo entoadado, logo a seguir, por toda a Igreja, o conhecido hino: "Nôvo Brasil." Um dos eleitos, o cantor Mateus Lessa, do Paraná, iniciou suas atividades em Brasília, na noite de culto, não apresentando qualquer projeto político, mas exercendo aquele que tem sido o seu ministério ao longo dos anos, pelo qual é conhecido em todo o Brasil: o cântico de louvor a Deus. Um dos pontos marcantes foi o poema "Se todas as gentes se dessem as mãos", recitado pelo Deputado Fausto Rocha, que, ao concluir, afirmou: "Nós temos uma mensagem, não de esperança, mas de certeza na vida eterna com Cristo. Não somos problema, nem para o governo, nem para a nação brasileira. Entre nós não há bebida, nem viciados em tóxicos, ou quem desprezite sua família, pois amamos o próximo, como a nós mesmos. Portanto, se todos nos damos as mãos e proclamarmos a esta pais que só Jesus Cristo salva, veremos os grandes resultados do nosso trabalho."

Um nome dos demais companheiros falou o Deputado João de Deus Antunes, do Rio Grande do Sul, que, em rápidas e incisivas palavras, assim exteriorizou o pen-

samento de todos: "Os joelhos seio a nós: se base para derrubarmos as barreiras que, sem dúvida, se levantarão contra nós. Mas elas serão varridas pelo poder da oração."

Finalmente, convidado pela bancada da Assembleia de Deus, pregou o pastor José Caetano, cuja mensagem baseou-se em Lucas 10.25-37, sobre a parábola do bom samaritano. Ele procurou mostrar a repositividade global da igreja, através de cada cruce, em manifestar o amor de Deus, sem preconceitos, diante das grandes necessidades do mundo atual. Esteve, também, presente o pastor Edno Fonseca de São Gonçalo, RJ.

Jantar

No dia seguinte, uma segunda-feira, além das estántes sessões para a eleição da Mesa da Câmara dos Deputados (da qual participe como suplente o nosso irmão Deso Coimbra) e da presidência da Assembleia Nacional Constituinte, bon parte dos Deputados evangélicos participou de um jantar na residência do representante do Amazonas, José Fernandes, que, por estar em sua terceira legislatura, não mediu esforços para prestar sua cooperação aos demais colegas em seus primeiros contatos com a Capital Federal e os bastidores do Congresso. O jantar foi preparado com sumero por sua esposa, que serviu pratos típicos de seu Estado. Mas a parte principal ficou por conta do espírito de confraternização e alegria reinante no encontro, que se prolongou até a

madrugada, com cânticos, leitura da Bíblia, testemunhos e muito gozo na presença do Senhor.

O pastor Geremias do Couto, Secretário de Redação da CPAD participou de todas as solenidades, a convite dos Deputados, voltando com a nítida impressão de que a bancada evangélica procurará apresentar com bastante clareza o pensamento da igreja em questões já firmadas, como o aborto, a pornografia, a liberdade religiosa e a justiça social que deve permear toda e qualquer proposta de governo.

Por sugestão do Deputado Salatiel Carvalho, de Pernambuco, outros cultos de gratidão serão realizados nos demais Estados, em datas a serem posteriormente definidas.

Para ajudar os leitores que desejam enviar suas sugestões aos Deputados evangélicos, publicamos a seguir os seus nomes: Antônio de Jesus Dias, Aroldo de Oliveira, Benedito da Silva, Costa Ferreira, Deso Coimbra, Edésio Frias, Eliel Rodrigues, Elcio Vieira, Fausto Rocha, Gidei Dantas, Jaime Paliari, João de Deus Antunes, José Fernandes, José Vianna, Leônidas Maciel, Manoel Moreira, Mário de Oliveira, Mateus Lessa, Milton Barbosa, Naphtali Alves, Nelson Aguiar, Orlando Pacheco, Roberto Lopes, Salatiel Carvalho, Sotero Cunha, Levi Dias, Celso Dorado, Rubem Brancinho e Roberto Vital. As cartas devem ser endereçadas à Câmara dos Deputados, em nome do destinatário.

ANEXO T – ASSEMBLEIA DE DEUS ELEGE 11 DEPUTADOS FEDERAIS

mensageiro da paz nº 1187 – janeiro de 1987

11

AD de Teresópolis: 50 anos na presença do Senhor



O pr. Joaquim Martins do Couto

Cerca de 15 mil pessoas lotaram o Ginásio Poliesportivo, em Teresópolis, RJ, durante os dias 24, 25 e 26 de outubro, por ocasião das comemorações do Jubileu de Ouro da AD naquela cidade, sob a direção do pastor Joaquim Martins do Couto desde 15 de abril de 1960. O evento, baseado no tema: "Cristo, o fundamento inabalável da Igreja", teve como pregador o pastor Hidekazu Takayama, de Curitiba, PR, que, mais uma vez, revelou-se como instrumento para a realização da obra de Deus no meio do seu povo. Dezenas de conversões, batismos no Espírito Santo, renovação e muita alegria marcaram a programação.

Como tudo começou

O trabalho de Teresópolis é oriundo de Petrópolis, que recebeu o Evangelho pentecostal no ano de 1925. De lá, a obra espalhou pelo interior do município, chegando a região de Águas Claras, em São José do Rio Preto, de onde saíram os primeiros irmãos para evangelizar Teresópolis. Entre eles estava João Casetano de Oliveira, que se decidiu transferir definitivamente para esta cidade, a fim de conti-



O coral "Renascer" marcou a parte musical da programação

O pastor Hidekazu Takayama se colocou nas mãos de Deus para os três dias do evento

nuar à obra ali iniciada. A data de fundação foi em 25 de outubro de 1936.

O primeiro pastor da igreja, que funcionava como congregação de Petrópolis, foi o irmão José Antônio de Carvalho, hoje em Itaperuna. Ele teve, também, a oportunidade de realizar o primeiro batismo, quando passaram pelas águas os quatro primeiros novos convertidos. Os pastores seguintes foram os irmãos Heitor Casetano, Ricardo Ferraz, José Vieira (ambos de saudosa memória) e, finalmente, Joaquim Martins do Couto, que está à frente da igreja há 26 anos.

A organização do evento

A organização do evento ficou sob a responsabilidade de uma comissão constituída dos seguintes irmãos: Pastor Nicenor Ribeiro da Rocha, presidente; pastor Israel dos Santos Couto, coordenador; Adir Pires da Silva, secretário; Dilson Mendonça, relator, e Adilson Alves de



Araújo, tesoureiro. Os preparativos começaram cerca de um ano antes, com a realização de cultos pré-Jubileu. A publicidade ficou para os meses que antecederam o evento e consistiu de milhares de cartazes e panfletos, 50 folhas espalhadas por toda a cidade, além de um programa coordenado de visitaço de casa em casa. No domingo anterior ao início das festividades, foi realizada uma "carreata", da qual participaram mais de 80 carros, culminando com uma grande concentração na praça Olímpica.

Os três dias do Jubileu

A abertura do Jubileu se deu na sexta-feira, dia 24, com a entrada das bandeiras do cântico do hino nacional. Apesar da noite fria e da chuva que caiu à tarde, o povo compareceu em massa ao Ginásio, localizado bem no centro da cidade, e pôde receber o toque do Espírito Santo através da Palavra pregada.

Na noite de sábado a afluência foi ainda maior, com as pessoas chegando mais cedo, para não perderem os primeiros lugares. Nesse dia, além da apresentação do Conjunto "Jovens Atuantes", da igreja local, e que também cantou na noite anterior, o programa contou com a participação do Conjunto "Renascer", da AD na Penha, RJ.

A manhã de domingo foi reservada para um momento de vida profunda, quando pregou o pastor Geremias do Couto. Falou, também, na oportunidade o pastor José Antônio de Carvalho, que trouxe suas experiências nos primeiros dias de seu pastoreio em Teresópolis, destacando, também, sua ligação com o pastor atual, Joaquim Martins do Couto, a quem conheceu quando este ainda era criança, e viu nele a chamada para o ministério.

Após o almoço veio a tarde de louvor, com a presença de diversos cantores da própria igreja e de outras cidades, preparando o povo para a noite de encerramento. As 19 horas o Ginásio já estava superlotado, enquanto outras pessoas ficavam pelo lado de fora, sem poder entrar. Na parte musical cooperou o Coral "Sinfonia", da AD em São Cristóvão, RJ, além do Conjunto "Jovens Atuantes". O pastor Hidekazu Takayama pregou sob forte unção do Deus e a glória do Senhor veio sobre todos os participantes. Na hora do apelo, muitos vieram chorando, para entregar suas vidas a Cristo. Todas as reuniões foram dirigidas pelo pastor Israel dos Santos Couto.

Assembléia de Deus elege 13 Deputados Federais

Pela primeira vez na história do Parlamento brasileiro, foram eleitos, em todo o país, 26 Deputados Federais evangélicos. Dentre eles, 13 pertencem a Assembléia de Deus, que, de apenas um representante na última legislatura, passou agora a ter maioria, em termos de representação denominacional, na bancada evangélica eleita em 15 de novembro. Este fato se reveste de maior importância porque os novos parlamentares receberam, também, nas urnas, a responsabilidade de escrever o novo texto constitucional, que vai reger a vida política, administrativa e econômica do país. O povo evangélico não deixou, também, de votar nos nossos candidatos a Deputado Estadual, que estarão nas Assembléias Legislativas de seus respectivos Estados, representando o pensamento da igreja.

A eleição desses evangélicos foi o resultado de um trabalho permanente de conscientização realizado por alguns órgãos da imprensa evangélica, entre eles o MENSAGEIRO DA PAZ, que foi o primeiro a tratar do assunto de maneira objetiva, seguindo orientação estabelecida na reunião de líderes das Assembléias de Deus promovida em abril de 1985, em Brasília, DF. Naquela oportunidade ficou decidido que as Convenções de cada Estado fariam gestões no sentido de serem escolhidos candidatos evangélicos, principalmente à Assembléia Nacional Constituinte.

O Editorial do MENSAGEIRO DA PAZ de maio de 1985 já dizia o seguinte: "Temos suficiente potencial para eleger, em cada Unidade da Federação, um representante evangélico à próxima Assembléia Nacional Constituinte, o que representaria, no cômputo geral, mais de 20

nomes oriundos do nosso meio. Por que dar o nosso voto a candidatos espíritas ou de outras religiões, se podemos contribuir de modo efetivo para que os nossos sejam eleitos?"

A partir de então o tema começou a tomar corpo e começou a ser desenvolvido, sob vários aspectos, em praticamente todos os números do MENSAGEIRO DA PAZ, que, em Editorial de julho de 1985, destacou a importância dos evangélicos nos cargos públicos ao afirmar: "A ocupação de cargos públicos por pessoas evangélicas, que tenham lastro espiritual baseado na autenticidade cristã, é um dos meios pelos quais a Igreja pode exercer sua influência positiva entre a sociedade."

Essa movimentação no meio evangélico contribuiu para a indicação do Rev. Guilherme Cunha como representante da Igreja Evangélica na Comissão constituída pela Presidência da República para preparar o anteprojeto constitucional.

Outro trabalho importante foi o do jornalista José Sylvester, que escreveu o livro "Irmão vota em irmão - os evangélicos, a Constituinte e a Bíblia", divulgado e lido em todo o país. A obra serviu para eliminar preconceitos e mostrar a legitimidade do projeto em fase de conscientização. Vale ressaltar, ainda, a criação do GEAP - Grupo Evangélico de Ação Política, que, meses antes das eleições, reuniu em Brasília um grupo de candidatos para discutir um padrão uniforme de ação.

Passadas as eleições, o saldo não poderia ter sido melhor para esta fase, principalmente por causa da fragmentação do voto em torno de um grande número de candidatos em alguns Estados, o que pre-

judicou sensivelmente a eleição de outros mais cotados.

O MENSAGEIRO DA PAZ sentiu-se no dever de colocar alguns princípios, com os quais os parlamentares evangélicos estão, obrigatoriamente, comprometidos:

1. Uniformidade de ação, quando tratar-se de assuntos que interessem a comunidade evangélica, com destaque para a ética comportamental;
2. Identificação aberta com o Evangelho, sem subterfúgios, especialmente no relacionamento com a imprensa secular;
3. Sem cair nos extremismos, orientar-se pela Bíblia para encontrar respostas que solucionem as desigualdades sociais existentes no Brasil;
4. Testemunho condizente com a vida cristã, pois todos estarão votados para ação dos evangélicos eleitos. Qualquer deslize será prejudicial ao nome da Igreja;
5. Não abandonar as bases, como fazem os políticos profissionais, mas prestar relatórios permanentes das atividades no Congresso Nacional;
6. Lembrar-se, ainda, de que acima das obrigações partidárias, encontram-se os imutáveis e eternos princípios bíblicos, os quais devem nortear as atividades dos parlamentares cristãos.

Por outro lado, o povo evangélico que votou em 15 de novembro deve cobrar, fiscalizar e criticar quando determinadas atitudes ferirem o pensamento cristão. Assim como agora foram eleitos, os novos Deputados poderão nas próximas eleições perder o mandato para outros, caso não correspondam às expectativas. É preciso que isto fique bem claro.

Agora passamos aos nomes dos novos Deputados Federais evangélicos: Rio

Grande do Sul: João de Deus Antunes, da Assembléia de Deus; Santa Catarina: Orlando Pacheco, da Assembléia de Deus; Paraná: Mateus Imson, da Assembléia de Deus; São Paulo: Manoel Moreira, da Assembléia de Deus; Fausto Rocha, da Igreja Batista; Jaime Pulharim, da Igreja do Evangelho Quadrangular; Rio de Janeiro: Sotero Cunha, Benedita da Silva, ambos da Assembléia de Deus; Edésio Fria, Aroldo de Oliveira, ambos da Igreja Batista; Dazo Coimbra, da Igreja Congregacional; Roberto Augusto, da Igreja Universal do Reino de Deus; Lydianeas Maciel, da Igreja Presbiteriana; Espírito Santo: Nelson Aguiar, da Igreja Batista; Lázio Sattler, da Igreja Presbiteriana; Minas Gerais: Roberto Vital, da Igreja Evangélica Batista; Paulo Almada, da Igreja Batista Renovada; Mario de Oliveira, da Igreja do Evangelho Quadrangular; Bahia: Newton Barbosa, da Assembléia de Deus; Pernambuco: Salatiel Carvalho, da Assembléia de Deus; Ceará: Gidel de Freitas, da Igreja de Cristo; Maranhão: Antonio da Conceição Costa Ferreira, da Assembléia de Deus; Idival Holanda, Enoque Vieira, ambos da Igreja Batista; Pará: Eliel Rodrigues, da Assembléia de Deus; Amazonas: José Fernandes, da Assembléia de Deus; Rondônia: José Viani, da Assembléia de Deus; Mato Grosso do Sul: Levi Dias, da Igreja Presbiteriana; Goiás: Antonio de Jesus Dias, da Assembléia de Deus. No Espírito Santo, Joaquim Beato, da Igreja Presbiteriana, ficou como suplente de Senador.

Geremias do Couto

ANEXO U – QUEM PODE SALVAR O BRASIL?

JUNHO/1987

MENSAGEIRO DA PAZ

DISSE JESUS: DEIXO-VOS A PAZ, A MINHA PAZ VOS DOU

ANO LVII

— MAIS DE MEIO SÉCULO DISSEMINANDO BÊNÇÃOS —

Nº 1202

QUEM PODE SALVAR O BRASIL?

Pessimismo ameaça nação brasileira – Devassidão corrói valores morais da sociedade – Economia continua apresentando sinais de fracasso – Ganância e corrupção campeiam pelos Estados – Quem pode salvar o Brasil? Página 7

Ação social é também papel do crente?

Greves em vários pontos do País e sérios confrontos entre invasores de terra e a polícia, são apenas alguns dos aspectos da crise social que está afetando seriamente o nosso povo. O mais grave de toda a situação é que esses conflitos têm causado várias mortes, como num recente tumulto gerado pela greve dos ferroviários na Central do Brasil. Dian-

te desses lamentáveis acontecimentos, o povo de Deus não poderá permanecer impassível. O Senhor Jesus deixou bem claro aos seus discípulos que devemos ser na terra os agentes da paz. Como devemos agir, então, diante das crises que se desenham ante nossos olhos? O momento é grave, todos sabemos, mas o que devemos fazer? Página 14

Evangelismo a toda prova na Funabem

As crianças, solistes, recebem as crianças chamando-os de "irmãos da igreja".

Os menores abandonados constituem-se em um dos mais graves problemas do Brasil. Para minorar esse problema, um grupo de irmãos do Rio de Janeiro, coordenado pelo presbítero Altino Tavares, tem-se dedicado a evangelizar essas crianças, que jamais conheceram o amor. Os crentes que compõem o grupo fazem parte de diferentes igrejas, mas todos têm uma só preocupação: levar a mensagem de Jesus Cristo aos menores carentes.

Em entrevista ao MENSAGEIRO DA PAZ, três componentes do grupo falaram sobre o trabalho, que envolve cerca de 40 pessoas. As crianças costumam recebê-los com muita alegria, chamando-os de "irmãos da igreja", mas nem sempre é fácil a evangelização e o acompanhamento dos menores órfãos ou separados de suas famílias. O amor, entretanto, tudo tem superado.

Página 6

Jimmy Swaggart virá ao Rio e São Paulo

O conhecido pregador Jimmy Swaggart, pertencente às Assembleias de Deus nos Estados Unidos, virá ao Brasil para realizar duas grandes cruzadas evangélicas, uma no Merumbi, em São Paulo, de 25 a 27 de setembro, e outra no Maracanã, Rio de Janeiro, de 2 a 4 de outubro. Para dar início aos preparativos, esteve no Brasil o pastor Jerald Ong, Diretor de Cruzadas do Ministério Jimmy Swaggart, que, ao lado do Diretor Nacional da organização, Randal Walker, estabeleceu as primeiras comissões que vão organizar os eventos.

Página 9

**Você conhece quem está por trás dos milagres?**

Na situação crítica em que o nosso país se encontra, milhões de pessoas passaram a acreditar em "anticristos e falsos profetas", e a esperar deles um milagre. Esses magos e curandeiros estão se enriquecendo às custas da credulidade ingênua do povo, que acredita nos poderes paranormais que eles dizem possuir, e os procuram. Quem são esses homens? Que poder atuam neles? Os fenômenos que lhe são atribuídos realmente acontecem? E se acontecem, quem está por trás deles? Página 12

MP em papel jornal

Com a normalização da produção do papel 50g, a partir do próximo mês o MENSAGEIRO DA PAZ voltará ao seu padrão tradicional de qualidade. Todavia, ainda este mês ele estará circulando em papel jornal, para o que pedimos a compreensão do leitor.

ANEXO V - BRASIL, UMA NAÇÃO ENFERMA

Mensageiro da Paz nº 1202 - Junho de 1987

Brasil: uma nação enferma

Vamos orar pelo Brasil! Este apelo vem sendo feito, intermitentemente, pelo MENSAGEIRO DA PAZ, porque o Brasil está enfermo e carece, urgentemente, de nossas orações. Diante da crise que o nosso país atravessa, este rogo é mais do que consentâneo: é apropriadíssimo!

Vamos orar pelo Brasil, porque o momento é difícil e a hora de decisão. Vamos orar pelo Brasil, porque o monstro da inflação volta a assumir formidáveis proporções, trazendo, em suas asas, a fome, a miséria, o desespero. Vamos orar pelo Brasil, para que as tribulações sociais não se transformem em cruentas epidemias. Vamos orar pelo Brasil, porque aumenta o clamor dos pobres, o choro das crianças desamparadas e o suspiro das injustiças. Vamos orar pelo Brasil, porque o pessimismo, em sucessivos vagalhões, ameaça atingir-nos. Vamos orar pelo Brasil, porque a Nova República já mostra os primeiros sinais de precoce envelhecimento.

Vamos orar pelo Brasil, porque nossas orações tem um efeito tremendo: sobem como suave incenso ao trono do Todo-poderoso, mas descem como vórtices, trovões, relâmpagos e maravilhas. Somente as orações dos santos podem salvar essa nação, pois os recursos humanos mostram-se cada vez mais falíveis, impermanentes, vãos. Se não intercedermos por esta pobre terra, como encerraremos, no último dia, o Juiz de toda a Terra?

Como servos de Deus, não podemos fugir de nossa responsabilidade, conforme exigiu Paulo ao jovem pastor Timóteo: "Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprorações, orações, intercessões, e ação de graças por todos os homens; pelos reis, e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade. Porque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem, e ensinem ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo há quem..." (I-Tm 2.1-6).

Diante de tão grande responsabilidade, o que fazer?

Promovamos, sem mais tardar, reuniões especiais de oração por nossa pátria. Até agora, muito pouco temos orado em favor deste país, tão importante no conceito das nações. Será que não conseguimos dividir a nuvem negra que paira sobre nossas cabeças? Muitos igrejas, ignorando esse preâmbulo, continuam em festa, como se tudo estivesse bem. Mas, quase nada está bem!

Chegou o momento de empararmos com mais seriedade a intercessão. Ficaremos lá como ministério e não como ritua formalidade. Ministério dos patriarcas, profetas, apóstolos e do próprio Cristo, que era todo intercessão. Nossa, também, é essa ministério.

Esse glorioso ministério foi exercido intensamente por Abraão. O pai dos patriarcas intercedeu pelos impenitentes sodomitas até as últimas instâncias. Intercedeu, mesmo sem esperança. Grande intercessor: foi, também, Moisés. Enfrentado com o Senhor, em prol dos parturidos filhos de Israel, interveio-se a dizer: "Agora, pois, perdoa o teu pecado se não riscas meu nome, do teu livro que tens escrito", (Ex 32.32).

Ao encerrar sua carreira como juiz, garantiu Samuel aos hebreus: "E quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vós..." (I Sm 12.23. Quanto ao apóstolo Paulo, ao anelar pela redenção de seu povo, afirmou categoricamente: "Em Cristo, digo a verdade, não mintro (quando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo): que tenho grande tristeza e continua dor em meu coração. Porque eu mesmo poderia desear ser separado de Cristo, por



amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne..." (Rm 9.1,2. O que dizer de Cristo?

No Jardim de Getsemani, legou-nos o maior exemplo de intercessão. Não obstante combalido pelo angustia, intercedeu por todos nós: "Eu não sigo somente por estes (pelos apóstolos), mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim", (Jo 17.20).

Intermitentes os exemplos, intercedamos! Continuamente, intercedamos!

Ante a gravidade do momento atual, não mais podemos limitar-nos ao já tradicional dia de oração e jejum pelo Brasil. Casemos: reuniões, periodicamente, para rogar por nosso governo, para os ministros, profeticamente, este mesmo país. Fazemos como os judeus do Império Medo-perca que, através da oração e do jejum, sustentaram a bela e corajosa rainha Ester. Dessa forma tão abençoada e santa, obtivemos grande vitória sobre seus verdugos.

Tendo em vista as dificuldades que atravessamos, amaldiçoamos as portas de nossos templos abertas, também, durante o dia. Desde maneta, os santos poderão, em seu cessar por este valeroso e sofrido povo. Nossos ministérios, infelizmente, permanecerem fechados a maior parte do dia, impedindo os crentes de se congregarem e formarem um círculo ininterrupto de oração, intercessão e ação de graças. Colocamos, pois, na entrada de nossos templos, uma inscrição como esta: "Entre e ore pelo Brasil." O Santo Templo, em Jerusalém, permanecia aberto dia e noite e, assim, peregrinos do mundo todo podiam adorar e louvar o Deus de Abraão, Isaque e Jacó.

Chega de templos fechados! Enquanto nossos igrejas permanecerem com as portas

fechadas, as cinzeiras, casas de prostituição e tavernas de umbanda e candomblé funcionarão distúrbiosamente. Chega de templos fechados! Enquanto a casa de Deus fica ociosa do raiar ao pôr-do-sol, o hades continua com a boca escancarada. Chega de templos fechados! Enquanto as congregações dos santos se reúnem apenas em determinadas horas, o inferno arde dia e noite. Chega de templos fechados! Enquanto regulamos, rigidamente, o ajustamento dos justos, os escarnecedores não se cansam de rir de culto a Babil. Chega de templos fechados!

Além de mantermos as portas de nossas igrejas mais tempo abertas, reunidas, ainda, nas praças e estádios. E, com a autoridade do Espírito Santo, proclamamos: "A enfermidade que debilita o Brasil só pode ser debelada pelo sangue de Jesus." Em um momento tão grave como este, os santos não podemos limitar-nos às quatro paredes. Eis os nossos limites: os quatro pontos cardeais.

Através de passeatas, concentrações e manifestações públicas, conclamemos o governo e o povo para que tomem ao Sêculo. Com determinação e coragem, portemos félicas e caritativas, conscientizando esta geração de que há um Deus no céu e quem, um dia, todos hão de prestar contas. Se não agirmos como atalães de Jorvã, poucas esperanças restarão a este país, que muito, ainda, poderá fazer pela evangelização mundial.

Usamos, ainda, nossas reservas morais para influir nas grandes decisões nacionais. No período vetero-testamentário, os profetas, através de sua influência, promoveram a justiça, condenaram a tirania, execraram a corrupção e lutaram pelo bem-estar dos órfãos, viúvas e pobres. Através de nossos representantes, coloca-

dos por Deus nas esferas executiva, legislativa e judiciária, a voz profética da Igreja poderá ser ouvida e até acatada. Influir profeticamente sobre os mandatários da nação para que cumpram com dignidade e lisura sua missão, é também orar. Orações não são apenas preces, mas súplicas que se revertem em ação.

Vamos orar, porque o Brasil está enfermo!

Do Norte ao Sul, enfermo. Política e economicamente, enfermo. Em suas instituições, enfermo.

Enfermamos no os cultos afro, com seus milhões de seguidores. Em consequência dessas práticas demoníacas, nosso país já é considerado a capital mundial do ocultismo. Nosso país nasceu sob o signo da cruz, mas suas encruzilhadas tornaram-se alturas de demônios. Altares que enfiaram nossa gente e adocentam nossa terra. Altares que debilitam nossa justiça e enfraquecem nossa cultura.

Enfermamos a podridão moral, que arrói nossos heróis e sagrados tradições. E, infelizmente, mostram-se as autoridades impotentes para barrar os ondes de permissividade que sufocam esta nação. Recentemente, a propósito, o governo lançou uma campanha de esclarecimento sobre a AIDS, que mais parecia uma apologia do homossexualismo. Atitudes como essas apenas destroem nossas defesas espirituais.

Enfermamos, também, a corrupção e a ganância. A impenitente desonestação, há pouco tempo, o vergalhoso caso das marajás. Os tais, como se sabe, apesar de nada fazerem pela coisa pública, vivem entre príncipes, regulam-se como reis. Enquanto isso, a pobreza cresce e a miséria agiganta-se. Fosse todo esse dinheiro aplicado com justiça e eficiência, a maioria de nossos problemas já estaria solucionada.

Em consequência da ganância e da corrupção, o Plano Cruzado fracassou. Apesar da excelência e do alcance desse projeto econômico, a usura dos poderosos, que não desejam o bem-estar do povo, levou-o a ruína. Em consequência da desonestidade ainda pelo lucro fácil é a situação. O Brasil entrou, uma vez mais, em crise financeira. As intenções do governo foram boas, mas a sabotagem econômica mostrou-se mais forte.

O Brasil está enfermo. A oração dos santos, porém, é medicina. A oração dos santos, disse Tiago, pode muito em seus efeitos. No século XVIII, enfrentada a Inglaterra grave enfermidade espiritual, John Wesley, todavia, derramou sua alma ante o trono da graça, intercedendo pela nação inglesa. As orações do bravo evangelista não foram em vão, porque transformaram a Grã-Bretanha em um berço de milhões salvados.

Humilhem-nos ante a potente mão de Deus. Humilhem-nos de todo o coração, e o mesmo ocorrerá com o Brasil. Humilhem-nos e deixemos nossos maus caminhos. O Senhor, então, ouvirá nossa voz e há de salvar nossa terra. Quando isso acontecer, a cura do Brasil reverter-se-á em saúde para todos os povos. Saúde em movimentos. Saúde em evangelismo. Saúde em missões.

Vamos orar pelo Brasil! Saúde, Brasil! Claudenor de Andrade

VAMOS ORAR PELO BRASIL

ANEXO X – LÍDERES DECLARAM APOIO AOS PARLAMENTARES EVANGÉLICOS

Líderes declaram apoio aos parlamentares evangélicos

Para tratar de assuntos que dizem respeito à conduta dos parlamentares evangélicos brasileiros, e tornar notória a atuação da Confederação Evangélica do Brasil em sua nova fase, reuniram-se na sede da Casa Publicadora das Assembléias de Deus os seguintes líderes e parlamentares evangélicos: Pr. José Wellington Bezerra da Costa, Presidente da CGADB e da AD Ministério do Belém; Pr. Isaac Martins Rodrigues, Presidente do Conselho Administrativo da CPAD e da AD em Abreu e Lima, PE; Pr. Horácio da Silva Júnior, Presidente da CEADER, Diretor Executivo da CPAD e pastor da AD em Bento Ribeiro; Pr. Edigar de Souza Machado, 1º Vice-Presidente do Conselho Administrativo da CPAD e pastor da AD em Canoas, RS; Pr. Túlio Barros Ferreira, Presidente da CONFRADEERJ e da AD em São Cristóvão, Rio de Janeiro; Pr. Nemeul Kessler, Diretor de Publicações da CPAD; Pr. Luis Francisco Fontes, da AD em Madureira; Pr. Samuel Câmara, Presidente da Convenção Amazônica e da AD no Amazonas; Pr. José Apolônio, da AD no Ipiranga, São Paulo, e Secretário do Conselho Administrativo da CPAD; Pr. Waldyr Neves, da AD em Cordovil, Rio de Janeiro, e Vice-Presidente da CEADER; Prs. Moyses Soares da Fonseca e Adilson Soares da Fonseca, da AD no Foz de Iguaçu, RJ; Pr. Marcelino Margarida, da AD em Cordovil, Rio de Janeiro; Pr. Gilberto Malafaia, da AD em Jacarepaguá, e 1º Secretário da CGADB; Pr. Guilhermino Cunha, da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro; Pr. Othoniel Silva Martins do Conselho Fiscal da CEB; Pr. Paulo Alves, 1º Tesoureiro da CGADB; Pr. Silas Malafaia, da AD na Penha, Rio de Janeiro; Pr. Carlos Malafaia, da AD em Campo Grande, Rio de Janeiro; Pr. Dermeval Carqueira, Presidente da Convenção Baiana e da AD no Estado da Bahia; Pr. Raimundo de Oliveira da CPAD; Dr. Jesus Sylvestre, Diretor dos Anais do Senado Federal; Dep. Gidel Dantas (Ceará); Dep. Salatiel Carvalho (Pernambuco); Dep. João de Deus Antunes (Rio Grande do Sul); Dep. Eliel Rodrigues (Pará); Dep. Costa Ferreira (Maranhão); Dep. Milton Barbosa (Bahia); Dep. Orlando Pacheco (Santa Catarina) e Dep. José Viana (Rondônia).

A reunião esteve sob a presidência do pastor Isaac Martins Rodrigues. Após a leitura bíblica (em Fp 2.19-30) realizada pelo pastor José Wellington, e a oração do



Diante dos pastores, os parlamentares evangélicos colocaram-se à disposição para qualquer pergunta sobre a atuação de cada um deles na Constituinte

ração de medidas que mudem essa situação. Sabemos que as forças malignas estão enciumadas, porque estão vendo os evangélicos ocupando pouco a pouco os espaços que lhe dizem respeito, e isto incomoda o Inferno, incoimoda os inimigos da nossa Nação".

Uma resposta ao Jornal do Brasil

O deputado Salatiel Carvalho foi o primeiro parlamentar a pronunciar-se na reunião. Falando em nome dos seus companheiros e em seu próprio nome, o deputado Salatiel destacou a importância daquela reunião para o estabelecimento de um diálogo entre as lideranças das igrejas evangélicas (em particular, a Assembléia de Deus) e os parlamentares ali presentes. Em nome da bancada evangélica, cobrou ao Vice-Presidente da Confederação Evangélica do Brasil, deputado Salatiel responder em discurso na Assembléia Nacional Constituinte às acusações que o Jornal do Brasil (07/08, Caderno Especial), o Correio Braziliense e outros jornais apresentaram contra vários parlamentares evangélicos.

No seu discurso em Brasília, Salatiel destacou o fato de que as "gravíssimas acusações, em linguagem aviltante e des-respeitosas, contra parlamentares criados de Igrejas Evangélicas de vários Estados da Federação" revelaram a nítida "intenção de transmitir à opinião pública a imagem de um grupo de parlamentares extremamente corrupto". Os veiculadores dessas acusações, segundo o deputado, tiveram como principal objetivo torná-los um

"gang" chefiada pelo deputado Gidel Dantas (pastor da AD do Ceará e Presidente da Confederação Evangélica do Brasil), afirmou que boa parte desses parlamentares "faz da tarefa de preparar a nova Constituição um grande e lucrativo comércio". Segundo o JB, a expressão "É o chefe da gang" foi usada pelo líder do PFL, José Lourenço, ao referir-se ao deputado Gidel Dantas. Porém, conforme afirmou o deputado Salatiel no seu discurso em seu nome e no nome dos seus companheiros, José Lourenço "negou veementemente" que tal frase tivesse sido dita por ele, e confessou-se "indignado com tal grosseria, comprometendo-se inclusive em desmentir oficialmente o jornal, através de carta".

Perseguindo na exposição das acusações e refutando-se uma por uma, o deputado Salatiel chega a uma conclusão extrema: "Em se tratando de referência a parlamentares que estão encarregados de escrever nova Constituição do país, estas acusações lançam graves suspeitas sobre os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, uma vez que uma perigosa 'gang' estaria agindo à solta, trocando votos por vantagens".

Diante disto, conforme afirmou o deputado Gidel Dantas durante as explicações apresentadas aos líderes evangélicos reunidos nas dependências da CPAD, a Confederação Evangélica do Brasil e os parlamentares evangélicos dardeadas pelas acusações estão processando o Jornal do Brasil e o jornalista que escreveu a matéria. "A Igreja Evangélica do Brasil está exigindo da nossa parte que se dê uma resposta a essas calúnias, a essas blasfêmias. E elas já começam a ser dadas", afirmou o deputado Gidel Dantas, e acrescentou:

"No início, periódicos como a revista Manchete, revista Veja, o Jornal do Brasil, o jornal o Estado de São Paulo, em suas matérias sobre os constituintes, sempre colocavam os parlamentares evangélicos (ao todo 33) como formadores da terceira maior bancada na Assembléia Nacional Constituinte, só perdendo para o PMDB e o PFL. Obviamente, isso causou uma excitação muito grande contra nós. Tínhamos ficado tão empolgados e felizes com o fato de sermos a terceira maior bancada, que não atentamos de imediato para as consequências que a inveja poderia nos causar. Iniciaram contra nós uma feroz perseguição. A CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil) manifestou o desejo de ver criado o grupo de parlamentares católicos na Constituinte. A deputada Sandra Cavalcanti (Rio de Janeiro) liderou esse movimento, mas só conseguiu reunir 18 parlamentares. O grupo se desfiz, e a animosidade contra nós aumentou."

A CEB e os opalas "fantasmas"

No seu oportuno discurso na Assembléia Nacional Constituinte, diante de afirmações do JB e do Correio Braziliense de que a Confederação Evangélica do Brasil, em Brasília, teria comprado "seis opalas Diplomata Especial, ano 88,

cor azul", e que esses carros estariam sendo usados pelos próprios deputados evangélicos, sob a alegação que tinham sido comprados com seus próprios recursos (a CEB só possui um carro), o deputado Salatiel desafiou esses jornais a provarem a veracidade de tais afirmações, e observou: "Se o jornal dispõe de provas concretas de comportamento desonesto, de corrupção envolvendo qualquer parlamentar, tem a obrigação moral, até mesmo para mostrar seu zelo pela verdade, de desocupar uma justa campanha exigindo a sumária cassação do mandato outorgado pelo povo, do parlamentar que porventura esteja a serviço de interesses escusos."

A AD na Bahia e os Cez 100 milhões

Respondendo as acusações que pairam sobre o deputado Milton Barbosa (que até teria indicado Raimundo Orrico para ocupar a coordenadoria da Fundação Educar na Bahia (ex-Mohral) e Orrico, como forma de expressar sua gratidão, teria concedido uma verba de Cez 100 milhões à AD na Bahia, onde Milton Barbosa é presbítero, e isto teria culminado na demissão de Orrico), o deputado Salatiel revelou que "na verdade, o que houve foi resultado de contato realizado entre o deputado Milton Barbosa e a professora Leda Tajra, Presidente da Fundação Educar, na oportunidade em que o mesmo leu-lhe a oportunidade de cooperação entre a Igreja Assembléia de Deus na Bahia e a Fundação, para um programa de Alfabetização de pessoas de todos os credos religiosos. O deputado colocou à disposição da Fundação Educar as dependências dos templos, escolas e outras entidades sociais da Assembléia de Deus na Bahia, que totalizaram aproximadamente 1.200 prédios, em todo o Estado. A proposta do parlamentar recebeu, de pronto, integral apoio da presidência do órgão, que decidiu formalizar convênio para o funcionamento de mil classes de alfabetização na área metropolitana e em todos os municípios do Estado. O convênio foi assinado no templo da Assembléia de Deus em Salvador, pela própria Presidente da Fundação Educar, em solenidade pública, oportunidade em que a Profª Leda Tajra foi, inclusive, homenageada, recebendo da Câmara Municipal o título de cidadã de Salvador."

Dando continuidade aos seus esclarecimentos, o deputado Salatiel afirmou, que "os recursos definidos para execução do programa estão rigidamente ligados a operacionalização do mesmo, não indo nem um centavo para os cofres da igreja. Portanto, não é verdade a acusação de que foi concedida uma verba de Cez 100 milhões a igreja Assembléia de Deus em Salvador". A igreja inclusive cede toda sua estrutura, gratuitamente, num esforço de cooperação com os objetivos da Fundação Educar. Vinte mil pessoas já estão sendo alfabetizadas. Convênios desta natureza têm sido firmados com o movimento de Educação de Base da Igreja Católica e inúmeras outras entidades, sem nunca o fato de ter sido considerado irregular. Só na ótica tendenciosa da matéria do Jornal do Brasil, é crime e corrupção o parlamentar se preocupar e agir em benefício da erradicação do analfabetismo, uma das maiores chagas sociais da nação. Pela exposição feita, fica também claro que é falsa a alegação que o Jornal do Brasil apresenta para a demissão do doutor Raimundo Orrico. A ser verdade o que diz o jornal, teria sido, no mínimo, uma injustiça, já que não foi o mesmo responsável pela concretização do aludido convênio."

No seu pronunciamento durante a reunião na CPAD, o doutor José Sylvestre estabeleceu a seguinte questão: "Por que essa tremenda pressão em cima da bancada evangélica e em cima da CEB?" E ele mesmo respondeu: "É simplesmente por causa das eleições municipais de 15 de novembro. Eles sabem que há milhares de candidatas evangélicas a vereador, há



Pastor José Wellington, ao lado dos pastores Túlio Barros Ferreira e Isaac Martins Rodrigues, hipotecou seu voto de total apoio aos parlamentares evangélicos

grande escândalo nacional, como parte de uma "campanha orquestrada não apenas contra os parlamentares evangélicos, mas também reveladora de uma inquietude com o expressivo aumento da população evangélica brasileira nas últimas décadas".

A "gang" dos servos de Deus

A matéria publicada pelo JB, além de tachar os parlamentares evangélicos de

ANEXO Y - A CARTA MAGNA DOS CRISTÃOS

mensageiro da paz nº 1221 - setembro de 1988

A Carta Magna dos cristãos

Cerca de 600 parlamentares brasileiros estão empenhados, faz mais de um ano, em elaborar uma Constituição para o Brasil, a nossa Pátria. Alguém já disse que há no mundo 32 milhões de leis apenas com a intenção de fazer com que seja obedecida a LEI DE DEUS, conforme está definida nos DEZ MANDAMENTOS, que Jesus, sabiamente, resumiu em DOIS, os quais, afinal, se resumem num só: AMOR.

O dicionário de Aurélio diz: "Constituição: lei fundamental e supremacia de um Estado, que contém normas respeitantes à formação dos poderes públicos, forma do governo, distribuição de competência, direitos e deveres do cidadão, etc; carta constitucional, carta magna." Thomas Paine, americano (que foi membro da Convenção Francesa (após naturalizar-se), escreveu: "Uma constituição é coisa não apenas nominal, mas efetiva. Tem uma existência não ideal, mas real e, lá onde não pode ser exibida de forma visível, não existe. Uma constituição é anterior a um governo, e o governo é apenas produto de uma constituição. A constituição de um país não é um ato de seu governo, mas do povo que constitui um governo." Antes dele, o Padre Lopes Gama havia escrito: "Os nossos males não provêm, certamente, da Constituição escrita, que é letra morta; provêm de nós mesmos, que somos chefes de vícios e caprichos.

O cristão autêntico não depende, para viver a vida pessoal ou social com nobreza e dignidade, de "constituições periódicas" que se vão adaptando a circunstâncias ditas novas. Vivendo de acordo com a Bíblia a Palavra de Deus - o cristão depende sempre para os valores mais altos da vida e busca o bem para si e para os seus semelhantes. Os princípios básicos do bom viver estão no Livro Sagrado e, se todos os indivíduos e povos se submettem a essa "carta magna", os problemas que afligem a sociedade humana desaparecem. De mais, essa Constituição foi elaborada por Deus, Criador do homem, feito à sua imagem e semelhança, e que desde o início da história humana, vem acompanhando a vida da humanidade, advertindo, corrigindo e propondo leis sábias, lá estando prova do mal perfeito amor. Como diz Lopes Gama - e o diz bem - as falhas de uma constituição provêm não dela, mas do homem. E, como escreve o grande Ruy Barbosa: "Uma constituição é, por assim dizer, a miniatura política da fisiologia de uma nacionalidade".

A nossa Constituição - a quarta magna dos cristãos, a Bíblia Sagrada - foi promulgada por Deus. É por isso que cremos na "inspiração capta a capa": tudo o que está na Bíblia foi inspirado pelo Espírito Santo, que, desde o princípio da Criação, estava presente: "O Espírito de Deus pairava sobre as águas." O verbo "pairar", numa tradução mais apurada, seria "chocava". Sim, porque Moisés, que descreve a Criação no livro de Gênesis, não estava presente quando ela ocorreu. Os dados foram a ele revelados pelo Espírito do Senhor, que tudo acompanhou e acompanha. Mas Moisés, presente, recebeu do Senhor, no Sinai, as Tábuas da Lei. E, sempre que o escritor do texto sagrado escrevia, o faz por revelação ou inspiração do Espírito. Mesmo o registro de fatos escandalosos nas vidas dos "escolhidos" de Deus aparecem para nossa advertência e edificação espiritual. E hoje quando lemos, é o Espírito Santo que nos ilumina a mente, a alma e o coração para o bom entendimento do que está escrito, porque "para nosso ensino foi escrito". Na literatura universal nunca existe que se compare à Bíblia: onde um Ezequiel pergunta: "Um Isaias árabe? Um Moisés chinês? Um Davi romano? Um Salomão grego? Sim! Nada existe de bom no sagrado que não venha de Deus, nossa santa promulgação divina."

A Bíblia Sagrada tem um aspecto exclusivo: responde de forma perfeita às ne-

cessidades da raça humana. Ela está constantemente vindo ao encontro da inquirição espiritual do homem. Um exemplo: os norte-americanos enfrentam os japoneses na floresta da Birmânia. Escodido na selva há um posto radiofônico japonês que informa o comando acerca dos vãos dos aviões americanos. Importa destruir este posto. Um soldado é escolhido. Bom militar, mas faz praça de sua incredulidade: é ateu. O tenente, que lhe arrumou a mochila para a expedição, é crente e, por cima de todos os apetrechos, coloca bem à vista, sua Bíblia. Um avião lançaria o soldado numa área distante 200 quilômetros. Desempenhada a missão, ele voltaria através da selva. Tudo está indo a contento. Descido no ponto exato. Estação de rádio destruída. Agora, lásozinha na mão, começa a voltar. Após algumas horas de caminhada difícil naquele cipó, o soldado pára: comer e descansar. Ao abrir a mochila, a surpresa: uma Bíblia! Advinha a idéia do tenente: levá-lo à Lua na Bíblia. Nunca! Irritado, ele pega a Bíblia e vai tirá-la no mato. Parece movimentar no mato em frente. Um homem e um rapaz, fuzis apontados para ele, aparecem na clareira. O gesto para a Bíblia no ar. O homem olha para o livro, depois para o soldado e, por fim, para o rapaz e diz: "Jesus'man" - homem de Jesus. Sorriem. Voltam ao mato. O soldado refaz-se do espanto, come, descansa e depois prossegue em seu caminho.

Mas está impressionado. Nas paradas seguintes, além do descanso e da corrida, lê um pouco do texto sagrado. Enfim, chega ao acampamento e se apresenta ao tenente: "Missão cumprida! O tenente cumprimenta-o pelo feito e lhe pede a Bíblia de volta. "Perdo, tenente, mas esta Bíblia - e a colocou junto ao corpo - agora é minha, pois ela me salvou duas vezes: primeira, de ser fuzilado por dois birmaneses; segunda, porque eu a vim lendo ao longo da viagem, e ela me restituiu o caminho da salvação. Agora sou crente. Creio em Cristo."

A "Teoria da Evolução", de Darwin, ainda não foi provada. Mas está dentro das possibilidades a admissão de uma "teoria da involução" quando o homem, criado à imagem de Deus, perdeu o privilégio da "natureza divina" e foi decaindo. Então, o amor de Deus entra em ação e dá início, não à teoria, mas à realidade da "revolução do homem". A Bíblia é a história - não uma teoria - dessa evolução, de baixo para cima, compreendendo todas as aspirações humanas, pois fecunda a vida, visto que conhece o passado, define o presente e oferece garantias para o futuro, abrangendo o homem no seu todo. A Bíblia é a história vivida e vivida do contato do homem com Deus e de como o ser humano, por meio da fé, tem crescido espiritualmente e continuará crescendo, até atingir a estatura que perdeu com a consequência do pecado e do afastamento de Deus. Essa é a história da religião verdadeira, na qual nada é casual ou acidental, mas tudo obedece a um plano sábio, generoso, eterno - o Plano de Deus.

Na realidade se a sociedade humana obedecesse aos princípios estabelecidos na Bíblia e os vivesse corretamente, não teria necessidade, desde tempos imemoriais, andar criando e colecionando leis complicadas e de vida curta. As prisões seriam desnecessárias. Quem quiser verificar isso basta fazer uma comparação entre as nações de formação baseada na Bíblia e as

que não tiveram tal formação. A Bíblia, é fácil de verificar, é a base da civilização, do progresso e da paz no mundo. Dela procedem os melhores leis, a melhor cultura e os melhores homens. Ela é a base dos legítimos princípios éticos. O Rev. Guilherme Kerr, autor da primeira gramática hebraica editada para os que falam português, contava que, em seu tempo de pastor, jantando em casa de família da qual o chefe não era crente, valeu-se este da ocasião para agredir a Bíblia, argumentando com os casos inconvenientes que ela registra. O pastor rebateu os argumentos mostrando que, sendo a Bíblia um livro verdadeiro, não podia omitir aqueles fatos negativos das vidas de tais pessoas. Mudando de assunto, como sobressa, o dono da casa passou a contar algumas histórias inconvenientes, piadas picantes, zindo e fazendo os filhos rirem. O Rev. Kerr (de nos contos) o incidente em clara ao senhor não deixar seus filhos lerem a Bíblia por conter ela uns poucos casos que o senhor considera inconvenientes, mas que nada são ante o peso do ensino da elevada moral que ela contém, inclusive condenando tais falhas. No entanto, o senhor não se envergonha de contar as histórias que está contando, piores que as da Bíblia, sem qualquer objetivo moral e diante do seus filhos..."

Mas, sobretudo, a Bíblia é a base da vida espiritual. Não foi sequena a batalha dos crentes na Constituição pela inclusão do nome de Deus no preâmbulo da Constituição. Nações há que não incluem. Na realidade, elaborar uma Constituição em nome de Deus e ignorar esse mesmo Deus e sua soberana vontade, comportando-se governantes, políticos e povo como se ele não existisse, chega a ser blasfêmia ou, quando menos, irreverência. Há, sabemos, superstições idáreas que procuram impor-se como religião e, pelo comodismo das massas, vão conseguindo adeptos. E não falta mesmo qd abusados que deformam a religião verdadeira de Cristo para oferecerem uma religião fajuta e arrecadarem vastos lucros financeiros. Podem até usar a Bíblia ou adaptá-la às suas conveniências não ficando impunes, pois as maldições que a própria Bíblia promete para os que a falsificarem - tirando ou acrescentando - advirão no tempo próprio, pois a Bíblia é um livro vivo, que fala e age por si mesma, independente da ajuda, nem sempre bem sucedida dos que pretendem falar por ela.

Temos nova Constituição em nossa Pátria. Será definitiva? Será aceita e obedecida? Pelas lições do passado, nos tornamos um tanto duvidosos a respeito.

Não há dúvida, porém, que éretes da constituição promulgada por Deus, obedientes aos princípios estabelecidos pelo Criador na lei dada por ele aos homens, estaremos capacitados a sobrepor-nos à possível falha de qualquer constituição que interesses políticos, ideológicos, sociais, belicistas, econômicos logrem aprovar através de "acordos", "arranjos", "imposições pelas armas" ou qualquer outro viciado processo humano. Sim, porque livre é o povo que foi libertado por Cristo através do conhecimento da verdade. E esse povo é o povo do Senhor, que possui a sobremodo excelente CARTA MAGNA promulgada pelo Senhor Deus.

Amantino Adorno Vassão

Flagrantes Mundiais

PENTECOSTE PERMANECE ACESSO NA ALEMANHA - Mais de dois mil crentes pentecostais realizaram recentemente em Stuttgart, Alemanha, a sua 4ª Convenção Anual. Em verdadeira atmosfera espiritual, jovens foram ordenados na ministria, enquanto outros rededicaram suas vidas ao Senhor. Muitos irmãos receberam a cura divina pela oração do pastor Gott Lob Link. O pastor Jakob Zapf prega a Palavra no poder do Espírito. Paulo Mele, que trabalhou sob os auspícios de uma irmandade nacional alemã, revelou um movimento do poder do Espírito Santo em seu ministrio agora cerca de 100 Escolas Bíblicas e 180 orfanatos, distribuídos por toda a parte no país. Muitas das missões evangelísticas e sociais são formadas por igrejas pentecostais. O Ministério Maria, fundado pelo pastor Ernest Komanapoly, cuida de crianças leprosas, onde elas recebem educação elementar e treinamento técnico. O pastor Komanapoly também construiu um hospital com 50 leitos, uma colônia para hanseníacos e nos anos recentes implantou 350 igrejas. Fuzidos também um seminário para formar líderes para atender suas próprias igrejas. (Pentecoste)

CERCA DE 300 MINISTRIOS PREGAM O EVANGELHO NA INDIA - Trezentas organizações naturais se empenham em alcançar os braços estendidos no norte da Índia. Existem agora cerca de 100 Escolas Bíblicas e 180 orfanatos, distribuídos por toda a parte no país. Muitas das missões evangelísticas e sociais são formadas por igrejas pentecostais. O Ministério Maria, fundado pelo pastor Ernest Komanapoly, cuida de crianças leprosas, onde elas recebem educação elementar e treinamento técnico. O pastor Komanapoly também construiu um hospital com 50 leitos, uma colônia para hanseníacos e nos anos recentes implantou 350 igrejas. Fuzidos também um seminário para formar líderes para atender suas próprias igrejas. (Pentecoste)

MÉDICOS MEXICANOS USAM FETOS EM TRANSPLANTES CIRÚRGICOS - Com a idade que cessou alguns componentes do grupo médico mexicano anunciaram sucesso no tratamento de vítimas da mal de Parkinson, colocando células supra-renais de fetos humanos no cérebro dos pacientes. O tempo médico que poderia ser a esperança de mais de um milhão de portadores da doença nos Estados Unidos foi mencionado no Jornal de Medicina da Nova Inglaterra. Poucas meses antes dessa notícia, escrevendo na revista Futures, o Presidente da Nacional para os direitos do vida, Dr. J.C. Wilke, expressou suas temores sobre as implicações desse procedimento com fetos humanos. Ele argumentou que o emprego sucessivo de implantes fetais poderia deflagrar uma "onda industrial" em que mulheres poderiam ser contratadas para engravidar com a finalidade única de produzir fetos. O sucesso dos implantes foi verificado pelo Dr. Ignacio Huidobro da cidade de México que com dois colágenos de uma cirurgia em dois pacientes da mal de Parkinson em setembro de 87. Os cirurgiões usaram tecido de um feto abortado espontaneamente, segundo disse-rum. (Pentecostal Evangélico)

PASTORES E MISSIONÁRIOS CONTINUAM MORRENDO PELA SUA FÉ - Segundo o pesquisador David Barrett, autor da Enciclopédia Mundial Cristã, no século 20 o martírio de cristãos alcançou níveis iguais ou mais elevados que em toda a história da igreja. "Cada ano", disse ele, "cerca de 320 mil cristãos perdem a vida por causa de sua fé". Ele baseou esta imagem em pesquisas próprias, entrevistas, consultas e mais de mil periódicos sobre o assunto. Barrett disse que estas perseguições são geralmente mais intensas nos países totalitários, mas que elas existem igualmente nos chamados "jovens democracias", tais como a América Latina e países africanos. Um em cada 200 pastores, evangelistas, missionários e missionários, foi morto durante o seu ministrio. Cerca de 26 por cento desses mortos, disse Barrett, são de líderes e publicos. (Pentecostal Evangélico)

**APENDICE A - LISTA DE TEMAS ABORDADOS NAS ASSEMBLEIAS GERAIS DA
CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO BRASIL E DA
DIREÇÃO DO MENSAGEIRO DA PAZ NA DÉCADA DE 1980**

- *Convenção de 1981 - Local*

Aborto; Casa Publicadora das Assembleias de Deus; Divórcio; Doutrina; Escola Dominical; Evangelização; Oração; Política; Problemas regionais e locais com pastores e igrejas; Relacionamento com outras denominações.

- *1983*

Casa Publicadora das Assembleias de Deus; Ensino teológico; Mensageiro da Paz; Mulheres; Ordenação de pastores; Recebimento de crentes por aclamação; Reintegração de pastores.

- *1985*

Campo ministerial; Capelania; Casa Publicadora das Assembleias de Deus; Ecumenismo; Ética pastoral; Evangelização; Mocidade; Movimento Carismático; Ordenação de pastores; Problemas éticos da sociedade; Teologia da Libertação; Unidade; Usos e Costumes; Versão Bíblica Oficial.

- *1987*

Casa Publicadora das Assembleias de Deus; Doutrina; Oração; Política; Simpósio Doutrinário.

- *1989*

Evangelização; Missões; Problemas regionais e locais com pastores e igrejas.

Diretor de Publicações do Mensageiro da Paz de 1979 a 1984: Abraão de Almeida

Diretor de Publicações do Mensageiro da Paz de 1984 a 1989: Nemuel Kessler

Diretor de Publicações do Mensageiro da Paz de 1989 a 1993: Antonio Gilberto